VAMPIRES IN AMERICA
BOOK FOUR
SOPHIA
D.B. Reynolds

# Sinopse

O Noroeste do Pacífico... lar de florestas exuberantes e chuva constante, de lenhadores e nerds de computador, especialmente do tipo vampiro.

Sophia, bela e mortal, passou os últimos cem anos a dançar pelas noites amenas e homens de sangue quente da América do Sul. Mas quando seu Sire envia uma convocação de urgência, Sophia corre para casa em Vancouver apenas para descobrir que ele desapareceu, não deixando nada para trás a não ser três vampiros mortos e uma carta com o nome de Sophia.

Colin Murphy, um ex-Seal da Marinha, veio para o Noroeste em busca de um lugar calmo para curar as cicatrizes ganhas em mais de uma década de guerra. Mas quando alguém começa a matar vampiros locais e a torturar seus companheiros, Colin assume o mante de um guerreiro mais uma vez enquanto tenta encontrar os assassinos e fazer de tudo para detê-los, mesmo que isso signifique caçar com vampiros.

Seguindo o rastro de morte de seu Sire para uma pequena cidade no norte de Washington, Sophia descobre inesperadamente o calor de uma noite sul-americana nos braços de Colin. Mas muito em breve Sophia e Colin se encontram em uma corrida para descobrir os assassinos antes que o próximo vampiro morto seja Sophia.

Dedicado com amor ao meu irmão Stan, mesmo que ele cubra os olhos nas partes de sexo!

# Prólogo

***Malibu, Califórnia***

**Raphael estava se afogando, preso em um redemoinho de dor e perda...** Muita perda, sugando-o para baixo, cacos de gelo girando, cortando como navalhas em sua alma. Ele enfureceu-se com os laços que seguravam-no, preso em um pesadelo enquanto sua Cyn chorava, suas lágrimas quentes contra a pele do seu peito, rasgando o que restava de seu coração. O sol impiedoso o obrigava a dormir enquanto uivava em silêncio, as vozes de seus mortos exigindo vingança contra aqueles que os tinham destruído.

Cinco séculos de idade, sendo o vampiro mais poderoso da terra... E mesmo assim ele só poderia esperar.

As horas se passaram, e depois os minutos.

O sol ainda era uma mancha no horizonte quando ele quebrou as correntes da luz do dia que o mantinha prisioneiro. Sentou-se e seus braços circularam Cyn, segurando-a perto, puxando-a para seu colo e murmurando palavras sem sentido de tranqüilidade. Ele alcançou mentalmente seus vampiros, os que ainda estavam dormindo e aqueles apenas acordando, mas especialmente Duncan que

estava perto o suficiente e era forte o suficiente para ter sentido a borda cortante do pesadelo de Raphael. Um pesadelo que era muito real.

Cyn virou a cabeça para cima, estudando-o à luz da lâmpada, seus olhos vermelhos e inchados, o rosto lindo cheio de listras de lágrimas. Ele beijou seus olhos, sabendo que seu próprio rosto estava molhado de sangue.

— O que foi isso? — ela exigiu. — Você estava com dor, Raphael. Você está sangrando!

— Lágrimas, *lubimaya*, apenas lágrimas. Dois dos meus morreram, suas vidas roubadas...

Do outro lado da sala seu telefone celular tocou. Cyn sacudiu, girando em seus braços para olhar para o dispositivo como se ela nunca o tivesse visto antes.

— Quem? — ela perguntou com medo.

— Provavelmente é Duncan ligando. — ele disse suavemente. — Preciso falar com ele. — Levantou, ainda segurando-a com força, sentindo seu medo por ele, querendo tranqüilizá-la, mas também sentindo a necessidade do conforto de tê-la pressionada ao seu lado, seu coração batendo forte e seguro... E vivo. Ele atravessou a sala rapidamente, um braço ainda segurando Cyn quando ele pegou o celular no terceiro toque.

— Duncan. Marco e Preston se foram. Contate Seattle e diga-lhes que estamos chegando.

# Capítulo 1

***Norte de Seattle, Washington***

**Colin Murphy deslizou quando fez a curva para a calçada estreita. O** cascalho novo tinha sido colocado aqui há uns dois anos atrás, mas a chuva tinha lavado muito, deixando buracos grandes o suficiente para engolir pequenos animais. O caminhão mergulhou para um lado e ele agarrou o volante, seus pneus deslizando sobre a superfície irregular antes do 4X4 pesado atolar e seguir em frente. Diga o que quiser sobre carros americanos, ele pensou consigo mesmo, mas ninguém fazia uma caminhonete melhor. Ele deu um tapinha no painel de instrumentos quando se inclinou para frente, olhando através da chuva molhando o pára-brisa.

Lillian Fremont telefonou para dizer que tinha ouvido tiros por aqui. Colin não era realmente um oficial da polícia - era mais como um segurança privado qualificado - mas a população de Cooper's Rest lhe pagava para lidar com incidentes como este, de modo que ele estava preparado quando saiu do carro. Ele realmente não sabia o que esperar, no entanto. A Sra. Fremont tinha sido inflexível sobre o que ela tinha ouvido, mas a mulher tinha mais de 90 anos de

idade e sua casa estava a alguns bons quilômetros de distância. Claro, ele reconhecia que o som era uma coisa estranha, e estando situada como ela estava, no lado oposto da floresta, era possível que ela pudesse ouvir bastante bem por lá. Especialmente se o que ela lhe disse fosse verdade.

Claro que, na sua experiência a maioria das pessoas não sabia como eram os sons de tiros verdadeiros, esperando que fossem parecidos com o que ouviam no cinema e na televisão. Mas esta não era a cidade grande. A maioria das pessoas aqui tinha armas próprias e sabia em primeira mão sobre tiros.

E gritos praticamente soavam o mesmo, em qualquer lugar.

A casa de Jeremy entrou à vista, um estilo mais novo de rancho, com teto alto e um telhado retardador de fogo. As persianas estavam fechadas nas janelas, mas ele esperava por isso. Jeremy era um vampiro, afinal de contas, de modo que a luz do sol não era uma prioridade. Por outro lado, a companheira de Jeremy, Mariane, era humana e Colin a tinha visto na cidade muitas vezes durante o dia para saber que ela nem sempre dormia com seu amante.

Colin parou em frente à casa, os olhos verificando a área e seus dedos automaticamente desligando a ignição. Ele estava com um mau pressentimento sobre isso. E se ele tinha aprendido uma coisa em 12 anos como um SEAL da Marinha, era para confiar em seus pressentimentos. Especialmente os maus.

Ele abriu a porta silenciosamente e saiu, ficando perfeitamente imóvel por um momento para ouvir. Não havia nenhum som. Nenhum, exceto o tamborilar da chuva sempre presente.

Andou em direção à traseira do seu veículo, seu olhar nunca deixando a casa em silêncio na frente dele. Ele pegou sua Sig Sauer P228 de onde estava, em seu coldre no quadril direito e a destravou, baixando os olhos apenas o suficiente para verificá-la cuidadosamente antes de tapá-la de volta com a facilidade da longa prática. Abrindo o porta malas, ele se inclinou para pegar uma espingarda Benelli M4 S90 - uma espingarda de combate concebida para matar seres humanos. Ou vampiros.

Colin fechou o porta malas, inclinando o seu peso contra ele para que fechasse com um clique silenciado. E ainda nenhum som da casa.

Ele não gostava disso. Não gostava nada disso. Tinha que ser quase anoitecer. Era difícil dizer, por vezes, com a pesada cobertura de nuvens, e ele não tinha exatamente consultado o almanaque de fazendeiro esta manhã para descobrir a hora exata do pôr do sol. Mas tinha de estar perto, e ele com certeza não queria estar em torno da casa de Jeremy quando o vampiro saísse para a noite, com fome e provavelmente chateado se ele encontrasse Colin à espreita sem ser convidado.

Mas ele não poderia ir embora. Não com aqueles gritos que a Sra. Fremont havia relatado.

Balançando a cabeça, Colin circulou ligeiramente à esquerda da casa. Não encontrando nada de errado, ele cruzou para a direita e manobrou através das árvores aglomeradas em torno da casa. A parte traseira da casa apareceu e ele pode sentir os músculos do estômago cerrarem quando a adrenalina inundou seu sistema.

Porra. A Sra. Fremont não estava errada.

A porta dos fundos, o que restava dela, estava escancarada, parecendo como se alguém tivesse usado um machado para isso. Não havia outra explicação. Era feita de madeira pesada e sólida e nem sequer tinha uma janela decorativa - ou tinha sido feita assim. Nada além de cacos e lascas de madeira foram deixados, pendurados tortos das dobradiças pesadas. Jeremy era muito sério sobre sua segurança, todos os vampiros eram, alguém sabia que deveria vir preparado. Mas quem quer que fosse, Colin tinha certeza que estava muito longe. Não havia nenhum som vindo de dentro da casa.

Ele aproximou-se cuidadosamente de qualquer maneira, se movendo ao longo da casa pela parede dos fundos, bem abaixo das altas janelas estreitas. Quando ele alcançou o alpendre de madeira, ele lançou a cabeça para fora para um rápido olhar oblíquo no interior antes de olhar para cima. Um painel

triangular alto acima da porta de vidro havia sido destruído, espalhando tudo ao redor. O vidro no chão fez barulho sob suas botas e ele fez uma pausa, esperando uma reação. Mas não havia nenhuma. Com a espingarda na mão, ele entrou rapidamente na casa passando pela porta. A cozinha mostrou ainda mais destruição, provavelmente com o machado, pratos quebrados, geladeira entreaberta e mancha de sangue sobre o chão na frente dele. Ver o sangue sugou o ar de seus pulmões até que ele percebeu que era a fonte de alimento de Jeremy, eram sacos de plástico de doadores, rasgados e espalhados.

Jeremy precisava de sangue além do que Mariane poderia fornecer? Aparentemente, sim. Ou talvez tenha sido para os hóspedes. Quem sabia?

Colin deu um passo cauteloso em direção ao arco do outro lado da cozinha, ciente do chão escorregadio. A próxima sala era muito maior, alta, cheia de móveis. Um grande centro de entretenimento levava até uma parede inteira, agora explodida em pedaços, como todo o resto. Colin observou o cômodo com cuidado, consciente de uma sensação de mal estar se construindo em seu intestino. Onde estava Mariane?

Ele entrou no corredor do fundo. Havia apenas três portas aqui, duas delas abertas. Uma era um banheiro, obviamente vazio, mas ele olhou de qualquer maneira. O segundo era um escritório, o equipamento e arquivos derrubados no que era até agora um padrão familiar de destruição. O equipamento derrubado nesse cômodo valia centenas de dólares, o que o fez achar que isso não era um caso típico de invasão e roubo. Ou isso ou eles tinham estado à procura de algo mais do que eletrônicos fáceis de levar.

Colin recuou e olhou para a porta final.

— Merda. — Ele murmurou e fez o seu caminho pelo corredor.

A porta estava fechada, mas não trancada. Colin pausou por um momento, ouvindo e não escutou nada. Ele ficou para trás contra a parede e empurrou a porta com os dedos da mão. Um olhar rápido mostrou mais do mesmo, um

quarto e tudo nele destruído. Ele deu um passo através da porta e imediatamente colocou uma parede às suas costas.

— Ah, merda. — Jurou suavemente.

Mariane estava no meio de uma grande cama, encharcada de sangue, com lençóis abaixo dela. Colin fechou os olhos por um instante, fazendo uma varredura da situação, preparando-se para o que tinha que ser feito. Cada instinto humano que possuía lhe dizia para correr para o lado dela. Em vez disso, ele saiu do quarto, entrando no closet e banheiro anexo antes de cruzar para a cama e apoiar a espingarda ao alcance.

— Quem fez isso com você, menina? — ele murmurou.

Ela tinha sido espancada, torturada, com os braços e as pernas cobertas com rasos cortes de faca, destinados a doer como o inferno sem matar a vítima. Nenhum dos cortes individuais seria fatal, mas o efeito cumulativo de tantos... Eles a deixaram deitada nua, as pernas bem abertas. O sangue e hematomas em suas coxas e área vaginal disseram-lhe que ela tinha sido estuprada, e Colin rangeu os dentes contra uma onda de raiva tão forte que quase o deixou de joelhos.

Se ela estava respirando, ele não poderia ver, mas se inclinou e colocou dois dedos contra o pescoço dela, não esperando encontrar nada para além da confirmação do que ele já acreditava ser verdade. Em vez disso, ele sentiu um pulso fraco lá, ela estava viva!

Ele se endireitou imediatamente, puxou o telefone celular do cinto e com velocidade discou 911. O centro mais próximo de trauma estava a uns bons 100 Km de distância, e a maioria da estrada era montanhosa, mas ele não sabia mais o que fazer, quem mais chamar. Ele sabia sobre medicina no campo de batalha, passou centenas de horas em sessões de treinamento. Ele havia lidado com corpos dilacerados por armas de fogo e explosivos, mas isto... Ele forçou-se a olhar clinicamente, a ignorar a natureza brutal do ataque. Okay. Choque era, provavelmente, o maior inimigo dela agora. Ele procurou algo para cobri-la,

precisava aumentar a sua temperatura corporal e mantê-la aquecida. Mas tudo o que podia ver eram lençóis tão ensanguentados quanto ela. Toalhas. Ele correu de volta para o banheiro, enquanto esperava o operador do 911 atender. Provavelmente, seria o inferno para qualquer equipe forense...

— 911 qual o seu problema? — O resto de sua pergunta foi perdida quando o rugido de um bravo vampiro encheu a casa.

# Capítulo 2

**Colin deu dois passos rápidos para longe da beira do leito, agarrando a** espingarda. Num piscar de olhos, Jeremy estava na sala, as presas totalmente distendidas, os olhos piscando fogo vermelho enquanto ele enfrentava o invasor.

— Jeremy. — disse Colin uniformemente. — Você me conhece. Você sabe que eu não fiz isso.

O vampiro olhou por todo o quarto, seus movimentos estranhamente graciosos, deslizando para frente como um gato grande. Ele resmungou baixinho, ameaçadoramente, mas seu olhar continuou indo para Mariane, a angústia substituindo a raiva em seu rosto.

— Eu estou chamando uma ambulância, Jeremy. Deixe-me obter alguma ajuda para ela.

A cabeça do vampiro girou, com o olhar frio e mortal, apesar do fogo que queimava lá.

— Você a toca e eu mato você, humano. Não preciso de sua ajuda.

Mais rápido do que Colin poderia seguir, Jeremy foi à beira do leito, levantou Mariane em seus braços, lágrimas de sangue escorrendo pelo rosto quando viu o que eles tinham feito para ela. Um lamento baixo subiu de sua garganta, aumentando o volume até se tornar um uivo furioso.

— Haverá justiça para isso. — ele rosnou, seu olhar fixado em Colin novamente. — Guarde minhas palavras, humano. Isto vai ser vingado.

E então ele se foi, nada mais do que um borrão de movimento e um ruído, a porta da frente batendo na parede na sala de estar.

— Bem, merda. — Colin sussurrou. Ele abaixou a cabeça e apenas respirou, deixando seu corpo se recuperar de uma descarga de adrenalina por tudo o que ele tinha sentido desde que entrou na casa.

— Jesus Cristo. — Ele respirou fundo e ligou para o 911 novamente cancelando a chamada anterior. Então, ele caminhou para fora até seu carro e pegou seu equipamento. Jeremy podia não querer sua ajuda, mas ele estaria ajudando de qualquer maneira. Esta era uma cena de crime e Colin era a coisa mais próxima que eles tinham de um departamento de polícia em Cooper's Rest. Não que ele fosse um policial de verdade, oficialmente. Legalmente, ele não era mais que um segurança privado, que significava neste caso, estar sob a jurisdição do Município. Mas o povo daqui não queria o xerife ou ninguém cutucando seus assuntos, e da parte dos vampiros esse sentimento era duas vezes mais forte, já que proteger sua privacidade era uma bela arte. Por isso o conselho da cidade o nomeou em primeiro lugar. Ele não tinha ido à qualquer academia de polícia, o mais próximo que ele teve foram algumas aulas de criminologia na faculdade. Mas ele estava qualificado para lidar com praticamente todas as armas que existiam e poderia colocar um homem ou uma mulher no chão, independentemente do seu peso ou formação. Ele também tinha a capacidade e a confiança para lidar com isso, que era o que ele pretendia fazer.

Cooper's Rest era a sua casa agora, o lugar onde ele tinha de alguma forma estado, após deixar a Marinha. Esta pequena vila ao norte do estado de Washington era tão longe de onde ele cresceu como era possível, mas era um

lugar calmo e silencioso, cheio de pessoas, na maioria boas, que queriam ficar sozinhas. E lhe convinha muito bem.

Mas agora alguém tinha invadido este lugar pacífico, invadiu sua casa, e Colin não era o tipo de homem de sentar e esperar que alguém fizesse justiça. Ele iria encontrar quem tinha feito isso e quando o fizesse, não ia se preocupar com a leitura de seus direitos.

# Capítulo 3

***Vancouver, British Columbia***

**Sophia segurou as bordas dos braços, as unhas fazendo buracos no** couro fino. Ela odiava voar. Ela especialmente odiava voar durante as horas do dia, odiava confiar sua vida a seres humanos. Ela podia ter quase três séculos de idade, mas isso não queria dizer que vivia no passado. Ela assistia à CNN e lia os jornais. Ela sabia como muitas vezes esses aviões caíam do céu, junto com seus pilotos humanos e, talvez, passageiros vampiros.

Era possível, ela pensou, que um vampiro sobrevivesse a um acidente. Possível, mas não certo. Definitivamente não era uma teoria que ela desejava testar, nem ela queria saber se um vampiro poderia respirar debaixo de água pelo tempo que levaria para chegar a terra, se o avião caísse no meio do oceano.

Não que esse resultado particular fosse um problema neste ponto. O oceano não estava mais embaixo dela. Também o sol já não estava brilhando do outro lado da parede fina do avião como tinha estado durante grande parte da etapa anterior de sua viagem, que teve início em sua casa no Rio de Janeiro para uma

parada em Toronto. Ela agradeceu aos deuses que sorriram para os vampiros, porque ela pelo menos tinha os recursos para viajar de avião privado, um com compartimento de sono adequado para as suas necessidades durante a luz do dia.

É claro que teria sido ainda *mais* conveniente se ela tivesse sido capaz de voar do Rio, para o Texas, ou até mesmo para o México, e ir de lá para Vancouver. Ela poderia ter limitado o seu tempo de vôo às horas de escuridão. Mas os vampiros norte-americanos, ao contrário daqueles na maioria da América do Sul, eram obsessivamente territoriais. Ela não podia nem passar por um dos seus aeroportos estúpidos sem obter autorização, algo que ela não estava disposta a fazer. Não para esta viagem.

Havia demasiadas incógnitas dessa vez. Ela não sabia o que o seu criador, Lucien, queria. Não sabia por que ele havia emitido uma convocação tão urgente e, em seguida, tinha desaparecido antes que ela pudesse até mesmo falar com ele. Mas tinha havido uma nota inegável de desespero no apelo mental dele, um desespero reforçado pelo fato de que ele a tinha contatado. Lucien era seu criador, e a sua lealdade era só dele, mas ela não tinha falado com ele em meio século. E agora isto. O que quer que *isto* fosse.

O avião correu aterrisando no chão e ela fechou os olhos, sentindo cada solavanco, pois finalmente havia chegado. Sophia soltou um profundo suspiro de alívio e sussurrou uma oração supersticiosa de graças ao Deus de sua infância, pois ela havia sobrevivido mais uma vez.

Ela só esperava que pudesse também sobreviver ao que Lucien tinha esperando por ela.

***

— O que quer dizer, você não sabe onde ele está? — Sophia exigiu sombriamente.

— Nós precisamos de um tradutor? É esse o problema, Sophia? Não sei onde caralho ele está, ok? Ele não faz exatamente check-in comigo.

Sophia nivelou um olhar ao vampiro sentado em frente a ela. Darren Yamanaka era tenente de Lucien. *Em nome apenas*, ela pensou ferozmente. Ela poderia esmagá-lo como um inseto. Ela, provavelmente, iria apreciá-lo na verdade. Seus olhos se estreitaram avaliadores, mas Darren encontrou o seu olhar sem vacilar. Ele não era tão poderoso quanto ela era, mas não era fraco também. E ele tinha coragem. Ela daria isso a ele. O que ele não tinha era a menor idéia sobre o paradeiro de seu criador.

— Quando foi a última vez que o viu? — Ela perguntou forçando a paciência.

— Eu já lhe disse, e não importa quantas vezes você pergunte, a resposta será a mesma. Lucien saiu pela porta há oito dias. — Ele apontou dramaticamente por toda a grande sala de conferências e pelas portas abertas para as pesadas portas da frente da sede de Lucien em Vancouver. — Ele disse que estava indo encontrar mais uma das suas mulheres. Você, de todas as pessoas, deve se lembrar de como Lucien gosta de suas mulheres.

Sophia reteu o rosnar crescente em sua garganta, forçando a se manter calma. Ela não tinha voado do outro lado do mundo, arriscando sua longa vida imortal, para perder a paciência com este insignificante macho. *Todo mundo* sabia que Lucien amava as mulheres. Inferno, Lucien amava os homens, também. Mas o fato de Sophia ter sido sua amante, e que ele a fez uma Vampira porque tinha se recusado a perdê-la para o envelhecimento e fragilidade humana... *Não* era algo que todos sabiam. Embora, Darren claramente sabia. Lucien tinha lhe dito antes de desaparecer, o bastardo.

— Ele estava sozinho quando saiu? Nem mesmo um guarda-costas?

— Não. — Darren admitiu relutantemente. — Ele costumava levar alguém com ele, mas não desta vez. Ele alegou que a mulher era alguém que conhecia há muito tempo, que era seguro. E que ele poderia se defender se fosse preciso. Argumentei com ele. Mas... Você conhece Lucien.

Ela conhecia Lucien. Ele era bonito, brilhante, totalmente encantador, e às vezes um idiota completo. Especialmente se tivesse uma mulher envolvida.

— Por que você acha que ele me chamou?

— Eu não tenho a menor idéia. Não sei nem se ele realmente o fez. É muito conveniente que Lucien desapareça e agora você apareça. Quanto tempo é que foi, Sophia?

— Não o suficiente, Darren. — disse ela com doçura, antes de sua voz endurecer. — Mas se você está sugerindo que eu de alguma forma prejudiquei o nosso Sire, você deve dizer adeus a quem quer que seja tolo o suficiente para se importar com você porque eu vou matá-lo onde estiver.

Ele levantou-se, inclinando-se sobre a mesa com os olhos brilhando amarelo. — Você pode tentar, cadela.

Sophia sentiu o poder dele pressionando contra ela, sentiu seu próprio surgindo para responder. Ela também se levantou, combinando sua agressiva posição, e pressionou apenas o suficiente para ele sentir o peso do mesmo.

Darren arregalou os olhos com surpresa, e ele congelou por um completo minuto antes de lentamente afundar em sua cadeira. Seu olhar estava voltado para ela, como um animal que acaba de descobrir um predador escondido em seu ninho.

Sophia sorriu agradavelmente e sentou-se, satisfeita por agora. Ela não queria matar Darren. Não se pudesse evitá-lo. O que ela queria era encontrar Lucien e descobrir o que diabos estava acontecendo.

— Você já procurou por ele? — ela perguntou com uma voz suave.

Darren piscou, depois disse: — Claro que sim. Nós todos temos procurado. Ele está vivo, você sabe disso. É estranho, entretanto...

O olhar de Sophia estreitou. — Estranho? O que é estranho?

— Já procurou por ele desde que você chegou na cidade?

Ela franziu a testa, intrigada. — Não, não tentei.

— Tente. Então me diga o que você encontra.

Sophia considerou o vampiro em silêncio. Obviamente, ela não podia confiar nele, mas sua preocupação por Lucien parecia real o suficiente. E havia definitivamente algo estranho sobre tudo isso.

— Existe algum lugar seguro? — ela perguntou abruptamente.

A busca minuciosa pelo seu criador exigiria um nível de consciência que era quase uma meditação. Ela estaria vulnerável a ataques, especialmente nesta casa.

Darren assentiu. — Eu vou te mostrar.

Sophia esperou até que Darren a deixasse, em seguida, trancou a porta e juntou sua própria barreira de poder para garantir. Ela esperou mais tempo ainda, até que os passos do outro vampiro tivessem enfraquecido e ela já não podia senti-lo perto. Então, ela virou-se para considerar o que era claramente um retiro privado de Lucien. A marca da presença dele estava em todo lugar aqui, e ela foi atingida por um desejo tão repentino e tão forte que era uma dor física, como se seu coração parasse de bater por um momento. O que tinha acontecido? E se alguém tinha de alguma forma derrubado o poderoso vampiro que era o seu Sire? Ele estava morrendo, agora mesmo, definhando enquanto ela ficava aqui desperdiçando o pouco tempo que lhe restava? Ela balançou-se ligeiramente e atravessou a sala, abrindo as portas para a varanda.

Apoiando-se contra o frio e vento, ela estava em uma varanda acima da cidade. O escritório de Lucien era no terceiro andar de sua mansão, na parte superior de uma das mais íngremes colinas circundantes de Vancouver. O céu estava escuro, apenas a estrela ocasional ou vislumbre da lua quebrava a escuridão. Ela queria o calor de sua casa do sul, o pulso familiar de vida e vitalidade. Ela olhou nas luzes cintilantes abaixo. Embora, ela pensou, Vancouver tivesse um impulso próprio. Diferente, mas não menos vivo.

Seu olhar esquadrinhou o horizonte. Ela tinha que admitir que Darren estava certo, este era o local perfeito para procurar seu mestre. Apesar dos sentimentos do outro vampiro por ela, ele parecia genuíno em seu desejo de ajudá-la a encontrar Lucien. Talvez ele amasse seu Sire tanto quanto ela, depois de tudo.

Puxando uma respiração profunda, Sophia fechou os olhos e deixou de lado sua antipatia por Darren, anulou o frio e o vento, os aromas estranhos e sons desta cidade estrangeira. Em algum lugar profundo dentro de si, ela tocou o invisível vínculo indissolúvel que ela partilhava com Lucien. Ele era seu criador, o vampiro que tinha terminado com a sua vida há três séculos e dado de volta algo mais, algo eterno e forte e bonito. Sophia amava ser uma Vampira, o prazer e poder que lhe dava, o requintado aumento de seus sentidos, até que ela podia ouvir a suave queda de uma flor de uma orquídea em uma noite escura. Certamente, ela sentia falta da sensação do sol contra o rosto, o cheiro de sua pele depois de um dia na praia. Mas era um preço pequeno a pagar por aquilo que ela ganhou. E foi tudo por causa de Lucien, que estava desaparecido e talvez em apuros.

Ela estendeu os sentidos, usando todo o seu poder considerável, e lançou uma rede sobre a cidade.

Horas depois, ela abriu os olhos, a exaustão ecoava através de seus poros, enfraquecendo todos os músculos do seu corpo. Ela havia procurado durante toda a noite, tinha seguido cada trilha, não importa o quão fraca. E havia trilhas de traços de Lucien por toda parte na cidade. Esta tinha sido sua casa, seu lar

por centenas de anos. Se houvesse uma única rua ou beco onde ele não tinha andado, ela não tinha encontrado. Mas seu cheiro estava de alguma forma errado. Ele estava vivo. Ela tinha certeza disso. Mas era quase como se ele tivesse intencionalmente se espalhado tanto que mal existia em sua própria cidade.

Ela endireitou-se, balançando as pernas quase dormentes por sentar-se na mesma posição por muito tempo. O nascer do sol não estava muito longe. Ela podia sentir isso na lentidão de seu sangue, na dormência das terminações nervosas. A mudança de horário imposta por sua rápida viagem da América do Sul só fez pior. Seu corpo estava dizendo a ela que o sol já tinha subido, enquanto seu cérebro sabia que ela ainda tinha uma hora ou mais para ir até algum lugar seguro e escuro. Jet leg era uma droga para vampiros também.

Ela se perguntou se Darren ainda estava esperando, ou se ela teria que encontrar seus próprios alojamentos em algum lugar desta enorme casa. Ela tinha sido muito menor quando Sophia esteve aqui pela última vez, mas ela suspeitava que algumas coisas não haviam mudado. De qualquer forma, dificilmente importava. Ela esteve se fornecendo seus próprios refúgios seguros por centenas de anos, esta manhã, não seria diferente.

Ela andou cansada de volta para o estúdio de Lucien, mesmo a tempo de ouvir uma batida tímida na porta. Olhou para o painel fechado especulativamente. Era um vampiro, ela sabia isso. E certamente não era Darren batendo tão suavemente. Ela usou o poder para libertar seu escudo pessoal e destrancar a porta.

— Entre. — Ela gritou quando afundou em uma das cadeiras de Lucien.

A vampira que entrou era pequena, mas definitivamente adulta, os seios amplamente exibidos em um vestido apertado que contrastava com a sua estatura de criança. Ela tinha de ser muito antiga, remetendo a um tempo e lugar, quando sua diminuta altura teria sido a norma entre as mulheres. Mas qualquer que seja sua idade, ela tinha pouco ou nenhum poder. Sophia se perguntou como seria viver tanto tempo como Vampiro, mas ser tão fraco que estava congelado para sempre no fundo dos degraus do poder.

A vampira sorriu suavemente, como se ela soubesse o que Sophia estava pensando. — Lady Sophia, eu sou Larissa, a secretária do Lorde Lucien.

Pelo jeito como ela disse *secretária,* Sophia percebeu que ela quis dizer isso do jeito antigo, uma assistente e uma confidente. Sophia nunca havia a encontrado antes, então ela tinha provavelmente vindo de uma das outras cidades de Lucien em algum momento nos últimos cem anos, que era o tempo que tinha passado desde que Sophia veio para Vancouver. Mas se Larissa era próxima de Lucien, ela podia saber mais sobre o que aconteceu com ele do que qualquer outra pessoa na casa.

Sophia não se ofereceu para apertar suas mãos. A julgar pelas suas maneiras e vestido, Larissa não seria um daqueles que adotaram o costume moderno.

— Larissa. — disse ela, assentindo. — Como posso ajudá-la?

Larissa novamente lhe deu aquele sorriso conhecedor. — Você é gentil, minha senhora, mas *eu* estou aqui para ajudá-la. Você vai querer um lugar para ficar, sim?

Sophia soltou um suspiro cansado. — Eu vou, obrigado. E há sangue na casa?

— Claro, minha senhora.

— Será que Lucien ainda mantém as casas de hóspedes? Se assim for, a menor está disponível, nos jardins?

— O fogo já está aceso, minha senhora. Lucien estava bem familiarizado com suas preferências. Devo enviar o sangue para a casa de campo, então?

— Isso seria muito apreciado. Obrigado, Larissa.

Ela se levantou e começou a se virar, mas depois franziu a testa enquanto o significado das palavras de Larissa penetrou seu cérebro cansado.

— Espere! — ela gritou. — Lucien disse que eu estava chegando a Vancouver?

Larissa concordou. — Algumas semanas atrás. — ela respondeu. — Ele disse que você viria, minha senhora, e ele deixou algo para você. Só para você, ele disse.

Sophia olhou para a mulher pequena. Fazia dias que Lucien tinha a convocado à sua casa, e não semanas. — O que... — Ela engoliu em seco, de repente tendo certeza de que ela não queria saber a resposta. — O que ele deixou para mim? — ela perguntou de qualquer maneira.

Larissa cruzou para uma estante, afastando vários volumes para revelar um cofre de parede escondido. Era do antigo tipo com um mostrador numerado em vez de um teclado. Ela girou o disco várias vezes e abriu a porta, esticando a mão para retirar um envelope, branco e fino. Colocando-o na prateleira, ela cuidadosamente fechou o cofre e substituiu os livros antes de voltar-se para enfrentar mais uma vez Sophia segurando o envelope para ela.

Sophia segurou o olhar da outra vampira por vários minutos, procurando qualquer sinal de traição ou maldade. Não descobrindo nenhum, ela aceitou o envelope, olhando para baixo para ver o seu nome escrito com a letra extravagante de Lucien. A julgar pelo peso, continha várias folhas de papel dobradas. Ela olhou para ele um momento, então, perguntou:

— Você sabe o que está aqui?

— Não tudo, mas o suficiente.

Sophia pegou a nota de tristeza na voz de Larissa e olhou para cima, surpresa e preocupada - muito preocupada - por ver um brilho de lágrimas nos olhos dela.

— Larissa?

— Leia o que está aí, Sophia. — sussurrou.

Ela recuou e virou para ir embora, parando junto à porta para dizer: — Se você precisar de algo, minha senhora, só tem que pedir. Eu estou aqui... Nesta casa. Sempre.

Ela abriu a porta e foi embora, deixando Sophia temendo que Lucien tinha se metido em uma bagunça que não conseguia arrumar. Ela só poderia esperar não fosse nada mais do que isso.

# Capítulo 4

***Norte de Seattle, Washington***

**A limusine, de cor preta deslizou pelos portões resistentes do novo** complexo de Seattle. Eles ainda chamavam assim, embora, na verdade, ele já não estava em Seattle. Essa cidade, que uma vez foi um paraíso para aqueles que procuravam fugir das multidões e do congestionamento de lugares como Los Angeles e San Francisco, tornou-se uma das muitas coisas de que eles tinham tentado fugir.

Para os vampiros de Raphael, significava que seu antigo complexo, que tinha estado localizado em dez hectares de um isolado campo, se encontrava agora no meio de um aglomerado subúrbio. Levou algum tempo, mas o seu povo tinha finalmente localizado um local adequado nos montes a alguma distância de Seattle. Eles compraram lotes adjacentes desta vez, tinham uma centena de hectares como uma proteção contra a futura expansão. O novo complexo tinha levado quase tanto tempo para construir como tinha levado para encontrar o terreno. Não havia humanos em quem Raphael confiaria essa missão, e os poucos vampiros que eram tanto confiáveis e suficientemente hábeis estavam em grande demanda. Claro, também eram as suas próprias crianças, o que lhe deu uma

certa prioridade em solicitar os serviços, mas acima de tudo, Raphael era um empresário. Ele não estava disposto a exigir que qualquer um de seus vampiros sacrificasse seus negócios apenas para salvar um pouco de tempo. Não a menos que fosse absolutamente necessário.

A limo tomou a curva final da garagem e o principal edifício ficou à vista detrás das árvores. Wei Chen, chefe do ninho de Seattle, surgiu juntamente com vários outros, de pé sob a beirada do telhado cinza concreto, esperando para cumprimentá-lo.

Cyn estava sentada ao lado dele na limusine, a perna muito quente contra a dele, seus dedos entrelaçados juntos. Ela tinha estado mais vigilante desde o seu pesadelo, quase obsessiva sobre sua segurança. Ela estava armada, como sempre, uma Glock de 9 milímetros em uma plataforma de ombro sob o seu casaco, mas ela também estava usando uma segunda arma idêntica contra a parte inferior das costas, no cós das calças. Ela não tinha tentado escondê-la dele e deixou clara sua preferência que ele permanecesse no carro até que ela tivesse avaliado quem e o que os esperava.

Sua mulher, sua companheira muito humana, considerava oportuno colocar-se em perigo para sua proteção. Como se a falange de guardas vampiros implantados em torno deles não fosse suficiente, como se ele não estivesse visitando um de seus próprios ninhos, onde cada vampiro presente era prometido a ele pessoalmente... Ou como se ele não fosse plenamente capaz de proteger-se e a ela também.

Um punhado de dor puxou na sua consciência enquanto ele olhava para fora da janela, para a chuva escura caindo sobre o novo complexo de concreto e madeira e para os rostos solenes de seus vampiros.

— O que há errado? — Cyn perguntou abruptamente.

Ele virou a cabeça para encontrar o seu olhar, seus olhos verdes nos seus com um conhecimento seguro de seus humores.

— Eu não estou certo. — admitiu. — Algo... — Sua voz sumindo enquanto ele tentava capturar o que quer que tinha chamado sua atenção. Mas havia tanta

emoção entre os vampiros, medo e tristeza, bem como dor pela perda terrível que tinham sofrido. Certamente era por isso, dois dos seus filhos haviam sido eliminados da face da terra, como se nunca tivessem existido, suas chamas extintas em segundos, com seus gritos chocados marcando sua alma.

Mas não era isso, ou não era apenas isso. Seu olhar aguçou.

— Pare. — Ordenou. O motorista pisou no freio, trazendo a limusine para um ponto final antes de sua mente consciente estar ciente do que estava fazendo. Raphael estava apenas vagamente consciente do alarme se espalhando através das fileiras de sua segurança, e da voz de Cyn chamando seu nome quando ele abriu a porta do carro e saiu para a noite chuvosa.

Chen Wei e os outros correram para ele, seus rostos vincados com preocupação.

— Meu senhor. — O tenente de Raphael, Duncan, apareceu a seu lado, enquanto seu chefe de segurança, Juro, calmamente implantou seu pessoal para acomodar este novo desenvolvimento. Havia muito pouco que poderia mexer com Juro, foi por isso que Raphael o escolheu.

— Sire. — Wei Chen estava sem fôlego por correr através da chuva, testemunha da sua falta de qualquer tipo de atividade física de rotina.

Raphael levantou a cabeça, seu olhar buscou a face elegante do edifício, seu coração dolorido na dor que sentia ali. — Jeremy. — ele percebeu de repente. Ele virou um olhar inquiridor sobre Wei Chen, os olhos negros transformando em prata com brilho de raiva. — O que aconteceu, Wei Chen? Onde está Jeremy?

O líder do ninho encontrou o olhar de Raphael, sem vacilar. — Sua casa foi atacada mais cedo, meu senhor. Sua companheira, Mariane...

Raphael havia parado de ouvir. Ele já estava em movimento, indo para a entrada principal, seguindo uma trilha de dor que era tão clara como se estivesse pintada no chão diante dele.

Wei Chen apressou-se a acompanhá-lo. — Jeremy está na enfermaria com ela, Senhor. Ele está compartilhando seu sangue.

— Não será suficiente. — disse Raphael, sabendo que era verdade.

Ele empurrou as portas de vidro pesadas, ignorando tudo exceto a necessidade de seu filho guiando-o pelo corredor. Mais uma virada e outra, e ele estava finalmente caminhando para a enfermaria do complexo vampiro.

Era um quarto minúsculo. Vampiros raramente precisam mais que o sangue de um doador e um descanso de algumas horas, e somente os mais jovens vampiros ou os ferimentos mais graves exigem mesmo isso. Mas no canto, sob a luz fraca de uma lâmpada de parede, uma jovem estava em uma cama que parecia grande demais para sua estrutura delicada. Seu rosto estava tão pálido como os lençóis em que estava deitada, os curativos brancos sobre as suas pernas e braços ainda estavam encharcados com o sangue de sua vida.

— Jeremy.

O vampiro olhou para cima com o som da voz de seu senhor, o seu rosto uma máscara de tristeza, raiado de sangue seco de suas lágrimas.

— Meu senhor. — disse ele com voz entrecortada, caindo de joelhos. — Não é suficiente. Meu sangue... Não é suficiente. — Sua voz falhou quando ele começou a soluçar, grandes sons que rasgavam a alma de Raphael.

Ele foi para o vampiro quebrado, segurando-o como se fosse uma criança, seu filho, renascido como Vampiro a menos de trinta anos atrás. Jeremy enterrou seu rosto contra os quadris de seu Senhor e Raphael acariciou a cabeça em conforto, examinando a mulher, Mariane, como assim disseram. Ele observou o subir e levantar do peito, a batida lenta de seu coração, que mal conseguia empurrar o sangue através de seu corpo. A carne dos dedos estava pálida e fria, enquanto seu corpo encerrava suas extremidades em favor de salvar os órgãos vitais que podia.

— Não é tarde demais, Jeremy. — disse Raphael para o seu vampiro. — Deixe-me ajudá-la.

A cabeça de Jeremy levantou, esperança guerreando com a possessividade por um breve momento, antes que ele concordasse. — Eu te imploro, meu senhor, se isso a for ajudar.

Raphael balançou a cabeça concordando. — Você é meu, sangue do meu sangue. E Mariane é sua.

Ele gentilmente liberou Jeremy e encolheu os ombros para fora de seu paletó, deixando cair o tecido caro despreocupadamente. Ele estava consciente de Cyn em pé logo atrás dele, consciente de suas mãos pegando o casaco quando ele caiu, entregando a alguém enquanto andava para o lado oposto da cama. Ela seguiu, ficando próxima ao seu lado, e seu coração doeu com o pensamento dela deitada nesta cama estéril em vez da pobre Mariane.

Sem parar, ele arregaçou a manga e usou seus dentes para cortar a pele do seu pulso e abrir uma veia. Sentou na cama e inclinando-se sobre a jovem, colocou seu pulso sobre a sua boca, deixando as primeiras gotas cair nos lábios abertos. Jeremy pairava à sua frente, segurando a mão da companheira, sussurrando em seu ouvido o seu amor por ela, incentivando-a a beber, a viver para ele.

A garganta de Mariane moveu-se espasmodicamente, seu corpo forçando-a a engolir antes que o sangue a sufocasse. Algo se agitou por trás de suas pálpebras fechadas e ela engoliu mais uma vez, e, novamente, diante de seus olhos, mãos pálidas seguraram o pulso vivificante de Raphael à boca. Ela começou a chupar avidamente a recompensa que era seu sangue, o sangue de um Lorde Vampiro, mais poderoso do que qualquer coisa produzida em séculos de pesquisa médica humana.

Ela estava mamando como uma criança com fome, e o olhar ávido de Jeremy estava fixo na conexão física entre seu Sire e sua companheira. Seu estresse durante esse contato foi crescendo com cada segundo. Os vampiros eram criaturas possessivas, mesmo um tão novo como Jeremy. Raphael soltou seu pulso cuidadosamente, deixando Jeremy tirar as mãos da mulher quando ela agarrou por mais. Ela murmurou infeliz com a perda, e Jeremy cobriu os seus

lábios com um beijo, lambendo o sangue de sua boca e alimentando de volta a ela com suas línguas entrelaçadas.

Duncan entregou a Raphael uma toalha quente e úmida para limpar o sangue de seu braço. Ele permaneceu sentado na cama, distraidamente limpando o pulso com a toalha enquanto observava Jeremy beijar a boca faminta de Mariane. Ele entregou a toalha de volta para Duncan e estendeu a mão para Cyn. Ela veio a ele, colocando a mão em seu ombro, deixando cair o rosto brevemente para beijar sua cabeça.

— Jeremy.

O outro vampiro olhou para cima, com os olhos atentos, os dedos apertando ansiosamente as mãos pálidas de Mariane. Raphael rolou a manga da camisa casualmente. Levantou-se, tomando a mão de Cyn e puxando-a para dentro do círculo de luz.

— Minha companheira. — disse ele para benefício de Jeremy. Ele levantou os dedos de Cyn aos seus lábios. — Cynthia.

O corpo inteiro de Jeremy relaxou a essas palavras. Se Raphael tinha uma companheira, ele não poderia estar interessado em roubar Mariane. Raphael compreendeu.

— Ela vai ficar bem, Jeremy. E se precisar de mim, eu estou aqui.

Quando Raphael estava preparando para sair, Jeremy caiu de joelhos, tomando a mão de seu Senhor e beijando-a em sinal de gratidão.

— Meu senhor... — Sua voz quebrou com a emoção. — Sire. Obrigado.

Raphael desengatou levemente a mão, apoiando-a na cabeça inclinada de Jeremy.

— Você é meu filho. — ele murmurou. Nada mais precisava ser dito.

Ele olhou para cima e encontrou os olhos de seu tenente, deixando um pouco de sua ira se mostrar pela primeira vez desde que chegou.

— Duncan.

— Sim, meu senhor. — Duncan se virou e começou a tirar os vampiros reunidos no quarto, murmurando ordens através de um microfone para Juro e os outros. Cynthia estendeu o paletó de Rahael, segurando-o para ele o colocar sobre seus braços e até sobre os ombros, as mãos alisando-o em suas costas antes dele se virar para encará-la. Lágrimas não derramadas enchiam os olhos dela e ele sorriu. Sua Cyn usava uma máscara de dureza, um escudo contra um mundo que lhe tinha mostrado pouco amor durante a maior parte de sua vida. Mas havia um ponto fraco que só ele poderia tocar. Ele puxou-a, beijando-a suavemente.

— *Lubimaya.* — ele sussurrou.

Os dedos quentes dela demoraram no seu queixo, em seguida, escorregaram atrás do seu pescoço para puxar-lhe mais perto e pressionar suas testas juntas. — Quando vamos pegar os desgraçados que fizeram isso? — ela murmurou.

Ele se afastou para encontrar o seu olhar feroz com um dos seus próprios. — Muito em breve, minha Cyn. — Ele guiou-a para fora da sala, com uma mão apoiada nas suas costas. — Nós vamos caçá-los até os confins da terra.

# Capítulo 5

**Raphael permitiu que Wei Chen liderasse o caminho para a enfermaria.** Ele tinha visto muitas vezes os projetos deste novo complexo e ele não precisava de um guia, mas esta era a primeira vez que ele estava aqui desde que ficou pronto. A visita havia sido planejada para um futuro próximo, embora em circunstâncias muito diferentes. Quem poderia ter previsto o assassinato de dois de seus filhos, a tentativa de homicídio de um terceiro e... Sua mandíbula se apertou pelo que tinha sido feito a Mariane. Ela estava indefesa contra eles. Ela não era uma guerreira, não como sua Cyn. Mas ele era muito ciente de que mesmo Cyn poderia se machucar se confrontada com esse tipo de brutalidade.

Ele a puxou mais perto com a leve pressão dos dedos. Ela se aconchegou, mas olhou para ele, questionando. Ele deu-lhe um leve sorriso que pretendia ser tranquilizador, mas ele sabia que não teve êxito. Teria sido mais fácil, pensou ele, se ele tivesse se apaixonado por uma mulher estúpida, ou pelo menos uma disposta a ignorar os aspectos mais problemáticos da vida. Cyn não era dessas. Ela era inteligente e intuitiva, especialmente, sobre ele, e seu método preferido de lidar com problemas era enfrentá-los de cabeça. Eram precisamente as qualidades que o haviam deixado louco por ela desde o primeiro momento que eles se conheceram, quando ela tinha sido inteligente o suficiente para temê-lo, mas teimosa demais para ceder a esse medo.

Ele admirava isso nela. Mas também o aterrorizava quando ele pensava sobre todas as coisas no mundo que poderiam rasgar a teimosia e desintegrá-la. Como eles tinham feito com Mariane.

Seu grupo se moveu para a sala coletiva do edifício principal do complexo, um lugar espaçoso com teto alto e uma parede de vidro com uma vista espectacular para baixo da encosta, por toda a cidade lá embaixo e para a distante baía. Era cedo o suficiente e a cidade ainda estava cheia de luz, mas o oceano era um espaço negro e vazio, muito remoto para os minúsculos faróis dos barcos ancorados ali serem vistos.

O cômodo era decorado casualmente, com sofás de couro e poltronas espalhadas em um padrão quase aleatório. Como apenas vampiros viviam aqui, o mobiliário pesado era movido para atender quem estava usando a sala a qualquer momento.

Tomando Cyn com ele, fez o seu caminho para uma coleção de várias poltronas grandes posicionadas diretamente em frente da janela, mas voltadas para dentro. Seu pessoal de segurança se espalhou por toda a sala, com dois posicionados atrás dele, entre a cadeira e a janela vazia. As janelas eram à prova de bala, é claro, e a possibilidade de um ataque era insignificante dentro do complexo, mas era um risco que Juro não estava disposto a assumir.

Sentou-se, acenando com a cabeça para Chen Wei e os outros se sentarem com ele. Duncan assumiu o seu posto habitual à sua esquerda, enquanto Cyn sentou no braço da cadeira à sua direita, inclinando-se para descansar o braço em seu ombro. Ela ainda usava suas armas, apesar do fato de que eles estavam agora em segurança, dentro não apenas do complexo, mas também do prédio em si, com a sua segurança formidável. Ela e Duncan uniram forças pedindo-lhe para não fazer esta viagem, dizendo que era muito perigoso.

E se fosse uma armadilha? E se os seres humanos estavam matando os seus vampiros, um por um para atrair o maior prêmio de todos, não apenas um vampiro, mas um lorde vampiro? Ele se lembrava de seus argumentos, os quais ele havia rejeitado. Ele tinha que estar aqui. Eram *seus* vampiros que estavam morrendo.

— Meu senhor.

Raphael foi afastado de seus pensamentos pela voz macia de Wei Chen. Ele olhou para o líder do ninho com um olhar feroz. — Eu quero detalhes, Wei Chen. Tudo o que você descobriu sobre estes assassinatos e quem está por trás deles.

— Claro, meu senhor. — Ele apontou para um vampiro sentado ao lado dele. — Loren é responsável pela seguran...

— Estou ciente de quem Loren é. — Raphael interrompeu friamente.

Os labios de Wei Chen tremeram ligeiramente. — Perdoe-me, meu senhor. Você prefere que Loren fale...

— Eu não me importo quem dá o relatório, enquanto *alguém* fale.

O líder do ninho empalideceu tanto que Raphael temia que ele caísse do lugar onde estava sentado. Como um vampiro, Wei Chen tinha o poder maior do que qualquer outro vampiro no ninho, embora não tão forte como a maioria dos mais próximos de Raphael. No entanto, Wei Chen não era um lutador, e era por isso que ele vivia aqui. O complexo de Seattle refletia seus arredores. Esta nunca tinha sido uma área de alto risco antes dos assassinatos recentes. Os vampiros aqui mantinham um perfil relativamente baixo. Eles eram, em sua maioria, profissionais, muitos deles especialistas em informática de um tipo ou outro, os vampiros-nerds, como Cyn chamava em particular. A maioria trabalhava exclusivamente via computador ou telefone, raramente encontravam-se pessoalmente com seus clientes e quando necessário enviavam humanos. Wei Chen era um consultor financeiro, escolhido para liderar o complexo por causa de sua mentalidade corporativa e uma habilidade natural para gerenciar outros.

— Loren, talvez você pudesse nos dar os detalhes específicos do que aconteceu até agora. — Duncan disse de forma diplomática, aliviando a tensão que havia sugado o ar por toda a sala.

Loren olhou para Duncan, em seguida, encontrou o olhar de Raphael e deu um aceno de cabeça auto-confiante. Ele abriu uma pasta em seu colo e começou a falar. — Senhor, como você sabe, houve dois ataques anteriores, três agora,

após esse ataque vicioso à companheira de Jeremy. Eu penso que é provável que a meta desta última atrocidade era, de fato, Jeremy, que...

— Foi. — Todos olharam para cima quando Jeremy caminhou lentamente pelo quarto, o cansaço óbvio, mas o rosto cheio de determinação. — Eles torturaram Mariane, tentando forçá-la a revelar minha localização. Ela se recusou.

— Jeremy. — Raphael o saudou. — Como ela está?

— Ela está bem, meu senhor, graças a você. Eu abençôo o destino por te trazer aqui esta noite. Um médico humano de sua comitiva está verificando ela...

— Peter Saephan. — confirmou Raphael. — Ele é um excelente curador, e eu confiei nele a vida de minha própria companheira em mais de uma ocasião. — Ele torceu a boca em um irônico sorriso, reconhecendo a si mesmo, se a ninguém mais, a realidade que repetidamente colocava Cyn em situações que exigiam os cuidados especializados de Saephan.

— Eu vou dizer à Mariane. Obrigado, meu senhor.

Raphael assentiu um reconhecimento silencioso, mas Jeremy se demorou, sua estrutura fina vibrando com o esforço de manter sua dignidade diante do terrível trauma de hoje à noite. Ele parecia estar em guerra consigo mesmo sobre alguns debates internos, até que finalmente ele se aproximou de Raphael e caiu de joelhos.

— Eu estava com ela, meu senhor. — Jeremy sussurrou. — Eu estava lá. — Seus olhos estavam cheios de culpa quando olharam para Raphael. — Mas eu não podia alcançá-la. Eu tentei. — disse ele desesperadamente, mais para convencer a si mesmo, Raphael pensou, do que mais ninguém.

Jeremy respirou fundo e pareceu recompor-se. Suas costas se enrijeceram e quando ele falou em seguida, sua voz estava cheia de determinação: — Eu não sou um soldado, meu senhor. Sei disso. Mas eu gostaria de acompanhá-lo na procura desses animais. O sangue de minha companheira ganhou-me um lugar na caça.

Raphael ouviu o desespero surdo em seu pedido. O sangue de Jeremy não tinha sido suficiente para salvar a vida de Mariane. Foi o sangue de Raphael, que salvou e diminuiu a dor de sua falha, porque Raphael era o mestre de todos os vampiros deste complexo, o seu poder tão além do deles que transcendia descrição. Mas ainda assim, a sua incapacidade de salvar sua companheira iria corroê-lo. Ele poderia, no entanto, vingar o ataque nela.

— Sua ajuda será preciosa, Jeremy. Você conhece a área e conhece as pessoas. E através de você, sua companheira pode nos dizer muito sobre estas criaturas que ousaram atacá-la. Tem minha palavra, Jeremy, eles vão pagar.

A cabeça de Jeremy caiu para o peito, o cabelo longo e escuro cobrindo seu rosto antes dele levantar os olhos agora cheios de gratidão. — Obrigado, Sire.

Raphael estudou seu filho com cuidado, observando a tensão em sua postura rígida quando ele subiu para os pés e pegou uma cadeira próxima. Ele sentia por Jeremy e prefiria tê-lo poupado do recontar os acontecimentos terríveis da noite, mas era necessário. E era muito melhor que Jeremy lhe dissesse, do que pedir a Mariane para revivê-lo.

Loren mudou-se para sentar ao lado de Jeremy e começou uma conversa em voz baixa.

Cyn aproveitou a oportunidade para encostar perto da orelha de Raphael e sussurrar: — Ele sabe o que aconteceu? — Sua pergunta foi expressa em voz baixa o suficiente para que, mesmo em uma sala cheia de vampiros, era para ele apenas. Raphael respondeu na mesma moeda, dizendo: — Jeremy é jovem, mas eles são companheiros há alguns anos. Sua ligação com ela deveria ser forte o suficiente para ele ter visto a maior parte do que aconteceu. Será o suficiente.

Ele sentiu Cyn respirar um suspiro de alívio ao lado dele.

— Jeremy. — Raphael disse mais alto.

O vampiro imediatamente cortou tudo o que ele tinha estado dizendo para Loren e olhou para Raphael.

— Minha companheira, Cynthia, vai começar o interrogatório. Ela é uma investigadora treinada e experiente, bastante habilidosa nestes casos, especialmente quando se trata de seres humanos. Sua visão vai ser particularmente útil.

Cyn endireitou-se, deixando um ponto fresco em seu braço quando ela retirou o calor de seu corpo. Raphael olhou para ela e capturou uma ruga de concentração, seguida por um suave sorriso para Jeremy.

— Vou começar com algumas perguntas sobre os eventos desta tarde. — disse ela. — Será doloroso para você, e eu sinto muito. Não pediria se não fosse absolutamente necessário. Mas cada detalhe importa. Você nunca sabe o que pode ser a única coisa que pode entregá-los.

Jeremy assentiu, engolindo nervosamente.

Cyn se inclinou para frente, sua postura e olhar intensos. — Ok, vamos começar com o básico. Mariane estava em casa quando estes caras invadiram?

Ele balançou a cabeça, seu olhar assombrado. — Ela estava fora. Nossa casa é muito segura, mas arrebentaram a porta da parte de trás com um machado. Eles devem ter escondido seus veículos e esperado que ela voltasse. Eu soube quando ela chegou em casa, senti sua presença, ela sempre entra pela porta da frente e então eu senti o terror. Agarraram-na antes mesmo de ela perceber que eles estavam lá.

— Mariane normalmente fica acordada durante o dia? — Cyn perguntou. — Perdoe-me se isso é particular, mas... Ela não dorme com você?

— A maioria dos dias ela dorme, sim. Mas em alguns dias, permanece acordada para executar tarefas. Ela faz as compras em Cooper's Rest, que é a pequena cidade perto daqui, e em raras ocasiões, ela dirige até a cidade mais próxima. Ela compra alimentos para si e faz qualquer outra coisa que precisa ser feito. Há correspondência para ser pega, é claro. E, às vezes... Mariane, às vezes, simplesmente quer aproveitar a luz do sol.

Cyn acenou com a cabeça, e Raphael sabia que ela iria entender a necessidade de Mariane pela luz solar. Era o mesmo motivo de Cyn ter mantido seu apartamento na praia. Ela não morava mais lá, mas ainda passava um tempo lá, sentada ao sol, caminhando ao longo da água, na areia quente.

Cyn falou de novo, tirando Raphael de seu devaneio. — Será que ela seguia uma rotina? Talvez alguns dias da semana, a cada segunda-feira ou algo assim?

Jeremy franziu a testa, concentrando-se. — Talvez. Não havia dias específicos, mas ela ia à cidade pelo menos duas vezes por mês. Normalmente na parte da manhã. E quando ela chegava em casa, permanecia acordada limpando, fazendo telefonemas, às vezes sentada na varanda, se o tempo estivesse bom.

— Quem poderia saber sobre isso além de você? — Cyn perguntou. — Ela tem amigos aqui? Talvez alguém que ela se encontrasse para o café? Ela ia a qualquer lugar em particular?

Raphael viu a testa de Jeremy se aprofundar em uma carranca conturbada. Ele era um vampiro muito jovem e seu relacionamento com Mariane era ainda mais recente. A sugestão de que ela poderia se encontrar com qualquer pessoa, possivelmente, até mesmo do sexo masculino, enquanto Jeremy dormia faria despertar seus instintos possessivos. E ao contrário de Raphael, que era velho o suficiente e poderoso o suficiente para sentir o que Cyn estava fazendo em todos os momentos, Jeremy não costumava ter uma ligação forte o suficiente para seguir sua companheira através de várias horas. Foi só a natureza traumática do ataque que forçou a sua ligação a ser forte em sua consciência durante todo aquele tempo. Isso e o fato de que, enquanto Jeremy tinha provavelmente estado dormindo em um cofre abaixo do solo, ele não estava muito longe de onde Mariane estava sendo brutalmente agredida.

— Ela vai para a estação de correios. — Jeremy estava repetindo. — E à mercearia. Eu nunca fui com ela. Eu geralmente não vou à cidade. Meu negócio é em casa, principalmente através do computador ou telefone. A verdade é que, a menos que eles sejam vampiros, eu muito raramente me encontro com qualquer pessoa, nem mesmo meus clientes.

— Qual é o seu negócio? — perguntou ela. Raphael a tinha visto fazer isso antes, usando perguntas de rotina para relaxar o assunto.

— Eu sou um contador. Faço na maior parte os impostos.

— Você conhecia bem Marco? Ou Preston? — Cyn perguntou. Nomeando os dois vampiros mortos.

Jeremy sacudiu a cabeça. — Eu conhecia eles, naturalmente. Nos encontramos um punhado de vezes, eu acho, aqui no complexo. Não fazia os seus impostos ou qualquer coisa, se é isso que você está perguntando. Eles faziam os seus próprios. São gênios de computador, você sabe. — Ele deu um meio sorriso. — Eles têm um programa para tudo. — Seu sorriso fugiu. — Ou tinham.

— Ok. — Cyn ainda estava sentada ao lado dele, perto o suficiente para que Raphael sentisse ela puxar o fôlego fortalecedor antes de continuar. Ela não estava mais ansiosa para ouvir os detalhes deste escândalo do que Jeremy estava para contá-los, mas ela faria o que precisava ser feito. Ele pousou a mão levemente em suas costas, oferecendo o seu apoio.

— Eu preciso que você me diga o que aconteceu durante o ataque, Jeremy. Vou pedir que você não deixe nada de fora, não importa o quão feio, não importa o quão doloroso. Eu vou tentar não interrompê-lo com perguntas, vou salvá-las para mais tarde. Somente tome seu tempo.

Jeremy olhou de Cyn para Raphael e novamente, em seguida, acenou com a cabeça e começou a falar.

No momento em que a história havia sido contada na íntegra, Jeremy estava com a voz embargada por ter sido forçado a lembrar-se de sua companheira em agonia e a ira dos vampiros de Raphael era uma maré, afiada e amarga com a emoção na sala. Ele examinou-os lentamente, partilhando a sua indignação, mas atento, também, ao potencial para o desastre. A raiva seria útil uma vez que começasse a caça às suas presas, mas isso não iria acontecer hoje à noite. Ele estava ciente de Duncan ao lado dele, hiperalerta e vigilante como o próprio Raphael. Do outro lado da sala, Juro encontrou o seu olhar em silêncio, mudando ligeiramente de posição para bloquear as portas fechadas.

E, sentada ao lado dele, as lágrimas transbordando de seus olhos enquanto ela ouvia a história, as mãos com os punhos cerrados em uma raiva frustrada, estava a sua Cyn.

— Eu reconheceria suas vozes. — Jeremy estava dizendo, sua voz um sussurro agora. — Mas não vi nenhum de seus rostos. Mantiveram-se com máscaras de esqui pretas todo o tempo e quando eu acordei, finalmente, eles tinham ido embora. Quando eu a vi... Estava quase louco de dor. A única coisa que me manteve são foi a necessidade de buscar ajuda para ela. Eu sabia que ela estava viva, mal, mas viva. Colin estava tentando ajudar quando eu... — Cyn endireitou-se bruscamente.

— Colin? — ela repetiu. — Quem é Colin?

Jeremy piscou. — Ele é mais ou menos...

— Colin Murphy. — Loren disse. — Ele é uma espécie de polícia em Cooper's Rest.

Cyn fez uma careta. — Uma espécie? Como pode alguém ser uma espécie de polícia? Eu pensei que vocês estavam sob a jurisdição do xerife do condado.

— Estamos. — O chefe de segurança concordou relutantemente. — Mas nós estamos a uma longa distância até a estação mais próxima do xerife. Eles não estão ansiosos para conduzir todo o caminho até aqui, e, francamente, nós não estamos ansiosos por chamá-los. E não é só a gente. — Acrescentou, indicando seus companheiros vampiros. — Os habitantes humanos aqui tendem a ser solitários em sua maior parte. Há provavelmente mais do que alguns poucos sobrevivencialistas entre eles, embora nem todos admitam. Colin Murphy é um ex SEAL da Marinha. Ele ficou mais de 10 anos lá, então decidiu sair enquanto ainda tinha alguns ossos intactos. As histórias que ele conta...

Loren balançou a cabeça em admiração, antes de olhar em volta e limpar sua garganta. — Ou seja, ele é um cara habilidoso. Conhece armas, artes marciais, táticas, e um monte de outras coisas que eu tenho certeza que ele não pode falar. Ele veio para cá com um amigo quando saiu, um cara chamado Garry McWaters. McWaters tinha crescido aqui, mas não ficou muito tempo, sua família

ou estava morta ou tinha se afastado, e ele não suportava mais o clima. Mas por alguma razão, Colin ficou. Ele é um cara bom. Cuida das chamadas inoportunas, checa as senhoras de idade, afasta os bêbados para fora da cidade, esse tipo de coisa. Se alguém suspeitasse que algo de ruim estava acontecendo com Jeremy naquele dia, Colin seria chamado.

Cyn voltou sua atenção para Jeremy. — Portanto, este era o Colin que estava lá quando você acordou?

Jeremy assentiu. — Acho que ele estava chamando uma ambulância ou alguma coisa. Ele tinha o seu telefone, e eu sabia, no fundo, que ele estava tentando ajudar, mas... Eu meio que o ameacei de qualquer maneira. — Ele desviou o olhar constrangido, ainda jovem o suficiente para estar envergonhado com o que via como uma perda de controle.

— Sua companheira estava sob ataque. — Assegurou-lhe Raphael. — Você estava lá por horas, sabendo o que estava acontecendo, e incapaz de vir em seu auxílio. E então você acordou para encontrar um humano com as mãos sobre ela. — Ele balançou a cabeça ligeiramente. — Este Colin Murphy tem sorte de estar vivo. Não sei se eu poderia ter demonstrado tal restrição.

Jeremy estava cheio de prazer no louvor de Raphael, em seguida, respirou e continuou mais forte. — Colin recuou tão logo ele me viu. Eu peguei e trouxe Mariane aqui.

— Eu deveria falar com ele. — Cyn disse, voltando-se para Raphael.

Era mais uma indicação do que uma sugestão, mas Raphael hesitou.

— Preciso saber o que ele encontrou quando chegou lá, Raphael. — Acrescentou ela em voz baixa e urgente. — É possível que ele tenha chegado logo depois que os atacantes partiram. Ele pode ter visto algo mais, algo que Jeremy não percebeu porque ele estava tão concentrado em Mariane. Além disso, se ele é a lei na cidade, pode ser útil tê-lo à bordo com a nossa investigação. Se nada mais, ele conhece as pessoas, o que dá à nossa própria caça aprovação das autoridades locais, por escassas que sejam.

Loren estava assistindo Raphael, à espera de sua decisão.

— Organize uma reunião para amanhã à noite. — Raphael disse a ele.

— Vou tratar disso. — disse Loren imediatamente.

Raphael levantou-se e todos se levantaram com ele. — Obrigado, Jeremy. Eu sei que isso foi doloroso. Volte para sua companheira, agora. Ela precisa de você.

Jeremy se inclinou brevemente. — Obrigado, senhor. — O vampiro estava visivelmente esgotado. Mesmo com a ajuda de Raphael, o esgotamento da força de Jeremy seria grave, a sua companheira constantemente precisando de cuidado. Ele parou por alguns segundos, tempo suficiente para se firmar antes de caminhar lentamente para fora do quarto.

Raphael deslizou o seu olhar sobre os vampiros restantes. — Uma indignação foi perpetrada em nós, e não vamos aceitar. Não... Ninguém toca o que é meu e fica com vida. Preparem tudo, senhores. Amanhã, vamos caçar.

# Capítulo 6

***Vancouver, Columbia Britânica***

**Fiel à palavra de Larissa, a casa já estava quente no momento em que** Sophia fez seu caminho através do jardim. Dado o tamanho da mansão de Lucien, ela estava certa de que havia uma abundância de quartos de hóspedes em seu porão. Mas ela preferia a privacidade daqueles antigos chalés, e este em particular. Apesar de ser espaçoso o bastante para ser confortável, era, no entanto, a menor das três casas para hóspedes e o mais longe do prédio principal. Mas também era o mais seguro. Como todos os outros, as janelas eram somente para mostrar, completamente bloqueadas por persianas de metal seladas do lado de dentro. Só isso deixava o chalé seguro o suficiente para a maioria dos vampiros. Mas este chalé em particular também possuía um porão, acessado através de uma porta escondida embaixo do piso do generoso closet. Há décadas atrás, Lucien havia mostrado-o para ela, da última vez que ela havia visitado-o em Vancouver.

Sophia abriu sua mala e começou a pendurar as poucas roupas que ela havia trazido consigo, atrasando o inevitável momento quando ela teria que abrir o envelope de Lucien. Ela segurou uma blusa amassada de seda, perguntando se

valia a pena lavar e passar a coisa, quando houve uma batida na porta do chalé. Ela ouviu cuidadosamente primeiro, e então esticou seus sentidos vampíricos. Era um humano, provavelmente um dos servos com o sangue dela.

Ela abaixou a blusa e cruzou o cômodo, verificando antes de abrir a porta, que não havia ninguém além do humano esperando do outro lado. A luz baixa do chalé lançava uma iluminação amarela quadrada no homem que estava de pé na estreita varanda. Ele era mais alto do que ela - a maioria dos homens era agora - apesar de que este aqui não era tão mais alto. Ela julgou que ele devesse estar lá pelos vinte anos, bonito, magro e com cara de menino da maneira que ela gostava que os seus homens fossem hoje em dia. Sua aparência com cabelos escuros e olhos castanhos a lembrava dos jovens adoráveis que eram tão comuns nos cafés e clubes noturnos que ela frequentava no Rio de Janeiro. Ela o olhou apreciadoramente, de cima a baixo, franzindo as sobrancelhas quando ela viu que as mãos dele estavam vazias. Talvez esta não fosse sua entrega de sangue, no final das contas.

— Senhora. — ele sussurrou, aqueles grandes olhos permanecendo brevemente em seu rosto antes de cair submisso.

Sophia mal conseguiu esconder sua careta de desgosto. Ela havia se esquecido da preferência de Lucien por escravos de sangue, o que significava que ele raramente possuía sangue ensacado. Não que os escravos não fossem doadores dispostos... Lucien não mantinha nenhum outro tipo. E ela não era contra tomar sangue da veia. Bem ao contrário. Todos os seus jovens no Rio estavam bem cientes do que ela era e mais do que dispostos a passar uma noite, ou mais, com ela. Era uma coisa rara que ela ainda recorresse ao sangue ensacado.

Mas nenhum de seus amantes eram escravos de sangue, também, aqueles homens e mulheres que existiam unicamente para serem usados por seus mestres vampiros, humanos que ansiavam pela liberação sexual que tal ato provinha. Era um vício tão poderoso quanto as drogas vendidas nos becos escuros por todo o mundo. E como qualquer vício, poderia ser usado como uma

arma contra o usuário, forçando-os a cometerem atos inomináveis, e aguentar tratamentos horrendos que muito frequentemente cruzavam a linha da tortura.

Os escravos de Lucien estavam bem cuidados, no entanto. Ela tinha que ver isso pelo menos. Abuso nunca era tolerado, não nesta casa. Mesmo assim, seus escravos eram tão... Pateticamente ansiosos. Com uma ênfase no patético.

Ela suspirou. Era muito tarde para arrumar algo menos pessoal, então ou era esse adorável jovem ou ela teria que esperar até amanhã à noite. Ela suspeitava que amanhã seria até pior do que hoje porque a única coisa que ela sabia, não haveria nada bom naquele envelope elegante do Lucien.

Ela deu um passo para trás. — Entre, *gato*.

O escravo era certamente habilidoso. Sophia se perguntou se Lucien talvez houvesse treinado este ele mesmo. O seu Senhor era bem hedonista no que concerniam seus amantes, escolhendo homens e mulheres igualmente. E sempre os bonitos.

Aurélio - provavelmente não era o nome real dele, mas um escolhido para agradá-la - gemeu suavemente enquanto ela o puxava para longe de seu seio nu, empunhando o cabelo escuro dele e puxando preguiçosamente. Ele virou a cabeça obedientemente, mostrando seu pescoço em uma linha fina e esticada de pele dourada. Não havia tempo para uma verdadeira sedução, mas ela havia brincado com ele um pouco, deixando-o ansioso por seu prazer, aumentando a antecipação. Ela podia não manter escravos de sangue próprios, mas ela os entendia, entendia a necessidade deles de *merecerem* suas recompensas. Um tipo estranho de recompensa para ela, mas, como os franceses diziam, *chacun ses gouts*[1]. Apesar de que ela tinha quase certeza que nem mesmo o mais esotérico dos franceses[2] estava pensando realmente em sangue.

O lindo Aurélio resmungou quando ela o provocou, virando-o até que ele estava debaixo dela, lambendo uma longa linha pelo seu pescoço e respirando contra ele suavemente, sorrindo quando a pele se arrepiou. Ele gemeu, um som

[1] *Para todos os gostos.*
[2] Do original 'Gourmand', que é uma palavra francesa referente a uma pessoa que gosta de boa comida.

gutural de puro prazer enquanto o seu já duro pênis se endurecia ainda mais contra sua coxa. Sophia bebeu profundamente, saboreando a primeira onda de sangue quente na garganta dela, sentindo enquanto ele se espalhava por todo seu corpo, a reposição de tecidos desidratados pelo longo vôo e o estresse de tudo o que havia acontecido desde então. Ela estava repentinamente contente que Lucien havia mantido o seu estábulo de escravos de sangue. Ela precisava disso; nenhum sangue ensacado poderia ter alimentado-a tão completamente.

Mais um longo gole e ela começou a parar, cuidadosamente tomando apenas o que ela precisava, somente o que o jovem humano podia aguentar. Mais alguns goles delicados, saboreando o buquê de seu sangue, sem marcas de álcool ou drogas, e ela retirou suas presas lentamente, pausando para mordiscar divertidamente sua carne antes de lamber sua pele até limpá-la e fechar os pequenos ferimentos.

Sophia fechou seus olhos, saciada e pronta para descansar, a jornada longa já estava alcançando-a por fim. Mas havia o Aurélio para cuidar. Ele estava deitado perfeitamente parado embaixo dela, tomando cuidado para não procurar sua própria conclusão, mas ela podia sentir o seu coração batendo, podia ouvir o vibrar aquecido de seu sangue, enquanto ele seguia em uma única direção. Na direção do sempre crescente eixo entre as pernas dele.

Sophia deixou seu olhar vagar ao longo de seu corpo lustroso pelo suor, sempre disposta a admirar uma linda forma masculina. Ela trilhou sua mão lentamente sobre a curva de suas clavículas, planos sem pêlos de seu peito sólido até que encontrou a linha do cabelo sedoso indo direto para a sua virilha. Ela ronronou baixinho em aprovação, quando seus dedos se fecharam em torno de sua tensa ereção, sentindo-o estremecer embaixo dela enquanto ele tentava lutar para permanecer imóvel.

Ela o acariciou lentamente primeiro, admirando sua disciplina, admirando até mesmo este ótimo pedaço de carne em suas mãos. Tão duro quanto mármore, era suave igual seda e elegantemente moldado. Longo e grosso com uma cabeça bem formada, a cicatriz estreita de sua circuncisão tão requintadamente sensível

que ele estremecia toda vez que ela o tocava, o que ela fez novamente, saboreando o seu gemido de súplica, implorando sem palavras para liberá-lo.

— Ssshh, Aurelito, — ela se abaixou para murmurar em seu ouvido. — Você está pronto para gozar para mim?

Suas pálpebras tremeram, seu pênis saltando em sua mão.

— Sim, por favor, senhora. — ele sussurrou.

Sophia aumentou o seu aperto nele, pressionando e liberando enquanto ela brincava com seus dedos em cima da pele quente e dourada.

— Então, goze para mim, *gato*. Goze agora.

Os olhos de Aurélio se abriram, girando para a parte de trás de seu crânio até que apenas a parte branca de seus olhos estava visível, grunhindo em sua garganta enquanto ele empurrava incontrolavelmente contra sua mão, seu orgasmo há muito atrasado jorrando entre seus dedos, em suas coxas e até em sua barriga até ele ficar exausto.

Sophia permaneceu imóvel, dando a ele tempo para se recuperar, deixando seu coração e sua respiração se normalizar para algo que se aproximava da normalidade. Ela esperou o maior tempo possível, mas o sol estava bem próximo agora e ela queria estar embaixo do solo antes que ele chegasse.

— Aurélio. — ela disse suavemente.

Seus olhos se abriram, as bochechas queimando vermelhas de vergonha. — Me perdoe, minha senhora — ele disse imediatamente. — Eu não quis...

— Fique calmo. Você me serviu bem.

— Obrigado, minha senhora. — ele disse fervorosamente. Ele pegou as calças largas de linho que ele estava usando que estavam na porta e limpou-se rapidamente antes de levantar e puxar a roupa agora grudenta e apertar o fecho do cordão.

Sophia observou seu traseiro durinho apreciativamente enquanto ele fazia isso, desejando que ela tivesse mais tempo para brincar esta noite.

Mas não era para ser.

Ela ficou de pé, descalça, mas ainda totalmente vestida, exceto pela sua camiseta, que estava entreaberta, seus seios à mostra, seus mamilos vermelhos e duros depois da dedicada atenção de Aurélio. O escravo de sangue lançou olhares furtivos para ela, mas Sophia não fez movimento para se cobrir. Ela tinha prazer no conhecimento do apelo do seu corpo para os homens, sejam eles vampiros ou humanos.

— Obrigada, Aurélio. — ela disse, abrindo a porta para o jardim. — Eu estou muito satisfeita.

— Obrigado, senhora. Foi uma honra.

Sophia o assistiu se apressar pela noite fria, tremendo em simpatia pelas poucas roupas que ele vestia. Talvez uma pessoa se acostumasse a estas temperaturas se vivesse aqui tempo o suficiente. Fechando a porta rapidamente, ela trancou e passou o cadeado, e então se virou e encarou o envelope de Lucien onde ele estava, em uma charmosa escrivaninha antiga. Ela pegou a carta, levando-a consigo enquanto ela se apressava até o closet e sua entrada secreta. Descendo os degraus íngremes, ela fechou e trancou a porta atrás dela, e então se afundou no colchão grosso que servia como uma cama nos quartos apertados.

Com as pernas cruzadas embaixo dela, ela deslizou uma unha vermelha embaixo do selo e o abriu, retirando uma única folha de papel. Uma fotografia caiu no chão e ela se abaixou para pegá-la, franzindo as sobrancelhas para as três pessoas fotografadas lá. Dois homens e uma mulher. Nenhum deles ela conhecia.

Deixando a fotografia de lado, ela desdobrou o pedaço de papel pesado de linho escrito e encontrou-o coberto pela escrita do Lucien. O coração de Sophia afundou-se enquanto ela começava a ler.

# Capítulo 7

**Raphael suspirou quando a porta do cofre se fechou atrás dele e ele** ouviu quando Cyn trancou-o com uma série de batidas suaves.

Este quarto estava abaixo do solo, acessado por um elevador privado e reservado para seu uso exclusivo ao visitar o complexo de Seattle. Todos os vampiros daqui dormiam durante o dia no subsolo, seguros em um cofre como este, de última geração, que, uma vez fechado, podia ser aberto apenas a partir do interior, com exceção de Raphael ou o líder do ninho ou chefe de segurança.

Dentro do grande cofre, cada vampiro tinha um quarto de dormir privado. O quarto privado de Raphael estava em uma ala separada, mais espaçoso e melhor equipado, mas não era mais ou menos seguro do que o dos outros vampiros no complexo.

Cyn jogou sua jaqueta de couro sobre uma cadeira, tirou o coldre e fez a revista de sua Glock antes de chegar perto o suficiente para inclinar-se para ele e envolver seus braços em volta de sua cintura.

— Eu sinto muito por Marco e Preston. — disse ela. — Eles estavam com você há muito tempo.

Raphael circulou os ombros delgados e puxou-a contra o peito, tendo o conforto de sua presença. — Estou feliz por você estar aqui. — admitiu.

— Eu disse a você. — brincou ela com delicadeza. — Além disso, depois da última viagem de vocês ao Novo México, eu jurei que nunca deixaria você me largar para trás novamente. Eu estive miserável durante todo o tempo que você não estava.

Raphael sorriu em seu cabelo cheiroso e deixou-se distrair da noite horrível. — Esteve? — perguntou ele.

Ela espetou-lhe ao lado. — Como se você também não estivesse. Além disso, quem vai tomar conta de você se eu não estiver aqui?

— Duncan? Juro, talvez?

— Não seja obtuso.

— Obtuso. Suponho que é melhor do que o seu epíteto de costume.

— Qual seria esse?

Raphael bufou com desdém. — Dificilmente vou fornecer munição para minha própria execução.

— Não seja um bebê.

— Hmmm. — ele murmurou, deslizando as mãos para baixo sobre as costas até a bunda dela. — Não é o que eu tinha em mente, não.

Cyn apertou-se mais perto, levantando-se nos dedos dos pés para alcançar sua boca. — Quanto tempo antes do nascer do sol?

— Mais de uma hora, Cyn meu doce.

— Nós vamos ter que nos apressar então.

Raphael riu e isso soube bem. Pegou-a em seus braços, cruzou o quarto em poucos passos até cama e colocou-a em sua vasta extensão.

— Roupas, *lubimaya*. — disse ele. — Fora.

— Você é um romântico. — ela murmurou quando chutou as botas, então se deitou na cama para desabotoar as calças e descê-las sob sua doce bunda e para baixo das pernas de uma maneira que fazia seu pau crescer pesado contra suas coxas. Ele rasgou sua própria roupa, jogando-a para um lado enquanto observava Cyn puxar o suéter sobre sua cabeça, deixando-a com nada além de um sutiã diáfano que provocava mais do que cobria e o seu correspondente de renda entre as pernas.

Raphael olhou para aquele pedaço de renda e rosnou, com isso ele arrancou o que restava da sua própria roupa, foi até a cama e puxou-a para mais perto, até que os quadris estivessem próximos o bastante da borda.

— Fora. — ele repetiu com um rosnado. Ele arrebentou os dois laços finos de cetim que seguravam o triângulo de renda no lugar e jogou-o sobre seu ombro. Ele pegou o sutiã, mas Cyn já estava lá, liberando seus belos seios enquanto ele espalhava as pernas dela ao redor dos seus quadris e deslizou as mãos sob a bunda, segurando-a aberta para ele.

— Raphael. — disse ela sem fôlego.

Sentindo sua excitação, ele mergulhou em sua bainha apertada, sem aviso, empurrando-se tão profundo como ele poderia ir.

Ela estava pronta para ele, como ele sabia que estaria, e ela cantarolou com o prazer enquanto sua penetração a abria em torno de seu pênis, seus músculos lutando contra a sua espessura.

Ela estremeceu com o desejo crescendo mais úmido, e quente, aquecendo o seu pau, acolhendo-o para casa.

Ele queria fodê-la, bater o seu pau mais e mais no calor humano do seu corpo até que ele esquecesse de tudo exceto o simples prazer sensual de seu corpo delicioso pulsando em torno dele. Até que ele fosse revestido por seus sucos cremosos quando ela gritasse seu nome.

Ela olhou para cima, seus olhos verdes estreitos e com faíscas de desejo, nunca deixando seu olhar enquanto ela deliberadamente começava a acariciar

seus próprios seios, erguendo-os provocadoramente, apertando e soltando. Ela pegou um mamilo entre o polegar e os dedos, rolando até que estava duro e cheio, e então se mudou para o outro mamilo. Ela levantou os dedos à boca e lambeu-os cuidadosamente, até que brilhavam com humidade. Raphael assistiu, seu pau latejante quando ele começou a mover-se lentamente, dentro e fora de seu corpo sedoso.

Cyn piscou lentamente, esfregando os dedos molhados sobre os seios, arrastando para baixo a extensão plana da barriga para deslizar entre as dobras de seu sexo. Segurando-se aberta, ela começou a circular o clitóris, sua respiração acelerada enquanto ele empurrava mais forte, mais rápido, seus braços esticados e rígidos em cada lado dela, para que ele pudesse vê-la brincar consigo mesma, ver inchar a pérola sensível com o desejo, ficando ruborizada com sangue enquanto respondia ansiosamente à estimulação de seus dedos.

Cyn estremeceu e puxou fôlego de seus pulmões, se inclinou para trás, olhos fechados, o rosto brilhando de suor, enquanto ela lutava com o seu orgasmo.

— Venha para mim, Cyn meu doce. Deixe-me sentir você tremer ao redor do meu pau.

Ela deu um pequeno gemido, tremendo enquanto sussurrava... — Raphael.

Ele se esticou para frente e tomou o peito em sua boca, sugando duro, deixando seus dentes raspar junto à carne macia e lambendo a pequena gota de sangue. A respiração de Cyn ficou rápida e superficial, os dedos enroscados em seus cabelos agora, segurando-o perto, incentivando-o a conceder ao outro mamilo o mesmo tratamento. Ele o fez de bom grado girou a língua sobre o mamilo intumescido e chupou duro, mordendo apenas o suficiente para liberar o gosto suculento de sangue dela.

— Oh, Deus, Deus. Raphael, por favor.

— Por favor o que, minha doce Cyn? — ele murmurou, deixando os peitos e entrando ainda mais fundo dentro de seu corpo, sentindo-a ficar ainda mais quente e molhada com cada novo impulso.

Seus olhos abriram, as unhas raspando suas costas, enquanto ela quase gritou sua demanda. — Raphael!

Ele mordeu o mamilo, provocando um soluço fresco de prazer quando ele lambeu seu caminho entre os seus seios e sobre a clavícula, fechando os dentes sobre os tendões tensos de seu ombro antes de subir para esfregar os lábios sobre a pulsação da sua jugular. Ele respirou fundo, sentindo o delicioso aroma de seu sangue, o aroma irresistível de sua excitação.

Cyn gemeu, apertando os braços ao redor de seus ombros, esmagando o peito dele contra os montículos rígidos de seus mamilos, a plenitude dos seus seios pesados. Seus quadris se movendo ao mesmo tempo que os dele, empurrando contra ele, os músculos de seu estômago apertados com seu interior convulsionando, enviando tremores e ondulando ao longo de seu pênis dentro dela.

Ele lambeu seu pescoço uma última vez, soprando sobre a pele molhada, sentindo o arrepio.

— Eu te amo, minha Cyn. — ele sussurrou contra sua carne aquecida.

Quando ele cravou os dentes em sua jugular, seu corpo arqueou abaixo dele, o orgasmo atingindo-a fortemente e levando-a ao êxtase. Ela suspirou seu nome, sua respiração roubada, lágrimas escorrendo pelo seu rosto com o prazer sobrecarregado e fazendo-a convulsionar impotente no clímax.

Raphael deixou o doce fluir de seu sangue encher a boca e rolar pela garganta dele como mel quente, endurecendo seu pau até que ele gemeu com a necessidade de vir. Ele jogou a cabeça para trás e rugiu quando encontrou o seu próprio orgasmo, bombeando profundamente no corpo trêmulo da sua companheira, sentindo as suas pernas apertar em volta dele, segurando-o, acariciando-o, esvaziando-o.

# Capítulo 8

**As palavras de Lucien ainda estavam com Sophia quando ela acordou na** noite seguinte, pesando sobre o seu peito. Ela jogou de lado os muitos cobertores, de repente, sentindo-se sufocada em vez de aquecida com a sua presença. Um pequeno esforço de sua vontade e as velas se acenderam, iluminando a pequena masmorra sombria onde ela passou o dia.

Dobrou a carta cuidadosamente, tocando a única lágrima rosa que manchava um canto, a evidência do arrependimento de Lucien. Em seguida, deslizando a folha de papel de volta para dentro do envelope, pegou a fotografia de três vampiros que nunca tinha conhecido e que agora nunca conheceria. Todos os três estavam mortos, destruídos por ódio humano e pela loucura de Lucien. Mas agora sua estupidez tinha afetado outros. Outros que eram perigosos e que ele esperava que ela aplacasse de alguma forma... e então? Salvaria o traseiro inútil dele enquanto ele se escondia em segurança? Típico de Lucien, ela pensou com raiva. Nunca pensando em ninguém além de si mesmo - seu prazer, a sua curiosidade, sua sexualidade condenável.

Afastando os restos de suas próprias lágrimas - não por Lucien, mas pelos vampiros inocentes que ele havia entregado à morte - Sophia se levantou, tremendo quando o ar frio bateu em seus seios nus. Ela teve um flashback

momentâneo do encantador Aurelio, com seu corpo longo e elegante, e então o afastou. Ela podia desfrutar de seus interlúdios sensuais, mas era no coração uma mulher de disciplina e propósito. Outra coisa sobre a qual ela e seu Senhor sempre discordaram.

Dando os poucos passos para a porta armadilhada, ela fez uma pausa longa o suficiente para se certificar que o quarto acima dela estava vazio antes de empurrar a porta e subir para o chalé acima.

Uma rápida olhada assegurou-lhe que nada havia mudado em sua ausência, que ninguém tinha estado ali, enquanto dormia indefesa sob seus pés. Ela estremeceu novamente, com um tipo totalmente diferente de frio, odiando as circunstâncias que a forçaram a estar aqui, odiando Lucien por sua persistente autoindulgência que um dia iria matá-lo.

Ela se dirigiu para o escritório, pegou o telefone à moda antiga e esperou que alguém respondesse. Não demorou muito.

— Minha senhora? — Uma voz suave do sexo masculino respondeu.

— Eu preciso falar com Larissa.

— Devo mandá-la, minha senhora, ou…

— O telefone servirá.

— Só um momento.

Passaram dez segundos antes de ouvir a voz delicada de Larissa. — Senhora Sophia, em que posso servi-la?

— Eu preciso entrar em contato com o escritório do Senhor Raphael, Larissa. Você tem um número?

— Claro, minha senhora. Você deseja falar com ele pessoalmente, ou devo…

— Não. — Sophia interrompeu rapidamente. — Alguém de sua equipe será suficiente. Eu só preciso de algumas informações deles. — Possivelmente, a *última* pessoa com quem ela queria falar diretamente neste ponto era Raphael. A

notícia que ela tinha para oferecer era ruim. Muito ruim. Era muito melhor falar com quem estava dirigindo o seu ninho em Seattle nestes dias.

— Talvez seu tenente, Duncan, então? — Larissa solicitou.

Duncan, Sophia pensou melancolicamente. Ela nunca tinha conhecido nem o lorde vampiro nem o seu tenente, mas Duncan tinha a fama de ser tão poderoso como qualquer membro do Conselho Vampiro, excetuando-se à apenas o próprio Raphael. Ela bufou baixinho. Apenas Raphael poderia prender um vampiro tão forte quanto Duncan como seu número dois.

— Minha senhora? — Larissa perguntou.

— Quem está responsável por atender ao telefone provavelmente será suficiente, Larissa. Obrigado.

Sophia desligou o telefone e esperou, voltando seu olhar mais uma vez para a fotografia. Era uma fotografia casual, tirada com uma câmera pessoal. Os três estavam sentados juntos, a mulher no meio com os braços dos homens entrelaçados em torno dela em gesto de afeto fácil. A mulher estava sorrindo, sua cabeça inclinada contra o ombro de um homem, a mão descansando na coxa do outro. Mas havia desconfiança em seus olhos enquanto ela olhava para a câmera, uma desconfiança que dizia a Sophia que esta mulher era provavelmente uma vampira antiga, habituada a viver nas sombras e não muito confortável com a foto. Os homens não tinham tais reservas, suas expressões eram felizes e sorridentes, uma noite passada entre amigos.

O coração de Sophia apertou. Se foram. Todos se foram. Qual seria a sua idade, quantos anos andaram na terra e o que haviam testemunhado nesses anos?

— Maldito seja, Lucien. — ela sussurrou novamente. O telefone tocou e ela agarrou-o, querendo acabar logo com isso.

— Sophia. — uma refinada voz masculina disse. — Eu sou Duncan. Como podemos ajudar?

Sophia congelou. Duncan? Por que tinha que ser o formidável tenente de Raphael a atender a sua chamada? Ela não era ninguém.

Poderosa, sim, mas ninguém sabia sobre ela. Ela nunca tinha ido a uma reunião do Conselho, nunca tinha sido vista do lado de Lucien fora do Canadá, e isso foi há décadas atrás.

Então, por que Duncan atendeu ao telefone quando ela ligou inesperadamente?

Talvez porque Raphael já suspeitava do que Lucien tinha feito, e agora Sophia ia ser a única a sofrer por isso.

# Capítulo 9

***Norte de Seattle, Washington***

**Raphael acordou, preenchido com uma intenção fria e mortal. Ontem** tinha sido para o luto. Esta noite era para a vingança. Cyn se agitou ligeiramente ao lado dele, e ele olhou para onde ela ainda dormia, enrolada contra ele. Seu braço apertou sobre o quadril dela. Ele a esgotou na última noite. Mais corretamente, eles tinham se esgotado mutuamente no remédio antigo quando confrontados com o rosto da morte. Uma reafirmação de vida, mesmo que sua união nunca fosse produzir mais do que alegria mútua.

Se inclinou e a beijou suavemente para acordá-la. Seus olhos se abriram, um sorriso iluminando suas profundezas verdes mesmo que sua expressão estivesse firmada com propósito.

— Temos trabalho a fazer. — Ela disse.

Raphael sorriu maldosamente. Eles combinavam, ele e sua companheira.

— Nós temos. — disse ele. — O chuveiro é grande o suficiente para os dois.

Cyn sentou-se, correndo os dedos pelos cabelos emaranhados, fazendo com que seus seios ficassem expostos ansiosomente. Ele deu um baixo rosnado de apreciação. Os olhos dela brilharam, quando ela encontrou seu olhar que estava preenchido com o calor.

— Sempre fui uma grande adepta da multitarefa. — Ela sussurrou.

***

Raphael encontrou Wei Chen e Loren esperando por ele no andar de cima, conversando profundamente com Duncan e Juro. Duncan atravessou a sala, assim que Raphael e Cyn entraram.

— Meu senhor. Cynthia. — disse ele em saudação. — Recebemos um pedido incomum há poucos momentos. A chamada foi encaminhada de Malibu, e eu não acredito que o interlocutor soubesse que você está aqui em Seattle.

Raphael deu-lhe um olhar indagador.

— Um dos filhos de Lucien, Sophia... — A voz de Duncan sumiu e ele balançou a cabeça. — Seu nome formal é bastante longo, um daqueles títulos aristocráticos reveladores da linhagem da antiga Espanha. Eu não sei se você já a conheceu antes, senhor. Eu não a conheço.

Raphael franziu a testa, pensativo, voltando sua mente através dos milhares de vampiros que ele conheceu durante sua longa vida, alguns apenas brevemente, outros com quem ele passou décadas ou mais. Sacudiu a cabeça. — Eu não cruzei com Lucien muitas vezes, somente em nossas reuniões anuais do Conselho. Mas seu tenente é do sexo masculino, de modo que Sophia não detém posição formal com ele, que eu saiba. O que ela quer?

— Ela pediu permissão para entrar em seu território a partir de Vancouver. Na verdade, para viajar aqui para Seattle com privilégios de convidada no complexo.

Duncan voltou-se e acenou para Juro.

— Eu não gosto disso. — Cyn disse, sem rodeios, quando Juro se juntou a eles.

Todos os três vampiros olharam para ela com o rosto cuidadosamente branco.

— Oh, acabem com a coisa de vampiros inescrutáveis. Alguém está matando vampiros e, agora, de repente, esta garota se mostra do nada e quer aparecer para uma visita? Você não pensa que isso é um pouco suspeito?

— Mais do que um pouco, eu diria. — Duncan concordou. — Mas saber o que ela quer poderia ser útil. Ela afirma estar em uma missão para Lucien, de modo que talvez eles tenham problemas semelhantes no Canadá.

— Quando ela gostaria de chegar? — Raphael perguntou.

— Esta noite, meu senhor. Ela já está na fronteira. Se conceder permissão, ela está preparada para atravessar imediatamente, o que parece ter uma certa urgência por parte dela.

Cyn se agitou infeliz, mas Raphael disse: — Que ela venha, Duncan. Juro, mande duas das nossas pessoas para encontrá-la com transporte. Quero ela aqui o mais rápido possível, mas ela entra sozinha, nos meus termos, ou não entra. Eu vou garantir sua segurança e a de ninguém mais.

Juro assentiu. — A equipe ficou a postos tão logo ela ligou, meu senhor, para poupar tempo no caso de você conceder-lhe passagem. Vou avisá-los de sua permissão e organizar um encontro com Sophia. — Ele pegou seu telefone celular e já estava discando um número quando ele se afastou.

— Quanto tempo antes dela chegar? — Raphael perguntou.

— Eu acho que uma hora ou duas, meu senhor. Se Sophia atravessar a fronteira e encontrar a nossa equipe... — Ele encolheu os ombros. — Apenas as estradas de montanha vão atrasá-los um pouco.

Raphael considerou isto. Vampiros tinham reflexos superiores e visão noturna muito melhor do que os seres humanos. As estradas não iriam atrasá-los muito.

— Muito bem. Quando ela chegar, vou falar com ela...

Cyn falou imediatamente. — Raphael, e se...

Ele ergueu a mão para parar a objeção previsível. — Nós vamos tomar todas as precauções necessárias, minha Cyn.

Ela corou, mas seus olhos estavam cheios de rebelião, quando encontraram os dele. — Existe café em algum lugar, Duncan? — ela perguntou, sem se preocupar em esconder a sua irritação.

Duncan olhou para Raphael antes de dizer: — Há uma sala de jantar do outro lado. Wei Chen abriga um turno inteiro de guardas diurnos no complexo, e há um ou dois companheiros de vampiros que vivem aqui também.

— Obrigado. — disse a Duncan, em seguida, mudou sua atenção para Raphael. — Desde que eu não estou sendo necessária aqui, vou pegar alguma cafeína. E então eu gostaria de fazer a Wei Chen e a outros algumas perguntas... Se está tudo bem para você, *meu senhor*. — Acrescentou sarcasticamente. E com isso, ela girou nos calcanhares e saiu.

Raphael a assistiu ir, apreciando o balanço de seus quadris, mesmo ela estando irritada com ele. Ele se voltou para Duncan com um toque irônico em sua boca. — Acho que ela se preocupa ainda mais do que você, Duncan.

Duncan sorriu. — Impossível, meu senhor. — Ele comentou acrescentando. — Ela te ama profundamente.

— Ela quer me *proteger*.

— Falando nisso, se você se encontrar com Sophia...

Raphael piscou lentamente e deu ao seu tenente um olhar paciente.

— Ah, isto é, *quando* você se encontrar com ela, meu senhor, acredito que deva permitir a mim e a Juro cumprimentá-la primeiro. Eu gostaria de um melhor sentido do seu propósito, antes de admiti-la para o edifício pelo menos, e certamente antes que ela seja permitida em sua presença.

— Você é tão ruim quanto Cyn.

— Sem dúvida. E um pouco pelas mesmas razões.

Raphael arqueou uma sobrancelha para ele.

— Eu disse um *pouco*. — Duncan disse secamente.

Raphael deu um sorriso rápido, ficando sério quase que imediatamente depois.

— Muito bem. — Raphael ouviu os passos de Cyn e olhou por cima do ombro para vê-la indo para os seus aposentos particulares. — Eu acho que vou ter uma conversa com minha companheira.

Cyn estava saindo da casa de banho grande quando Raphael entrou na sua suíte. Ela tinha uma toalha em suas mãos e seu rosto ainda estava úmido. Ela não disse nada, apenas jogou a toalha sobre a cama, em seguida, caminhou até a mesa lateral e começou a colocar seu coldre de ombro, suas costas para ele mais uma vez.

Raphael atravessou o quarto em silêncio, tendo um prazer egoísta ao ouvir o seu suspiro de surpresa quando a mão dele tirou a arma da sua mão antes que ela pudesse deslizá-la no coldre. Deslizando a arma sobre a mesa e fora do seu alcance, ele a girou para encará-lo. Não que ela fosse intimidada por sua demonstração de força. O olhar que ela lhe deu praticamente o desafiava a tentar alguma coisa.

— Minha doce, doce Cyn. — disse ele sedosamente. Sentiu-a ficar perfeitamente imóvel, viu seus olhos se incendiarem em alarme quando ela reconheceu o perigo fervendo sob a sua voz calma. A teimosia fugiu, substituída

por uma vigilância cautelosa. Ele rosnou suave e baixo em seu peito. — Você está com raiva porque eu valorizo muito a sua vida para me esconder atrás de você? Você é humana, minha Cyn, e eu sou um Vampiro. Qual de nós você acha que tem mais probabilidade de sobreviver a um ataque pelos meus inimigos?

— Bem, muito obrigada. Não vou mais incomodar você com meus inúteis esforços humanos em seu nome.

Raphael a apertou, puxando-a para mais perto. — Eu não *preciso* de você para me proteger. — Ele insistiu, a apenas alguns centímetros de distância do rosto dela. — Eu tenho centenas de vampiros especificamente treinados para fazer isso. Você *sabe* disso.

— E quanto a todos os outros? — ela retrucou de volta, levantando as suas mãos entre eles e empurrando ineficazmente em seu peito. — Os *milhares* de vampiros que dependem de você por suas vidas, os milhares que vão *morrer* se alguma coisa acontecer com você. E quanto a *mim*? Como eu poderia viver sem você? — Sua voz ficou embargada de emoção enquanto ela fechou um punho e socou seu ombro. — Você é insubstituível, maldito!

Ele olhou para ela, afrouxando o seu aperto até que conseguiu passar mãos suaves para cima e para baixo em seus braços. — E você acha que não é? — ele perguntou, sua impaciência substituída pela descrença atordoada. — Você acha que eu poderia continuar se algo acontecesse com você? Acha que eu iria *querer*?

Cyn desviou o olhar, o constrangimento manchando suas bochechas adoráveis.

— Doce Cyn. — Ele murmurou, puxando-a em seus braços. — *Lubimaya.* — ele sussurrou contra seu cabelo perfumado. — Eu preferiria morrer ao seu lado do que viver sem você.

— Eu também. — ela sussurrou, lágrimas enchendo sua voz.

— Então não há mais nada a fazer. Nós *dois* temos que viver, minha Cyn.

Ele colocou um dedo sob o queixo dela e levantou o rosto para ele, beijando-a longamente e devagar, saboreando o delicioso, quente gosto de sua boca,

demorando-se a enrolar a língua em torno da dela até que ela suavizou contra ele, com os braços serpenteando sob sua jaqueta e em torno de suas costas.

— Eu te amo, minha Cyn. — disse ele, rompendo com o beijo e segurando-a perto. — E preciso de você sempre. Nunca duvide disso.

— Igualmente, cara com presas. — Ela murmurou contra seu peito.

Raphael riu. — Coloque a sua arma, então. Nós vamos ter uma visitante a questionar em breve.

— Sophia não pode estar aqui já. — Ela correu de volta para o banheiro, verificando seu rosto no espelho e salpicando-se com água fria para apagar os sinais de lágrimas.

Ele a seguiu, encostando-se ao batente da porta e observando-a no espelho.

— Não, mas a equipe de Juro não vai demorar muito. Vampiros dirigem rápido. Enquanto esperamos, eu quero esclarecer algumas coisas com Wei Chen, e há os relatórios da equipe de Juro sobre às duas cenas de crime. Eles foram lá na primeira noite e garantiram as casas.

Ela cruzou para a mesa e colocou a arma no coldre de ombro, vestindo seu casaco, escondendo a arma da inspeção casual. Um vampiro não precisava ver a arma, claro. Apenas o aroma trairia sua presença. Cyn sabia disso, mas ela tinha levado a sua arma desse modo por anos, ela lhe disse, e não via nenhuma razão para mudar. Ela olhou por cima do ombro, encontrando seu olhar com olhos cheios de expectativa.

— Assim, encontramos essa garota do Canadá, e depois podemos começar a perseguir esses caras, certo?

— Tão ansiosa, *lubimaya*. Eu aprovo.

Ela soltou um bufo de desconsideração e ele agarrou-a, girando-a e reivindicando a sua boca com um beijo duro. Em seguida, ele levantou a cabeça e disse: — Em breve, minha Cyn, muito em breve caçaremos.

# Capítulo 10

**Sophia observava o lugar em Seattle enquanto o grande portão se** fechava atrás dela, quase silencioso apesar de seu peso. Ela estava relutantemente impressionada pela segurança dos vampiros do Oeste, pela minúcia cuidadosa dos dois que foram designados para acompanhá-la, pelo olhar observador dos guardas enquanto ela atravessava o portão e entrava no lugar apropriado. Lucien não tinha nada assim em seu território, nem em seu próprio lar, que ela tinha achado alarmantemente desprotegido. Claro, isso deve ser porque o próprio Lucien não estava em casa. Com certeza, se o senhor deles estivesse presente, seus guardas estariam mais alertas? Por outro lado, se eles estivessem fazendo seu trabalho adequadamente, ele não teria desaparecido em primeiro lugar.

Contudo, tendo lido sua carta, agora parecia mais provável que ele estivesse se escondendo, e não desaparecido.

O caminhão - e independentemente do que seus fabricantes o chamassem, esse veículo monstruoso não poderia ser considerado nada menos do que um caminhão - entrou no lugar, avançando mais pelas árvores enquanto elas rodeavam o caminho curvo e se dirigiam a uma estrutura elegante de concreto e aço. Havia um surpreendente zumbido de poder saindo do prédio, e Sophia

imaginou quantos vampiros estavam lá dentro. Devia ser uma quantidade considerável para produzir um sinal tão forte de poder.

O caminhão parou e ela continuou parada, esperando por algum tipo de sinal de seu acompanhante. O grande vampiro asiático dirigindo não disse uma única palavra durante a viagem inteira, então ela olhou para o outro, um homem negro cujo sotaque caribenho fluía alegremente em seus ouvidos. Ela podia ouvi-lo murmurando de seu lugar na frente e percebeu que ele estava usando um dispositivo de comunicação no pulso do tipo usado pelos seguranças de alto nível em todo o mundo. *Ainda mais impressionante*, ela pensou. Se eles tinham tanta precaução com uma visita ao complexo local, imagine como seria uma visita com o próprio Raphael.

Dois vampiros surgiram do prédio e desceram as escadas, claramente mostrando o caminho a ela. Entre o gesso claro do interior do prédio e a generosa paisagem iluminada, ela pôde ver seus rostos claramente e à primeira vista não reconheceu nenhum dos dois. Mas não foi surpresa. Vampiros tendem a não se misturar, e especialmente não cruzar limites territoriais. Larissa fez um arquivo em Seattle que continha algumas fotos, mas, além disso, Sophia tinha poucas informações de quem ia encontrar aqui. Darren, que atendeu por anos reuniões com Lucien seria capaz de descrever os membros do Conselho, e talvez seus tenentes vampiros, mas Sophia não esperava encontrar-se com nenhum deles em Seattle, então não se preocupou em perguntar a ele.

Ela estudou os dois homens enquanto eles se aproximavam do veículo. O primeiro combinava estranhamente com seu enorme motorista. Ele era no mínimo um irmão, se não fosse gêmeo, o que era fascinante - ela não achava que já tinha visto algo parecido. O outro vampiro de Seattle era um homem bonito, alto e bem feito, com um longo cabelo loiro amarrado atrás num puro rabo de cavalo. Ele disse alguma coisa ao gêmeo, que andou até o caminhão e abriu a porta.

— Saia, por favor — o gigante disse com uma voz profunda e murmurante que combinava perfeitamente com sua estatura impressionante.

Sophia girou seus pés pela porta aberta e foi em frente. O homem estendeu uma grande pata, oferecendo ajuda, e ela aceitou gratamente, percebendo enquanto ela fazia isso o profundo zumbido de poder sob sua pele. Não era uma demonstração intencional da parte dele. Se ele quisesse testá-la, ele teria sido muito mais descarado com isso. Esse era simplesmente o poder que vivia dentro dele, e era considerável. Sophia sabia que ele estava recebendo um traço similar do poder dela, que era justamente tão firme quanto. Todos eles estavam sendo cuidadosamente muito educados esta noite.

Ela alcançou o chão e soltou a mão, olhando de canto de olho enquanto o vampiro loiro se aproximava.

— Sophia — ele disse com uma voz calma, inflexiva. — Bem vinda a Seattle. Eu sou Duncan.

Sophia congelou e lutou para não demonstrar isso. Esse era Duncan? Quando ela tinha conversado com ele mais cedo, ela tinha imaginado que ele estivesse em Malibu. Mas, é claro, sua ligação poderia ter sido direcionada para qualquer lugar. Claramente, *tinha* sido direcionada para aqui em Seattle. Mas se Duncan estava em Seattle...

De repente tudo fez um terrível sentido. A segurança, o sinal impossivelmente forte de poder. Ciente de ter olhos castanhos a observando de perto, Sophia forçou a dar um passo para frente, a aceitar a mão que Duncan estava oferecendo. A maioria dos vampiros mais velhos não davam as mãos, especialmente aqueles que evitavam contato humano. Sophia não era uma dessas. Sua vida no Rio foi recheada de mais humanos do que vampiros.

— O inestimável Duncan — ela percebeu. Ela balançou a mão dele firmemente, surpresa que ele, pelo menos, não tinha testado o poder dela com esse aperto de mãos. Mas então, se o que ela tinha ouvido sobre ele era verdade, ele provavelmente não sentia essa necessidade. Mas ao mesmo tempo, ela imaginou o quanto eles descobriram sobre *ela* nesse curto espaço de tempo desde a ligação. Não muito, provavelmente. Ela tinha mantido um perfil baixo intencionalmente na América do Sul, e antes disso ela tinha sido mais uma das parceiras de jogo de Lucien, sem valer nenhuma percepção.

Duncan sorriu levemente.

— Só Duncan basta. E este é o Juro. — ele acrescentou, indicando o grande vampiro do lado dele. — O que te traz a Seattle, Sophia?

Bem, ela pensou, pelo menos eles não desperdiçaram tempo com conversinha.

— Como nós discutimos no telefone, estou aqui como agente de meu Sire. — ela disse suavemente. Era quase verdade, e, além do mais, ela tinha mais do que poder suficiente para esconder seus pensamentos. — Estou procurando alguém, um vampiro que está desaparecido. A trilha me trouxe aqui, onde espero ter permissão segura para continuar minha busca e um seguro refúgio durante isso.

Duncan a considerou firmemente, sem demonstrar seus pensamentos. — Por quem você procura?

Sophia encontrou seu olhar frio com uma expressão calma apesar da elevada consciência que ela tinha do prédio atrás dele, e muito mais importante, de quem ela agora sabia estar *dentro* do prédio. Ela emitiu um leve fio de interrogação e o retirou quase dolorosamente, pela profundidade crua e inimaginável de poder que só podia ser de Raphael. Um arrepio de pavor percorreu sua espinha e ela se preparou de coragem. Ela não podia se dar ao luxo de mostrar fraqueza. Não mais, não com Raphael aqui em Seattle e seu próprio Criador misteriosamente desaparecido. Será possível que Raphael tivesse algo a ver com o desaparecimento de Lucien? Ou, *meu Deus*, seu Criador poderia ser prisioneiro de Raphael? Talvez aqui nesse lugar mesmo?

Duncan estava olhando para ela pacientemente, parecendo estar com vontade de estar na umidade fria da noite do Nordeste Pacífico pelo tempo necessário para ter uma resposta à sua pergunta. Ela congelou e tomou um grande fôlego.

— Estou procurando por Lucien. — ela disse afinal, sabendo que de outra forma ela nunca conseguiria passar pela porta. — Tenho razões para acreditar que ele está por perto. Até pensei que ele pudesse ter visitado aqui, mas agora penso diferente.

*Ele está aqui? Você sabe onde ele está?* Ela conteve as perguntas que estava desesperada para fazer.

Duncan levantou uma sobrancelha interrogativamente, a maior reação que ela tinha o visto fazer até agora. Ele ficou parado e ela soube que ele estava conversando mentalmente com alguém lá dentro. Raphael, provavelmente. Ele não aceitaria comandos de outra pessoa.

Ele então sorriu para ela, só uma leve curva em seus lábios enquanto ele virava e gesticulava com uma mão em direção ao prédio calorosamente iluminado.

— Meu Sire irá falar com você.

Sem ver outra alternativa, Sophia subiu a escadaria de concreto em direção à porta da frente, irritada pela dificuldade dos degraus, tão compridos e tão baixos, de forma que ela se sentia como uma criança crescida correndo pelos degraus de um gigante. Mas mesmo enquanto ela engolia sua irritação, ela reconhecia isso pelo que era - uma distração do medo se juntando em sua barriga, algo que ela não sentia há mais tempo do que lembrava. Não desde as precoces noites sozinha, depois de Lucien tê-la tirado do ninho e forçado ela a encontrar uma casa sozinha.

Duncan andava do lado dela, com Juro um pouco à frente. Nenhum dos dois disse nada, mas Duncan pelo menos parecia amigável de algum jeito reservado. Não terrivelmente prestativo, mas também não hostil. Mais curioso que qualquer coisa, ela pensou.

Juro empurrou a pesada porta de vidro e entrou primeiro. Duncan segurou a porta e a manteve aberta para ela, com uma leve reverência. Ela reconheceu a cortesia com um sorriso, meneando a cabeça enquanto passava pela porta. Contudo, toda essa cortesia não evitou que ela percebesse as pesadas venezianas de aço sobre sua cabeça. Venezianas que sem dúvidas eram fechadas todo dia antes do nascer do sol e provavelmente poderiam ser fechadas com o toque de um botão, se necessário. Bem além das portas principais havia uma “grande sala”. Salas como essas eram usadas para várias coisas em casas modernas, mas essa

era uma sala de estar grande e casual, com um par de grandes sofás, um de frente para o outro, com uma pequena mesa de café entre eles. Um par de cadeiras combinando estavam nos cantos, formando uma área de sentar quadrada, com um enorme tapete enquadrando tudo. O teto era alto, dois andares no mínimo, com janelas na longínqua parede que quase encontravam a linha do teto. E assim como na porta, venezianas automáticas cobriam cada janela. Esse prédio havia sido construído por vampiros. A porta era a única vulnerabilidade real e no momento em que algum intruso a alcançasse, as venezianas já estariam fechadas e isso, também, seria bastante inviolável.

No meio da grande sala, Duncan apressou o passo, saindo da frente dela e indo direto para altas portas de madeira. Ao mesmo tempo, Juro desacelerou para ladeá-la, enquanto seu gêmeo e o jamaicano iam por trás, a conduzindo atrás de Duncan enquanto ele abria as portas e desaparecia dentro do cômodo.

Juro diminuiu o ritmo ainda mais, olhando uma vez para seu gêmeo antes de parar na frente das portas abertas e indicar com um aceno de sua mão larga que ela deveria entrar antes dele.

Sophia encontrou seu olhar plano, então jogou seu longo cabelo sobre o ombro e entrou na toca do leão.

Ela deu dois passos para dentro da sala, seu olhar varrendo tudo de um canto a outro, tomando notas de um pequeno grupo de vampiros. O líder do ninho de Seattle, Wei Chen, estava lá. Ele era um dos que ela reconheceu de uma foto que a eficiente Larissa havia incluído em seu arquivo. Havia outros três, nenhum que ela conhecesse, mas todos eles, incluindo Wei Chen estavam a observando de perto, o poder deles cozinhando logo abaixo do ponto de desafio, prontos para defender seu Sire. Deixando seu olhar viajar mais longe, ela viu Duncan cruzando um lado da sala, em direção a um grande barranco de vidro sobre o vale abaixo. Enquanto ela entrava, ele se virou para tomar uma posição ao lado do vampiro que só podia ser Raphael.

Sophia não pôde evitar. Ela tomou fôlego, seu olhar ficou fascinado pelo grande vampiro sentado no lugar de honra. Por que ninguém a avisou de sua presença *absoluta*? Ele chegava a vibrar com poder. Distorcia o ar em sua volta e

zumbia dolorosamente em suas terminações nervosas enquanto ela lutava para manter uma aparência tranquila. Ela tinha pensado que seu mestre Lucien era poderoso, e ele era. Mas ele nunca teve poder assim, nunca tentou afiar sua força para nada além do necessário para o governo corrupto em seu território, gastando mais de seu tempo e energia com prazer e jogos fúteis. Sophia perdeu alguns preciosos segundos se arrependendo de sua *própria* bobeira em passar tantos anos dançando nas ruas quentes e úmidas do Rio, em vez de cultivar seu poder. E ela xingou Lucien outra vez por encorajar suas crianças a não fazer nada a não ser jogar durante suas longas vidas.

Raphael, ela soube instantaneamente, não brincava com a vida. Ele era o poder em sua forma mais real, poder estimulado ao limite mais fino e sem conhecer um igual.

Mas enquanto a parte vampira dela tomava nota de seu poder - e a mantinha calmamente contida para evitar até mesmo um sussurro de ofensa - a mulher que ela ainda era tomava nota de sua beleza. Mesmo como humano, ele devia ter sido formidável, bem com seus um metro e oitenta de altura e ombros largos, com cabelo preto curto e olhos negros incomuns. Havia um leve vislumbre de prata em seus olhos, evidência de seu pronto poder. Como se ele precisasse, cercado como estava de seus poderosos filhos.

Sophia estava abruptamente agradecida que ela tinha tomado cuidado com sua aparência. Sabendo que seu suéter colado e sua calça legging preta sobressaltavam suas curvas femininas, e que as botas que iam até o joelho com aqueles saltos adicionavam um atraente comprimento às suas pernas. Ela deslizou o longo casaco atrás dela e fez uma graciosa reverência que tinha aprendido anos atrás com sua babá.

— Lorde Raphael — ela disse, nivelando sua voz deliberadamente a um ronronar baixo e sensual. — Sophia Micaela Angelina de Sandoval y Rojas, em leal serviço ao meu Criador, Lucien Guiscard, Lorde dos Territórios Canadenses — ela olhou para cima, encontrando seu olhar intencionalmente. — Mas, cá entre nós, meu senhor — ela falou. — Sophia é suficiente.

Raphael olhou para ela sem paixão nenhuma, sem dar nenhuma indicação de que ele a considerava nada mais do que incômodo. A mulher humana magra jogada nos ombros dele era outro problema. Ela estudava Sophia com uma aversão não disfarçada, sua mão direita descendo brevemente sob sua curta jaqueta de couro onde... *Meu Deus*, a mulher carregava uma arma! Sophia voltou a olhar para Raphael, que tinha claramente percebido a reação da humana e sem dúvida a castigaria por isso.

Mas em vez disso, o lorde vampiro deslizou a mão pelo braço da cadeira e sobre a perna da mulher em um sinal claro que Sophia não deixou de notar. Tal como não deixou de notar o olhar presunçoso no olhar verde da humana ou seu leve sorriso de vitória. Vadia.

Sophia tirou a atenção da humana, encontrando os olhos de Raphael e deixando-o perceber educada decepção, mesmo enquanto ela baixava a cabeça em respeito.

— Onde está Lucien, Sophia? — Raphael perguntou, sua voz um ronronar de poder aveludado contra sua pele.

Sophia levantou a cabeça, seu olhar encontrando o dele outra vez.

— Meu senhor, eu esperava encontrá-lo aqui.

Ela viu Duncan se mexer levemente, ouviu a respiração dos vampiros atrás dela, e soube com uma certeza fria que seu Criador não estava em Seattle. Ou se estava, nenhum deles sabia sobre isso.

Raphael continuou estudando ela, sua expressão desprovida de alguma emoção. De todos eles, só ele não tinha mostrado reação à sua resposta e à informação expressa - nem um pouquinho, nem surpresa, nem confusão, e sem alarme certamente.

— Lucien não entrou em meu território — ele disse bruscamente, claramente sem dúvidas e sem sentir que precisava elaborar mais.

— Por que você esperava encontrá-lo aqui? — Duncan perguntou de seu lugar à esquerda de Raphael.

Abruptamente ciente de que ainda estava dobrada em uma reverência, Sophia levantou e ficou em sua altura completa e modesta. Ela trocou o olhar de Duncan para Raphael e de volta para Duncan. Quanto ela deveria contar a eles? A carta de Lucien a havia levado até ali, mas ele quis dizer para ela confiar a qualquer um detalhes das mortes de Vancouver?

No geral, os lordes vampiros não compartilhavam informações - ou qualquer outra coisa - com os outros. Eles eram viciosamente territoriais e abertamente hostis, pelo menos na América do Norte. Não era desconhecido algum lorde mais forte que atravessava limites territoriais numa tentativa de aumentar seu próprio poder às custas de outro, e frequentes disputas surgiam, algumas vezes violentas. O território canadense de Lucien era vasto, mas largamente incerto, tanto em termos de pessoas quanto de vampiros, e raramente o objeto das ambições de algum outro lorde. Isso era bom para Lucien desde que, como ele tinha dito a ela várias vezes, ele era um amante e não um lutador. Sophia não sabia de nenhum conflito aberto entre seu Sire e Raphael, ou algum outro lorde da América do Norte, tampouco. Mas então, ela tinha estado longe por tanto tempo, e tinha prestado pouca atenção.

Um pensamento desagradável enviou sinais de náusea girando em seu estômago. Lucien sabia que Raphael estaria aqui quando ele tinha a enviado nesse trabalho de rua? Ou se não sabia, ele ao menos suspeitou? Poderia haver alguma conexão entre as mortes de Vancouver e qualquer negócio que tivesse afastado de Malibu o lorde do oeste e direto para esse lugar de concreto e aço?

Sophia suspirou e virou seu olhar relutante para Raphael, que piscava preguiçosamente, deixando seus cílios caírem devagar sobre o brilho prateado de poder. Ela quase riu. O que ela estava pensando? Ele não precisava *pedir* por informações que ele queria; ele podia abrir a mente dela como uma lata e simplesmente pegá-las.

— Lucien me convocou em casa alguns dias atrás — ela disse amargamente. — Era nosso primeiro contato em anos — ela balançou a cabeça. — Décadas — ela emendou. — Eu estava morando no Brasil. Os lordes de lá são frouxos nas aplicações de suas leis, para dizer o mínimo. Enquanto os vampiros observam

algumas poucas regras básicas, eles não se importam com quem te criou ou quem você chama de mestre.

— Como Lucien te contatou? — Duncan perguntou.

Sophia olhou para Raphael antes de responder, mas o lorde pareceu contente em deixar seu tenente tomar as rédeas.

— Diretamente — ela disse simplesmente. — Ele falou em minha mente assim que eu acordei à noite. Ele não me deu motivos, simplesmente me convocou aqui com uma indicação de urgência.

— Você sabe o porquê?

Sophia balançou a cabeça, deixando um pouco de sua frustração à mostra.

— Não — ela admitiu. — Eu só cheguei de Vancouver ontem à noite. Eu fui direto para seu complexo principal sobre a cidade, com a esperança de encontrá-lo esperando, mas ele não estava lá. E ninguém com quem eu falei sabe onde ele está.

— O que te faz pensar que ele está aqui em Seattle, então?

— Uma carta. Ele me deixou uma carta com detalhes de alguns eventos recentes e muito problemáticos. E então ele me disse para vir aqui.

— Que eventos? — Raphael falou afinal, a pergunta foi como uma chicotada de poder exigindo uma resposta.

Sophia tomou um longo fôlego e continuou. Lucien tinha deixado isso para ela. Ela só tinha seus instintos para seguir, e tais instintos diziam para ser clara com o que sabia. Qualquer outro caminho só levaria a mais mortes.

— Morte, meu senhor — ela disse bruscamente. — Três vampiros em Vancouver foram destruídos. Eu não sei como ou por quem, mas os assassinos podem estar agora em seu território, e... Acredito que Lucien está de alguma forma no centro disso.

# Capítulo 11

**Pensando em seus próprios mortos, Raphael sentiu um renovado surto** de raiva. Próximo a ele, Cyn se mexeu, descansando seus dedos contra a nuca dele.

— Quem morreu? — ele exigiu de Sophia.

Ele a viu piscar em reação à raiva que ele transmitiu e sentiu o poder dela empurrar brevemente. Ela tinha uma força surpreendente para uma criança do Lucien. Talvez foi por isso que fora ela que Lucien chamara quando se meteu em problemas.

— Eu tenho fotografias deles, meu senhor. — ela disse com calma admirável. — E seus nomes, no entanto, eu não os conheço.

— Quem? — Raphael insistiu.

— Giselle. — ela disse suavemente.

Wei Chen resfolegou audivelmente quando ela disse o nome. Sophia atirou a ele um olhar rápido por cima do ombro antes de virar novamente para Raphael. — Juntamente com Damon e Benjamin. — ela disse. — É do meu entendimento que os três viviam juntos e morreram na mesma noite.

— Meu senhor. — Wei Chen começou a dizer, mas Raphael ergueu sua mão pedindo silêncio. Giselle não era um dos dele, mas ele havia conhecido-a. Ela era velha e astuta, mas com pouco poder. E por causa disso, ela havia escolhido viver em Vancouver depois que Lucien e Raphael haviam combinado os limites entre seus dois territórios para a fronteira internacional entre Estados Unidos e Canadá. Ela queria uma vida tranquila e havia confiado no tranquilo Lucien para oferecer isso a ela. Imprudentemente, no final das contas.

— Como você sabe que os três estão mortos? — Raphael perguntou a Sophia.

— Os nomes deles estão na carta do Lucien, juntamente com a fotografia. Eu tenho os dois comigo, meu senhor, se você quiser vê-los.

Raphael fez sinal para Duncan que deu um passo à frente para aceitar o envelope dobrado que Sophia tirou do bolso de seu casaco. Duncan abriu a carta lentamente, tirando a fotografia e estudando-a cuidadosamente antes de entregar tanto a foto quanto a carta para Raphael.

Raphael somente olhou de relance para a fotografia, entregando-a para Cyn quase imediatamente. Ele virou sua atenção para a carta de Lucien. Se ele tinha quaisquer dúvidas antes sobre o que Sophia havia dito a ele, ele não as tinha mais. A escrita era do Lucien, mas mais do que isso, o poder do Lorde Vampiro estava embebido no papel em si, o pesar e a tristeza que ele havia passado enquanto escrevendo a carta era tão vívido quanto a mancha de lágrima caída no fino papel de linho. Mas ao invés de simpatia, Raphael estava revoltado pelas palavras do seu companheiro lorde vampiro.

Lucien e Raphael eram quase da mesma idade, mas o outro vampiro havia se acomodado na América décadas antes da chegada de Raphael no Novo Mundo. Inicialmente, Lucien havia se confinado às províncias do leste do que iria se tornar o Canadá. Quando ele decidiu expandir para o oeste, ele e Raphael facilmente concordaram em uma linha territorial, movendo-a quando eventos o justificavam e os seres humanos expandiam seus assentamentos. Lucien sempre havia sido um pobre protetor de seu povo e um guardião relaxado do seu

território, mas ele havia sido poderoso bastante para se segurar ao território, especialmente dada a falta de quaisquer ofertas públicas de aquisição sérias.

Mas a situação atual era um novo baixo, até mesmo para o Lucien. Seu pessoal tinha sido morto, assassinados enquanto dormiam, e ele havia sumido, deixando nada a não ser o chamado urgente para Sophia e sua carta patética na qual Lucien confessava sua própria cumplicidade em levar os assassinos diretamente na porta da Giselle.

E agora, os animais que haviam assassinado Giselle e seus amantes claramente haviam ido para o sul para dentro do território do Raphael para continuar sua matança. Era coincidência que Lucien havia direcionado Sophia para seguir o encalço deles? Que essa carta conectava os dois conjuntos de assassinatos? Raphael não acredita em coincidências, especialmente não quando estavam envoltas nas palavras de auto-piedade de Lucien.

Mas Raphael não era Lucien. Ele não iria se acovardar e se esconder enquanto o seu pessoal morria. Ele iria encontrar estes assassinos e eliminar as ameaças de uma vez por todas.

E depois disso... Talvez fosse hora de encontrar um novo lorde para os Territórios Canadenses.

Sophia estava parada em silêncio, vendo Raphael ler a carta do Lucien. Ela sabia o quão incriminador era, sabia da sua própria raiva ao lê-la. Ela podia apenas imaginar a raiva do Raphael. Eram os seus vampiros que Lucien havia colocado em risco ao se esconder ao invés de lidar com a tragédia que ele havia criado.

Ela pulou quando Raphael de repente vociferou uma ordem.

— Wei Chen. — ele disse. — Arrume alguém para levar Sophia aos seus dormitórios.

— Mas meu senhor... — O protesto de Sophia morreu em seus lábios quando o poderoso lorde virou seu olhar negro para ela. Ela sentiu sua pulsação se acelerar, sentiu seu próprio poder tentando subir para a superfície enquanto

cada instinto defensivo que ela possuía gritava para seguir adiante de uma vez. Ela reprimiu brutalmente a reação, quase desmaiando com o esforço, mas sabendo que ela estaria morta em questão de segundos se Raphael quisesse. E ele estava de mal humor. Ela não precisava conhecê-lo para ver isso. Sua raiva era como uma entidade separada no cômodo, uma criatura de calor e fúria.

Ela caiu de joelhos, disposta a implorar pelo que ela queria, o que ela precisava... Ser parte da caçada destes assassinos. Porque deveria haver mais deles. Provavelmente um bando inteiro de assassinos. Nenhum humano sozinho conseguiria derrubar três vampiros e enviar Lucien para se esconder. Ela queria ver estes humanos sendo trazidos à justiça - justiça *Vampírica*. Por motivos que ela não podia explicar, importava mais para ela do que qualquer coisa em séculos - com uma exceção, e isso era algo, alguém, que ela nunca se permitia pensar a respeito.

— Lorde Raphael — ela disse, tentando evitar a súplica em sua voz. — Me permita ser parte disso. Essas eram crianças do Lucien que foram assassinadas, e sim, foi parcialmente culpa dele. — ela se apressou a acrescentar. — Mas meu Criador está vivo, meu senhor. Eu *sei* disso.

Sua voz morreu, sua garganta ficando repentinamente seca quando a expressão já fria de Raphael se tornou absolutamente gelada. Sophia sabia que naquele momento as noites remanescentes do Lucien iriam ser contadas em um dedo se Raphael o encontrasse vivo.

Lágrimas quentes pressionaram contra a parte de trás de seus olhos, uma dor dilacerante apertou dolorosamente seu coração. Ela amava Lucien. Apesar de seus muitos defeitos, ele havia dado a ela o maior presente da vida quando a transformou, e eles haviam dividido muitas alegrias juntos. Iria *machucá-la* se ele morresse, mesmo se ele tivesse causado isso sozinho.

Ela inclinou sua cabeça, relutante em deixar Raphael ou qualquer um dos outros testemunhar sua dor. Apertando sua mandíbula e deixando seu pesar de lado, ela ergueu seus olhos para encontrar os dele mais uma vez. — Eu sei que você não *precisa* da minha ajuda, Lorde Raphael, mas eu te imploro que me deixe oferecê-la. Pelo bem do povo do Lucien, que não merece sofrer pelos erros dele.

Raphael apenas a encarou sem expressão nenhuma. — Wei Chen, veja alguém para levar Sophia para seu quarto. — ele disse.

— Sim, meu senhor. — o líder do ninho de Seattle disse atrás dela.

Sophia ficou de pé graciosamente, se virando a tempo de ver um vampiro jovem e esbelto conversando com Wei Chen, que olhou para cima e pegou seu olhar. — Sophia, — disse ele. — Este é Lukas. Ele vai mostrar-lhe o quarto que você vai usar durante a sua estadia.

Sophia assentiu, então ousou se virar para encarar Raphael mais uma vez. — Meu senhor? — ela perguntou. Ele ainda não disse nada, observando-a com uma expressão vazia que não dava pistas do que ele estava pensando. Ela respirou fundo e fez seu caminho na direção de Lukas que esperava, consciente de todos que a assistiam enquanto ela tecia por entre o amontoado de móveis e cruzava o espaço que fazia eco.

Pelo menos ele não havia mandado ela para casa imediatamente. Isso era algo. E se ele tentasse... Ela tinha poder próprio. Bem mais do que ela dava a entender. Não era o bastante para derrubar Raphael, mas era o bastante para desafiar qualquer um que pensasse que podia deixá-la de lado como um cachorrinho rejeitado. Ela *iria* caçar os assassinos. Com ou sem a ajuda de Raphael.

# Capítulo 12

**— Ela está dizendo a verdade. — disse Duncan uma vez que as portas** haviam se fechado com segurança por trás de sua visitante.

— O que ela sabe disso. — esclareceu Wei Chen, tomando o seu lugar novamente. — Eu tinha o nosso pessoal fazendo alguma pesquisa. Como ela disse, ela está vivendo na América do Sul e Central por quase um século, mais recentemente, no Rio de Janeiro. Para todos os efeitos, ela está sem um mestre, voando sob o radar. Você sabe como eles são relaxados sobre essas coisas lá embaixo.

Raphael sentou-se, satisfeito por deixar seu pessoal conversar.

— Ela voou ontem, meu senhor. — forneceu Juro. — Foi um voo privado, mas a distância exigiu várias paradas e levou algum tempo. Pelo menos parte de sua viagem foi na luz do dia, no entanto, o que dá credibilidade à sua alegação de urgência.

Foi Cyn que fez a pergunta que todos estavam se questionando. — Então, onde está esse cara, Lucien? Está morto?

Todo o pessoal olhou para Raphael esperando a sua resposta. Ele pensou, seus dedos acariciando a perna da Cyn distraidamente.

— Não, ele não está. Lucien nunca foi o mais poderoso entre nós, mas sua força ainda é considerável. Sua morte certamente teria sido detectável a você aqui em Seattle, Wei Chen, e, provavelmente, até mesmo para a maioria de nós, em Malibu. Especialmente se a morte fosse inesperada. Mesmo se ele tivesse sido subjugado por um dos seus próprios em um golpe de Estado haveria pelo menos algumas perdas entre seus filhos e essas mortes seriam definitivamente sentidas por nós. A menos que Lucien tenha um filho que não conhecemos. Alguém forte o suficiente para eliminar o seu Sire e tomar o poder sem uma onda.

Duncan bufou suavemente, circulando ao redor para pegar a cadeira ao lado de Cyn. — Altamente improvável, meu senhor. Lucien sempre escolheu como companheiros seus próprios filhos, não jogadores.

— *Sophia* poderia fazê-lo. — observou Wei Chen. — Ela está escondendo seu poder, mas ele está lá.

— Ela provavelmente poderia. — Duncan concordou pensativo. — Mas ela passou os últimos cem anos seguindo os passos de seus antepassados hedonistas, por isso a sua força permanece na maior parte em potencial. E se ela tivesse eliminado ele, ela dificilmente arriscaria vir para cá em uma pretensão de procurar por ele. Não haveria nenhum ponto. Além disso, ela parece se importar genuinamente com Lucien, o que faz dela uma candidata improvável a tê-lo matado.

— Talvez. — admitiu Wei Chen. — Meu senhor. — continuou ele, voltando-se para Raphael. — Seria possível Lucien mascarar a sua assinatura suficientemente bem para que não pudesse ser encontrado?

Raphael deu de ombros. — Não de mim. Ele não está dentro do meu território, mas ele *está* vivo e eu *vou* encontrá-lo.

Cyn moveu-se sem descanso. — Mas encontrá-lo não é a nossa prioridade, pois não? Se ele não está aqui, não tem importância, exceto que agora sabemos que os assassinos começaram lá em cima e viajaram para cá.

— Por quê? — Chen Wei perguntou. — Isso é o que eu gostaria de saber. E como eles decidem quem são seus alvos? Jeremy... — disse ele, voltando-se para

o vampiro sentado calmamente ao lado dele. — *Você* conhecia Giselle, ou os seus companheiros de ninho? Você fez algum trabalho para eles, por acaso?

Jeremy balançou a cabeça imediatamente. — Todos os meus clientes são baseados nos EUA. E eu não fiz qualquer trabalho para Marco ou Preston, de modo que não pode ser o link.

Wei Chen soltou um suspiro de frustração. — Então, por que eles? Como é que chamaram a atenção desses assassinos?

— Eles não o fizeram. — Cyn disse de repente. Ela inclinou-se atentamente. — Estou apostando que os humanos nunca viram nenhum dos seus alvos vampiros antes do dia em que os atingiram.

Os vampiros de Seattle estavam olhando para ela com expressões correspondentes de dúvida. Apesar do que Raphael havia dito mais cedo, eles esperavam que Cyn seria nada mais do que doce. Duncan e Juro sabiam mais e olharam para ela com expressões pensativas, mas Cyn ignorou todos eles.

— Precisamos conversar com o cara local. — ela disse, para si mesma, antes de deslocar o olhar para Loren. — Colin Murphy.

Loren assentiu.

— Achei que não teria tempo hoje à noite. Amanhã ele vai estar aqui uma hora depois do por do sol. Mas por que é tão importante? Certamente somos os mais qualificados para encontrar e destruir essas pessoas. Francamente, a última coisa que precisamos é a interferência de autoridades humanas que só vão ficar no nosso caminho.

— Talvez. — admitiu Cyn com pouca convicção. — Mas considere isto. Sabemos que Lucien traiu a localização do seu povo para os assassinos. Estou disposta a dar-lhe o benefício da dúvida e supor que ele não fez isso sabendo o que iria acontecer com eles. Mas isso significa que quem quer que seja era alguém que ele conhecia e confiava. Provavelmente não os assassinos, mas alguém que trabalha com eles.

— Por que você diz isso? — Loren perguntou.

— Lucien é um lorde vampiro. Mesmo que ele não seja o mais forte da região, ele tem poder suficiente para ler a mente dos seres humanos. Será que ele não sabe se a pessoa com quem ele estava falando o odiava o suficiente para cometer um assassinato?

— Assumindo que ele se preocupou em procurar. — observou Duncan. — Se fosse alguém que confiava, alguém que tinha conhecido há anos... — Ele balançou a cabeça. — Ele pode nunca ter notado uma mudança no comportamento.

— Mas veja, por isso precisamos da colaboração de Colin. Eu não conheço os humanos por aqui. Não sei quem poderia odiar vampiros o suficiente para querer que eles se fossem, ou que tem o estômago e organização para cometer múltiplos assassinatos. Você? — ela perguntou a Loren.

Ele abriu a boca para falar, depois fechou-a e franziu a testa, considerando claramente a questão de Cyn. Ele balançou a cabeça. — Não, eu não sei, e você está certa, eu deveria. Mas se isso começou em Vancouver, pode não haver qualquer outro local envolvido, tampouco.

Cyn encolheu os ombros. — Isso nos traz de volta para como eles sabiam onde Marco e Preston viviam. Jeremy, também, mas especialmente Marco e Preston. Mariane ia à cidade. Qualquer um poderia tê-la seguido até em casa e ela nunca teria conhecimento.

— Essa possibilidade nunca teria ocorrido com ela, e por que deveria? — Jeremy disse, um pouco defensivamente.

— Não deveria. — Cyn concordou. — E ninguém está culpando Mariane. Meu ponto é que teria sido fácil saber onde *você* vive, Jeremy, mas não Marco e Preston. Eles não saíam muito e quando o faziam era principalmente com outros vampiros. E vocês não vivem exatamente nos subúrbios aqui. As casas deles ficam á quilômetros da rodovia. Se você não soubesse onde procurar por elas, nunca saberia que estão lá.

— Mas a maioria de nós vive dentro do complexo agora, mesmo os que viviam sozinhos antes. — objetou Loren. — Como é que alguém sabe quem são os poucos de nós que vivem fora e onde encontrá-los?

— Exatamente. — Cyn disse. — Você tem um banco de dados em algum lugar, endereços, números de telefone, esse tipo de coisa?

— Nós mantemos um banco de dados, é claro. Mas ele não inclui os detalhes da organização de segurança. Não tenho certeza se eu teria sabido se alguém tivesse me perguntado como se pareciam as acomodações privadas de Marco ou Preston.

— Mas ambos viviam nesta área antes de você construir esse complexo, certo?

— Eles viviam, sim. Foi Marco quem sugeriu que nos mudássemos aqui para Cooper's Rest, em primeiro lugar.

Cyn considerou isso, com a boca torcendo enquanto ela mordia o interior de seu lábio inferior. — Quantos vampiros você tem vivendo lá fora? — perguntou ela.

Wei Chen levantou os olhos para Raphael, em consulta silenciosa. Cyn pegou o intercâmbio e fez uma careta, mas Raphael pousou a mão contra a parte inferior das suas costas, esfregando suavemente. Ele acenou dando permissão ao líder do ninho de Seattle.

— Nós temos um total de quarenta e sete vampiros filiados com o que chamamos de ninho de Seattle, embora existam uns poucos que ainda vivem nas proximidades da cidade. A maioria vive aqui nesta propriedade. É mais seguro e, francamente, mais confortável estar em torno de nós. Mantemos menos de 10 residências separadas, incluindo aqueles que ainda vivem na cidade, embora a maioria deles passe pelo menos algum tempo aqui regularmente. Marco e Preston estavam entre aqueles que viviam separados, e eram os que estavam nessa área há mais tempo. Jeremy viveu no ninho de Seattle até que ele se vinculou com Mariane e eles construíram sua própria casa.

— Ela queria um lugar só nosso. — Jeremy confirmou em voz baixa. — Nós compramos aqui para estar perto do novo complexo.

Cyn batia os dedos sem parar na coxa, e Raphael sabia qual seria sua próxima pergunta. Ele também sabia por que ela hesitou em perguntar.

— Quais eram os seus arranjos para dormir durante o dia, Jeremy? — Raphael perguntou por ela.

Jeremy pareceu brevemente surpreso com a pergunta, mas já que veio de seu Sire, ele respondeu com rapidez suficiente. — Um cofre, meu senhor. Como o que temos aqui. Muito menor, é claro, mas tão seguro quanto.

Cyn se inclinou para frente. — Vocês construíram sua casa a partir do zero, então?

— Nós fizemos.

Cyn assentiu um pouco e concordou. — Mas eles não sabiam disso. — disse ela, pensativa. — Eles sabiam onde vocês viviam, mas não sabiam sobre a segurança extra.

— Não. — disse Jeremy amargamente. — Então, eles torturaram Mariane ao invés.

Raphael sentiu Cyn gelar, ouviu a sua ingestão aguda de respiração com a sugestão implícita de que ela estava de alguma forma ignorando o que havia acontecido com Mariane. O que ela certamente não tinha pretendido. Sua Cyn era muitas coisas, mas insensível, especialmente para a dor de outro, ela não era.

— Minha companheira e eu — Raphael disse enfaticamente, — estamos totalmente focados na busca de justiça para aqueles que morreram, e aqueles que sobreviveram, Jeremy. Especialmente Mariane. Os métodos de Cyn podem parecer abruptos para você, mas ela é muito mais habilidosa do que qualquer um de nós em descobrir criminosos humanos deste tipo.

Jeremy após a reprimenda, disse gentilmente. — As minhas desculpas, meu senhor. É difícil pensar direito.

— Eu entendo. Cyn?

Ela recostou-se com força contra a sua mão reconfortante. — Tudo bem. — disse ela em uma respiração profunda. — Sabemos que Lucien deu a localização de Giselle e seu ninho, mas ele não poderia ter revelado onde Marco ou Preston viviam. Ou Jeremy e Mariane, também. Então, quem as deu? Eu conheço vocês, e conheço a segurança de Raphael. Vocês não colocam anúncios nas páginas amarelas e saem anunciando sua presença, exatamente. E ainda, de alguma forma os assassinos não sabiam apenas onde os outros dois viviam, mas onde eles dormiam, porque eu estou supondo que não era em um quarto nas traseiras com persianas fechadas. Marco e Preston sobreviveram um longo tempo. Eles deviam ter algum tipo de refúgio que pensavam que era seguro. Em algum lugar dentro ou perto de suas casas, mas difícil de encontrar, estou certa?

Chen Wei deu a Cyn um olhar desconfortável, claramente não disposto a dar esse tipo de detalhe. Cyn bufou impaciente. — Eles estão mortos, Wei Chen. Todas as providências que tinham não funcionaram.

Ele suspirou. — Você está certa, é claro. Peço desculpas. É uma resposta automática. Marco e Preston cada um tinha um cofre sob sua casa. Não é tão seguro como o que temos aqui, mas certamente seguro o suficiente, nós pensávamos. As entradas eram escondidas e os quartos fortemente reforçados.

— Como os assassinos entraram? — Ela se virou para olhar por cima do ombro para Raphael. — Eu realmente preciso examinar suas casas. Durante o dia, quando eu posso ver o que estou olhando.

Raphael franziu a testa, descontente com a ideia de ela sair sem proteção, enquanto um bando de vigilantes humanos corriam livres, especialmente dado o que eles já tinham feito para Mariane. Mas Cyn não viu sua carranca, ela já tinha se voltado para abordar Loren.

— Quero encontrar-me com Colin Murphy durante o dia, amanhã. Se você me der seu número, eu vou...

— Não.

Cyn girou a cabeça e olhou para Raphael.

— Eu vou encontrar esse humano amanhã à noite e decidir *então* o que vai acontecer.

Sua mandíbula se apertou irritada, mas novamente ele sabia que ela não iria discutir com ele na frente de seus vampiros. Além do que, ela era sagaz o suficiente para saber quando ele não estava concordando, e ele *não* iria mudar sua mente sobre este ponto. Até ele conhecer esse policial local, não ia deixar Cyn sozinha com ele. Na verdade, nem depois de o conhecer ele achava que ia gostar dessa ideia. Se sua companheira sentia a necessidade de buscar alguma parte de sua investigação durante o dia, ele providenciaria um guarda-costas para ir com ela. Um dos seus, alguém que ele confiava totalmente com a própria vida.

Ele se levantou, deslizando sua mão até o ombro de Cyn, então para baixo do braço, ligando os dedos com os dela e puxando-a a seus pés, amaldiçoando as noites de Primavera ainda curtas. — O sol está próximo. Nós vamos nos encontrar novamente amanhã à noite e determinar como proceder. Duncan, traga Maxime aqui em Malibu. Eu quero saber se a nossa segurança foi violada eletronicamente ou não. Wei Chen, eu quero todos os meus vampiros dentro desse complexo até ao próximo nascer do sol.

— Meu senhor. — disse Loren rapidamente. — Enviamos um aviso assim que Marco e Preston foram mortos. A maioria de nosso pessoal já se apresentou, mas alguns têm amantes fora…

— Todo mundo. — afirmou Raphael. — Sem exceções ou eles responderão a mim.

Cyn estava fora do elevador quase antes das portas estarem totalmente abertas, descartando sua jaqueta sobre uma cadeira e se livrando de seu coldre de ombro com movimentos espasmódicos e agitados. Raphael assistiu-a através das pálpebras semicerradas. Ela detestava que lhe dissessem o que fazer. Tinha estado sozinha por muito tempo.

Mesmo quando criança, sua supervisão tinha sido à base de babás contratadas que cuidavam, principalmente, que ela se entretesse para não

incomodá-las. Ele deu de ombros interiormente. Ele não se importava se suas restrições irritassem seu senso de liberdade superdesenvolvido. Ele preferia lidar com sua raiva do que com sua morte. Ela checou sua arma, verificando e deslizando a arma para verificar seu estado, algo que ela nunca deixava de fazer, não importa o quanto estivesse com raiva.

Raphael escapou de suas roupas, tomando o seu tempo para pendurá-las no armário. Estes quartos não eram nada como os de sua propriedade em Malibu, apenas um quarto único e grande, que servia tanto como quarto e sala de estar, com uma banheira de tamanho generoso.

Eram, no entanto, totalmente privados e seguros, que era o que importava. O elevador tinha um bloqueio codificado, que travava automaticamente todas as manhãs, e ninguém tinha o código, exceto Cyn e ele mesmo. E nenhum deles tinha motivo para sair durante o dia enquanto visitava. Uma opinião que ele e Cyn certamente discordariam.

Terminando com sua rotina de armas noturna, Cyn caminhou até o armário e começou a despir-se, ainda evitando-o, não encontrando seus olhos quando ela tirou os sapatos e as roupas, roçando-lhe apenas, inadvertidamente, quando ela se inclinou para pegar sua jaqueta e pendurá-la. O pau de Raphael endureceu com a visão de toda a pele bonita, apertou ainda mais quando ela abriu o fecho frontal e removeu o sutiã, em seguida, inclinou-se para tirar fora o pouco de roupa interior rendada que usava. Não fazendo nenhum esforço para esconder a reação de seu corpo agora nu, ele deixou os olhos vagarem ao longo de suas curvas, parando para admirar seus seios deliciosos com as pontas rosadas já inchadas sob seu olhar. Ele resmungou com fome e olhou para cima para encontrar os seus observando-o, as mãos apoiadas nos quadris finos, olhos faiscando. Ela parecia irresistivelmente sedutora, embora duvidasse que era o efeito que ela estava sentindo agora.

Ele suprimiu o sorriso que tentava curvar seus lábios e encontrou seu olhar, esperando.

— Você confia nela? — ela perguntou de repente.

As sobrancelhas de Raphael subiram em surpresa. — Sophia? — ele verificou.

— Claro, Sophia. — ela retrucou. — Havia alguma outra garota gorda espanhola na sala hoje à noite?

Raphael quase engasgou tentando não rir, e ele tinha o breve pensamento que era uma coisa boa que ela já tinha descarregado sua arma.

— Por que espanhola? — perguntou ele. — Ela voou aqui do Brasil.

— E eu passei um verão em Paris, quando tinha dezoito anos. Não me torna francesa. Ela estava cuspindo todo o tapete quando ela disse essa lista de nomes. Confie em mim, sua primeira língua é o espanhol. — Seus olhos se estreitaram, estudando sua resposta. — E ela com certeza gostou de você.

Raphael deu de ombros para sua afirmação. — Ela é uma mulher atraente habituada a manipular os homens com sua aparência.

— Ela teria caído de joelhos e o chupado na frente de todos, se você tivesse curvado o dedo. — rosnou.

Raphael perdeu o esforço para não rir, capturando-a nos braços antes que ela pudesse explodir. Ele a empurrou contra a parede, prendendo-a lá com o seu maior volume, deixando sua ereção jogar entre as coxas de seda.

— Um exagero, minha Cyn. Você é ciumenta?

— Em seus sonhos, garoto presa.

— Em meus sonhos. — ele sussurrou próximo ao ouvido dela. — Não há ninguém entre as minhas pernas a não ser você, só você, *lubimaya*.

— Jogada inteligente desde que eu sou a única deitada ao seu lado enquanto você dorme.

— É tarde, doce Cyn, ou eu te daria uma demonstração de meus sonhos. — disse ele, fingindo exaustão, apoiando-se fortemente contra ela, manobrando os dois para longe da parede até que caíram sobre a cama. E então, com um

movimento rápido e seguro, ele colocou a mão grande sobre seu quadril e sua bunda abaixo dele, inclinando-se para acariciar seu pescoço macio.

— Eu pensei que você estava cansado. — ela murmurou, enquanto seus dedos encontraram seu caminho sobre a pele macia de sua barriga lisa e empurraram as coxas dela abertas e mergulharam nas dobras de veludo entre elas.

— Acho que peguei um segundo fôlego. — ele brincou.

O coração dela estava batendo forte contra o seu peito, baforadas de hálito quente de ar sainda dela enquanto ela segurava os seus ombros e cavava as unhas em sua carne.

— Raphael. — ela suspirou, erguendo-se contra ele quando ele escorregou um dedo, depois dois, dentro dela.

Ela levantou seus quadris, empurrando contra a mão e abrindo as pernas mais amplamente, incitando-o mais profundo em seu centro, doce e quente, suave como o cetim, encharcada e ansiosa por seu toque, por sua invasão. Ele gemeu, sabendo que não havia, na verdade, muito tempo embora seu pênis estivesse esticado dolorosamente ansioso para enterrar-se no calor vulcânico de seu corpo delicioso.

Cyn gemeu baixinho, querendo mais, esfregando-se contra sua mão, apertando os dedos em seus cabelos e pressionando a boca dele contra o seu pescoço num convite. Raphael pressionou sua língua contra o pulsar suculento da sua jugular, mas não a mordeu, ainda não. Sorrindo para o seu gemido de frustração, ele lambeu o seu caminho para baixo, mergulhando no arco de sua clavícula e ainda mais para baixo até que ele capturou-lhe o mamilo na boca, mordendo suavemente. Ela gritou, enganchando a perna em torno de seu quadril, fodendo contra seus dedos. Sem aviso, ele deslizou um terceiro dedo dentro dela e começou a mergulhar dentro e fora, imitando a ação que seu pau estava com fome para fazer, tendo prazer no calor escorregadio dela, no tremor de seus músculos, os pequenos ruídos famintos que ela estava fazendo como seus

quadris bombeando para cima e para baixo, sua respiração vindo em suspiros quando ela sussurrou seu nome repetidas vezes, numa oração para a liberação.

E ainda esperou, esperou até que ela gritou seu nome, cerrando tão apertado em torno de seus dedos que ele mal conseguia mover sua mão. Ele raspou o dedo levemente em seu clitóris, circundando-o uma vez, duas e uma terceira vez antes de acariciá-la completamente, esfregando de frente e para trás até que seu corpo inteiro estava em espasmos debaixo dele, suas sedosas paredes convulsionando, seus mamilos tão duros que podia senti-los quentes, como pedras lisas contra seu peito. Ela respirou fundo um lamento, o ar preso nos pulmões pela magnitude de seu orgasmo. Ele levantou a cabeça e afundou seus dentes em seu pescoço, o fluxo de sangue quente e doce enchendo sua boca enquanto ela gozou novamente e seu grito de paixão encheu seus ouvidos. Ele segurou-a firmemente, deleitando-se com o gosto e de como ela estremeceu em baixo dele, seus músculos internos tremendo em torno de seus dedos, ele acariciou lhe uma e outra vez, sacudindo seu corpo como se chocado cada vez que seu polegar acariciou seu clitóris inchado.

Quando finalmente ela se deitou flácida, os braços agarrados a ele fracamente, ele retirou suas presas e lambeu a ferida pequena fechando-a.

Fazendo sons de conforto sem palavras, ele tirou os dedos suavemente de dentro das profundezas ainda trêmulas de seu corpo, os sucos de seu orgasmo revestindo os seus dedos e arrastou-os por todo seu abdômen quando ele envolveu uma mão em torno de sua cintura nua e enfiou-a mais na segurança de seus braços.

— Devo-lhe uma chupada. — ela murmurou, já quase dormindo enrolada em seu abraço. Seus braços se fecharam em torno dela, os seios nus pressionados contra o peito dele, o coração dela batendo em um ritmo reconfortante quando ele se aproximou do seu sono diurno.

Quando o brilho do sol iluminou o horizonte, ele sorriu, pensando que seu despertar seguinte seria um doce. Seu último pensamento quando o sol penetrou totalmente no céu da manhã e roubou tanto seu sorriso e sua consciência era

que a noite tinha terminado com muita facilidade. E Cyn não tinha dito uma palavra sobre sua proibição de ir para a cidade sem ele.

Raphael soube quando Cyn saiu da cama que compartilhavam. Ele viu em seus sonhos enquanto ela vestiu-se rapidamente e pegou suas armas antes de se ajoelhar na cama ao lado dele.

Ela se inclinou e tocou seus lábios nos dele em um beijo de despedida. Raphael enfureceu-se com ela, através da sua ligação de companheiro forte o suficiente para seus olhos se arregalaram quando a cólera a atingiu duramente em sua consciência. Por um momento ele pensou ter visto indecisão no rosto dela. Mas então, ela respirou e sussurrou: — Eu vou ficar bem. Prometo.

E ela se foi.

# Capítulo 13

**Colin estava sentado na frente de seu escritório, a cadeira barata de** plástico inclinada para trás em suas pernas, uma aba do telhado de madeira resistente o protegendo de uma garoa que ameaçava se transformar em chuva enquanto ele se se encostava à parede e contemplava a cidade. O escritório não era muito grande. Um único cômodo com uma pequena cela e um isolamento horrível que deixava o cômodo gelado na maioria das vezes. A única exceção era a rara ocasião quando o sol conseguia sair por detrás das nuvens por tempo suficiente para esquentar um pouco o lugar. A maioria dos dias ele nem se incomodava em vir aqui, a menos que ele tivesse um bêbado ou dois presos durante a noite, algo que não acontecia frequentemente. A maior parte dos bêbados que ele recolhia pela cidade tinham mais ou menos amigos sóbrios que ficavam felizes em levar o ofensor em suas mãos ao invés de voltar por causa dele, ou dela, no outro dia.

Mas nesta manhã ele tomou a decisão de mostrar o seu rosto em alguns estabelecimentos salpicados pela cidade. Pessoas tinham ouvido sobre a Mariane. Era inacreditável, na verdade. Quanto menor a cidade mais ativo era o moinho de fofocas, e a Sra. Fremont sem dúvidas havia conseguido preparar a bomba desta história em particular. O celular dele começou a tocar quase sem parar desde o ataque. Alguns estavam preocupados sobre a sua própria segurança ou a

segurança de suas mulheres. Outros só queriam algumas notícias em primeira mão. E ainda tinham outros que tinham entendido errado todos os fatos e estavam ligando para ele quase histéricos com medo de alguma invasão de vampiros.

Não que o último esteja completamente fora de base. Colin não havia perdido o desfile de grandes carros utilitários pretos que haviam passado pela estrada na outra noite com uma limusine confortável entre eles. Eles haviam passado direto por ele em seu caminho para o Jeremy. E, então, esta manhã, havia uma mensagem esperando por ele de Loren. Aparentemente, alguém poderoso havia chegado e queria conhecer quem se passava como lei local. Colin mal podia esperar.

Ele franziu as sobrancelhas, balançando a cadeira contra a parede atrás dele. Ele podia entender a raiva do Jeremy. Infernos, ele dividia esse sentimento, apesar de que ele era inteligente o bastante para saber que não importa o quão nervoso ele possa estar, ele não chegaria perto do que o vampiro estava sentindo. Mas porque um único ataque - mesmo sendo tão horrível assim - iria trazer gente poderosa dessa forma? E como eles tinham conseguido chegar tão rápido, virtualmente no encalço do crime em si?

Sua atenção foi atraída para o final da quadra enquanto um dos utilitários sobre o qual ele acabara de pensar, estacionou na frente do Emma's, a resposta local para as cafeterias de Seattle. Colin deixou a cadeira cair em seus quatro pés e se inclinou para frente, os antebraços descansando em suas coxas enquanto ele estudava a nova chegada. As janelas do utilitário eram todas pretas, então ele não podia ver ninguém lá dentro, mas o sol fraco ainda estava no céu atrás de grossas nuvens, então ele sabia que quem quer que fosse era humano, pelo menos. E com humanos ele podia lidar.

A porta do carro se abriu e Colin ficou de pé. Uma perna revestida de preto surgiu vestindo uma bota com sola grossa de combate. Ele deu meio passo para frente e parou repentinamente quando a perna acabou por ser de uma mulher alta e magra. Fechando a porta do carro atrás dela, ela ficou parada por um

momento observando o Centro de Cooper's Rest. Não era muito, ele admitiu, e ela parecia concordar, se a careta em seu rosto fosse alguma indicação.

Seu olhar caiu onde ele estava parado debaixo da aba do telhado, então se levantou para ler a placa identificando o escritório como a estação de polícia local. Observando-o mais uma vez, ela deu um leve encolher de ombros e seguiu na direção dele.

Colin a viu se aproximar. Ela estava usando roupas que combinavam bastante com a sua própria vestimenta - calças pretas de combate enfiadas em botas atadas para cima, e uma camiseta preta, embora ela usasse a dela consideravelmente melhor do que ele. Seu sorriso de apreciação não durou muito quando ele registrou a existência de um equipamento embaixo de sua jaqueta curta, sua presença era um contraste com seu andar gracioso e o jeito que ela preenchia aquela camiseta. Ele deu um passo à frente quando ela alcançou as escadas na frente dele, esticando toda a sua altura de 1.95, suas mãos agarrando o beiral do telhado antes de caírem para os seus quadris.

Ela sorriu levemente, como se estivesse reconhecendo a amostra de dominância, antes de subir três degraus para ficar no mesmo nível que ele.

— Colin Murphy? — ela perguntou, alta o bastante que ela quase ficasse no nível de olhos dele sem erguer sua cabeça.

Colin inclinou a cabeça. — Ele mesmo, querida. — respondeu, desfrutando um pouco da satisfação quando a boca dela se apertou por causa do apelido.

— *Meu nome.* — ela disse. — É Cynthia Leighton. Cyn, se você preferir.

— Prazer em te conhecer, Srta. Leighton. — ele arrastou, deixando cada grama de sua criação georgiana brincar com as sílabas. Ele descobriu que a maioria do pessoal do norte presumia que qualquer um com um sotaque era meio devagar, e ele não estava acima de usar isso para sua vantagem.

A boca da tal de Leighton se curvou um pouco.

— Não se incomode, Murphy. — ela disse secamente. — Eu tenho amigos no sul. Bons amigos. Além disso, eu sei quem você é.

Colin a olhou de cima a baixo, estreitando seus olhos. Ela provavelmente usava aquele corpo de matar dela da mesma maneira que ele usava seu sotaque, e com um efeito muito melhor também, na verdade. Então quem diabos ela era?

— O que eu posso fazer por você, Leighton? — ele perguntou sem rodeios, seu sotaque ainda presente, mas consideravelmente menor.

— Eu sou uma investigadora particular. Bem particular. Na verdade, eu tenho apenas um único cliente, e ele está dormindo em um complexo não muito longe daqui.

Colin deixou sua surpresa mostrar em seu rosto.

— Você está com os vampiros?

— Estou. E eu tenho certeza que você sabe o motivo pelo qual eu estou aqui.

— Eu sei que um monte de caminhonetes passou pela cidade há duas noites atrás.

— E você estava lá quando Mariane foi atacada.

— Depois. — ele emendou afiadamente. — Na hora que eu cheguei, quem quer que fosse seu atacante já tinha ido.

— Perdão. — ela disse, e pareceu ser sincera. — Eu não quis implicar nada. Wei Chen e Loren ambos atestaram por você e sua honestidade.

— A Mariane está bem? Eu queria ligar para uma ambulância, mas o Jeremy...

— A Mariane está indo bem, dada as circunstâncias. Jeremy ter levado-a para o complexo realmente foi a melhor ação, Senhor Murphy.

— Colin. — ele disse. — Não há necessidade de formalidade entre nós, há?

Ela sorriu, a primeira coisa honesta e não calculada que ela havia feito até agora.

— Deixando as formalidades de lado, então. Estou aqui porque eu preciso ver as cenas do crime - todas as três - à luz do dia.

Colin fez uma careta.

— Cenas do crime?

Ela inclinou a cabeça para ele.

— Eu pensei que nós já tínhamos passado essa fase, Murphy.

Ele balançou a cabeça, intrigado.

— Não, quero dizer, eu entendo que você queira ver a casa do Jeremy. Eu não acho que ele voltou lá desde o acontecido, mas, cenas do crime, no plural?

Ela o estudou atentamente.

— Você não sabe. — ela disse, fazendo disso uma afirmação e não uma pergunta.

— Sabe o quê? — ele retrucou.

— Sobre Marco e Preston.

— Marco? O que tem o Marco?

— Você conhecia ele?

— O *conhecia*? Porque você está falando no pretérito? Algo aconteceu com o Marco?

Ele viu um lampejo de simpatia nos olhos dela.

— Marco está morto. — ela disse baixinho. — E Preston também. Os dois foram assassinados, presumidamente pela mesma pessoa que atacou Mariane na outra noite.

Colin sentiu uma apunhalada de pesar, sua mandíbula ficando tensa enquanto ele a encarava.

— Quando?

— Dois dias antes de Mariane ser atacada. Tanto Marco quanto Preston na mesma noite. Sinto muito. Eu pensei que você sabia.

— Não. — Ele inalou profundamente, desviando do olhar muito perceptivo dela.

— Vocês eram amigos?

— De Marco, não de Preston. Ele tinha cavalos e o meu pai é um treinador lá em Geórgia. Marco encomendou alguns equipamentos de uma loja de aderência há um tempo atrás, e eu o vi carregando as coisas em sua caminhonete. Nós cavalgávamos juntos às vezes. — Ele balançou sua cabeça. — Droga. Você tem certeza que ele está morto?

— Muita. — ela disse, assentindo uma vez. — Não há como se enganar a respeito disso.

— Porra.

— E quanto ao Preston?

— Eu não o conhecia. — ele repetiu. — Marco o mencionou uma vez ou duas, mas só isso.

— Você sabe onde eles viviam?

— Marco, com certeza. Como eu disse, nós cavalgávamos juntos - seus cavalos, eu não tenho nenhum aqui ainda. Espera, o que aconteceu com os cavalos? Ele amava aqueles animais.

— Eles estão sendo cuidados. Foram mandados para um rancho em Wyoming. — ela acrescentou por causa do olhar cético dele. — Vampiros não possuem interesse em sangue ou carne de cavalo.

Colin encolheu os ombros sem se arrepender. — O que eu sei sobre vampiros não preencheria uma única folha, Leighton.

Ela ofereceu a ele um meio sorriso. — O meu conhecimento é de alguma forma mais extensivo. Eu gostaria de ver todas as três cenas de crime. Você pode me levar lá?

— Claro. Eu tenho uma lista lá dentro. Deixe-me olhar o endereço do Preston e nós iremos.

— Uma lista? Lista todo mundo?

— Todo mundo que eu conheço. — ele disse por cima do ombro enquanto caminhava para dentro do pequeno escritório.

— Quem tem acesso a algo assim?

Colin parou e olhou para ela. — Ninguém além de mim, eu acho. Está no computador, um notebook que eu levo para casa comigo toda noite. Por quê?

— Pelo que o Jeremy disse, os dois eram bem abertos a respeito de onde eles viviam. Eles eram novos na área, e Mariane até fazia compras aqui na cidade. Mas Marco e Preston não deveriam ser assim tão fáceis de achar. Se alguém conseguisse a sua lista aí...

— Querida, esta é uma cidade pequena. Todo mundo sabe de tudo. — ele murmurou, sem olhar para ela enquanto ele trazia o arquivo que estava em seu computador.

— Aparentemente não, *bonitão*, já que *você* nem sabia que o Marco e o Preston estavam mortos.

Colin olhou para cima, seus olhos se estreitando com irritação. — Você está certa. — ele finalmente concordou. — E eu sinto muito sobre o *querida*. É um hábito.

— Sim, ok. Trégua. Nós temos peixes maiores para fritar de qualquer forma.

Colin ficou de pé e pegou o seu sobretudo que estava pendurado na cadeira. — Pode apostar. Há algo acontecendo nessa cidade, e eu pretendo descobrir o que é.

Eles pegaram o carro dele e seguiram para a casa do Jeremy primeiro. Era mais próximo da cidade e eles passaram bem ao lado da casa do Colin no caminho, o que significava que ele teve a chance de parar e pegar um pouco mais de armamento.

— Planejando invadir um pequeno país lá, Murphy? — Leighton perguntou, observando a Benelli enquanto ele a colocava no banco traseiro. Ele havia convidado-a para entrar em sua casa, mas ela havia escolhido esperar no carro, murmurando algo sobre 'jogar gasolina no fogo'. Seja lá que infernos isso significasse.

— Eu não sei quanto a você, Leighton — Ele fechou novamente a porta traseira da caminhonete e abriu a porta da frente. — Mas quando eu estou lidando com vampiros, gosto de estar armado até a alma.

— Sem discussão da minha parte. — ela disse facilmente. — Apesar de que a minha escolha pessoal de arma se foca mais na munição do que no sistema de entrega.

Ele ofereceu a ela um olhar confuso enquanto deslizava para o banco do motorista e virava a chave na ignição.

— Eu pensei que você trabalhava com estes caras.

— Eu trabalho.

— Sim, então? — Ele virou rapidamente 180º e seguiu da sua garagem para a rua principal.

Ela deu a ele um sorriso de lado. — Nem todos os vampiros são criados iguais, Murphy. Há diferentes tipos, igual ao resto de nós.

Colin encolheu os ombros e virou na rodovia na direção do Jeremy.

— Faz sentido, eu acho, já que todos *começaram* da mesma forma que o resto de nós, certo?

— Isso é muito esclarecido da sua parte.

— Sim, bem, eu faço o que posso, senhora. — ele disse com um arrastar exagerado.

Ela riu, mas ficou séria quase imediatamente, dedos tamborilando nervosamente na porta ao lado dela.

— Vampiros não fizeram isso, no entanto. — ela disse pensativamente. — Foi de dia, para começar. Você tem ideia de quais dos seus compatriotas podem ser um pouco menos esclarecidos do que você é?

Colin balançou sua cabeça, fazendo uma careta.

— Quando esta coisa com a Mariane aconteceu, eu imaginei que tinha que ter sido alguém de fora. Nós temos várias pessoas de passagem... Turistas, pessoas procurando entrar em comunhão com a natureza, madeireiros. Esta é uma cidade pequena e apenas não dá para engolir que alguém que eu conheço poderia ter feito o que foi feito àquela garotinha. Além disso, julgando pelo que eu vi naquela casa e... Bem, a condição da Mariane, estou bem certo que havia mais do que um deles lá naquele dia. Do meu modo de pensar, isso torna ainda menos provável que se tratasse de moradores locais. Pessoas dos arredores conheciam Mariane e gostavam dela. — Ele diminuiu um pouco a velocidade, fazendo uma virada na garagem de Jeremy. — Mas agora você me diz que Marco e este outro cara foram mortos, isso me deixa curioso em saber o quanto eu conheço realmente as pessoas com as quais convivo.

— Essa é uma área bem selvagem. — Leighton ofereceu. — Poderia haver vários tipos de pessoas esperando na floresta e você nunca saberia.

Ele deu-lhe um olhar penetrante enquanto parava em frente à casa de Jeremy.

— Você sabe de algo que eu não sei?

Ela zombou levemente e lhe deu um sorriso cheio de dentes.

— Provavelmente todos os tipos de coisas. — Ela mostrou as duas mãos para ele e disse: — Eu vou checar a minha arma. Não entre em pânico, ok?

Foi a vez dele de zombar quando ela puxou uma Glock 17 de seu apoio de arma no ombro, verificando a revista e trabalhou a trava antes de assegurá-la de volta embaixo de sua jaqueta.

— Pânico não é uma palavra no meu vocabulário, queri... Leighton. — ele disse com um sorriso cheio de dentes próprio.

— Bom saber. — ela disse, abrindo sua porta. — Isso pode ser útil nos próximos dias.

Dando a volta até o fundo da casa, ele viu que alguém havia colocado tábuas nas janelas quebradas e substituído a porta despedaçada com um substituto improvisado e um pesado cadeado. Leighton produziu uma chave para o cadeado, o que dizia a ele que era provavelmente Jeremy que havia arrumado os reparos temporários, ou pelo menos alguém que se importava com ele e Mariane.

Dentro, ela mal olhou para o cômodo onde Mariane havia sido brutalizada, seguindo para o escritório do Jeremy, onde ela olhou em volta, cuidadosamente examinando o que para os olhos dele era uma destruição maciça deixada para trás. Móveis haviam sido jogados e derrubados, computadores esmagados e papéis espalhados em todo o lugar.

— Você está procurando por algo em particular? — ele perguntou finalmente.

Ela ofereceu a ele um olhar distraído.

— Humm? Não, só olhando. Mais curiosidade do que qualquer outra coisa. — Ela virou as mãos para cima, fazendo careta para a sujeira que estava nelas. — Deixe-me lavar minhas mãos, e então terminei aqui, se você também tiver terminado.

Colin a observou enquanto ela se lavava na pia da cozinha. — Este era o esconderijo diurno do Jeremy, certo?

Ela desligou a água e pegou alguns papéis toalha antes de se virar para ele com um cuidadoso olhar. — O quê?

Ele sorriu sabiamente. — Quem quer que tenha feito isso destruiu a casa. Havia equipamentos que eles podiam conseguir uma boa grana, mas ao invés disso eles destruíram tudo. E Mariane... — Seus lábios se curvaram. — Eu a encontrei, Leighton. Ela não fora somente estuprada; ela foi torturada. Eles queriam algo dela, e eu estou chutando que esse algo era o Jeremy. Eles não o encontraram, apesar dele estar bem próximo para assustar a porra para fora de mim dentro de minutos depois do pôr-do-sol. Agora, ou nós estamos trabalhando juntos, ou não. Eu não estou pedindo mais segredos profundos dos vampiros, mas eu gostaria de saber se eu posso confiar na pessoa com a qual estou trabalhando.

Leighton o encarou por um longo minuto, então respirou fundo e exalou ruidosamente. — Você tem um ponto. — ela disse lentamente. — Então, sim, o lugar de descanso diurno está embaixo daquele piso. Eu acho que os vampiros que colocaram tábuas na casa moveram algumas coisas do lugar para esconder a localização, já que a casa não está realmente segura mais. Mas, na verdade, mesmo sabendo onde era, eu não posso entrar. Que é o motivo pelo qual o Jeremy ainda está vivo.

— E quanto ao Marco? — ele perguntou, enquanto eles trancavam a porta mais uma vez e seguiam para a caminhonete.

— Ele e o Preston construíram suas casas há um tempo, e eu estou apostando que nenhum deles atualizou a segurança.

Colin balançou a cabeça, e então parou, observando o chão ao redor de sua caminhonete.

— Vários veículos passaram por aqui recentemente. Vocês?

Leighton assentiu. — A equipe de segurança do Lorde Raphael esteve aqui antes de ontem, e alguns outros vieram ontem à noite para pegar algumas coisas para o Jeremy. Foram eles também que colocaram as tábuas no lugar. — ela acrescentou, gesticulando na direção da casa.

— *Lorde* Raphael? — ele repetiu, sem se incomodar em esconder o seu ceticismo.

Ela deu um olhar de relance nele.

— É melhor você acreditar. No mundo dos vampiros, ele controla todo o oeste dos EUA, e mais um grande pedaço das montanhas.

— Que inferno isso significa, *controla*? Eu nunca ouvi falar nele. O quão poderoso ele pode ser?

Ela deu de ombros, despreocupada.

— Isso é porque você não é um vampiro. Se você fosse, acredite em mim, você saberia sobre ele, porque, vivendo aqui, ele seria a única coisa entre você e a morte instantânea.

Colin fez uma careta.

— Acredite em mim nisso. Ele é aterrorizantemente poderoso. Mas você pode julgar isso por si mesmo esta noite. Você tem aquela reunião no complexo. Ele estará lá.

— Fantástico. — ele murmurou, enquanto eles subiam novamente na caminhonete.

Nenhum deles disse muita coisa a caminho da casa de Marco. Por sua parte, Colin não estava ansioso em ver o lugar sem Marco lá. Não que eles tivessem sido próximos, não como seus amigos lá de onde ele morava, e com certeza nada como seus companheiros das equipes dos fuzileiros. Mas os dois amavam cavalos - não apenas cavalgá-los, mas simplesmente a beleza do animal. Marco havia ficado tão contente em encontrar alguém com quem ele pudesse conversar, alguém que entendia os pontos bons da criação de cavalos e treinamento da maneira que Colin entendia. Colin pode não ter assumido os negócios de seu pai, mas ele havia sido criado no rancho da família, havia trabalhado nos celeiros quase desde o dia em que ele deu o primeiro passo até que ele foi embora e se juntou à Marinha. Ele havia se alistado parcialmente porque era a última coisa que qualquer um esperaria de um garoto da Geórgia que não havia sido nada a não ser problema através do colegial inteiro. Mas ele também havia feito isso para

escapar da determinação de seu pai de controlar cada aspecto da vida do seu filho mais novo.

Havia sido uma surpresa para Colin descobrir que ele ainda podia desfrutar das conversas sobre negócios de família e ele sentiria falta dessas conversas com o Marco.

— Você disse que uma equipe de segurança estava do lado de fora da casa do Jeremy. — ele disse, quebrando o silêncio. — Eles visitaram a casa de Marco também?

Ela assentiu. — Anteontem, da mesma forma como foi feito com a casa do Jeremy e do Preston.

— Então, por que...

— Eu preciso ver com os meus olhos na luz do dia para que eu possa saber para o que estou olhando.

Colin assentiu. Fazia sentido para ele. Entretanto, para ser honesto, ele ainda não sabia o que dizer sobre Leighton. Ela parecia ser o que ela dizia ser, uma investigadora particular contratada pelos vampiros para investigar estes crimes. Ela não bagunçou toda a sua cena do crime como algum tipo de pretendente à rainha do drama, e ela não acenava sua arma por aí como uma amadora. Nenhuma de suas armas. Ele notou que ela tinha uma peça de reserva na parte de trás de suas costas antes deles deixarem a cidade.

E sua confusão não era apenas porque ela era uma mulher, também. Ele havia servido com várias mulheres no serviço militar, algumas boas, algumas não, iguais aos homens. Mas nenhuma delas parecia uma porra de modelo de passarela ou usava um anel de noivado de diamante que até o seu olhar ignorante sabia que valia mais do que o salário anual da maioria das pessoas. Sem mencionar aparecer e dizer ser uma investigadora particular para os vampiros. Como alguém conseguiu um serviço assim de qualquer forma?

Ele dirigiu pela última esquina até a casa do Marco, ramos de árvore deslizavam pelo capô de sua caminhonete. Marco valorizava sua privacidade. Ele

nunca se incomodava em tornar a sua casa mais apresentável do que era absolutamente necessário.

Colin parou a caminhonete e desligou a chave, encarando o pára-brisa. O lugar já parecia abandonado. O cercado para cavalos estava vazio, as portas abertas nas pequenas baias vazias do celeiro. Até mesmo a casa parecia menor de alguma forma.

— Você tem certeza que os cavalos estão seguros.

— Absolutamente. — ela o assegurou.

Ele respirou fundo e abriu a porta da caminhonete.

— Tudo bem, vamos fazer isso.

Alguns minutos depois, eles estavam no porão da casa do Marco... Um porão que o Colin nem sabia que existia até que a Leighton havia levado-o ali. Todas as vezes que ele havia estado na casa de Marco e nunca havia notado a porta escondida pelo revestimento de madeira na parede. Mas então, por que ele saberia?

Leighton havia passado as mãos nas paredes, ao longo das juntas, como se ela soubesse o que estava procurando. E claramente ela sabia, dado o grunhido de satisfação quando abriu a porta com um estampido para revelar uma escadaria árdua embaixo da casa. Uma corrente de tração havia ligado a luz em cima, mas Leighton havia tirado da mochila duas lâmpadas de halogênio que ela havia jogado na parte de trás de sua caminhonete. Era tão claro como a luz do dia no porão agora, o que tornou o que eles estavam procurando ainda mais uma surpresa.

— Você é um fuzileiro da Marinha? — Leighton perguntou pensativamente.

— Aposentado, mas sim.

Ela olhou de volta para ele. — É isso que torna você um especialista até onde eu sei. O que *você* acha que aconteceu aqui?

Alguém tinha explodido um inferno de um buraco na parede do porão do Marco, isso é que tinha acontecido. Ou não precisamente na parede. O alvo havia sido a porta blindada que agora estava meio de lado, entortada e pendurada em uma única dobradiça inferior, expondo uma pequena sala isolada além dela.

Aparentemente, este era o local que o Marco ficava de dia, e não era nada como eles mostravam nos filmes. Não havia caixão cheio de terra, sem arandelas drapejadas com cera na parede com velas cheias de teias de aranha. Era um quarto moderno, simples e agradável com uma cama Queen-size e uma única mesa de cabeceira com um abajur para leitura. Ou havia sido antes de alguém destruir o lugar. Provavelmente depois de assassinar Marco.

— Murphy? — ela o tirou de seus pensamentos.

— Sim, ok. A porta era pesada o bastante, e possuía dobradiças interiores, mas era velha, e estas paredes... — ele deu um tapa em uma das estruturas despedaçadas. —... São mais velhas do que a terra e estão se quebrando. Havia provavelmente apenas espaço suficiente para empurrar alguns explosivos plásticos - não posso dizer que tipo sem os testes químicos - para dentro das fissuras. Uma explosão controlada, explodir as portas de suas dobradiças e... É isso. — Ele sugou uma respiração pelo nariz e examinou o dano. — Eu estou supondo que Marco estava praticamente indefeso, já que eles vieram atrás dele durante o dia, certo?

— Por aí. E ele vivia sozinho, então não havia ninguém aqui para defendê-lo.

— Maldito desperdício.

— Sim, foi. Quem por aqui tinha o conhecimento de algo assim?

— Muitas pessoas. Mas, sim, para responder à sua pergunta verdadeira. Qualquer um com o meu tipo de treinamento com toda a certeza poderia ter feito isso.

— Algum outro antigo militar além de você vive em Cooper's Rest?

— Não ativo, não mais.

Ela ergueu suas sobrancelhas, questionando.

— O meu camarada cresceu em Coop's. Foi como eu terminei aqui, mas ele foi embora há um tempo. Ele está vivendo em San Diego e fazendo uma grana trabalhando para um contratante particular para o Pentágono. Nós temos uns dois caras mais velhos que estavam no Vietnã naquela época. Eu acho que é possível que eles tivessem habilidade para isso, mas eu tenho bastante certeza que eles eram da infantaria normal. Além do mais, eles são discretos, pelo que eu ouvi, os dois estão mais preocupados em se drogar do que matar alguém. Quem fez isso aqui não estava drogado.

— Não. — ela concordou. — Quem fez isso estava bem focado e sabia exatamente o que estava fazendo.

Ela suspirou, e então verificou seu relógio, que era um modelo caro, mas discreto de relógio esportivo. A luz pegou novamente em seu anel de casamento, e ele tentou sem sucesso imaginar deixar a sua esposa trabalhar para vampiros. Até mesmo enquanto ele pensava nisso, ele sabia que não era uma atitude terrivelmente moderna para se ter. De alguma forma, ele não achou que Leighton ligava muito para o que o marido dela *a deixava* fazer.

— Se não há mais nada que você queira ver aqui... — ela disse, já se movendo em direção da primeira lâmpada de halogênio. — Eu gostaria de ir até a casa do Preston antes de voltarmos para a cidade. — ela apagou a luz sem esperar pela resposta dele, deixando metade do porão nas sombras. A segunda lâmpada rapidamente foi a próxima até que havia apenas o brilho fraco da lâmpada acima, transformando os destroços do esconderijo de Marco em nada mais do que um abismo negro de escuridão além da luz fraca amarela.

Colin deu uma última olhada no lugar onde Marco havia morrido e puxou a corrente acima, deixando mais uma vez o porão na escuridão.

Uma curta viagem os levou até a casa de Preston, que era um pouco mais da mesma coisa. Diferente do lado de fora, não havia cerca para cavalos ou celeiro, mas o porão poderia ter sido o de Marco, até mesmo o método usado para destruir o quase idêntico quarto seguro.

— É como se o mesmo cara tivesse construído os dois lugares. — Colin observou, enquanto eles davam a volta pela parte de trás da caminhonete dele.

— Talvez fosse. — Leighton disse. Ela assistiu enquanto ele abria o porta-malas, e então içava sua bolsa para dentro. — Os dois se mudaram para cá praticamente na mesma época. Eles nunca moraram juntos, da maneira como alguns vampiros fazem, mas eles eram amigos. Então, é bem possível que eles tiveram a mesma construtora fazendo seus quartos diurnos. Provavelmente um vampiro, já que eles não confiariam em um humano com esse tipo de conhecimento. Ou isso ou eles mataram o humano logo que ele terminou.

Colin parou sua mão ainda no porta-malas aberto.

— Você está brincando, certo?

— Claro, se isso faz você se sentir melhor. — Ela deu um passo para trás, para que ele pudesse fechar o porta-malas.

Ele a estudou atentamente, tentando descobrir se ela estava falando sério.

Ela o viu assistindo-a e sorriu.

— Não se preocupe, Murphy. Foi provavelmente um construtor vampiro, de qualquer forma. Venha, eu preciso voltar para a cidade e pegar o meu carro.

Colin andou até o seu lado da caminhonete e deslizou atrás do volante.

— Você vai estar na grande reunião hoje à noite com este cara, Raphael? — ele perguntou enquanto Leighton se acomodava no assento do passageiro e alcançava o seu cinto de segurança.

— Não perderia por nada nesse mundo. — ela disse. — Eu não acho que ele estará muito feliz comigo, no entanto. — Ela travou o cinto. — Ou com você, também.

Colin pausou no ato de virar a chave na ignição para encará-la. *O que diabos isso significa?*

# Capítulo 14

**Raphael acordou com o cheiro de Cyn, quente e fresco por causa do** banho, ainda cheirando a sabonete e água e o leve cheiro do shampoo. Sua pele era macia enquanto ela curvava o corpo em volta do dele, seus seios macios um peso encantador sobre o peito nu dele, e suas pernas acariciando as dele. Ela estava em cima dele, beijando seus olhos fechados, a boca dela persistindo nos lábios dele como um convite.

Ele acariciou com os dedos o cabelo sedoso dela e as costas. Ela se agitou de prazer, se curvando com o toque dele. Sem avisar, ele a segurou mais forte e inverteu as posições, para que ela ficasse sob ele.

Ela sorriu, levantando o olhar para encontrar o dele... E tomou fôlego, congelando até parar com a raiva que ele soube que ela tinha encontrado aqui.

— Você achou que eu não ia saber? — Ele perguntou com uma calma decepcionante.

A expressão dela piscou por uma série de emoções - surpresa, culpa, até derrota brevemente - antes de finalmente se ajustar em sua comum expressão de desafio.

— Eu precisava ver por mim mesma, droga.

Ele se afastou dela e rolou para fora da cama, indo para o chuveiro.

— Onde você está indo? — Ela gritou, seu tom de voz expressando descrença e insulto.

Ele girou na porta do banheiro, seus olhos piscando prateados no cômodo escuro.

— Já te ocorreu que eu tenho bons motivos para o que eu te peço, Cyn? Que talvez eu entenda alguns perigos melhor, que possa haver inimigos que te usariam contra mim?

— Claro, mas...

— Mas. Sempre existe um *mas*, não é? Sempre uma desculpa para fazer o que você quer sem levar em conta o que eu quero.

Ela pulou da cama e andou pelo quarto para confrontá-lo.

— Eu não sou uma de suas vampiras, Raphael. Eu não tenho que seguir suas regras. Além do mais, sou completamente capaz de me defender, e eu não estava sozinha. Aquele cara da polícia local, Colin Murphy, estava comigo.

— Isso deveria me deixar melhor? Saber que minha companheira está passando o dia com outro cara enquanto eu durmo sozinho? Como você diria, fodástico.

— Não seja infantil. Você sabe perfeitamente bem...

— Infantil? Talvez você devesse procurar essa definição — ele deu um passo para dentro do banheiro e fechou a porta, a prendendo com uma dose de seu poder para evitar que ela continuasse com a discussão durante o banho. O corpo dela era muito atraente e ele não estava a fim de ser persuadido esta noite.

Raphael ficou no banho mais tempo que o comum, só para fazê-la esperar. Mesmo pela porta fechada, ele podia ouvi-la murmurando ameaças de morte contra ele o tempo todo. Ele achou isso divertido de um modo geral e retornou o olhar raivoso com um sorriso insosso quando ele finalmente saiu do banheiro. Ele se vestiu enquanto ela tomava banho e estava dando um nó na gravata quando

ela finalmente saiu, envolta numa toalha modestamente grande, como se ela não estivesse nua na cama com ele há menos de uma hora atrás.

— Essa toalha fica bem em você — ele comentou.

Ela mostrou o dedo para ele sobre o ombro e ele riu.

— Idiota — ela sibilou.

Ele foi até o lado da cama e pegou o relógio, apertando-o em volta do pulso enquanto a observava do outro lado da cama.

— Quanto tempo serei forçado a resistir a esses joguinhos de poder com você, Cyn? — Ele perguntou. — Quanto tempo antes de você não sentir mais a necessidade de se separar de mim, de provar que você consegue sem mim?

Ela girou, e ele pôde ler a verdade em seus olhos antes que ela soltasse a respiração para negar isso.

— Seja honesta consigo mesma, se não é comigo, *lubimaya*. Te vejo lá em cima.

Duncan estava esperando por ele quando ele surgiu no corredor particular, parado de costas para Raphael, sua atenção aparentemente em Wei Chen que estava em uma conversa profunda com uma mulher humana perto das portas principais. Juro estava pairando sobre eles, parecendo bastante infeliz e cada vez mais impaciente. A presença da mulher violava uma das regras básicas da segurança de Raphael nesta viagem - nenhum humano era permitido dentro do local após o pôr-do-sol a não ser que eles fossem companheiros de algum dos vampiros, ou sua presença fosse especificamente permitida por Juro ou Duncan.

Enquanto Raphael ia até Duncan, a mulher levantou o olhar, disse alguma coisa para Wei Chen e saiu, com uma mochila nas costas não diferente das que Cyn frequentemente usava.

Duncan se virou suavemente e o cumprimentou.

— Boa noite, meu senhor.

— Duncan — Raphael disse distraidamente, congelando o trio perto da porta. — Quem era?

— Ela trabalha para Wei Chen, creio eu.

Raphael olhou para a mulher que estava indo embora enquanto Juro e dois de seus vampiros a acompanhavam pelas escadas em direção ao estacionamento.

— Qual é a situação do sistema de segurança? — Ele perguntou, voltando sua atenção para Duncan.

— Maxime já está em campo, meu senhor. — Duncan respondeu, se referindo ao especialista de segurança de computador de Raphael. — Ela saiu de Los Angeles logo antes do anoitecer e amanheceu na pista de pouso de Seattle — ele checou o relógio. — Ela é muito nova para estar acordada, mas em breve. Os guardas extras que você solicitou voaram com ela. No final da noite, teremos triplicado a presença da guarda vampira e humana de Wei Chen vinte e quatro horas por dia.

— Eike está com eles? — Como Eike era o único membro mulher da equipe pessoal de segurança de Raphael, Eike era frequentemente designada para proteger Cyn, e ele queria que ela estivesse aqui como uma precaução adicional.

Duncan concordou.

— Sob protesto, claro. Você sabe como ela se sente quando voa de dia.

— Ela pode protestar o que quiser. Eu a quero aqui. — ele pausou brevemente com o som do elevador subindo. As portas do corredor se abriram atrás dele e Cyn andou com passos pesados pela sala em direção à sala de jantar sem dizer uma palavra. Ele sorriu de modo sério com o olhar de surpresa de Duncan. — Cynthia saiu para explorar mais cedo hoje — ele disse secamente.

Duncan levantou as sobrancelhas expressivamente.

— Sozinha?

— Não. Aparentemente, ela se encontrou com a força da polícia local.

— Entendo.

Raphael viu por cima dos ombros de Duncan Wei Chen se aproximando e fez um gesto para que ele se juntasse.

— Boa noite, Mestre — Wei Chen disse com sua voz quieta. — Pensei que iria querer saber que todo o nosso pessoal estará no recinto em breve. Os últimos poucos de Seattle estavam deixando suas casas enquanto conversamos. Assim que souberam de sua presença, todos vieram imediatamente. Era só a distância que mantinha as pessoas de Seattle contidas até esta noite.

— Entendido.

— Quando essa pessoa da polícia deverá chegar? — Ele perguntou a Wei Chen.

— A qualquer momento, meu senhor. Loren disse a ele...

Duncan interrompeu o relato de Wei Chen com um aceno de cabeça e mantendo a mão em seu aparelho de ouvido para indicar que alguém o estava chamando. Raphael observou com expectativa.

— Ele acabou de chegar no portão, meu senhor. — Duncan murmurou, ainda ouvindo a voz em seu ouvido. — Juro vai acompanhá-lo para dentro.

Raphael mostrou os dentes em um sorriso de tubarão.

— Excelente. Chame Sophia para se juntar à nós, mas nos dê alguns momentos com o Senhor Murphy antes. Estou ansioso para conhecer o homem que passou o dia inteiro sozinho com minha Cyn.

# Capítulo 15

**Colin baixou sua janela e olhou os enormes seguranças que se** apressaram para cercar o carro. Estes não eram os guardas usuais do complexo. Ele não conhecia os guardas normais pessoalmente, mas ele havia estado lá uma ou duas vezes e não eram esses. Na verdade, ele não reconhecia um único rosto. O guarda em sua janela - obviamente um vampiro, dado o lampejo vermelho brilhante de seus olhos no reflexo das luzes incandescentes do portão - estudou sua licença com cuidado, checando-a mais de uma vez enquanto os outros lançavam flashs brilhantes de luz no banco traseiro de sua caminhonete e abriam a porta do compartimento de carga. Em quaisquer outras circunstâncias Colin teria objeções à pesquisa. Mas não esta noite. Estes homens estavam mortalmente sérios e ele tinha a impressão de que eles não iriam se importar com distinções sutis se isso fosse direto ao ponto.

O vampiro em sua janela vociferou algo em uma língua que não era inglês e dois dos outros saíram de seu campo de visão enquanto verificavam suas rodas. Todos estavam usando lanternas fracas com um brilho amarelado como luz de nevoeiro, e eles cobriram as lentes com os dedos, então apenas um minúsculo fio de luz escapava. Visão noturna, ele percebeu. Ele sabia que vampiros supostamente tinham incomparável visão noturna - de fato, Leighton havia dito algo assim antes - mas ele nunca havia visto isso usado desta maneira.

Os dois vampiros que estavam checando as rodas voltaram à vista e responderam algo naquela mesma língua. O guarda em sua janela empurrou sua identificação de volta e lhe disse em uma voz com um forte sotaque Inglês para passar através do portão e estacionar, indicando uma pequena área pavimentada ao longo do caminho e à direita.

Colin levou o tempo que quis, deslizando sua licença em sua carteira e sua carteira no bolso interno com zíper de sua jaqueta. Ele acenou educadamente com a cabeça, colocou a caminhonete em marcha e avançou lentamente através do portão. Normalmente, ele dirigia direto para o prédio principal e parava lá. Mas aparentemente haviam novas medidas de segurança para a visita do grande chefão. Então ele foi até a área designada, notando enquanto isso que o dele era o único veículo ali. Então, não havia muitos visitantes. Ou talvez não fosse apenas um monte de visitantes humanos, já que ele podia ver o prédio principal dali e havia muita atividade lá dentro. Todas as luzes pareciam acesas e havia algumas poucas pessoas movendo-se por trás das grandes portas de vidro. Mesmo as janelas do piso superior revelavam movimentos, as pessoas lá eram pouco mais do que sombras por trás do pesado vidro fosco.

Desligando o motor, ele pegou as chaves e abriu a porta da caminhonete, supondo que alguém iria...

— Senhor Murphy.

Colin considerava-se um homem grande, com 1,95m e 104Kg, ele superava a maior parte das pessoas que encontrava, mesmo no exército. Mas o gigante parado em frente a ele era enorme. Enorme como um lutador de sumô, mas sem a flacidez e com um terno de três mil dólares. Pouco mais de dois metros de duros músculos e firmes olhos negros que mantinham um leve brilho dourado enquanto encaravam Colin.

— Sim. — Colin respondeu, ainda que aquilo não houvesse sido uma pergunta.

— Você está armado? — o vampiro japonês ressoou.

— Sim, eu estou. Eu sou um consultor de segurança licenciado para a cidade de Cooper's Rest e sendo assim, autorizado a carregar uma arma o tempo todo.

Ele pensou ter visto uma ligeira suavização na boca do gigante como se algo que Colin disse fora divertido.

— Pode ser Senhor Murphy. Porém você não está mais *em* Cooper's Rest e você não terá permissão para carregar uma arma na presença de meu mestre.

Colin manteve sua expressão cuidadosamente em branco. *Mestre?* Nem Loren, nem Wei Chen já haviam chamado alguém de "mestre". Ele considerou seriamente - por cerca de dois segundos - jogar suas mãos para cima em todo o negócio e ir embora. Ele não precisava dessa merda. Ele certamente não precisava entrar em um prédio cheio de vampiros sem nem mesmo sua pistola para sua proteção. Mas ele realmente queria saber o que estava por trás do ataque a Mariane, e ele honestamente duvidava que, quem quer que esse "mestre" fosse, ele pretendesse servir Colin como um jantar leve.

Colin suspirou. — Posso deixá-la em minha caminhonete então? — perguntou ele.

— Certamente.

Erguendo suas mãos vazias, ele lentamente abriu sua jaqueta em seu quadril direito, soltou seu coldre e arma de seu cinto e, abrindo a porta da caminhonete inclinou-se e depositou-os no compartimento de console.

— Sem outras armas? — O vampiro gigante perguntou, olhando-o de cima a baixo com sua notável visão noturna. — Sem uma peça de apoio? — acrescentou.

Colin se surpreendeu um pouco com o coloquialismo vindo da boca do lutador de Sumô, mas sacudiu a cabeça.

— Não pensei que precisaria de uma. — ele disse, esperando calmamente sob o exame minucioso do vampiro.

— Muito bem, siga-me.

Conforme eles começaram a subir a entrada curva, o vampiro começou a falar em um microfone na garganta que Colin ainda não havia notado. Ele não entendeu as palavras, mas nem precisava. O gigante havia acabado de dizer a alguém lá dentro que eles estavam a caminho.

Loren estava esperando por eles logo após a porta. Ele adiantou-se imediatamente e apertou a mão de Colin.

— Colin, que bom você ter vindo.

Colin deu ao chefe da segurança um sorriso confuso. — Eu dificilmente poderia recusar, não é? Além disso, tenho certeza de que todos desejamos a mesma coisa. Parar quem quer que esteja fazendo isso.

— Absolutamente.

— Percebo que você tem muito mais segurança lá fora esta noite. Houve mais ataques?

— Não, não. Nada assim. — Loren lhe garantiu, olhando para o enorme vampiro atrás de Colin. — Apenas uma precaução.

— Leighton me contou sobre Marco, Loren. E Preston. Eu fiquei meio surpreso que ninguém pensou em me avisar. Especialmente sobre Marco.

Loren teve a graça de parecer desconfortável. Ele sabia que Colin e Marco eram amigos.

— Minhas desculpas, Colin. Nós não estávamos certos sobre o que estava acontecendo e...

Uma fria voz interrompeu. — Loren foi instruído a não compartilhar essa informação, Senhor Murphy.

Loren enrijeceu para prestar atenção como um marinheiro recém-saído do RTC[3], visivelmente se contraindo enquanto se virava para encarar quem falava.

— Duncan. — ele disse. — Esse é...

[3] Comando de Treinamento de Recrutas.

— Colin Murphy. — Colin interrompeu estendendo sua mão enquanto estudava o recém-chegado, Duncan, curiosamente. Ele tinha ombros largos, mas era menor que Colin, com até 1,80m, talvez 1,85m, e vestia o mesmo tipo de terno sob medida que o lutador de Sumô usava. Obviamente uma espécie de uniforme.

O vampiro percebeu a descarada avaliação de Colin e exibiu um sorriso torto, seus olhos castanhos iluminando-se com um calor muito humano. Contudo ele era definitivamente um vampiro em tudo. E a julgar pela reação de Loren, também não era um vampiro qualquer. Esse cara Duncan era *alguém*.

Ele deu um amigável aperto na mão de Colin, fazendo pressão suficiente para se fazer sentir, mas não o bastante para intimidar.

*Cuidadoso, calculado*, Colin pensou.

— Meu nome é Duncan. — disse desnecessariamente o vampiro loiro.

Sem último nome, sem título, Colin notou e encolheu os ombros internamente.

Duncan virou-se ligeiramente e gesticulou através da grande sala por onde ele viu Cynthia Leighton desaparecendo através de um enorme conjunto de portas duplas abertas.

— Lorde Raphael está esperando por nós. — Duncan explicou.

Bem, okay. Aparentemente Colin estava prestes a conhecer o chefão. Era isso que Leighton havia dito esta tarde? Que esse cara controlava a maior parte do Oeste dos Estados Unidos? Incluindo parte das Montanhas Rochosas. Ele franziu o cenho quando se lembrou do que mais ela havia dito. Que o grande chefão não iria estar feliz com ela... nem com Colin.

# Capítulo 16

**Raphael estava sentado na mesma cadeira da noite anterior, bem ciente** do cenário dramático criado pela parede panorâmica de vidro atrás dele. A lua estava cheia hoje à noite e pela primeira vez neste lugar eternamente chuvoso, as nuvens estavam apenas dispersas, por isso um brilho prateado da lua iluminava o céu, fazendo-o parecer mais azul do que preto.

Com o seu próprio povo assegurando portão e fundos, não havia necessidade de segurança no interior da sala, assim não havia nada entre ele e a parede de vidro, somente o espaço vazio.

Ele se recostou na cadeira grande, observando enquanto Cyn entrava e permanecia de pé contra a parede mais distante, encarando-o com raiva. Ele encontrou o seu olhar e levantou uma sobrancelha em questão. Ela revirou os olhos em resposta, mas se afastou da parede e atravessou a sala, ficando de pé em seu lugar usual à sua direita, mas longe o suficiente que ele não pudesse tocá-la facilmente.

Ela segurou sua posição, dura e inflexível, por alguns minutos, então suspirou audivelmente e se esgueirou para mais perto, falando com uma voz destinada apenas para seus ouvidos.

— Ele não sabia sobre Marco e Preston até que eu lhe disse. Ele disse que ele e Marco eram amigos.

— Você acredita nele?

Ela pensou um instante e depois disse: — Sim.

— Obrigado, minha Cyn. — ele murmurou e acariciou um dedo abaixo da parte traseira de sua coxa, mais perto agora que ela tinha se deslocado para conversar com ele.

O músculo abaixo de seu dedo apertou e ela soprou um fôlego de desgosto. Mas não se afastou.

Ele reprimiu um sorriso, olhando para cima quando ouviu passos que se aproximavam da sala. Seu sorriso tinha desaparecido por completo quando Duncan apareceu entre as portas com Colin Murphy atrás.

Colin seguiu Duncan para uma sala muito grande e quase vazia. A parede do fundo não era nada mais que vidro, com uma vista de um milhão de dólares por todo o vale e, provavelmente, todo o caminho até a baía. Era espetacular, mas seu olhar caiu rapidamente em vez disso, para o vampiro de cabelos negros sentado em uma cadeira grande na frente da janela. Cada nervo em seu corpo sacudido direto para o clássico lutar ou correr. Anos de treinamento, de experiências sobre os mais mortais campos de batalha do mundo, estavam gritando para ele se defender, para tirar a porra da arma que ele não tinha, colocar um muro em sua volta e dar o fora. Esqueça o grande lutador de Sumô atrás dele, esqueça Cynthia Leighton com suas armas e Duncan com seus vigilantes olhos humanos. Lorde Raphael, e *tinha* que ser ele, transmitia uma vibração tão forte que esmagava contra o peito de Colin como trezentos quilos de ferro em um supino. Algum instinto profundo dentro de seu cérebro, talvez algo deixado por seus antepassados primitivos que tinham rezado para os deuses pela proteção do mundo natural, queria que ele caísse de joelhos e jurasse fidelidade ao imortal.

Mas Colin Murphy não se ajoelhava para ninguém, e ele jurou sua lealdade ao seu país e sua equipe há muito tempo. Era quase insuportável segurar aquele olhar frio e escuro, mas ele o fez, obrigando-se a ficar tranquilo. Nenhum problema aqui. Apenas uma reunião com os vampiros locais. *Como o inferno.*

A pressão saiu e Colin soprou o que ele esperava que fosse um suspiro de alívio sutil. O vampiro maldito estava considerando-o com diversão velada e Colin sabia que poderia ter sido muito, muito pior. Ele sentiu uma onda de raiva ao saber que tinha sido um brinquedo, mas cerrou os dentes e não disse nada. Essa foi outra lição que ele aprendeu no exército. Há momentos em que você só tem que sorrir e aguentar.

Como quando você está encarando um vampiro que poderia te esmagar como um inseto. Pensando sobre isso, agora que os jogos tinham terminado, esse era praticamente o olhar que Raphael estava dando a ele, como se ele fosse algo desagradável que tinha acabado esmagado contra o seu para-brisa.

Com a pressão mais ou menos dissipada, Colin teve a oportunidade de verificar o ambiente, que era o que ele deveria ter feito, em vez de ficar olhando para a vista. Lorde Raphael estava sentado em uma cadeira enorme colocada em frente daquela parede espetacular de vidro. Seria arrogância que o colocou lá onde a bala de um bom atirador poderia matá-lo? Inferno, talvez balas não pudessem tocar esse cara. Mas à prova de balas ou não, Colin estava indo com arrogância, porque esse cara tinha de sobra. Colin tinha enfrentado alguns idiotas difíceis em seu tempo, traficantes de drogas, líderes tribais, inferno, até mesmo um ou dois terroristas. Mas nenhum deles se aproximava remotamente do vampiro sentado na frente dele.

Ele deu ao resto da sala uma verificação rápida. Havia grupos de móveis espalhados, mas apenas a área diretamente ao redor de Raphael estava ocupada. Wei Chen estava sentado em um sofá pequeno de couro à esquerda de Colin, junto com Loren. Jeremy estava presente, também, sentado em uma das três cadeiras correspondentes à direita. As outras duas cadeiras estavam vazias.

Colin acenou para Jeremy.

— Jeremy, como está Mariane?

— Ela está se recuperando. — disse o vampiro rispidamente. — Obrigado.

Colin desviou o olhar de volta para Raphael. Duncan tinha tomado uma posição à esquerda do grandalhão; Cynthia Leighton estava à sua direita, perto o suficiente para que sua perna roçasse contra a poltrona onde... *Ah merda*. Não era de se admirar que Leighton dissesse que Raphael não estaria feliz com ele. Eles eram um casal. *Claro que não*, pensou ele, lembrando o anel em seu dedo. Não apenas um casal. Eles estavam casados ou que quer que fosse que os vampiros faziam. E Colin tinha passado o dia inteiro sozinho com ela.

Ele levantou os olhos para encontrar Raphael novamente. O lorde vampiro enrolou em seus lábios um sorriso de satisfação, tendo notado claramente o momento *ah, merda* de Colin. Raphael piscou preguiçosamente e disse: — Minha Cyn me disse que você conhecia Marco.

Colin não deixou de notar o pronome possessivo. Um vaso de plantas não teria deixado de notar o pronome possessivo.

— Nós éramos amigos. — disse ele, assentindo.

— De fato. Um homem interessante, Marco. Sua família era da aristocracia espanhola, você sabe. A linhagem direta da Rainha Isabella.

— *Muito* interessante — Colin concordou — já que Marco era italiano e sua família era de comerciantes. Ele tinha uma árvore genealógica pendurada em sua sala de estar, dizia que o lembrava de suas origens.

O sorriso foi mais genuíno desta vez.

— Você estava certa, minha Cyn. — Raphael disse para Leighton, embora ele nunca deixasse de olhar para Colin. — Sente-se, senhor Murphy. — Ele indicou a cadeira vazia ao lado de Jeremy. — Loren, peça a Sophia para se juntar a nós.

Colin foi para a cadeira mais próxima da porta, deixando uma entre ele e Jeremy vaga. Foi uma jogada clássica de homens, mas não era por isso que ele o tinha feito. Foi apenas uma boa tática para chegar o mais longe de Raphael e tão perto da porta quanto possível.

Sua bunda tinha acabado de bater na cadeira quando as portas se abriram e Loren voltou, seguido por uma mulher de cabelos escuros. Ela era baixa e cheia de curvas, a cabeça escura voltada para Juro, murmurando os seus agradecimentos enquanto ele segurava a porta aberta até que ela passou, em seguida, puxou-a fechada atrás dela. Ela deu um passo gracioso para a sala, o olhar indo para a esquerda, deslizando sobre Wei Chen e Loren, antes de virar os grandes olhos castanhos para Colin onde ampliaram em um olhar incrédulo.

Colin encarou com seu coração batendo contra a parede torácica.

— Sophie? — ele sussurrou.

# Capítulo 17

**Sophia olhou para Colin Murphy, o último homem que ela esperava ver** novamente. Ele era seu único pesar, o unico humano que ela verdadeiramente amou através de seus séculos como um vampiro. E o que diabos ele estava fazendo aqui? Ele era de algum lugar do Sul. Ela não conseguia se lembrar exatamente onde, mas ela lembrava da fala arrastada, lenta e preguiçosa em sua voz profunda, a maneira como ele sussurrava coisas deliciosas para ela enquanto suas mãos faziam... Ela agarrou-se de volta ao presente, chocada com a sua reação após todo esse tempo. Ela estava consciente de todos na sala observando-os, podia sentir o olhar de Raphael, fazendo um buraco na sua cabeça. Esta era a última coisa que ela precisava.

— Colin. — Ela conseguiu falar. — Como vai você?

Ele apenas olhou para ela, raiva substituindo a descrença e escurecendo aqueles olhos azuis impressionantes. Ela lembrava isso, também. A maneira como seus olhos escureciam com emoção enquanto ele empurrava profundamente dentro dela, enchendo mais do que apenas seu corpo, enchendo sua alma, fazendo ela se sentir tão viva, tão preciosa, tão... Amada. Meu Deus, ela não poderia fazer isso agora. Desviou o seu olhar dele, dando os dois passos à frente que o afastariam de sua vista, da tentação. Ela curvou-se para o Senhor

Raphael, sentindo-se demasiado instável para alcançar algo próximo à graça necessária para uma reverência.

— Meu senhor. — disse ela.

Raphael estava estudando-a com olhos astutos que viam tudo. Ele já suspeitava dela, já que ela tinha aparecido do nada alegando estar em busca de Lucien. E agora lá estava Colin, que aparentemente era o xerife local que tinham estado falando. Isso só poderia fazer Raphael suspeitar ainda mais. Ela encontrou o seu olhar de maneira uniforme, não tendo nada a esconder. Ele inclinou a cabeça para ela em silênciosa interrogação.

— Colin... Digo o senhor Murphy e eu nos conhecemos há vários anos, meu senhor. Em outro país. Eu não sabia que ele estava vivendo nesta área agora. — *Ou, Lucien que se dane, eu jamais teria vindo aqui,* ela pensou consigo mesma.

Raphael a olhou por um momento em silêncio, então disse: — Estamos indo para Vancouver esta noite, Sophia.

Sophia piscou, surpresa, surpresa o suficiente para que todos os pensamentos sobre o homem em pé atrás dela fugissem. Raphael estava indo para Vancouver? Atravessar o território de Lucien sem convite? As costas dela se enrijeceram em indignação. Quem diabos ele achava que era? Ela olhou para ele, não se preocupando em esconder sua raiva, mas lutando contra o desejo instintivo de atacar com o seu poder, para dar um tapa por tal insulto ao mestre dela.

Porque fazê-lo teria sido suicídio, e Sophia não estava pronta para morrer. Nem por isso, e não antes dela saber o que havia acontecido com Lucien. E não antes que ela tivesse uma chance de falar com Colin. Ela inclinou a cabeça ligeiramente para Raphael.

— Vou acompanhar você, meu senhor. — disse ela, como se ele não a tivesse praticamente ordenado a fazê-lo.

Um sorriso brincou nos lábios dele. — Excelente. Saímos em meia hora. Antes, porém... — Ele fez uma pausa quando Duncan inclinou-se e sussurrou

algo em seu ouvido. — Uma mudança menor de planos. Vamos partir para Vancouver como o planejado. Quanto ao resto, no entanto... Por favor, desculpe-nos, senhor Murphy. Surgiram alguns assuntos que tenho de cuidar. Nós apreciamos sua colaboração no presente inquérito, no entanto. Cyn entrará em contato mais tarde a respeito de nossos esforços mútuos para localizar os assassinos.

Raphael levantou, apontando para a mulher humana que, Sophia tinha descoberto, era muito mais para o senhor vampiro do que uma amante, ela era sua companheira. Vampiros frequentemente tinham companheiros, mas era incomum para um lorde vampiro fazê-lo. Ou talvez fosse apenas sua experiência com Lucien.

Todo mundo tinha levantado quando Raphael o fez, e agora havia um movimento geral na direcção das portas. Sophia olhou em volta rapidamente e viu que Colin já tinha ido. Ela esperou até que Raphael tinha passado pelas portas, então saiu na grande sala há tempo de ver Colin abrir a porta de vidro grande e desçer as escadas externas. Correndo atrás dele, ela esperou até que ela também estava fora antes de chamar seu nome.

— Colin! — Seus ombros ficaram tensos, mas ele continuou. — Colin! — ela repetiu e saiu em uma explosão de velocidade vampira para recuperar o atraso com ele. Ela considerou agarrar seu braço, mas ele virou em vez disso, plantando-se em seu caminho.

— Colin. — disse ela novamente, encontrando seu olhar furioso. — Eu sinto muito.

— Sente muito? — ele rosnou. — Sente muito, Sophie? É o melhor que você pode fazer?

— O que você quer...

— Eu pensei que você estava morta. — Ele rosnou.

— Eu sei. Foi necessário.

— Necessário? Por que caralho isso foi necessário? Não é como se eu colocasse amarras em você. Nós não éramos casados. Inferno, por tudo que eu sei eu não era o único cara que você estava transa...

— Colin. — protestou ela, mostrando sua dor, apesar de que ela sabia que não tinha o direito.

— Então por que, Sophie? Eu passei um inferno, pensando que tinha deixado você lá para morrer. Gostaria de saber o porquê.

— Porque eu sou uma vampira! Você não entende? O que eu devia dizer?

— Talvez a verdade?

— Você faz parecer tão simples. O que você teria dito, Colin? O que você teria feito se eu lhe dissesse todos aqueles anos atrás que eu era uma vampira?

— Acho que nós nunca saberemos, não é?

— Era impossível, o que tínhamos. Humano e vampiro. Nunca teria funcionado.

— Isso não parece parar seu amigo Raphael lá dentro.

Sophia riu amargamente. — Ele não é meu amigo. Ele é... Ai Jesus, ele é o vampiro mais poderoso que eu já conheci. Se ele quisesse que você morresse, seu coração seria nada além de carne no seu punho antes que você o visse se mover. Não o substime, Colin. Ou sua companheira.

— Obrigado pelo conselho. — Ele contornou-a e começou a sair, mas Sophia colocou-se na frente dele mais uma vez.

— Colin. — Ele olhou para ela com impaciência. — Sinto muito. Eu não quis dizer...

Ele não a deixou terminar. — Sim, o que seja. Te vejo por aí, *Sophia*.

Sophia observou-o sair e sabia que era a coisa certa a fazer. Mais uma vez. Ela havia sobrevivido tanto tempo por não se importar sobre qualquer um, uma lição aprendida com Lucien. Eles eram dois de uma espécie, ela e seu Sire.

Dançando o seu caminho pela vida, sem se preocupar muito sobre alguém ou alguma coisa, sem cordas para vinculá-los, sem emoções desarrumadas para rebocar em seus corações e mantê-los em qualquer lugar por muito tempo.

Colin era o único que já tinha tentado-a, com sua voz grave e mãos quentes, seu corpo grande enrolado no seu contra o frio da noite. Ele era um guerreiro nato. Estava em seus ossos e sangue, todos os instintos que ele tinha o levavam a proteger aqueles com quem ele se importava. E ele se importava com ela. Ele amava-a. E ela o amava de volta. Ela tinha ido ao café para salvá-lo. E ela o tinha perdido em vez disso.

Ela esfregou as mãos para cima e para baixo em seus braços que tinham ficado subitamente frios e suspirou, voltando-se para o edifício principal. Essa noite muito distante era história e era lá que ela pertencia. Ela tinha problemas suficientes com Lucien e seus jogos infernais. E, aparentemente, ela estava voltando à noite para Vancouver. Raphael tinha decidido que assim seria, e por isso seria. Ele não precisava dela para cruzar a fronteira, mas a sua presença lhe daria a aparência de respeito. Lucien poderia ainda estar vivo, mas ele praticamente cedeu o controle de seu território a ela e se ela convidasse Raphael ao outro lado da fronteira, deveria servir bem o suficiente. E quem estava lá para protestar, de qualquer maneira? Não Lucien, que sua alma negra seja amaldiçoada.

Ela estremeceu novamente e correu até as escadas, dizendo a si mesma que era o ar da noite úmido fazendo ela se sentir muito fria. Não tinha nada a ver com o gelo em torno de seu coração. O gelo que começou a rachar no momento em que ela tinha visto Colin Murphy novamente.

# Capítulo 18

**Raphael e seu povo seguiram Loren através de uma porta de metal para** baixo numa escada sem adornos, com suas lisas paredes pintadas e corrimão comum de metal. O complexo tinha um porão amplo que incluía quartos de dormir dos vampiros, mas essa escada particular tinha apenas um destino, e isso era uma sala de informática de última geração, que era também o coração e a alma da rede de segurança. Raphael manteve Cyn na frente dele, com Juro entre ela e Loren. Duncan estava atrás dele, sobre seu ombro esquerdo, como sempre. O resto de sua equipe de segurança permaneceu lá em cima.

Maxime, a sua especialista de computação e a vampira que havia concebido este sistema em particular, tinha chegado de Los Angeles mais cedo e começou imediatamente sua avaliação, em busca de possíveis violações. Raphael queria uma audiência mínima para esta situação, apenas no caso.

Loren chegou ao fundo das escadas e virou à direita por um corredor truncado.

— Por este lado, meu senhor. — ele dirigiu.

Não que Raphael precisasse de orientação. Não havia mais para onde ir aqui embaixo. Ele tocou o ombro de Cyn, mais por uma questão de tocá-la do que para orientação. Ela estaria muito infeliz com ele novamente mais logo. Ele tinha colocado planos em movimento para garantir a segurança dela e ele duvidava que ela fosse aceitá-los facilmente. Mas ele não iria mudar sua mente, e não iria pedir desculpas por querê-la a salvo.

À sua frente, Loren inseriu um código de nove dígitos e pressionou seu polegar contra um scanner biométrico. O dispositivo de bloqueio zumbiu alto e abriu com o barulho das trancas retraindo. Maxime já estava lá, sua cabeça loira espetada inclinada, como sempre, ao longo de um teclado, o olhar fascinado para as linhas de código de computador rolando a tela na frente dela.

— Maxime. — disse Raphael.

Ela terminou o que estava escrevendo e virou com um olhar um tanto atordoada, piscando rapidamente antes de se administrar um sorriso estranho. — Perdão, meu senhor. Eu estava...

Raphael balançou a cabeça. — O que você descobriu? — Ele puxou uma cadeira da mesa longa que ficava em todo o comprimento da sala e ofereceu à Cyn, antes de sentar-se na próxima a ela.

Maxime pegou um bloco de papel coberto com notas e rolou sua cadeira até a mesa atrás, girando ao redor no último momento para enfrentá-los.

— Meu senhor. Uma introdução sobre a natureza deste sistema em primeiro lugar, se eu puder?

Raphael assentiu a sua permissão.

— Isso — ela indicou os bancos de computadores, telas e monitores de vídeo de segurança ao seu redor, — é o coração do complexo. Sua principal função é a segurança, mas para esse efeito, controla todos os aspectos do sistema ambiental, das luzes à qualidade do ar. Cada bloqueio em cada porta ou janela pode ser monitorado a partir daqui, bem como as várias estações sobre o

perímetro. Com uma única senha, o complexo inteiro pode ser bloqueado, se desejado. Isso é, e isso é vital, meu senhor, um sistema fechado. Não há, e eu digo absolutamente nenhum, contato com o mundo exterior. Sem acesso à Internet, nenhuma linha de saída de qualquer tipo. Há um servidor separado, mantido em um escritório separado, que fornece acesso à Internet para os moradores daqui, mas não há mais nada no servidor. Todas as informações de natureza sensível, definindo-as em termos mais amplos, são armazenadas aqui nesta sala.

— Isso significa o quê? — Raphael perguntou, incitando-a a continuar. Maxime amava seu trabalho. Era o que a tornava tão boa no que fazia, isso e uma mente verdadeiramente brilhante. Mas ela iria viajar um pouco se não fosse empurrada na direção certa.

— Isso significa que ninguém pode acessar as informações armazenadas aqui de fora do complexo, ou mesmo de fora desta sala. Significa também — ela apressou-se, — que o banco de dados sobre os nossos vampiros, incluindo nomes e endereços, não pôde ser acessado por ninguém que não tivesse autorização para entrar aqui.

— Ou alguém que entrou nesta sala, autorizado ou não. — Cyn falou.

Maxime olhou fixamente para Cyn por alguns segundos, como se estivesse tentando calcular o que ela acabara de ouvir. — Correto. — disse ela finalmente. — Mas a segurança aqui...

— Não é infalível, Max. Nenhuma é. — Cyn interrompeu.

Maxime franziu a testa. — Teoricamente, isso é verdade.

— Você já procurou por acessos não autorizados, é claro. — disse Raphael, trazendo-os de volta para o propósito do encontro.

— Sim, meu senhor. Não houve nenhum. Ninguém não autorizado entrou neste quarto. Tenho vídeo digital, se você deseja vê-lo, arquivado desde o ano

passado, que cobre praticamente todo o período em que este complexo tem sido funcional.

— Você tem um registro de quem acessou o banco de dados, mesmo se eles foram autorizados? — Cyn perguntou.

— Claro. E eu verifiquei, também. Mas eu estou fazendo um profundo exame agora. É possível, teoricamente, mais uma vez, para um operador altamente qualificado, cobrir sua trilha. Mas não completamente. Se alguém tiver invadido ilegalmente este sistema, eu saberei dentro de vinte e quatro horas. No entanto, neste momento, eu diria que não houve nenhuma violação de segurança. O vazamento está em outro lugar. Eu tenho os dados, meu senhor...

Raphael balançou a cabeça enquanto Maxime girava de volta para sua estação de computador, recuperando uma pilha espessa de papéis cobertos de dados e girou mais uma vez, oferecendo-lhes a ele.

— Não, obrigado, Maxime. Eu confio em suas habilidades completamente.

Maxime deu a Cyn um olhar triunfante que fez Cyn se voltar para ele com uma expressão de aborrecimento supremo e Raphael piscou para ela e se levantou.

— Vamos deixá-la com isso, Maxime. Informe Duncan no momento em que você tenha algo novo.

As escadas acima da Central de Segurança do porão os deixaram no primeiro andar em um corredor na parte de trás do edifício principal. Conforme eles se dirigiram para a sala grande, mais uma vez, Raphael virou-se para Duncan.

— Certifique-se de que Sophia esteja pronta. E descubra o que você puder sobre sua história com Colin Murphy. Eu suspeito que a resposta esteja nele, não nela.

— Ele é um ex-SEAL. — Cyn disse, virando-se e caminhando lentamente para trás. — Seus registros serão difíceis de obter.

— Vamos ver. — disse Duncan com um sorriso.

Cyn balançou a cabeça, sorrindo para o tenente de Raphael. — Será que não existem segredos…

— Meu lorde.

Cyn girou com a voz familiar, olhando para Elke que estava esperando por eles no final do corredor. Ela estava vestida com o uniforme típico de suas forças de segurança, o cabelo claro e pele ainda mais pálida, um nítido contraste com o terno escuro carvão.

— Elke? — Cyn disse em surpresa óbvia. — Quando você chegou?

— Quem sabe? — a vampira disse, obviamente descontente. — Eu só sei que o sol estava brilhando, o que significa que eu não estava.

Cyn deu a Raphael um olhar desconfiado por cima do ombro, claramente antecipando a razão para o aparecimento súbito de Elke.

— Bem. — Cyn disse a Elke. — Bem-vinda a Seattle. Divirta-se. — Ela afastou-se rapidamente, sem olhar para trás.

Elke observou-a ir, antes de virar para Raphael com uma expressão perplexa. — Não era suposto eu estar aqui, meu senhor? Duncan disse…

— Você está onde você pertence, Elke. Duncan, encontre Sophia e arranje alguém para começar a traçar sua história com Colin Murphy. Voltarei em breve.

Raphael atravessou a sala grande e o corredor, parando as portas do elevador de se fecharem quando ele ainda estava a vários passos de distância. Levou apenas um pequeno esforço de seu poder, segurá-las para trás até que ele entrou. Ele liberou as portas e elas fecharam imediatamente. Cyn estava encostada na parede oposta, as duas mãos atrás dela. Ela esperou até que o

elevador estivesse em movimento antes de dizer baixinho: — Eu não preciso de uma babá.

— Não, você não precisa. — ele concordou.

Ela franziu a testa em confusão. — Mas Elke…

As portas se abriram em sua suíte escura, a porta do cofre estava aberta para a noite. Raphael fez um gesto para Cyn ir à frente dele. Ela fez isso, mas não sem um olhar desconfiado para os lados enquanto passava na frente dele.

— Então, por que trazer Elke especificamente? — ela perguntou, parando no meio da sala para confrontá-lo.

— Eu pedi a Duncan para reforçar a segurança no complexo com algumas das nossas próprias pessoas. Não que eu não confie em Wei Chen ou seus guardas, mas os meus são melhores.

— Então, Elke é apenas parte disso?

Raphael fechou a distância entre eles, escovando seu corpo com o seu e segurando o seu rosto com as duas mãos. Ele sussurrou um beijo contra sua testa, seus olhos, traçou a plenitude suave de seus lábios com a língua antes de reivindicar a sua boca com um beijo longo e lento. Ela respondeu automaticamente, levantando-se sobre os dedos dos pés para encontrá-lo, com os braços deslizando sob o paletó e enrolando em sua volta.

Ele deixou a sua boca com relutância, girando a língua sobre os lábios e soltando vários beijos suaves, rápidos em sua boca.

— Eu te amo, minha Cyn.

Seus olhos estavam brilhantes de emoção quando encontraram os seus. — Eu também te amo. Você sabe disso.

— Eu sei.

Ela piscou, de repente, reconhecendo que ela deveria estar preocupada. — Mas?

Ele sorriu para tranquilizá-la. — Nenhum mas, *lubimaya*.

— Não venha com *lubimaya*, seu bastardo. Eu conheço um "mas" quando ouço um.

Raphael riu. — Eu te disse, decidi que você está certa.

— Sobre o quê? — ela exigiu.

— Sobre a sua necessidade de se movimentar mais livremente enquanto nós descobrimos quem está por trás desses assassinatos. Eu te trouxe aqui, afinal, não só porque eu queria você comigo…

Cyn zombou ruidosamente e ele sorriu. — Eu *sentiria* sua falta, minha Cyn. — ele repreendeu.

— Uh huh. Vá em frente.

— Eu *também* te trouxe comigo para fazer uso de suas habilidades de investigação. Habilidades que você não pode empregar plenamente se está presa ao meu lado durante toda a noite e dia.

Ela estava ouvindo cada palavra, claramente tentando encontrar o problema. E havia um problema, Raphael sabia. Ele só não tinha chegado a isso ainda.

— Por outro lado… — ele começou.

— Eu *sabia*.

—… porque sua segurança é muito mais importante para mim do que as suas habilidades de investigação…

— Eu *não* vou me esconder aqui no porão, enquanto você e todo mundo vão…

— Eu trouxe o pessoal adequado — Raphael continuou, falando sobre o seu protesto, — para servir como seus guarda-costas.

Ela olhou para ele de boca aberta.

— Foda-se! Essa é a verdadeira razão porque Elke está aqui, não é? Você mentiu para mim. Ela *é* a minha babá.

— Ela é um dos seus *guarda-costas,* assim como Juro e os outros são meus. Você é a única que insiste que eu preciso de proteção. Certamente pode-se argumentar o mesmo de você?

— Não é o mesmo. Você é o maldito lorde vampiro! Todo mundo quer derrubá-lo. Ninguém aqui sabe quem eu sou. Eles…

— Claro que eles sabem. — A paciência de Raphael finalmente quebrou. — Três minutos depois de você andar nessa pobre rua principal, cada alma neste maldito vilarejo sabia *exatamente* quem você era e o que estava fazendo aqui. Você está sendo irracional.

— *Eu* estou sendo irracional? Ok. Elke pode sentar e ver-me ler durante toda a maldita noite, então. Vou esperar até o sol nascer e depois vou fazer as minhas coisas. A menos que você esteja pensando em me acorrentar à sua cama todas as manhãs, também?

Raphael lutou por paciência. Se qualquer um de seus vampiros lhe tivesse falado assim, eles estariam rastejando no chão agora, implorando por suas vidas tolas. Mas, como ela apontou para ele uma e outra vez, Cyn não era um de seus vampiros. E a última coisa que ele queria era vê-la ferida. Que era a razão pela qual eles estavam tendo esta discussão maldita, em primeiro lugar.

— Eu não exigiria nada tão bruto como correntes para manter você aqui, se eu escolhesse isso. — disse ele finalmente. — No entanto, quando você deixar o complexo à luz do dia, um guarda humano irá acompanhá-la.

— Não.

— Sim, minha Cyn.

— Você não pode fazer isso.

— Eu posso.

— Tudo bem. Vá em frente, atribua o seu pequeno cão de guarda. Eu vou abandoná-lo. — ela respondeu infantilmente.

— Oh, não, *lubimaya*. Eu conheço você muito bem para confiar em sua colaboração. Se você *abandonar* o seu guarda atribuído, haverá um preço.

— Estou apavorada. — ela disse com voz arrastada.

Raphael deu um sorriso lento e satisfeito. Ela viu e exclamou em voz baixa. — O quê? — ela respirou.

— *Haverá* um preço, minha Cyn, mas não será você a pagar. Seu guarda-costas humano irá. E eu acho que nós dois sabemos qual o castigo aplicado à uma falha desta natureza.

— Você não pode fazer isso.

— Claro que posso.

— Existem regras, Raphael. Você não pode simplesmente...

— Ah, mas, minha Cyn, eu sou um vampiro. Não sigo *suas* regras.

Olhou para ele, ouvindo suas palavras anteriores sendo jogadas de volta para ela. — Tudo bem. — ela retrucou, arrancando sua jaqueta e começando a remover seu equipamento de ombro. — Divirta-se em Vancouver. Eu não vou.

— Não achei que iria. — ele disse suavemente. — Se você decidir sair mais tarde esta noite, Elke estará à sua espera lá em cima.

Ele a puxou em sua direção enquanto ela saía de seu coldre de ombro, atraindo-a para um tipo totalmente diferente de beijo, este duro e possessivo. Ela

o beijou de volta, dando tão forte quanto recebia, e, finalmente, mordeu seu lábio inferior até que ele riu e se afastou. Viu-a lamber o sangue de sua boca, vendo o rubor que subiu ao rosto dela, e sentiu sua virilha crescer pesada em resposta.

Ele encontrou o seu olhar, que estava meio zangado e meio excitado. — Esteja segura, *lubimaya.* — disse ele e deixou-a lá, sem olhar para trás até que estava dentro do elevador e as portas estavam quase fechadas. Ele encontrou os olhos dela no último momento e viu seus lábios se movem quase silenciosamente.

— Você também. — disse ela.

# Capítulo 19

**Raphael saiu do elevador, trancando-o após sair dele. Isso não manteria** Cyn dentro, mas iria manter alguém fora. Elke estava esperando por ele, de pé nas portas abertas entre o corredor do elevador e a sala grande, onde ela podia ver se alguém estava indo ou vindo de qualquer área.

— Meu senhor.

— Ela não irá a lugar nenhum sozinha. — ele ordenou. — Em nenhum lugar, Elke.

— Sim, meu senhor.

Raphael encontrou os olhos dela com um olhar plano, enfatizando a gravidade da sua ordem. Ele sabia muito bem a capacidade de Cyn de convencer as pessoas para coisas que não fariam de outra forma, e ela e Elke eram amigas de alguma espécie. Mas ele era o Sire de Elke e sua vontade venceria ou cabeças iriam rolar. Ele colocou tudo isso em um único olhar.

— Eu vou protegê-la, meu senhor. Com minha vida.

Raphael assentiu e voltou sua atenção para Duncan, que tinha atravessado para o lado dele. — Sophia está esperando lá fora, Senhor. E nosso pessoal está

trabalhando em conseguir o registro de Colin Murphy. Maxime insistiu em fazê-lo sozinha. Ela parecia achar que entrar nos registros do Departamento de Defesa seria um exercício agradável de sua habilidade.

— Eu prefiro que ela se concentre na possível violação de segurança.

— Eu disse isso a ela, mas ela indicou que o diagnóstico será executado sem a sua intervenção por várias horas, enquanto a busca de registros de Murphy levaria, em suas palavras, uns poucos e divertidos minutos.

— Diga a ela para se manter em contato, Duncan. Esta pequena viagem para Vancouver vai levar a maior parte da noite.

— Eu já a instruí a ligar assim que tenha qualquer coisa.

A conversa tinha durado todo caminho até onde Juro esperava perto da entrada. Em um aceno de Raphael, o vampiro abriu uma grande porta de vidro pesado para admitir um sopro de ar, frio e úmido.

— Tempo bonito. — comentou Raphael.

— Sim. — Concordou Duncan. — Talvez devêssemos considerar uma realocação da propriedade em Malibu.

Raphael resmungou e subiu pela porta aberta até o SUV, deslizando sobre o assento do banco para dar lugar a Duncan.

— Vou dar à idéia toda a consideração devida. — Raphael respondeu.

A viagem até a fronteira foi surpreendentemente rápida. Os três SUVs diminuíram de velocidade quando se aproximaram da fronteira entre os EUA e Canadá, e Raphael esperou sentir a pressão do poder de Lucien contra o seu. Ele percebeu que deveria ter sentido os primeiros pingos de poder do outro lorde vampiro há muito tempo, vazando através de suas linhas territoriais. Ele sabia com certeza que Lucien podia detectar *seu* poder de bem dentro do lado canadense da fronteira, mesmo dentro de seu próprio ninho. Por mais que tentassem respeitar mutuamente a soberania, o poder não era algo que poderia ser cortado com uma faca. Havia sempre fugas.

Mas esta noite, não havia nada de Lucien para ser sentido, nem mesmo dentro do posto de fronteira, onde esperaram enquanto os agentes canadenses verificavam a sua identificação. O passaporte brasileiro de Sophia causou um pequeno atraso, mas só porque foi inesperado. Raphael e seu povo eram perfeitamente cidadãos legais dos EUA e tinham passaportes válidos para provar. Os vampiros podem não considerar-se sujeitos às leis humanas, mas não ostentam esse fato desnecessariamente.

Enquanto esperavam, Raphael enviou fios de poder, buscando Lucien, mas ele ainda não sentia absolutamente nada. Franziu a testa, concentrando-se mais forte quando cruzou a linha territorial e dirigiu-se para as luzes de Vancouver.

— Nós vamos para a sede de Lucien, Juro. — disse ele, de repente. — Diga à Sophia para ligar avisando os vampiros dele. Eu não quero shows de desafio sem sentido.

— Sim, meu senhor. — Juro deu instruções sobre o rádio para o SUV na frente deles.

Raphael deu pouca atenção para a cidade na viagem. As nuvens tinham se fechado de novo, deixando tudo na escuridão, mas a impressão geral era de uma típica cidade grande, com suas torres de negócios e edifícios residenciais bem iluminados marchando até a beira da água. Ruas e rodovias estavam cheias de carros e caminhões, e até mesmo a esta hora, eles tinham que enfrentar várias vezes o tráfego. Havia flashes ocasionais da baía, mas que também estava lotada, com barcos de pesca e armazéns.

Raphael tinha certeza que os humanos que viviam aqui eram afeiçoados à sua cidade, e sabia que tinha uma merecida reputação de sofisticação e charme. Ele também sabia que Los Angeles era uma cidade muito mais lotada. Mas então, ele raramente tinha que lidar com as zonas de expansão urbana ou auto-estradas lotadas de L.A. Quando ele pensava em LA, pensava apenas em sua propriedade em Malibu com o mar, infinito vazio que se estendia além dos penhascos abaixo de sua casa.

Quando se aproximaram do centro da cidade, Raphael finalmente sentiu o primeiro mexer de poder, tão fraco que ele nunca teria acreditado que tinha vindo do lorde canadense se ele não soubesse. Sentado calmamente no banco de trás, ele tentou alcançar, agarrar a pequena trilha e segui-la à sua origem, mas tinha ido, perdida em uma lavagem geral de poder vampírico. A maioria dos Vampiros canadenses de Lucien moravam aqui em Vancouver, e a maioria estava concentrada na área central da cidade. Havia um grande contingente em Toronto e um menor em Montreal, com o resto espalhado por todo o vasto território. Mas nenhum deles igualava ao tamanho do ninho em Vancouver, simplesmente porque essa era a cidade onde Lucien passava a maior parte do tempo.

Mesmo assim, não deveria ser possível o poder de um lorde vampiro se perder entre seus súditos. Algo estava muito errado com Lucien, e Raphael estava começando a suspeitar que ele sabia o que era. Mas primeiro, ele teria que lidar com as pessoas de Lucien, que não gostariam de receber aquela intrusão no domínio de seu mestre.

Raphael estudou a sede de Lucien em Vancouver quando esta apareceu. Era uma casa senhorial, situada nas colinas acima da cidade. Quase vitoriana na aparência, tinha sido construída logo após a Primeira Guerra Mundial com as especificações de Lucien, e ostentava varandas em cada canto de seus três andares. Todas as janelas e portas estavam brilhando com luz quando os SUVs pararam em frente, como se as pessoas de Lucien estivessem deixando a luz brilhar como um farol para seu Sire.

A porta do passageiro no SUV da frente abriu logo quando eles chegaram, e Sophia saltou, correndo através da porta até a passagem de entrada. A porta da frente abriu antes que ela a alcançasse, luz branca derramava brevemente antes que a porta transbordasse com vampiros que subiram para a varanda e desceram as escadas. Um dos machos saiu à frente do resto, a encarar Sophia com raiva.

— Darren Yamanaka, meu senhor. — Duncan disse. — O tenente de Lucien.

Raphael viu os dois discutindo. Yamanaka era apenas de altura média, mas ele era densamente construído e tentava usar o seu tamanho como vantagem. Não que parecia ser necessário, uma vez que Sophia não parecia nem um pouco

intimidada pelo homem maior. Mas então seu poder excedia o de Yamanaka por uma margem considerável, que era tudo o que realmente importava. Raphael deixou a discussão continuar por alguns momentos, então se mexeu irritado.

— Nós não temos tempo para isso. — Disse ele. Chegando à sua esquerda, ele puxou o trinco e abriu a porta do SUV do seu lado. Contornando a frente do caminhão, ele empurrou através do portão e veio por trás de Sophia a tempo de ouvir Yamanaka acusando-a de trair seu mestre, de convidar o inimigo para o coração de seu território, inimigo que era Raphael, é claro.

— Basta. — Raphael disse calmamente, colocando poder suficiente nas palavras para ele e todos os presentes ouvirem e obedecerem.

Darren deu à Sophia um olhar assassino antes de virar para Raphael. — Não vamos nos render sem luta, meu senhor. Você pode nos matar a todos, mas vai pagar algum preço pelo roubo da vida e soberania de nosso Sire.

Raphael estudou Darren, admirando a coragem do vampiro, assim como desprezou a loucura dele. — Não seja burro, Yamanaka. Se eu quisesse o território do seu mestre, você estaria morto.

Os olhos do vampiro queimaram brevemente, mas como ele não era, em verdade, suicida, voltou sua ira sobre Sophia, por sua vez. — É assim que você ajuda o nosso Sire, Sophia? Você traz o seu inimigo para sua porta?

— Cale a boca, Darren. — Sophia assobiou. — Eu já acabei com você uma vez, e posso fazê-lo novamente. Se você ler a carta de Lucien, irá saber…

— Que carta? — Darren perguntou, sua raiva desaparecendo.

Sophia abriu a boca para responder, mas Raphael interveio. — Talvez devêssemos levar isso para dentro. — ele sugeriu. — Ou é a sua intenção entreter os vizinhos?

Sophia parecia presunçosa, mas Yamanaka sacudiu em suas palavras, lançando olhares para as outras casas acima e para baixo na rua. A mais próxima estava a uma centena de metros, mas o som fluía de forma inesperada em colinas como essa.

— Vamos utilizar o escritório de Lucien. — Sophia anunciou serenamente e fez um gesto em direção à casa em convite.

— Excelente. — concordou Raphael.

Ele começou a subir a escada, sua segurança formando um cordão apertado em torno dele, efetivamente afastando quaisquer últimas objeções pelas pessoas de Lucien.

Yamanaka observava pensativo enquanto passavam e Raphael estava consciente do tenente de Lucien por trás quando ele atingiu as escadas.

Ele sentiu uma passagem de poder de Sophia e ouviu-a ralhar com o outro vampiro. — Não seja um tolo, Darren.

Raphael sorriu tristemente sem olhar para trás. Ele não veio aqui à procura de conquista, mas se Lucien estava realmente desaparecido, talvez não prejudicasse avaliar o campo de candidatos antes de ele ir embora. Afinal, Raphael não queria um tolo sentado em sua fronteira norte.

Uma vez dentro, Sophia dirigiu-os a uma escadaria estreita e até o terceiro andar. Ela caminhou em torno de Raphael e sua segurança nesse ponto, abrindo caminho por um corredor curto até um par de portas fechadas. Como tudo na casa, eles eram velhos e muito mais estreitos do que aqueles encontrados em casas mais modernas. Mas também foram bem cuidados e esculpidos em detalhe bonito. Sophia empurrou as portas abertas e cruzou o quarto, puxando de lado um par de pesadas cortinas para revelar as luzes de Vancouver por trás de um conjunto de portas francesas que conduziam além a varanda.

A sala era grande e cheia de papéis e bens de Lucien, bem como um forte senso da presença poderosa do lorde vampiro. Bebendo a essência, como se Lucien estivesse na sala, Raphael entrou diretamente pelas portas de vidro na parede oposta e saiu para a varanda. Andando diretamente até a grade de ferro enegrecido, ele agarrou o metal frio e abriu seus sentidos para a única assinatura que era Lucien.

O que ele descobriu não o surpreendeu. Ele suspeitava disso desde que cruzou a fronteira com suas enfraquecidas defesas. Mas a expectativa não fez nada para diminuir a preocupação que a confirmação trouxe. Ele sabia que Lucien não estava morto, mas isso poderia ser pior. Ele sentiu a presença de Duncan atrás dele.

— Você sente isso? — ele perguntou.

Duncan mudou-se perto dele e balançou a cabeça lentamente. — É estranho, meu senhor. Sinto uma presença definitivamente, mas está enfraquecida de alguma forma. Eu não sei o que é.

— Não. — disse Raphael. — Duvido que você reconheça. Eu mesmo apenas experimentei isso uma vez antes, a centenas de anos e milhares de quilômetros daqui.

— O que é? — A voz de Sophia veio da porta atrás deles.

— Desvanecimento. — disse Raphael.

— O que significa isso? — ela exigiu. — Eu nunca ouvi nada parecido...

Raphael virou-se para encará-la. — Lucien está morrendo.

Sophia ouviu as palavras de Raphael e viu a absoluta segurança em seus olhos negros. E ela sentiu o coração apertar até ficar quase seco em seu peito. Lucien não podia morrer. Ela não iria permitir.

— Você vai encontrá-lo, então. — disse ela, não pedindo, mas dizendo. — Se você pode senti-lo morrer, pode...

— Não. — disse ele, empurrando-a para dentro com o simples movimento de andar para frente. — Receio que Lucien não quer ser encontrado.

— Claro que ele quer ser encontrado. Meu Sire nunca aceitaria a morte facilmente. Ele ama a vida demais.

— Admito que não é algo típico dele. — Raphael concordou com uma calma irritante. — Talvez ele tenha sido dominado pela culpa.

Ele estava se movendo em torno do estúdio de Lucien, pegando objetos e estudando antes de colocá-los de volta na posição precisa em que os encontrou. Sophia observou-o vaguear como se medindo o lugar para o novo mobiliário e de repente se arrependeu de trazê-lo aqui. Talvez Darren estivesse certo.

— Diga-me, Sophia. — Raphael disse, voltando, sem emoção, o olhar sobre ela. — Por que você acha que Lucien enviou você aqui?

Sophia olhou para ele, não esperava a pergunta, mas manteve seu próprio olhar tão plano como o dele. — Eu suponho que ele queria me contar quem tinha feito isso e vingar seu povo. — Parecia estúpido, mesmo quando ela disse isso.

Raphael deu um sorriso condescendente. — Por que você? Por que não Darren? Ele *é* tenente de Lucien, afinal, e ele já está aqui. Ele conhece a cidade melhor do que você, e provavelmente as pessoas, também. Por isso, é mais provável que ele tenha contatos entre os meus próprios vampiros, algo que Lucien sabia que seria útil. Então, por que você?

Sophia ficou com raiva por ele continuar interrogando-a, como se conhecesse algum segredo que ela não conhecia. Ou talvez era só raiva por ter sido forçada a enfrentar a verdade. Não mais. Ela se empertigou e encontrou seu olhar diretamente. — Eu sou mais poderosa do que Darren. — ela disse sem rodeios. — Pelo meu conhecimento, eu sou a mais forte dos filhos de Lucien.

Raphael deu de ombros. — Isso é significativo aqui?

Sophia olhou para Raphael com algo próximo ao ódio. Apenas um sentido forte de auto-preservação a impediu de rosnar para ele. — Lucien me destinou para ser sua sucessora. Se ele morrer, eu preciso estar aqui.

Aquele sorriso presunçoso cresceu, mas não havia humor em sua voz quando ele a prendeu com aqueles olhos de prata e disse: — Então eu sugiro que você faça algo. O desvanecimento de Lucien já está enfraquecendo suas fronteiras. Em pouco tempo, você vai ter candidatos de todo o continente descendo para preencher o vácuo deixado por sua ausência. Você tem sorte por seus vizinhos, por enquanto. Eu não tenho vontade de expandir o meu território e Rajmund no Nordeste ainda está consolidando seu poder. Ele não tem energia de

sobra para ninguém. Mas isso não vai durar para sempre. E como a vulnerabilidade cresce, os sinais se espalham.

Ele olhou ao redor da sala, como se avaliando as fronteiras invisíveis do território. — Alguém precisa reforçar as fronteiras de Lucien antes que seja tarde demais. Por agora, muitos de vocês podem trabalhar juntos, se conviverem bem. Mas, eventualmente, uma pessoa vai ter que entrar na brecha. Se não é para ser você, vai certamente ser alguém de fora, porque Darren Yamanaka não está à altura da tarefa. Ele vai cair na primeira disputa.

Raphael sinalizou para o seu pessoal de segurança e seguiu pelas portas para o corredor.

— Espere. — Sophia exigiu. Ela queria respostas do grande lorde vampiro, não sermões.

Ele parou dentro da sala, voltando a considerá-la com uma sobrancelha erguida devido à ordem imperativa dela.

— Lucien poderia ser um prisioneiro? Alguém poderia estar fazendo-o passar fome, mantendo-o cativo?

Raphael inclinou a cabeça para um lado, como se considerando a questão. — É possível. — Admitiu. — Lucien sempre confiou demasiado nas pessoas.

Sophia expulsou um longo suspiro de alívio, em parte de alívio por que Lucien poderia ainda estar vivo, e em parte com agonia, pois seu Sire poderia estar passando fome, sendo torturado por seus captores.

— Você vai voltar com a gente? — Raphael perguntou.

Sophia encarou cegamente por um momento, sua mente lutando para pensar na pergunta acima de tudo que tinha acabado de ser despejado sobre ela. Ela piscou e engoliu em seco, em seguida, acenou com a cabeça uma vez.

— Sim. — disse ela. — A chave para encontrar Lucien está em resolver esses crimes.

Raphael sinalizou para alguém. — Um dos meus veículos irá esperar, para que você possa conferir com seus colegas membros da casa antes de sair.

Sophia afundou na cadeira atrás da mesa de Lucien quando Raphael saiu da sala, a cabeça afundando em suas mãos. Ela não queria isso. Nem as mortes misteriosas de Giselle e dos outros, nem a carta enigmática de Lucien ou seu repentino desaparecimento, e nem o inferno da batalha quase certa com Darren sobre o controle do território de Lucien. Ela ofegou alto quando esse pensamento foi assimilado. Não *haveria* nenhuma batalha pelo controle, porque Lucien não estava morto, e ele não ia morrer. Ela não acreditava nem por um minuto que ele estava tentando se matar por um sentido ridículo de culpa. A idéia era risível. Lucien estava claramente triste com a morte de Giselle e seus jovens. Sua carta era uma prova. Mas a maior parte de sua tristeza era provavelmente reservada para si mesmo, que ele teve de sofrer a sua perda e lidar com as consequências.

Não, ela iria encontrar quem estava fazendo isso, e ela encontraria Lucien também. Ele podia precisar de sua ajuda por alguns meses, talvez até um ano, enquanto recuperava sua força, mas, então, as coisas voltariam ao normal.

Ao mesmo tempo, ela foi forçada a admitir que Raphael tinha um ponto. Se o Sire dela queria ter um território para o qual voltar, alguma coisa teria que ser feita agora para mantê-lo. De alguma forma ela e Darren...

— Ele se foi.

A voz indesejada de Darren anunciou sua presença, como se ele soubesse que ela estava pensando sobre ele.

— Ele não ficou aqui por muito tempo. — disse ele, franzindo a testa enquanto a observava sentada atrás da mesa de Lucien... Na cadeira de Lucien. — O que ele fez aqui?

— Nada que você e eu já não tentamos, mas ele fez isso com maior sucesso. — ela admitiu. — Suponho que não é muita surpresa, dado quem ele é.

Darren veio ao redor da mesa, escolhendo pousar na borda ao lado dela, ao invés de tomar qualquer uma das cadeiras na posição suplicante na sua frente.

— O que isso significa, maior sucesso? Achou Lucien?

— Não, infelizmente. — Ela começou a dizer a Darren palavra por palavra do que Raphael havia explicado a ela.

— Foda-se. — ele explodiu, levantando-se e caminhando ao longo de uma estante de livros e de volta. — Lucien nunca faria nada para ferir a si mesmo. Eu o conheço.

— Concordo. — disse Sophia, aliviada ao ouvir alguém dizer isso em voz alta. — Mas o que Raphael disse sobre as fronteiras territoriais é verdade. Eu senti quando chegamos aqui hoje à noite. No início, eu pensei que era apenas porque Raphael estava no veículo atrás de mim, mas era mais do que isso. E se nós não queremos um bando de abutres vindo para cá, você e eu precisamos descobrir uma maneira de manter as coisas em ordem até Lucien voltar. Ou combatê-los um por um.

Darren parou de andar e olhou para ela. Ela podia ver que ele a estava avaliando, tentando decidir se a sua anterior demonstração verdadeiramente refletia seu poder relativo, ou se ele poderia vencê-la em uma luta. Ela sabia que ele nunca iria desafiar Lucien. Mesmo que seu Sire saísse desta bastante debilitado, Darren nunca iria contra ele.

Mas a possibilidade de que Lucien pudesse morrer... Mudava tudo. Darren era leal a Lucien, mas ele também era Vampiro. E os vampiros eram, em sua essência, territoriais e agressivos. E se Lucien morresse, não havia absolutamente nenhuma razão para honrar a sua preferência por Sophia como sucessora.

Sophia levantou, encarando seu companheiro vampiro com um olhar frio. — Eu não vou brigar com você sobre isso, Darren. — Seus olhos brilharam com triunfo e Sophia riu. — Não agora. — Acrescentou deliberadamente. — Eu acredito que Lucien vai voltar. Mas se ele não voltar — Ela deixou inchar seu próprio poder, derramando em seus olhos até seu brilho abafar a iluminação fraca. — Se ele não voltar... — ela repetiu em voz baixa, encontrando o olhar de

Darren diretamente. — Eu vou brigar com você até a morte antes que eu deixe você ter este território.

# Capítulo 20

**Os SUVs passaram através da noite deserta pelas ruas silenciosas,** exceto por algum veículo ocasional que partilhava a estrada com eles. À distância Raphael podia ouvir uma buzina de neblina dando, continuamente, a sua advertência desolada.

Sua mente também estava silenciosa meditando sobre os eventos da noite, mas sem nenhuma urgência particular. A situação de Lucien embora intrigante, não parecia mais relevante para sua caçada. Restava ainda uma fúria silenciosa contra o lorde Canadense ocultada na superfície de seus pensamentos. Mas aquilo teria que ficar para mais tarde, depois que ele rastreasse os assassinos que Lucien deixara em sua porta, depois que o sangue deles tivesse alimentado seus soldados e seus ossos fossem reduzidos a cinzas espalhadas pela terra. Lucien poderia esperar até lá. Ele não iria a lugar nenhum.

Do seu lado, Duncan levantou a mão para o aparelho em seu ouvido e em frente a ele Juro fez o mesmo. Raphael olhou de relance em direção a Duncan que virou-se para ele e disse quase sussurrando: — Sophia está a uma hora atrás de nós, meu Senhor. Eles estão avançando rápido e devem nos alcançar quando chegarmos ao complexo.

— Diga a eles para não se preocuparem com o limite de velocidade, Duncan. Eu quero todo meu pessoal são e salvo. — Ele estava confiante que, se por algum acaso as autoridades humanas os parassem, seus vampiros seriam capazes de persuadi-los a ignorar a transgressão e olhar para o outro lado. Tal habilidade era requisito obrigatório para todo vampiro que fazia parte da sua segurança pessoal.

— Quais são as ordens em relação à Lucien, meu Senhor? — perguntou Duncan cuidadoso. O que ele realmente queria saber, pensou Raphael, era o que ele faria a seguir.

— Lucien terá que esperar, Duncan. Primeiro vingaremos os nossos.

Nenhum policial foi encontrado no caminho para casa, e poucos viajantes foram vistos. As luzes do complexo logo apareceram à vista, um ponto brilhante em meio à escura floresta.

Raphael passou alguns momentos conferenciando com Duncan e os outros, mas a noite estava indo embora e ele queria algum tempo sozinho com Cyn, antes do sol nascer.

Ela estava dormindo quando ele finalmente se deitou na cama deles. Ele havia falado com Elke antes de descer. Ela reportara que Cyn mantivera sua palavra, e que ela de fato havia passado a noite no complexo, não se ausentando nem para alimentar-se. Raphael teria ficado aliviado se não a conhecesse tão bem quanto a conhecia. Ela provavelmente tinha ficado o tempo todo online procurando por maneiras de se colocar em perigo no dia seguinte.

Ele suspirou enquanto despia o terno e gravata, desabotoando a camisa de algodão egípcio e os jogando em um cesto de roupas sujas. Ele não usaria nenhuma dessas coisas pelo resto de sua jornada. Até os assassinos serem presos e punidos, seus planos não envolviam nada tão formal quanto terno e gravata.

Cyn havia deixado uma suave luz queimando sob a cômoda. Ela tinha-a deixado para ele, embora soubesse que ele não necessitava. Ela usava mais o

coração do que a cabeça, razão pela qual ele a havia deixado ligada depois de verificar a segurança do cofre e seguir em direção à cama deles. Ele não precisaria da luz essa noite, mas ela sim quando a manhã chegasse. Não havia luz natural na suíte subterrânea, nem janelas para anunciar o nascer do sol. Mas ele também não precisava disso. Ele sabia o caminho do sol pelo céu melhor do que qualquer astrônomo.

Ele se aproximou da cama sorrindo quando viu que ela dormira vestida ao invés de nua como eles normalmente faziam. Apesar de que as roupas mais pareciam lingerie - uma camiseta sem mangas agarrada aos seus seios, marcando-os detalhadamente, e uma minúscula calcinha que só servia para aumentar seu desejo. Se a intenção dela era repeli-lo com aquelas vestimentas, falhara miseravelmente.

Raphael deslizou embaixo das cobertas enrolando o braço em volta do corpo esguio e puxando-a para si, encaixando-se em volta de sua sonolenta e calorosa humana. Ela murmurou suavemente em sono muito profundo para se lembrar de sua raiva, e muito familiarizada com a presença dele para acordar. Sorrindo, ele deslizou uma mão ao longo da pele de seda dela e embaixo da camiseta esticada sentiu todo o seio com sua mão e com os dedos encontrou o mamilo, excitando-o. Cyn sorriu em seu sono, empurrando seu lindo traseiro e esfregando-o gentilmente contra o crescente pênis. Ele rosnou baixo em sua garganta enquanto sua fome aumentava junto com sua ereção. A noite havia sido longa e eles não haviam se separado nos melhores termos. Ele queria se enterrar dentro dela, marcá-la como sua, substituir a raiva por possessão. Ele era um vampiro e ela era sua companheira.

Inclinando a cabeça beijou-a na testa, depois no queixo, mas suavemente, para que não a acordasse. Ainda não. Ela se mexeu levemente, apenas para se aconchegar mais profundamente em seus braços. Raphael mostrou os dentes, suas presas rasgando a gengiva ao sentir o cheiro do sangue dela fluindo debaixo da pele frágil, e foi nessa altura que o pensamento o atingiu como soco. Ela era dele. Ela sempre seria dele e de mais ninguém.

Ele cravou os dentes no pescoço acetinado, apreciando a ligeira resistência da veia que jorrava sangue sob suas presas, ao primeiro gosto do sangue dela fluindo pela sua garganta.

Finalmente acordada devido à onda eufórica liberada na corrente sanguínea junto com as presas dele, Cyn gemeu suave, sussurrando seu nome. — Raphael. — Ela acariciou-o na nuca, segurando a cabeça dele contra seu pescoço enquanto ele se alimentava.

Ele acariciou os mamilos dela com os dedos, espalmando os seios num envolto gentil antes de passar a mão por sua barriga lisa em direção à pele macia e aveludada entre as pernas dela. A pequena renda que ela usava na tentativa indiferente de dissuadi-lo foi colocada de lado ao ser empurrada em um emaranhado por entre as coxas dela. Então, mudando a investida, ele escorregou seus dedos por dentro dela, sentindo o tremor crescente da pele dela enquanto deslizava os dedos para dentro e para fora até que ela estivesse molhada e pronta para ele.

Cyn, porém, não esperou que ele tomasse iniciativa. Ela elevou a coxa em convite, espalhando suas pernas e pressionando-as contra ele, ansiosa por tê-lo dentro dela. Ela suspirou o nome dele mais uma vez, desta vez com desejo em sua voz, mais como uma exigência do que como um agrado, seus dedos esguios movendo-se para agarrar o pênis dele, aumentando ainda mais a fome insaciável.

Raphael colocou a mão dela de lado, movendo seu membro para a entrada dos grandes lábios, aumentando o calor entre eles, e deslizando até estar dentro dela, sentindo o controle de sua região íntima enquanto ela a flexionava contra ele tentando fazê-lo entrar ainda mais profundamente.

Cyn gemeu em protesto, excitando-se num vai e vem nos braços dele, tentando dar ritmo àquela paixão.

Raphael riu discretamente por dentro, a vibração alcançando suas presas, ainda enterradas no pescoço dela, renovando o desejo que a estremecia. Ele não se apressou, não estava mais mergulhado no sangue dela e sim, se mantendo

inerte na sua mordida, colocando as mãos sobre o abdômen e segurando-a firme, assim como a provocando ao colocar e tirar seu membro, não o tirando inteiramente, nem tão pouco a preenchendo por inteiro.

— Raphael, por favor. — ela suspirou.

Ele levantou sua cabeça e gemeu em resposta, penetrando-a com uma longa e poderosa estocada, entrando profundamente dentro dela e depois saindo, apenas para fazê-lo novamente. Ela segurava seu membro tão fortemente entre as coxas que ele teve que se esforçar para penetrá-la enquanto ela chegava ao clímax, seu choro gemido preenchia os ouvidos dele como um doce som, e os seus dedos o seguravam pelo cabelo forte, mantendo-o junto a ela. Seu orgasmo finalmente diminuiu, e então aos poucos seu corpo passou apenas a um leve tremor dos membros, convulsões aleatórias ondulando em torno do pênis dele, enquanto ele continuava a martelar dentro dela, sabendo que o êxtase de sua mordida ainda estava correndo no corpo dela, e assim persistiria por um longo tempo.

Ele deslizou os dedos sobre o abdômen dela até alcançar os grandes lábios de sua vagina, para então revelar o excitado clitóris, inchado de sangue e duro como pérola. Ele começou a circulá-lo, deslizando sob sua superfície sensível até ela se empurrar sobre a mão dele e então sobre seu pênis, fazendo suaves choramingos enquanto ela procurava se aliviar novamente.

Os dedos dele se fecharam no clitóris dela, apertando suavemente e esfregando aquela área que clamava por atenção.

— Oh, Jesus. — ela suspirou.

Primeiro seu abdômen se encolheu e então seu corpo inteiro foi um só espasmo contra ele. Ele a segurou firme enquanto o segundo orgasmo tomava conta dela e ela gritava seu nome.

Profundamente dentro dela, seu pênis respondeu ao orgasmo dela, algo que ferveu no saco e foi em direção ao pênis, explodindo e assim preenchendo-a, a fazendo clamar por ele tanto dentro como fora de si.

— Você trapaceia. — ela murmurou, quando finalmente parou de tremer, então ele cobriu seu doce corpo gelado com cobertas e beijou suas lágrimas de emoção extenuada.

— Eu estava com fome. — ele contrapropôs.

— Besteira. Você estava com tesão.

— Também. — ele disse com um riso. — Mas apenas por você, *lubimaya.*

Ela suspirou se aconchegando contra ele e segurando suas mãos entre os seios, mergulhando ainda mais em seu abraço. — Eu te amo, sabia? — ela murmurou já sonolenta.

— Eu sei. — ele disse, sentindo o calor do sol surgindo no horizonte. — Eu também te amo, minha Cyn. — Pensou ele enquanto o sol dava início à sua jornada pelo céu da manhã, querendo alertá-lo sobre o que aprendera em Vancouver.

Para lembrá-lo que os assassinos estavam no caminho de ambos devido a Lucien, que eles caçavam aqueles mais importantes para Raphael. E ninguém era mais importante que Cyn. Mas o amanhecer roubou-lhe as palavras e o medo o perseguiu no sono.

# Capítulo 21

***2000, América Central***

**Colin caminhava pela rua, estreita e escura, os paralelepípedos que** pavimentavam o chão da rua duros e irregulares, sob as sandálias que ele usava para misturar-se. O sol tinha se posto horas atrás, e eles não usavam luzes nas ruas por estas bandas. As cores brilhantes das paredes subindo ao redor dele eram, em sua maioria, silenciadas pela escuridão, com ocasionais fitas de cor à luz de uma porta ou janela. Pessoas lotavam as ruas em torno dele, aproveitando o ar da noite um pouco mais fria. As temperaturas do dia eram intensas por aqui. Mesmo ele achava quente e tinha crescido no sul da Geórgia, onde se o calor não o matasse, a umidade faria.

Mas ele estava se sentindo bem esta noite. Melhor do que bem, ele se sentia ótimo. Jovem, forte e saudável, macho alfa no auge em seu caminho para encontrar a mulher mais bonita que ele já tinha conhecido. Mas Sophie não era apenas bonita, ela era sexy, misteriosa e inteligente, também. Quase tudo que Colin sempre quis em uma mulher embrulhado em um pacote delicioso que se curvava e luxuriava em todos os lugares certos. Pegou seu ritmo, ansioso para chegar ao café onde ele sabia que ela estava esperando por ele.

— Murphy. — Seu amigo, Garry McWaters, pegou seu braço. — Vá com calma lá. A senhora vai esperar. Não vamos chamar a atenção, tudo bem?

— Sim, desculpe. — disse Colin, um pouco timidamente. — São essas noites quentes. Elas sempre me afetam.

— Lembra-o da escola, hein? Todas aquelas doces meninas do sul morrendo de vontade de largar as calcinhas para o heroi do futebol?

Colin riu. Ele era apenas seis anos mais jovem do que Garry, mas nos SEALS isso era um mundo de diferença.

— Não caíram tantas calcinhas como você pensa, Mac. — disse ele, usando o apelido de McWaters. — A maioria das meninas na minha cidade natal espera por um anel, assim como suas mães ensinaram a elas.

— Continue falando, Murphy. Alguem acreditará. Aqui vamos.

Eles dobraram a esquina, trazendo o café à vista em uma praça pública. Apesar do espaço aberto, as multidões eram mais espessas aqui. Ele e Mac diminuíram ainda mais. Ninguém se apressava nesta cidade, e, como Mac disse, não queriam chamar a atenção para si. Eles não deveriam estar aqui. Inferno, eles não *estavam* aqui. Não oficialmente. Apenas um par mais de dias e iriam embora. Voltariam para os Estados Unidos. Por um tempo de qualquer maneira.

E era por isso que era tão importante que ele falasse com Sophie hoje à noite. Ele não queria perdê-la só porque ele estava indo para casa. Podia levar algumas semanas ou mesmo meses, mas ele providenciaria um visto americano para ela, um visto de turista ou o que quer que pudesse receber. Ela adoraria a Califórnia, onde era a base dele com os SEALs. Ele sabia que ela gostaria.

Eles finalmente romperam a multidão o suficiente para ver o café, ainda do outro lado da praça. Ele olhou o pátio e varandas, à procura de Sophie. Às vezes ela esperava por ele lá, acenando em meio à multidão quando ele aparecia à vista. Mas não esta noite. Esta noite…

Ele parou, franzindo a testa. — Mac? — ele disse suavemente.

Próximo a ele, seu amigo se afastou um pouco, dando-lhes espaço de sobra para tirar as armas escondidas em seus cós nas costas. — Yeah. Parece meio vazio, não é?

— Merda. — Colin xingou suavemente. — Eu tenho que chegar lá, Mac. Se Sophie estiver esperando...

O resto de sua frase foi perdido quando o mundo explodiu em torno deles. Os restos queimados estavam em todo lugar, voando no ar como estilhaços, caindo sobre as mesas dos comerciantes, iniciando novos fogos entre as mercadorias exibidas lá. Chamas estavam atirando para fora do pequeno café, lembrando-o de uma vela romana no 4 de Julho[4]. E os gritos. Pessoas correndo ao redor da praça quase descuidadamente, como pinballs em um jogo de arcada, sabendo apenas que eles tinham que fugir, mas não sabendo como chegar lá. Outros corriam do edifício em chamas, das mercadorias incendiadas, alguns deles em chamas, alguns perseguidos por amigos tentando desesperadamente ajudar.

— Nós estamos fora daqui, amigo. — Mac agarrou o braço de Colin, puxando-o para trás pelo caminho por onde tinham vindo.

Ele se permitiu ser puxado uns poucos metros, olhando em descrença, antes da realidade o atingir. — Sophie! — ele rugiu. Ele puxou o braço longe de Mac e correu em direção ao prédio em chamas, saltando sobre feridos na terra, os seus rostos e membros ensanguentados e queimados, as suas roupas pouco mais do que pedaços enegrecidos.

— Sophie! — ele gritou novamente, sentindo o calor das chamas antes que ele tivesse chegado a trinta metros do café, suor escorrendo pelo seu rosto.

— Murphy! — A voz de Mac estava bem atrás dele, a pressão da ordem contida nela diminuindo a velocidade de Colin, mas não o parando. Não quando a mulher que ele amava - ah, Jesus, ele a *amava*. Colin inclinou-se sobre os joelhos, a dor no peito tão grande que ele pensou que ia morrer com ela. Levantou

[4] Feriado Nacional Americano.

o rosto para a conflagração e sabia que ninguém estava vivo lá dentro. Ela tinha estado lá dentro? Tinha chegado antes dele como sempre fazia?

— Nós estamos fora. — A voz de Mac era dura, não deixando espaço para discussão nem argumentos. Agarrou Colin pela parte de trás do pescoço, curvando-se para falar em seu ouvido. — Sinto muito, cara, mas vamos embora. Agora.

Ele puxou Colin, girando-o com força bruta até eles se juntarem ao resto das pessoas correndo para fora do café. Com um braço sobre os ombros de Colin, ele puxou-o junto, só mais um ferido do que tinha certeza era alguma vingança de um cartel de droga, um trabalho para assassinar alguém ou uma mensagem para outra pessoa, e quem se importava quantos inocentes civis morriam no processo?

*Sophie*! Colin parou com seus calcanhares. — Eu tenho que verificar, Mac. Eu tenho que saber...

— Você não precisa fazer nada, exceto continuar caminhando. Você vai ligar para ela mais tarde, verificar se ela está bem, dizer todas as doces coisas do sul. Mas agora, vamos embora.

Colin continuou andando, colocando um pé na frente do outro e a presença de Mac era a única coisa que o mantinha em movimento. Eles chegaram em uma outra rua, finalmente, um beco estreito que não sabia onde levava. Mas era escuro e fresco, um alívio bem-vindo do calor avassalador por trás deles. Mac o teria levado para a segurança dessa rua, mas Colin virou no último minuto e viu as chamas, viu alguém cambalear para fora do prédio, um cadáver de uma figura negra, gritando enquanto equipes de resgate corriam para ajudar. Ele parou e olhou. Era Sophie? Era ela em algum lugar nos destroços em chamas esperando por ele para salvá-la, esperando...

O telefone tocou, tirando Colin do pesadelo que ele não tinha tido nos últimos anos. Ele passou a mão sobre o rosto e encontrou-o encharcado de suor, assim como o resto dele. Fez uma careta, empurrou os lençóis úmidos e saiu da cama, nu como no dia em que nasceu. E o maldito telefone não parava de tocar.

Quem diabos iria chamá-lo tão cedo? Ele entrou no banheiro e jogou água no rosto, tentando acordar, ouvindo o telefone tocar, e entre toques...

— Porra. — Cuspiu a palavra com sentimento. Esse maldito cão de caça de Art Collard estava latindo de novo. Isso irritava os vizinhos, e era provavelmente por isso que seu telefone estava tocando. Art descia à cidade de vez em quando e o cão não gosta de ser deixado sozinho. E cada vez que acontecia, o telefone tocava com queixas.

*Ah, sim, senhora, senhor. Eu vou resolver isso. Vamos cortar a garganta do cão e fazer churrasco para o jantar. Não vai mais latir então, hein?*

Colin sorriu para si mesmo, imaginando o olhar sobre os rostos dos vizinhos, se ele realmente dissesse isso a algum deles. Eles todos tinham cães. Todo mundo aqui tinha. Mas de alguma forma o único latido que incomodava era do cão de Art. Embora, Colin teve de admitir que o latido profundo do velho John Henry soava como uma voz de condenação.

Ele encontrou o casaco em uma cadeira na sala de estar, onde o tinha deixado e tirou seu celular do bolso, atendendo pouco antes de ir para o correio de voz. — Murphy. — ele disse, consultando o relógio que estava sobre a mesa. Ok, não era o início do dia, depois de tudo.

— Boa tarde para você também, Murphy.

Ele afastou o telefone de seu ouvido e verificou o identificador de chamadas. Cynthia Leighton. Perfeito.

— O que você quer, Leighton?

— Meu Deus, você está em um humor. Eu pensei que talvez gostaria de me ajudar a investigar um par de assassinatos aqui nas redondezas, Xerife.

— Eu não sou o maldito xerife, e por que você precisa de mim de qualquer maneira? Tenho certeza de que todos os seus super vampiros podem lidar com isso muito bem.

— Pare de amuar, Murphy.

— Eu não tenho idéia...

— Estou chegando, portanto, coloque alguma roupa.

— Não... — Mas ela já tinha ido embora. — Filha da puta! — ele xingou em voz alta, pegando-se no último minuto antes de jogar o maldito telefone contra a parede. Era um agradável telefone e, além disso, era um pé no saco substituir aquelas coisas.

Ele largou o telefone na mesa ao lado do seu relógio e ficou de pé, mãos nos quadris, olhando em volta de sua casa. Ele tinha trabalhado muito neste lugar. O ar ainda tinha o cheiro de madeira fresca de quando ele tinha instalado os armários de cozinha novos apenas um mês atrás. Claro, ainda havia muito para fazer, mas viria com o tempo. Ele gostava daqui. Queria ficar aqui. O que significava que ele provavelmente teria que jogar com essa maldita Leighton e fazer o que podia para resolver esses assassinatos. Não que ele não quisesse descobrir quem tinha feito isso com Marco e fazê-lo pagar. Ele só não queria fazê-lo com vampiros olhando por cima do ombro.

Ou talvez fosse um vampiro particular que ele queria evitar. Um que vinha em um pacote cheio de curvas com grandes olhos marrons. Sim, ele definitivamente devia evitar o maldito complexo até que isso terminasse.

— Covarde. — Ele murmurou.

— Sim. — Respondeu a sua própria acusação e foi tomar um banho.

Colin puxou uma camiseta preta pela cabeça e penteou para trás seu cabelo molhado, pegando uma toalha quando a água escorreu em suas costas. Disse a si mesmo que devia cortar o cabelo, mas ele estava acostumado a tê-lo mais comprido, especialmente durante seus últimos anos na Marinha quando estavam fora do país e em locais onde um homem com cabelo curto e um rosto nu se destacavam. Ele raspou a barba assim que voltou, mas o cabelo era conveniente.

Uma batida na porta afastou seus pensamentos de seu cabelo. *Graças a Deus*. Talvez ele estivesse perdido aqui na floresta há demasiado tempo, se isso era tudo que tinha para pensar.

Enfiou a camisa dentro da calça, suas botas de combate fazendo um barulho quando ele atravessou o piso de madeira até a sua porta da frente. Ele viu o SUV preto fora e abriu a porta.

— Leighton. — disse ele e olhou por cima do ombro onde um grande cara negro estava dando-lhe um olhar de apreciação. — Quem é o músculoso? — perguntou ele.

— Robbie Shields, conheça Colin Murphy. — disse ela brevemente, abrindo caminho para sua casa. Aparentemente, ela não estava mais preocupada com as aparências, agora que seu maldito marido *vampiro* tinha enviado alguém para ser seu guarda-costas. — Vocês dois têm muito em comum. — Acrescentou.

— Como? — Colin perguntou, olhando para o guarda-costas. *Robbie* era uma ou duas polegadas mais baixo que Colin, mas composto por massa muscular pura. Os músculos do cara tinham músculos.

Leighton falou sem se virar, muito ocupada olhando a sua casa. — Forças Especiais, rah, rah, toda essa merda. Robbie era um Ranger. Robbie, o Ranger.

Colin trocou um olhar de longo sofrimento com seu companheiro guerreiro e gesticulou para o homem entrar. — Ranger?

— Sim, homem. — disse Robbie. Ele deu dois passos para dentro e eles apertaram as mãos.

— Eu trabalhei com um monte de Rangers durante o meu tempo de serviço. Bons caras.

— Liderando o caminho. — disse Robbie com um grande sorriso. — Alguém tem que manter o campo claro para vocês bichanos da Marinha.

— Bem, isso não é legal? — Ambos se viraram para encarar Leighton que estava olhando para eles amargamente. — Se relacionando sobre as balas? — ela perguntou docemente.

— Não se preocupe com ela. — disse Robbie. — Ela só está chateada porque o grande homem não vai deixá-la vaguear ao redor e ser morta.

— Como se isso fosse acontecer. — ela rejeitou. — Eu tenho muitas horas no campo quando se trata de trabalho da polícia.

— Sim? Você vai ler os direitos para o seu assassino vampiro? — Colin perguntou. — Porque eu não tinha planejado.

Ela piscou para ele. — Sabia que havia uma razão para eu gostar de você, Murphy.

— Então, por que você saiu da polícia de Los Angeles?

— Você me pesquisou no Google. Estou tocada. — disse ela distraidamente, vagando em sua cozinha e olhando ao redor. — O trabalho da polícia é um clube de meninos, apesar de toda a porcaria sobre igualdade de oportunidades. Ser uma Investigadora Particular pra mim era melhor, deixou-me trabalhar por conta própria. Eu não sou muito de jogar em equipe.

— Sem brincadeira. — Robbie murmurou.

— Seja bom Robbie, ou eu vou denunciá-lo à Irina. — Leighton disse, voltando para a sala.

— Como se isso fosse funcionar. Irina não tinha nada além de simpatia por mim quando ouviu falar sobre essa atribuição.

Leighton sorriu e bateu-lhe no braço, não de leve.

Colin fez uma careta. — Falando de outros significativos, Leighton, Raphael é seu marido?

Seu sorriso desapareceu. — Estritamente falando, ele é meu companheiro. É uma coisa de vampiro. Como uma espécie de marido, no entanto. Mandão como um, de qualquer maneira. Mas eu gosto de pensar nele como meu namorado. Parece mais querido.

Seu sorriso voltou com força total, mas Robbie começou a engasgar de repente, cobrindo-o com uma tosse, enquanto Leighton batia nas costas dele proveitosamente. Colin pensou que o pobre Robbie teria muitas contusões para mostrar seu esforço como guarda-costas hoje. Ele também notou que Leighton tinha trocado o caro anel de diamante do dedo por uma faixa de platina simples. Talvez ela realmente tenha alguma experiência de campo, depois de tudo.

— Além disso — ela continuou, escovando as mãos e apoiando-as em seus quadris. — Eu gosto que a primeira impressão de uma pessoa de mim seja sobre *mim*, e não sobre ele. Então... Eu estive pensando sobre como alguém humano poderia descobrir onde Marco e os outros viviam. Eles não anunciavam, exatamente, seu paradeiro e vocês estão todos muito espalhados por aqui. Não é como se uma pessoa pudesse apenas dirigir pelas ruas até encontrar uma casa. Você não pode sequer ver a maioria desses lugares da estrada principal e metade das estradas não vão a lugar nenhum.

— Sim, Coop é apenas uma das várias cidades não urbanizadas daqui. Há alguns milhares de pessoas espalhadas por *centenas* de milhares de quilômetros quadrados de território. Mas os registros de propriedade são públicos no estado de Washington. Qualquer pessoa com acesso on-line ou muito tempo para matar pode procurar o seu alvo.

Leighton assentiu. — Mas isso iria apenas dizer-lhes o proprietário do registro, e não quem realmente mora lá. Além disso, e eu estou confiando em você ser discreto com isso, Murphy, a maioria dos vampiros possuem sua propriedade sob um pseudônimo ou mesmo vários. Quando você vive algumas centenas de anos, às vezes é necessário fazer parecer que a propriedade já foi vendida, ou que o proprietário morreu e os herdeiros tomaram conta ou o que quer que seja. Se nada mais, esses assassinatos recentes provam a sabedoria desse tipo de subterfúgio.

— Eu percebo. — Colin concordou. — Mas se excluirmos os registros de propriedade, eu não preciso dizer-lhe que isso significa que há, provavelmente, um vazamento em algum lugar.

— Sim, eu sei. Alguém de Raphael está acompanhando isso também.

— E você vai compartilhar o que encontrar. — disse Colin, dando-lhe um olhar plano.

— Vamos compartilhar. — assegurou ela. — Raphael não é grande defensor dos Direitos de Miranda[5], também.

— Não posso dizer que o culpo. Não neste caso, de qualquer maneira. Em uma trilha separada. — Colin continuou. — Loren me deu uma lista de coisas faltando na casa de Marco e de Preston. Eletrônicos principalmente. Jeremy diz que nada foi tirado de seu lugar, mas eu descobri que é porque eles destruíram tudo à procura dele, e depois ficou tarde demais e eles correram antes do sol se pôr. Eu não acho que eles tinham ido embora há muito tempo quando eu apareci.

— Lojas de penhor? — Leighton perguntou.

— Não aqui, mas eu já tenho contatos na cidade. Um casal de rapazes ex-militares estão lá. Ficamos juntos de vez em quando, jogamos poker, falamos sobre os velhos tempos.

— Vêem? É disso que eu estou falando. Ninguém nunca me convida para jogar poker. — Ela suspirou.

— Aw. — Robbie cantou com simpatia. — Nós vamos convidar você para o nosso jogo, não vamos, Murphy?

— Depende. — disse Colin, pensativo. — Será que ela joga sujo?

Leighton sorriu. — Só quando é necessário.

— Você está dentro.

— E sobre grupos de ódio? — Leighton disse, pegando o anterior segmento de conversação. — Vocês têm algum nazista caseiro por aí?

— Você está pensando que talvez eles tenham adicionado vampiros à sua lista de Untermenschen[6]. — Colin comentou. — Isso é certamente possível. Na

[5] É um aviso dado pela polícia nos Estados Unidos para suspeitos sob custódia da polícia (ou em um interrogatório de prisão) antes de serem interrogados para preservar a admissibilidade de suas declarações contra eles no processo penal.

sua maioria eles estão do outro lado da linha de estado, mas estamos perto o suficiente para obter uns poucos discrepantes.

Ele se aproximou e pegou sua Sig, verificando a câmara e gatilho antes de colocá-la em seu cinto. — Vamos falar com algumas pessoas?

Levaram o Tahoe de Colin. Era um veículo familiarizado o suficiente para que o homem que eles estavam seguindo não desaparecesse de vista. Todos em Coop sabiam que havia um grande contingente de vampiros na cidade. Se alguém envolvido nestes assassinatos visse o grande SUV de Leighton, eles iriam fugir para dentro da floresta ou começar a disparar. De qualquer maneira, Colin não teria as respostas que estava procurando.

A casa de Hugh Pulaski era tão apertada como um tambor quando finalmente manobrou seu caminho após os portões que ele tinha instalado para bloquear o tráfego ao longo de sua milha e meia de estrada privada. Nenhum dos portões estava trancado. O que teria sido bastante inútil, uma vez que um visitante determinado poderia simplesmente andar por aí. Mas eles eram um inconveniente, exigindo do motorista ou passageiro, se ele tivesse um, que saísse do veículo a cada portão e encontrasse algo para segurá-lo aberto, uma vez que tinha mola para fechar automaticamente. Hugh gostava que as pessoas acreditassem que ele tinha sensores de movimento e câmeras em todo o lugar, também. Mas Colin tinha conhecimento de primeira mão desses tipos de dispositivos, e ele tinha certeza que só existiam nas fantasias de Hugh.

— Não parece a casa de alguém. — comentou Robbie do banco de trás. Ele tinha sido o único que tinha saído em cada um dos quatro portões, reclamando que sentiu que tinha um olho de boi pintado em suas costas depois de cada um.

— Ele está em casa. — disse Colin, sacudindo a cabeça para uma velha picape ao lado.

— Isso? — Leighton disse, incrédula. — Eu pensava que vocês, bons garotos, deviam cuidar de seus caminhões.

---

[6] É um termo da ideologia racista nazi usada para descrever "povos inferiores", especialmente "as massas do Leste", isto é, judeus, eslavos, ciganos, bolcheviques soviéticos e quaisquer outros não enquadrados na "raça ariana" (ou seja, germanos/nórdicos), de acordo com a terminologia racial nazista contemporânea.

— Nós fazemos. — Colin concordou, parando ao lado da picape. — Mas Hugh não é exatamente um bom garoto. Ele é um bebê de fundo fiduciário - ou velho agora - com um bacharel em química pela Universidade de Harvard. Você pode estar se perguntando se temos um outro Ted Kaczynski[7], mas eu não acho que Hugh tenha se graduado em qualquer lugar perto do topo de sua classe.

— Então por que estamos aqui?

— Hugh não é um perigo por si mesmo, mas ele está dentro do movimento da supremacia branca. Anda em torno deles principalmente. Qualquer outra coisa exigiria demasiado esforço. Se algo está acontecendo, ele provavelmente sabe.

— Acha que ele vai falar conosco? — Leighton perguntou, saindo do carro.

— Acho que ele mal pode esperar. — disse Colin, erguendo o queixo na direção da casa onde ele já podia ouvir o guizo de vários bloqueios deslizantes sendo abertos. Quando chegaram mais perto, a pesada porta girou para dentro, para revelar uma figura magra em calças cáqui e uma camisa de flanela, os quais eram totalmente novos e em um tamanho muito grande. Mas o que chamou a atenção de Colin não foi a versão de Hugh de vestuário de lenhador, mas a arma que ele estava mirando em linha reta nos três deles através da porta de tela. Leighton parou em suas trilhas, rosnando para Robbie, quando ele saiu na frente dela, colocando-se entre ela e a espingarda, assim como ele deveria fazer.

— Coloque a maldita arma para baixo, Hugh. — disse Colin, deixando mostrar sua impaciência, mesmo que a sua mão tenha caminhado até a Sig Sauer em seu quadril direito.

— O que você está fazendo aqui, Murphy? E quem diabos são eles?

— Largue a arma. — Colin repetiu. — E nós vamos conversar.

---

[7] Mais conhecido como Unabomber, é um matemático norte-americano, escritor, ativista político e terrorista, condenado a prisão perpétua na sequência de uma série de atentados à bomba, matando 3 e ferindo outras 23 pessoas. Kaczynski nasceu em Chicago, Illinois, onde, como uma criança prodígio intelectual, se destacou academicamente desde tenra idade.

Hugh abaixou a arma, mas não a guardou. Olhando para Leighton e Robbie, ele abriu a tela e pisou fora de sua casa, descendo dois degraus para o chão, ainda deixando vários metros entre ele e os seus visitantes.

— Não quero essas pessoas em minha casa. — disse ele.

— Estou ressentida. — Leighton murmurou, saindo de trás de Robbie. Ela teria se aproximado de Hugh, mas o guarda-costas tocou em seu braço em alerta. Ela franziu a testa, mas seguiu seu conselho.

Hugh não poderia ter ouvido o que ela disse, tão longe quanto ele estava, mas estreitou os olhos para ela de qualquer maneira, antes de olhar para Colin. — Estou te perguntando mais uma vez, Murphy, o que você quer?

Colin olhou para o outro homem. Hugh estava principalmente com a postura de blefe, fingindo que era uma espécie de sobrevivente vivendo aqui na floresta com sua picape velha. A verdade era que sua cabana rústica ostentava todas as amenidades modernas de uma vida que poderia ser ofertada pelo Fundo Fiduciário.

— Você ouviu falar sobre os assassinatos. — Colin fez uma declaração, não uma pergunta.

— Claro. — Hugh respondeu, inchando o peito para fora um pouco. — Bom destino para o lixo ruim, se você me perguntar.

Leighton não gostou disso. Ela endureceu, flexionando sua mão do lado de sua jaqueta para dar acesso claro à sua própria arma. Colin estendeu a mão em sua direção, baixa e aberta, para aplacar o gesto.

— Por que você diria algo assim? — ele perguntou a Pulaski. — O que Marco ou Preston fizeram para você?

— Foda-se. — disse o velho lentamente, arrastando para fora a palavra. — Eles são vampiros, não é mesmo? Não é natural. Não podem nem andar sob a luz solar, pelo bom Deus.

— Você gosta de banhos de sol, Sr. Pulaski? — Leighton perguntou, avaliando-o de cima a baixo. — Você parece um pouco pálido para mim.

— Isso é porque eu sou uma pessoa branca. Não como o gorila que você está se escondendo atrás.

— Chega, Hugh. — Colin estalou. — Tenho certeza de que estamos todos muito impressionados com sua atitude e besteira de um cara durão. Agora, responda algumas perguntas para mim, e nós vamos embora.

— Pergunte então. Para me livrar de vocês o mais rápido possível.

Leighton virou a cabeça para dar uma olhada a Colin com nojo. Ele apenas deu de ombros e olhou para Pulaski. — Ouvi que você está familiarizado com os grupos de supremacia branca que operam nestas partes. — disse ele.

— Claro. — disse Pulaski novamente. — Não há muito que eu não sei.

— Você sabe se eles têm alguma coisa a ver com essas mortes?

— Como eu te diria se eles tivessem?

— Bem, eu vou *te* dizer, Senhor Pulaski. — Leighton disse de repente. — Esta é uma investigação de assassinato. Você pode não ligar para os vampiros, mas eles têm direitos, quer você goste ou não. E se você sabe algo sobre o que aconteceu lá fora e não nos diz, isso se chama conspiração após o fato... Ou talvez você tenha feito um pouco de conspiração antes do fato também? Talvez Murphy aqui deva tirar algumas algemas e colocar em seus punhos brancos e transportá-lo para a vila. Não deve levar muito tempo para os meninos do Condado chegarem, para fazer uma prisão adequada. *Claro*, — disse ela, imitando-o — pode demorar um pouco mais de um dia, você não acha? Pode ficar escuro enquanto isso, e eu não acho que a prisão que eu vi no escritório de Murphy faça muito para manter os vampiros fora, o que você acha, Robbie?

— É difícil dizer, Sra. Cynthia. — Robbie disse com voz arrastada. — Mas eles são vampiros fortes. Porque eu já os vi rasgar ferro e derrubar paredes. Inferno, eles provavelmente não se preocupam com barras de ferro.

Provavelmente apenas quebrem as paredes. — Ele fez uma pausa, como se pensando nisso. — Sim, isso é o que eles fariam.

— Então, qual é que vai ser, Sr. Pulaski? Você quer responder algumas perguntas para nós? Ou esperar até depois de escurecer? — Ela o considerou preguiçosamente, um sorriso de satisfação brincando na sua boca. — Pessoalmente, eu não me importo que você queira esperar.

Pulaski deu-lhe um olhar cheio de ódio, mas não antes de Colin pegar o flash de medo em seu rosto.

— Apenas me diga o que você sabe, Hugh. — disse Colin pacientemente. — Não vai mais longe do que os quatro de nós aqui.

Hugh desviou o olhar para Colin, de volta a Leighton e a Colin novamente. Ele deu um passo para trás para longe de Leighton, seus dedos apertando a arma ao seu lado. Robbie viu, também. — Cyn. — disse ele bruscamente, tocando o braço dela e pisando à sua frente novamente.

A reação do guarda-costas deu prazer a Hugh e ele tinha um sorriso em seu rosto quando olhou de volta para Colin. — Os que fizeram isso não são daqui. — Disse ele abruptamente. — Estrangeiros se intrometendo e assumindo o que não lhes pertence. Deixando de lado aqueles de nós que viveram aqui toda a nossa vida como se fôssemos nada. Lotes trazidos de dinheiro e armas, todos os tipos de equipamentos e merdas que eu nunca vi antes.

— Você não reconheceu ninguém? Por que eles iriam escolher Cooper's Rest, se não são daqui?

— Não te diria se eu os conhecesse. Mas não conheço. Quanto ao por quê? Infernos, Murphy, é porque esses malditos vampiros moram com sua casa grande, extravagante e suas fodidas e extravagantes putas. — Ele olhou para Leighton, quando disse as últimas palavras, dando-lhe um olhar de cima para baixo com desprezo avaliador. — Você deve ter cuidado lá, senhorita. — disse ele. — Uma puta gostosa como você, aqueles homens poderiam fazer para você o que fizeram à Mariane. Qualquer mulher que aceite um vampiro, aceita qualquer um.

Leighton nem sequer pestanejou. Ela só encontrou o olhar de Hugh e mostrou os dentes, seus olhos ficando frios e vazios. Colin tinha visto aquele olhar em um monte de caras antes, mas nunca em uma mulher. Não confiando no que poderia acontecer em seguida, ele disse: — Ótimo, estamos indo. Você presta atenção com quem você mantém contato Hugh. Isto vai correr mal para qualquer um envolvido.

Robbie já estava apressando Leighton de volta para o caminhão, abrindo a porta para o banco de trás e pedindo a ela para entrar. Ele bateu a porta e esperou até que Colin estava por trás do volante antes de colocar a sua arma no coldre e correr para o caminhão.

— Vamos dar o fora daqui. — ele rosnou.

Colin dirigiu para fora da clareira em frente à casa de Hugh, não disposto a tirar os olhos do velho até que tivesse colocado alguma distância entre eles. Uma vez que ele alcançou a estreita estrada, recuou o suficiente para dar uma volta, em seguida, saiu em direção à rodovia.

— Então, como o menino branco lá sabia sobre Mariane? — Leighton disse. Ela tinha escorregado para a borda do banco de trás e estava inclinada entre os dois bancos da frente.

— Esta é uma cidade pequena. — disse Colin, saindo da estrada de Hugh e pegando a estrada principal. — Todo mundo sabia tudo o que tinha para saber sobre o ataque à Mariane e Jeremy dentro de horas. Talvez não todos os detalhes, mas uma idéia aproximada do que tinha acontecido e quem estava envolvido. O que é mais curioso é que Hugh nem sequer vacilou quando mencionei Marco e Preston. Ele já sabia que eles estavam mortos, mas eu não sabia até que você me disse ontem e eu não disse a ninguém. Ele pode não estar diretamente envolvido nesses crimes, mas ele sabe o que estão fazendo. Talvez – provavelmente – ele apenas está sentado em uma mesa na sombra, espionando.

Ela fez um ruído exasperado e empurrou-se para trás contra o banco. — Então, você tem algum branco supremacista que opera em seu quintal. Mas como isso se relaciona com o que aconteceu em Vancouver?

—O que aconteceu em Vancouver?

Leighton apenas olhou para ele.

— Vamos, Leighton. — disse ele, olhando para ela no retrovisor. — Você quer cooperação de mim, é uma estrada de duas vias. O que aconteceu em Vancouver?

Ela encontrou seu olhar, refletindo. — Sua namorada Sophia não lhe disse?

Colin deu-lhe um olhar frio. — Ela não é minha namorada. — ele disse uniformemente. — E você está evitando a questão.

Leighton deu de ombros, esticando as pernas antes de responder. — Mais três vampiros foram mortos. — disse ela. — É por isso que Sophia está aqui. Ela acha, e eu tendo a concordar, que quem matou os vampiros lá em cima decidiu espalhar a alegria para o sul.

— Merda.

— Isso não começa a cobri-lo. Você nunca viu o que acontece quando um vampiro fica muito chateado, Colin. Eu vi. Eles não acreditam no julgamento por júri e eles não dão segundas chances. Estes assassinos, sejam eles quem for, tiveram seus destinos selados no momento em que decidiram atravessar o território de Raphael. Isto não vai ser bonito, não importa como você olhe para a situação.

— Sim? Bem, vou te *dizer* como eu olho para a situação, Leighton. Eu *vi* o que fizeram com Mariane. Assim, enquanto os únicos ensanguentados sejam os animais que fizeram isso, eu digo para deixar o derramamento de sangue começar.

# Capítulo 22

**Sophia verificou-se no espelho criticamente, usando as duas mãos para** puxar seu cabelo para fora da gola alta do suéter que ela tinha escolhido para caçar hoje à noite. Parecia tolice pensar nisso como uma caçada, especialmente neste dia e época, mas ela não tinha nenhuma outra palavra para isso. Os vampiros de Raphael iam sair para caçar os humanos que cruzaram a linha de civilidade e começaram a matança. Parecia claro, para Sophia, pelo menos, que o motivo para estes crimes era o ódio simples. As coisas que eles tinham feito para Mariane eram a prova necessária. Ela achava que Raphael concordava, embora fosse difícil saber ao certo já que ela ainda estava excluída de quaisquer discussões sérias.

O lorde vampiro ocidental não confiava nela, nem mesmo depois de ontem à noite, quando ela tinha mostrado a sua *própria* confiança por admiti-lo não apenas no território de Lucien, mas no coração de seu ninho. Confiança de vampiros era difícil de conseguir. Ela tinha que lembrar-se disso agora que estava de volta à Vancouver. Passou muitos anos no Brasil, um país governado por um lorde vampiro tão descontraído que ele mal era qualificado para o título.

Ela devia ter se lembrado, no entanto. Devia ter se lembrado daquela aldeia na América Central e da noite em que havia recebido uma escolha - sair agora ou

jurar lealdade a um novo mestre. O lorde vampiro *dessa* região não era descontraído. Ele não estava disposto a tolerar sua presença em seu território enquanto ela prestasse juramento à Lucien. E Sophia não tinha tido nenhuma intenção de abandonar seu Sire, não quando havia tantos outros lugares do mundo onde ela poderia viver em paz.

Claro, deixar o território do lorde vampiro hostil tinha significado deixar Colin, também. Ela racionalizou a decisão em sua cabeça um milhão de vezes ao longo dos anos. Que ele era humano, que ele não iria entender, que ele não iria *querê-la* quando soubesse o que ela era. Ou que ele iria deixá-la em breve, de qualquer maneira, chamado pelos seus próprios mestres nas forças armadas dos Estados Unidos. Mas cada uma dessas desculpas ainda deixava um gosto ruim na sua boca. Ela poderia ter lidado com a situação de maneira diferente. *Deveria* ter lidado com a sitação de forma diferente. Mas quando o fogo havia começado, parecia como um dom, um sinal do destino que este era o caminho certo para ela tomar.

Mas então, ela nunca esperava vê-lo novamente, nunca esperava sentir um soco no estômago quando ela entrou no andar de cima e viu aqueles olhos azuis acusando-a.

Ela se afastou do espelho, não mais disposta a ver a acusação em seu próprio reflexo. Talvez ela devesse conversar com ele novamente. Tentar fazê-lo entender. Bufou delicadamente. Como se Colin já não tivesse feito os seus próprios sentimentos sobre o assunto perfeitamente claros.

Passos pesados soaram no corredor de fora, lembrando-lhe das festividades da noite. Ela passou as mãos nos quadris, colocando o suéter no lugar. Graças a Deus pensara em pegar algumas roupas em Vancouver na noite passada. Ela nunca tinha planejado estar no território de Raphael por tanto tempo, mas parecia que ela ia ficar aqui, pelo menos, mais um par de noites. Ela não achava que eles poderiam acabar isto antes, nem mesmo com o poder e recursos de Raphael ao seu lado.

Ela ia usar roupa casual esta noite - jeans, botas de sola plana e um suéter grosso. A caça era muito suscetível envolver vagar pela floresta, especialmente

porque não havia muito mais para *além* de mata por aqui. As roupas a faziam parecer muito mais jovem, algo que ela normalmente evitava em sua busca incessante por ser levada a sério no mundo dos vampiros dominado pelos homens.

E era definitivamente dominado pelos homens. Veja os passos batendo fora de sua porta apenas um momento atrás. Durante séculos, senhores vampiros haviam escolhido seus servos com a defesa física em mente, o que significava o maior e melhor, o que se traduzia em sexo masculino. Os tempos modernos fizeram isso menos necessário, mas a tradição continuava, porque os lordes vampiros controlavam quem era transformado e os lordes eram, na sua maioria, tradicionalistas antigos. As pessoas de Raphael eram um bom exemplo das fileiras de Vampiros carregados de testosterona. Sophia tinha visto somente uma fêmea entre todos os vampiros que ele havia trazido com ele da Califórnia.

Por seu lado, Sophia era mais poderosa do que a maioria dos vampiros que ela conheceu, mas por ser feminina, ainda era considerada fraca aos olhos da maioria dos vampiros. Ela poderia ter seguido o exemplo da solitária fêmea de Raphael, Elke, que parecia ser tão musculosa quanto os machos com quem trabalhava. Mas Sophia tinha crescido em uma cultura onde a beleza era o melhor de uma mulher, e às vezes a sua única arma. E ela sabia que era linda, como sabia que alimentava a falsa percepção dos machos de sua fraqueza. Mas, então, sua beleza era algo que ela aprendeu a manejar muito antes de se tornar Vampira. E ela nunca tinha gostado de levantar pesos.

Mas esta noite, ela renunciou as aparências em favor da praticidade. Ela não tinha intenção de marchar através da vegetação rasteira em quatro polegadas de saltos e uma blusa de seda. Sua única concessão era o seu cabelo, que ela tinha deixado pendurado nas costas, em vez da trança mais prática que ela usualmente adotava em tais situações. Ela disse a si mesma que não tinha nada a ver com a possibilidade de que Colin estaria ao redor, que ele ia lembrar o quanto amava o cabelo comprido dela quando estavam juntos.

Ela normalmente era muito boa em mentir quando servia a seus propósitos. Mas nunca tinha sido muito boa em mentir para si mesma. Ela acalmou sua

vaidade com um último olhar no espelho, então abriu a porta para um corredor vazio. Aparentemente, estavam todos no andar de cima já.

Subindo as escadas íngremes do nível do porão, Sophia admirou novamente o grau de segurança no recinto e o conforto proporcionado mesmo a uma vampira visitante como ela. Raphael cuidava muito bem de seu povo. Essa era a sua reputação, ela não deveria ter se surpreendido. Mas a realidade ultrapassava até mesmo a reputação dele. Ela ficou impressionada apesar de si mesma e se sentindo um pouco desleal para com Lucien por causa disso.

Ouviu o riso enquanto virava a esquina, o som flutuando dentro do prédio como uma lavagem de ar frio. Reconhecendo a voz profunda de Colin, ela olhou para cima ansiosamente... E franziu a testa. Colin estava lá, mas ele estava com a mulher de Raphael, os dois rindo e conversando como velhos amigos, como se não tivessem acabado de se conhecer há dois dias. Os olhos de Sophia estreitaram-se em desgosto, mas ela rapidamente apagou a expressão. Se Colin queria perder seu tempo com a mulher de Raphael, essa era sua escolha.

Ouvindo atentamente, fingindo que não o fazia, Sophia ouviu a mulher, Cynthia, dando boa noite a Colin e se dirigindo através da vasta extensão da grande sala, acompanhada por um outro guarda-costas de gigantescas proporções de Raphael, este um humano. Eles foram recebidos pela pálida e loira Elke, que estava vestida em um terno exatamente como os homens usavam. Sophia assistiu, com um pouco de inveja, como Cynthia e o guarda-costas preto cumprimentaram Elke, gastando mais alguns minutos em conversa alegre. Será que ela tinha algum amigo assim? Sophia se perguntou. Ou até mesmo conhecidos? Qualquer pessoa com quem pudesse trocar alguns momentos de conversa alegre? A resposta era não. Não em Vancouver, nem mesmo no Rio, que tinha sido seu lar durante anos. Ela não tinha ninguém. O que surpreendeu foi que ela nunca tinha notado a falta até agora.

Ela estudou o pequeno grupo. A companheira de Raphael era bonita. Sophia nunca tinha se importado de reconhecer a beleza em outras mulheres. Ela tinha sua própria beleza, afinal de contas, e portanto reconhecia-a em outras. Mas esta Cynthia usava sua beleza de forma diferente de Sophia, menos conscientemente

talvez, mas ela usava-a de qualquer jeito. Dava-lhe uma confiança arejada que fazia os outros aceitarem-na mais facilmente, deixava que ela tomasse chances que uma pessoa com menos autoconfiança jamais teria ousado.

Sophia olhou em volta, observando o número de olhos que estavam observando a troca. Olhos que incluíam Colin. Ela franziu a testa, sentindo a recortada borda afiada de ciúmes em seu estômago, algo que raramente experimentara. Como se ciente de sua reação, Colin olhou por cima, e encontrou o olhar dela por um longo momento. Sophia começou a ir em direção a ele com um sorriso, mas antes que ela tivesse tomado dois passos, ele balançou a cabeça em desgosto e girou para longe dela, empurrando através das portas e deixando entrar outra rajada de ar frio e úmido na sala escassamente mobiliada.

A boca de Sophia se contraiu em irritação. Assim, ele poderia passar um dia inteiro com esta Cynthia, que estava claramente fora dos limites, mas não poderia poupar um momento de saudações para Sophia? Como ela tinha ouvido Cynthia dizer... *Foda-se!*

Ela vasculhou a sala grande e espiou Wei Chen indo em direção às escadas sinuosas até o segundo andar. Com uma explosão de velocidade, ela o cortou antes de ele dar o primeiro passo.

Ele recuou um pouco por sua aparição abrupta, mas depois reconheceu-a educadamente o suficiente. — Sophia. — disse ele. — Há algo que você precisa?

— Um carro. — disse ela simplesmente. — Não um daqueles caminhões enormes, mas um simples sedan vai servir.

O líder do complexo de Seattle parecia confuso. — Tinha a impressão de que você estaria acompanhando os outros na noite de caça. Os caminhões são pesados, mas...

— Mais tarde. — ela interrompeu. — Eu preciso executar uma missão em primeiro lugar. O Xerife Murphy e eu somos velhos conhecidos.

As sobrancelhas de Wei Chen dispararam para cima. Ele não poderia ter perdido a tensão evidente entre ela e Colin na outra noite. Sem dúvida, ele já

tinha o seu povo procurando cada detalhe de sua história e relações, bem como de Colin. Por agora ele e, por associação Raphael, sabiam mais sobre o seu antigo amante do que ela mesma.

— Claro. — Wei Chen disse amavelmente, se recuperando de sua surpresa. — Você gostaria de alguém para conduzi-lo?

— Não. — ela disse rapidamente. A última coisa que ela precisava era de mais testemunhas. — Embora, eu não esteja familiarizada com as estradas aqui. Se você tiver um carro com um dispositivo GPS, seria útil, e talvez alguém para programar os endereços relevantes?

A boca já pequena de Wei Chen se apertou com força. — Você sabe dirigir, certo?

Sophia deu-lhe um olhar plano. — Claro. — disse ela com todo tom paternalista que conseguiu reunir. — Nós temos carros no Brasil. — Não que ela realmente os tivesse *dirigido*, mas ele não precisava saber isso. Na verdade, ela não conseguia se lembrar da última vez que tinha conduzido um carro. Mas não havia muito tráfego aqui na floresta e as trevas não seriam impedimento. Quão difícil poderia ser?

— Muito bem. — Wei Chen pegou um celular do bolso e falou rápido em chinês por vários minutos antes de desligar. — Um do meu pessoal terá um carro esperando por você no nível solo das garagens, do lado de fora à esquerda. Ele vai programar o endereço do Sr. Murphy, bem como o deste complexo para o seu retorno. Você tem um telefone celular, claro, então se você se perder, dá-nos uma chamada e alguém irá buscá-la.

Sophia estreitou seu olhar, sentindo um traço de ressentimento familiar. Wei Chen era um pequeno bastardo intrometido. Provavelmente muito bom no que fazia, mas sua atitude era típica em seu paternalismo. Ela manteve o rosto cuidadosamente branco, enquanto imaginava todas as maneiras que ela poderia fazer o pequeno bastardo pagar. A mais agradável seria seduzi-lo e depois deixá-lo com um pau duro. Ela sorriu para o pensamento, deixando-o vê-lo. Ele corou vermelho como um colegial, o que a fez se sentir muito melhor do que deveria. Ele

era o seu anfitrião, depois de tudo. Então, ela agradeceu-lhe lindamente e foi para as garagens.

Colin Murphy poderia pensar que podia evitá-la. Mas Sophia não tinha sobrevivido por tanto tempo deixando outros mandarem nela. Não o pequeno puritano Wei Chen e não Colin Murphy também.

# Capítulo 23

**Raphael sentiu a volta de Cyn ao complexo, soube quando ela entrou no** prédio e quando ela se demorou no andar de cima ao pé do elevador falando com Elke e os outros. Ele era egoísta o suficiente - e sabia que era seu ego - que o irritava ela não ter chegado antes dele acordar para a noite, tê-la conversando no andar de cima ao invés de descer diretamente para cumprimentá-lo. Sua boca contorceu em um meio sorriso quando ele considerou a provável reação dela à sua irritação.

As portas do elevador se abriram atrás dele. Ele não se virou, mas continuou se vestindo, puxando uma camisa preta de mangas compridas sobre sua cabeça. Os braços dela ao redor de sua cintura impediram-no de puxá-la mais para baixo, as mãos ainda frias da temperatura no exterior.

— Me desculpe eu não estar aqui quando você acordou. — disse ela, beijando suas costas nuas. — Um caminhão derrapou completamente, bloqueando a estrada. Nós eventualmente conseguimos ir por um desvio, mas levou tempo.

— Você não esteve envolvida no acidente? — ele disse, olhando seus cabelos negros sobre os ombros, que era tudo o que ele podia ver no espelho.

— Não. — disse ela, olhando ao redor para encontrar seu olhar refletido. — Aconteceu antes de chegarmos lá.

Ele se virou e beijou o topo da cabeça dela, puxando sua camisa para baixo e prendendo-a em suas calças antes de abotoar o botão.

Ela fez um pequeno barulho exasperado pela sua saudação fria e, em seguida, desabou em uma cadeira, observando enquanto ele se sentava na cama para puxar as botas.

— Você está trocando de roupa? — ela perguntou, afirmando o óbvio.

— Duncan e eu nos encontramos com os outros antes. Maxime continua a examinar os registros no servidor local, embora ela não tenha encontrado nada e eu suspeito que não vá encontrar. Eu vou dividir as minhas pessoas em três equipes e deixá-los caçar à maneira antiga por agora. Cada equipe vai começar em uma das cenas de crime e circular para fora a partir daí, terminando com a própria cidade. Podemos cobrir muito mais território de um modo muito mais eficaz do que qualquer equipe de busca humana. Meus vampiros estão ficando impacientes com essa interminável espera e com raiva por causa disso. Esta busca irá dar-lhes algo para fazer. Eu não suponho que você e seu amigo Colin descobriram algo de útil?

Ele olhou para cima e a pegou olhando-o com cautela. Ele encontrou seu olhar com um olhar interrogativo, sobrancelhas levantadas, mas ela apenas revirou os olhos por breves instantes e disse:

— Murphy avisou seus contatos sobre os eletrônicos roubados. Pode aparecer alguma coisa. Enquanto isso, porém, questionamos alguns moradores. Foi muito chato. Eu me senti mal por Robbie, tendo que me seguir. Mas me deu algumas idéias para dar seguimento no computador hoje à noite. Você está saindo com a caça?

— Sim.

— Você deve deixar Elke ir com você. Eu só vou ficar no caminho lá, então vou ficar aqui e trabalhar. Há um monte de regulamentos e equipamentos vindo

para esta área. Isso vai aparecer em algum lugar. Eu só tenho que encontrar o fio certo e puxá-lo.

Raphael se levantou, batendo os pés levemente para encaixar as botas. — Eu não espero muito de hoje à noite. A caçada real vai começar quando tivermos algo mais para seguir, talvez a partir do trabalho de Maxime, ou do seu. Mas até lá, vamos caçar da única maneira que podemos. — Ele vestiu o longo casaco de couro e começou a ir em direção ao elevador.

— Raphael. — protestou ela por trás dele.

Ele se virou para considerá-la, observando o brilho de seus olhos mesmo sob a luz fraca.

— Você não vai mesmo me beijar? — perguntou ela.

Ele estudou-a silenciosamente, em seguida, estendeu a mão. Ele quase sorriu pelo flash de teimosia que atravessou seu rosto. Mas manteve sua diversão para si mesmo, esperando que ela chegasse a ele.

Ela fez isso, suspirando pesadamente. — Por que eu me apaixonei por um maldito lorde vampiro arrogante eu nunca vou saber. — ela murmurou, entrando em seus braços.

Ele a abraçou, sorrindo contra o cabelo sedoso.

— Já me perguntei a mesma coisa muitas vezes. — disse ele. — Embora, a minha própria questão é um pouco diferente da sua.

Ela bateu levemente nele e levantou o rosto para o seu para o muito atrasado beijo.

— Boa noite, *lubimaya*. — disse ele, em seguida, puxou-a para um longo e ardente beijo, colocando nele poder apenas o suficiente para lembrá-la forçosamente de sua vida amorosa. Seus mamilos endureceram contra seu peito e seu coração acelerou enquanto ela apertava seu corpo elegante contra o dele.

— Maldito seja. — ela sussurrou quando ele levantou os lábios dos dela. — Isso é maldoso.

Deu uma risada. — Foi você que pediu um beijo, minha Cyn.

— Você vai ficar lá até quando? — ela perguntou sem fôlego.

— Isso vai depender de muitas coisas. — Ele pegou sua mão e foi para o elevador de novo. — Acidentes de trânsito e etc. — acrescentou suavemente.

Elke estava em seu posto no corredor do lado de fora do elevador quando ele e Cyn surgiram. Ele sabia que Cyn estava certa, que Elke preferia se juntar à caça hoje à noite, mas independentemente do que Cyn pudesse dizer sobre suas intenções de permanecer ligada ao computador, ele não confiava nela. Se algo lhe chamasse a atenção, se sua busca no computador revelasse algo intrigante, ela iria para a noite sem um pensamento sobre sua própria segurança ou a sua promessa a ele.

Ele viu Duncan e os outros à espera do outro lado da grande sala. Antes que ele pudesse ir nessa direção, porém, Robbie Fields, o guarda-costas humano em quem ele havia confiado a segurança de Cyn durante o dia, fez-lhe sinal de perto da porta da sala de jantar. Raphael deixou Cyn provocando Elke - ela estava tendo uma discussão muito séria com a vampira sobre com que jogo de tabuleiro elas deviam ocupar seu tempo esta noite - e juntou-se à Robbie, que se abaixou na sala de jantar fora de vista.

— Meu senhor. — Robbie disse logo que o viu.

— Robbie. — Raphael saudou-o. — Cyn me disse que você teve um dia calmo.

A surpresa do humano era óbvia e muito previsível. — Não exatamente, meu senhor.

— Ah. Então, me diga, o que exatamente aconteceu?

Depois de uma conversa curta, mas informativa, Raphael deixou a sala de jantar e foi direto para os sofás onde Cyn estava sentada conversando com Elke e alguns dos outros. Ele já tinha assegurado Robbie de que ele tinha feito a coisa certa, tanto no desempenho do seu dever como ao relatar os detalhes para Raphael. Não que tivesse havido qualquer dúvida sobre a última.

Raphael deixou claro que queria um relatório completo sobre as atividades de Cyn, sabendo bem a sua tendência para encobrir pormenores. Ela alegava que era para evitar perturbá-lo desnecessariamente, mas mesmo ela não acreditava mais que ele era enganado por essa desculpa.

— Um momento, minha Cyn. — disse ele, tomando-lhe a mão e puxando-a para fora do sofá e de volta pelo corredor até o elevador.

A audição de vampiro era excelente e ele não queria que todo o complexo ouvisse a conversa que ia acontecer.

Ela virou-se logo que estavam lá embaixo, sua boca apertada com irritação.

— Robbie foi contar, não foi?

— Contar? Robbie fez o seu dever, que é primeiro protegê-la, mas segundo informar-me de qualquer perigo incorrido durante a sua vigilância.

— Nunca houve qualquer…

— Então por que eu tenho que ouvir isso dele, em vez de você? Supremacistas brancos? Grupos de ódio aos vampiros? Você não acha que é relevante? E sobre a ameaça clara a *você* feita por um homem com ligações suficientes para conhecer os homens que atacaram Mariane?

— Eu sabia que você ia pirar assim. — ela murmurou.

Ele olhou para ela com impaciência. — Estou tentado a trancar você neste quarto…

— Apenas tente!

— Mas, como você tantas vezes me faz lembrar, você é quem é. Assim vou-me contentar com avisar à minha segurança para ser extra vigilante. — Ele virou as costas e entrou no elevador mais uma vez, olhando para ela de lá sem paixão. — Estou decepcionado, minha Cyn. — As portas fecharam um segundo antes de ele ouvir algo duro bater em sua superfície. Ele riu alto o suficiente para ela ouvir quando o elevador começou a ir para cima.

Ele ainda estava sorrindo quando surgiu no andar de cima, encontrando Duncan no meio da sala grande quase vazia.

— Meu senhor. — disse Duncan um pouco desconfiado.

— Vamos tomar um pequeno desvio, esta noite, Duncan. Deixe os outros irem à frente.

— Sim, meu senhor. Juro vai acompanhar-nos, é claro. Você quer alguém…

— Nenhum outro. Vamos nos juntar à caça mais tarde.

Raphael caminhou para fora na noite molhada, por uma vez não percebendo o tempo. Era tempo destes seres humanos aprenderem que havia um preço a pagar por ameaçar o que era de Raphael. E ele pretendia começar a sua instrução esta noite.

# Capítulo 24

**Sophia dirigiu lentamente para baixo da pista estreita para a casa de** Colin. Ela quase perdeu o desvio, só tinha pego por causa da voz melodiosa do GPS exortando-a a virar à direita. Mesmo assim ela passou direto por ela e teve que voltar até fazer a curva. A pista quase parecia não ser larga o suficiente para passar com o sedan de luxo que Wei Chen havia fornecido para ela, mas ela pensou que poderia ser mais devido à sua falta de experiência em condução do que qualquer outra coisa. Afinal, ela se lembrou que Colin dirigia um desses carros gigantes americanos, como se a coragem de um homem estivesse ligada de alguma forma com o tamanho de seu carro. Ou talvez fosse outra coisa, algo mais intrínseco de ser um homem? Ela riu alto com o pensamento. Como ela lembrava, Colin não tinha preocupações a esse respeito.

Todos os pensamentos de riso morreram quando finalmente chegou à casa de Colin. Ela viu as primeiras luzes, brilhando através das árvores onipresentes que se reuniam perto, ao redor e acima da pista estreita. Logo depois, ela entrou em uma clareira grande e viu a casa. Era uma grande casa, toda de madeira e vidro, com a luz irradiando de cada uma das muitas janelas, incluindo toda a metade superior da própria. Havia prolongamentos laterais em ambos os lados, mas apenas o da direita tinha as luzes acesas.

Pelo menos ela poderia estar certa de que Colin estava em casa. Ou isso ou ele não gostava de voltar para uma casa escura. Mas, não, seu carro estava lá, estacionado na frente da garagem.

Sophia meio que esperava que ele ouvisse a sua chegada. Não que o carro que ela dirigia fosse barulhento, muito pelo contrário, mas era tão quieto aqui, especialmente em comparação com as cidades que ela estava acostumada. Ela desligou o motor e sentou-se por um momento, à espera da porta da casa se abrir. Quando isso não aconteceu, ela abriu a porta de seu carro, fechando-a suavemente e subiu para a varanda. Ela bateu na porta... E bateu novamente. Ela franziu a testa e enviou um fio estreito de poder passando pela porta e dentro da casa. Há. Um batimento cardíaco humano. E, água correndo, o que provavelmente explicava por que ele não tinha a ouvido bater.

Havia poucas vezes em que Sophia lamentava ser uma Vampira. Esta era uma delas. Se ela fosse humana, teria simplesmente aberto a porta e entrado, surpreendendo Colin quando ele finalmente saísse do chuveiro, ou o que quer que estivesse fazendo. Infelizmente, como uma vampira, isso não era uma opção. Então, ela esperou até que o som de água cessasse, e bateu novamente.

Passos vieram de dentro e ela repetiu a batida na porta. Os passos se aproximaram, o pisar pesado de um grande homem e seu coração bateu um pouco mais rápido.

A porta se abriu e Colin estava lá. Ele só estava meio vestido, seu peito largo completamente nu, um par de calças pendurava de seus quadris estreitos, revelando um abdômen sulcado com músculo. Ele tinha uma toalha em torno de seu pescoço, e seu cabelo ainda estava úmido.

— Sophia. O que você quer?

Sua voz a fez erguer os olhos para os seus olhos azuis de safira, tão marcantes em contraste com seu cabelo preto, e ela percebeu que tinha estado encarando. Mas oh, ele estava tão bom. Que nada, ele era mais delicioso agora do que ele tinha sido quando ela o conheceu há quase uma década. Ele trazia a promessa de um homem na época, jovem, forte e apto. Mas agora ele era um

homem adulto, com musculosos ombros e braços e peito profundo de um homem. A luz em seu cabelo escuro e em seu peito provocava o seu olhar para o que desaparecia sob a cintura com cordão solto. Havia marcas de tecido cicatricial brilhante em todo seu tronco e seus braços, mas só o faziam parecer mais temível, um guerreiro em seu auge.

E de repente Sophia se lembrou que foi por isso que ela tinha tomado ele como seu amante. Os homens sempre a quiseram, alguns para se gabar de seu direito de reivindicá-la como sua, outros pelas coisas que ela poderia dar a eles. Mas ninguém a queria por ela. Até que conheceu Colin Murphy. Ele não queria a Senhorita Sophia Micaela Angelina, filha única de seu pai e herdeira, ou Sophia, a vampira e filha favorita de Lucien. Colin tinha querido Sophie, uma camponesa do interior da América Central.

— Sophie? — Colin disse de novo, a testa enrugada em preocupação. — Há algo errado? Aconteceu alguma coisa?

— Não. — Ela se arrastou de volta ao presente, a este lugar de chuva perpétua e árvores altas. — Eu só queria conversar.

Ele a estudou por alguns minutos, então se afastou da porta, convidando-a para dentro. Ela sentiu um rubor aquecendo seu rosto e pescoço. — É preciso convidar-me para poder entrar.

— O quê?

— É preciso dizer as palavras. — Ela retrucou, envergonhada e brava com isso. —Eu sou uma vampira, Colin.

— Essa parte é verdade? — ele perguntou, incrédulo. — Você realmente não pode entrar sem convite?

— É verdade. E está frio aqui fora.

— Tudo bem, tudo bem. — disse ele. — Venha, Sophie. Ou eu tenho que chamar você de Sophia?

— Sophie vai servir. — Ela murmurou e entrou no calor de sua casa.

Colin fechou a porta, observando Sophie - não, *Sophia*, - ele lembrou a si mesmo, entrar em sua casa. Ela foi educada, mais do que Leighton tinha sido na outra manhã, avaliando principalmente a sala da frente, cutucando a cabeça na cozinha e olhando para o corredor. Ela se demorou lá e ele pôde ler em sua linguagem corporal que ela estava morrendo de vontade de explorar mais. Mas não o fez, olhando para ele antes de ir caminhando de volta para a sala onde ele estava esperando.

Ele não se sentou. Não a convidou a sentar-se. Era ruim o suficiente que ela estivesse aqui nesta casa com ele, parecendo praticamente igual ao que parecia quando ele a conheceu há dez anos. Na verdade, ela parecia *exatamente* igual esta noite, com seu cabelo solto e os jeans apertados abraçando suas coxas luxuosas e sua bunda gostosa, que antes o tinha feito ficar duro apenas olhando para ela e pensando sobre o que fariam mais tarde. Ele havia sonhado com aquela bunda quando estava na selva, tinha despertado muitas vezes duro e doloroso, e contando os dias até que ele a veria novamente. E maldita seja se ele não estava ficando duro só de pensar nisso novamente.

Esta era a Sophie por quem ele tinha se apaixonado. Ele tinha parado de brincar sobre isso há muito tempo. Ele a amava, nunca amou ninguém desde então e percebeu que nunca o faria. Quando ela morreu, ou quando ele pensou que ela tinha morrido, ficou de luto um longo tempo. E agora ele descobriu que era tudo uma mentira. Ele tinha que se lembrar disso. Que ele tinha perdido todos aqueles anos de luto por uma mentira.

— Então, o que é, Sophie? — ele perguntou impaciente. — Por que você está aqui?

Ela olhou para ele, seus olhos castanhos cor de chocolate que mostravam sua alma, procurando. Pelo quê? O que ela queria dele desta vez?

— Você não pode tê-la, sabe. — disse ela abruptamente.

Ele fez uma careta para ela em confusão. — Quem?

— A mulher de Rahael. Cynthia. Ela é apaixonada por ele, e mesmo que não fosse, ela pertence a ele. Ele não vai deixá-la ir.

— Você está fora de sua fodida mente vampira, Soph.

— Eu vi você com ela à noite no complexo, rindo e conversando.

Colin riu amargamente. — Ciumenta, Sophie? Você está um pouco atrasada para esse jogo, não é? Você já está morta há dez anos.

Ela se encolheu um pouco com suas palavras. Ele se sentiu mal por magoá-la e logo em seguida chamou a si mesmo de vinte tipos de tolo. Ela rasgou seu coração aberto e deixou sangrando na selva e ele estava preocupado por *machucá-la*?

— Estamos trabalhando juntos. — disse ele finalmente. — Ela é meio como minha parceira. Nós cuidamos das costas um do outro. É uma questão de lealdade. Algo que eu não esperaria que você entendesse.

— O que significa isso? — ela exigiu, eriçada.

— Isso significa que a sua idéia de lealdade é deixar-me pensar que você foi queimada até a morte em um incêndio em vez de apenas dizer-me para fazer uma caminhada. — ele rosnou. — Se você quisesse acabar comigo, Sophie, poderia ter me comprado uma bebida e apenas me *dito*.

— Eu não queria terminar com você. — disse ela, o olhando com grandes olhos. —Eu não tive escolha.

— Claro que você teve. Todo mundo tem uma escolha.

— Não era tão simples. — ela insistiu. — Havia muita coisa acontecendo na época, Colin. Mais do que você sabe.

— E claramente mais do que você vai me dizer. Então, por que você está aqui? Você está trabalhando para Raphael?

— Eu *não* estou trabalhando para Raphael e nunca o farei. Meu mestre é Lucien. Raphael domina o oeste, mas Lucien governa todos no Canadá. Ele é quem me fez Vampira, que foi... — Ela parou de falar, de repente, dando-lhe um quase olhar assustado.

— O que você ia dizer? — perguntou-lhe atentamente. — Este Lucien que fez de voce uma vampira, que foi o quê? — Ele ainda estava olhando para ela, mas ela desviou o olhar para longe, recusando-se a olhar para os seus olhos por mais tempo. Ele inclinou a cabeça, pensativo, repetindo as palavras em sua cabeça. O pensamento o atingiu e ele sacudiu de surpresa.

— Não é o que, mas quando. Não é verdade, Sophia? — Ele colocou sua mão em seu braço, quando ela tinha se movido. — Quando você se tornou uma vampira, Sophie? Quantos anos você *tem*?

Ela ergueu o olhar para o seu, suas pupilas tão largas que os olhos dela estavam quase negros. — Nasci em 1733. — disse ela desafiadoramente. — Lucien me fez vampira pouco antes do meu 22º aniversário.

Colin olhou para ela. Ele sabia o que significava ser Vampiro, sabia que viviam um longo tempo, que não envelheciam, mas ele nunca...

— Cristo. — disse ele na realização súbita. — Isso significa que você tinha...

— Quase 268 anos quando me conheceu. — Não apenas quando ele a conheceu, mas quando ele a fodeu. Quando ele se apaixonou por ela!

— Colin?

— Preciso de uma bebida. — Ele rosnou e se dirigiu ao redor do balcão da cozinha, agarrando a garrafa de uísque que ele mantinha em mãos para emergências. Se esta não se qualificava como uma emergência, ele não sabia o que era.

Trezentos anos, dê ou tire algumas décadas. Sua Sophie, a doce menina da aldeia que tinha sido tão cuidadosa, era uma vampira com séculos de idade, que provavelmente tinha visto e feito coisas que ele apenas podia imaginar. E depois de doze anos na equipe, ele podia imaginar muita coisa.

Ele derramou uma saudável dose de três dedos de uísque em um copo, em seguida, tomou um longo gole, fechando os olhos e deixando o uísque rolar para baixo em sua garganta, seu calor se espalhando para todos os músculos e nervos.

Voltou-se em direção à sala e chamou Sophie. — Você quer um...

As palavras congelaram na garganta com a visão de Sophia curvando-se para tirar suas botas, seu cabelo longo e escuro jogado sobre um ombro. Seus jeans desbotados esticados amorosamente sobre sua bunda gostosa quando ela escorregou primeiro uma bota e depois a outra, revelando pequenos pés delicados, com unhas vermelho brilhante.

Ele abafou um gemido, seu olhar viajando pelo corpo dela. Esta foi uma má idéia.

# Capítulo 25

**Raphael saiu do SUV enquanto ele ainda estava andando. Duncan se** juntou a ele imediatamente, dando-lhe um olhar enigmático que ele ignorou, enquanto Juro praguejava suavemente em rara surpresa. Raphael não estava preocupado. Não havia nada aqui que pudesse ameaçá-lo.

Ele olhou ao redor da clareira, observando o caminhão avariado de um lado e a pilha desordenada de madeira ao lado de um galpão de ferramentas na parte de trás. A habitação era mais uma cabana do que uma casa, suficientemente pequena para que ele suspeitasse que tinha apenas um quarto, a madeira precisando desesperadamente de repintura e as janelas tampadas por cima ou pintadas. Ele não podia dizer ao certo. Talvez ambos. A porta solitária parecia que custava mais do que toda a cabana em torno dela, o que lhe disse que o proprietário não sabia muito sobre segurança.

Próximo a ele, Duncan estava fazendo seu próprio inquérito dos arredores. — Há um único macho humano dentro da casa, meu senhor. Quem é ele?

— Hugh Pulaski.

Duncan inclinou a cabeça, curioso.

— Um homem muito tolo. — acrescentou Raphael.

Duncan encolheu os ombros. — A *porta* parece bastante robusta. As paredes, por outro lado...

Raphael mostrou os dentes. — Pensei que deveríamos tentar bater primeiro. Eu tenho algumas perguntas para ele.

Duncan assentiu, saltou para a varanda raquítica e bateu com força. Raphael podia ouvir o movimento dentro. Inferno, ele podia ouvir o coração do homem batendo e a respiração ofegante. O ser humano poderia não saber que eram vampiros em seu quintal, mas ele certamente sabia que não era um amigo.

— Hugh Pulaski. — Raphael chamou. — Nós sabemos que você está aí.

A porta se abriu de repente e uma espingarda empurrou a tela da porta aberta, o homem atrás dela já flexionando o dedo no gatilho. Juro pulou na frente de Raphael, enquanto Duncan usava sua velocidade desumana para pegar o cano da arma e empurrá-la para cima antes que o humano pudesse terminar de apertar o gatilho. Ele afastou a espingarda de Pulaski com tanta força que o humano tropeçou fora da segurança de sua casa. Percebendo o que tinha feito, Pulaski gritou freneticamente e tentou virar, mas Duncan já tinha fechado os dedos em torno da garganta do homem.

— Eu deveria matá-lo por isso. — disse Duncan intensamente, jogando a espingarda para o quintal.

Raphael caminhou para perto. — Ainda não, Duncan. Perguntas em primeiro lugar.

— Não sei quem diabos vocês são. — Pulaski tentou gritar. — Mas eu não tenho que...

Duncan arreganhou os dentes, parando as palavras do homem. O cheiro acre de suor humano em um corpo sujo encheu suas narinas e Raphael fungou. — Se você puder, Duncan.

Pulaski gritou quando foi jogado através do ar para pousar com um gemido aos pés de Raphael.

— O que você quer? — ele gemeu trêmulo. — Eu não sei nada mais sobre aqueles assassinatos. Juro.

Raphael olhou para baixo para o pedaço lamuriento de humanidade. — Você está mentindo. E nós vamos chegar a isso mais tarde. Mas primeiro... — Ele agachou-se, deixando seu poder ascender até que a sujeira ao seu redor estava dançando com a eletricidade, até que o verme humano estava encolhido sob o brilho prateado de seus olhos. — Você ameaçou minha companheira esta tarde. Alta, bonita, de cabelos escuros? Você se lembra dela?

— Nuh, não! Eu nunca vi... — Ele gritou com o poder de Raphael fechando em torno de seu coração apenas o suficiente para machucar... Muito.

Raphael fez um pequeno som de desaprovação. — Seus amigos assassinos não te ensinaram nada sobre vampiros? Afinal, um bom caçador sempre conhece a sua presa. E eu sei tudo sobre você, Hugh Pulaski.

Lágrimas corriam pela face do homem, abrindo um caminho através do suor oleoso. Ele estava murmurando algo sob sua respiração. Parecia uma oração.

Raphael riu. — Você faria melhor se orasse a mim, humano. Sua vida está em minhas mãos esta noite, não do seu Deus. Agora... — Ele perfurou no cérebro de Pulaski, forçando-o a olhar para cima. — Eu acredito que você queria se desculpar, não é?

Pulaski acenou desesperadamente, seus olhos rolando brancos de medo. — Eu sinto muito, sinto muito.

Raphael deu de ombros. — Claro, seria melhor se você pedisse desculpas diretamente para a minha companheira, mas isso não vai acontecer. Na verdade, eu acho que seria melhor se você deixasse esta área completamente. Você não é o tipo de vizinho que tinha em mente para o meu povo.

— Eu vou sair. Eu vou. Vou amanhã.

Raphael franziu a testa e Pulaski gritou novamente. — Essa noite. — ele chorou. —Eu vou hoje à noite. Prometo. Eu vou. Apenas, por favor, não me machuque mais.

— Machucar você? Oh, Hugh. Você não sabe o que é dor ainda.

Raphael ignorou o choro patético do ser humano e começou a vasculhar o cérebro de Hugh Pulaski, sua boca apertada com desgosto. O homem não era ninguém. Um homem rico fingindo ser pobre, um homem pequeno fingindo ser grande. Um mentiroso e um trapaceiro. E isto, esta *lesma* ousou insultar a sua Cyn, ousou ameaçá-la com violência? Raphael deveria fazer um favor ao mundo e se livrar desse lixo ruim. Mas isso não era o seu propósito hoje.

O guarda-costas de Cyn, Robbie, tinha certeza que Pulaski sabia mais do que tinha estado disposto a dizer a Colin Murphy esta tarde. Mas também era possível que Pulaski sabia mais do que ele achava que sabia. Raphael enviou uma sugestão para a mente do humano, dirigindo-o para os assassinatos de vampiros recentemente, para as pessoas por trás deles.

Pulaski se contorceu onde ele estava deitado no chão, seus olhos revirados em sua cabeça, baba escorrendo de sua boca. Ele parecia o idiota que era, mas não tinha danos permanentes. Ainda não.

Raphael seguiu os pensamentos tortuosos do humano, a emoção indireta, quando ele tinha ouvido sobre Marco e Preston sendo assassinados, o toque doente de excitação pervertida com a notícia do estupro brutal de Mariane. Raphael rosnou e cavou mais fundo, indo mais para trás no tempo. Pulaski estava em uma taverna de algum tipo. Era pequeno e escuro, sem luzes, exceto sobre o bar e apenas algumas mesas cobertas por fumaça pesada e sombra. Ele cheirava a cerveja, suor e cigarros antigos, com o cheiro persistente de um banheiro que tinha passado por muita coisa num passado não muito distante. O único ruído era um sussurro de conversa, muito baixo para ouvir. Algumas palavras estalaram para fora, no entanto. O suficiente para saber que eles iam

caçar vampiros, indo atingi-los durante o dia enquanto eles dormiam. Ninguém saberia nada até que fosse tarde demais e eles estariam muito longe até então.

Raphael forçou Hugh a olhar mais fundo, a ver os detalhes, coisas que passaram despercebidas, sem prestar atenção consciente. Detalhes sobre o bar, a propaganda de alguma cerveja, a marca indistinguível, porque metade das lâmpadas estava queimada, a cabeça de veado empoeirada acima da caixa registradora, um plástico retorcido em seus chifres. Detalhes sobre os conspiradores - homens que Hugh conhecia bem e outros que não. Mas eram nos homens que ele conhecia que Raphael estava interessado. Ele cavou ainda mais, empurrando até que um gemido involuntário subiu da garganta do ser humano e as costas se curvaram no solo com esforço.

Raphael o soltou.

Um mau cheiro enchia o ar enquanto Pulaski se molhava. Ele rolou na lama e se enrolou em uma bola, chorando copiosamente pelo seu próprio sofrimento.

Raphael afastou-se, sacudindo a sujeira de seu casaco. — Não se esqueça, Hugh Pulaski. — disse ele, observando friamente enquanto o humano congelava, escutando. — Você está deixando a área esta noite. E que seja permanente. Eu vou saber se você voltar.

Duncan andou com ele de volta para o SUV, enquanto Juro esperava, de pé sobre o humano choramingando. Uma vez que Raphael estava no caminhão com a porta fechada, Juro seguiu, subindo para o banco do motorista, sem a menor reação ao ser humano ou o seu sofrimento.

Ele olhou para cima, encontrando o olhar de Raphael no espelho retrovisor. — Senhor?

Raphael considerou quanto tempo restava antes do amanhecer.

— Localize Wei Chen e Loren. — disse para Juro. — Diga-lhes para nos encontrar no complexo.

Juro girou o SUV em um círculo apertado, os pneus se aproximaram o suficiente de Pulaski para ele ser atingido por pedaços de terra, perto o suficiente que ele gritou, encolhendo-se longe do grande caminhão. Raphael olhou para o chefe de segurança e pegou uma leve pontada para cima da boca do vampiro. Juro gostava muito de Cyn. Ele a respeitava, o que dizia alguma coisa. Não havia muito seres que Juro respeitasse, humanos ou vampiros.

Enquanto voltavam para a estrada principal, Raphael considerou tudo o que ele havia aprendido a partir do cérebro confuso de Pulaski. Havia informações úteis lá, mas isso exigiria interpretação. Ele originalmente queria encontrar Wei Chen e Loren, porque eram locais. Mas o que ele realmente precisava para isto era alguém local *e humano*. Alguém como Colin Murphy.

Raphael viu Elke logo que ele entrou pelas portas de vidro. Ela estava de guarda na posição exata que tinha ocupado quando ele tinha saído mais cedo.

— Meu senhor. — disse ela ao avistá-lo.

Raphael inclinou a cabeça em questão.

— Ela surgiu por algumas horas mais cedo. Jogamos cartas. — acrescentou ela depreciativamente. — Acho que ela fez isso de propósito.

— Sem dúvida. — concordou Raphael. — Mas não vai funcionar. Há quanto tempo?

Elke não teve que verificar o relógio. Como todos os vampiros ela media o tempo com a chegada próxima do Sol e sabia exatamente quanto tempo tinha passado, porque sabia quanto tempo *restava*. — Uma hora, meu senhor. Alguns minutos mais.

Ele assentiu, virando-se quando ouviu mais veículos passando pelas portas. De pé perto das portas, Juro virou e disse: — Wei Chen, Senhor. Loren não está com ele.

Raphael fez uma pausa tirando o casaco. — Onde ele está?

Duncan já estava em seu celular. Ele disse algumas palavras, desligou e voltou-se para Raphael. — Ele estava verificando uma pista, meu senhor. Está em seu caminho de volta agora.

Raphael e Duncan compartilharam um olhar cético. Loren era filho do próprio Raphael. O vampiro não podia mentir para ele, não com sucesso. Ainda assim, a situação deveria ser observada. Ele terminou de tirar o casaco e atirou-o no sofá não muito longe de Elke antes de cruzar para a sala de reunião. — Nós estaremos aqui. — disse ele para ela, sinalizando a Duncan para acompanhá-lo.

Eles se instalaram ao lado das grandes portas, Raphael sentado no final de um sofá enorme e antigo, com as pernas cruzadas no joelho, o braço estendido ao longo das costas.

Duncan se sentou na outra extremidade. — Além da afiliação próxima do Senhor Pulaski com seus ancestrais que habitavam em árvores — disse ele, — seu cérebro revelou qualquer informação confiável?

Raphael deu um leve sorriso. — O homem é um verme. Ele sentou-se a poucos metros dos humanos que planejavam esses assassinatos e estava apavorado demais para sequer olhar por cima do ombro. Em vez disso, ficou escutando como uma mulher velha em um mercado. — Ele encolheu os ombros com desdém. — Infelizmente, a música era alta e os conspiradores cuidadosos.

Duncan encontrou seu olhar como um conhecedor e o sorriso de Raphael cresceu.

— Eu conheço sua habilidade, meu senhor, e sua determinação. Se fosse necessário destruir o cérebro escasso de Pulaski através de seus ouvidos e espalhá-lo no chão para examiná-lo, você teria feito isso.

— Fantasioso. Mas preciso. O verme conhecia duas das pessoas envolvidas. Um ele chamou por um apelido. *Junior*. Algum tipo de provocação, algo que o conspirador tinha sido chamado quando criança e aparentemente odiava. O outro

é Curtis. Eu não sei se isso é um nome ou sobrenome. E não acho que nosso povo vai ser muito útil sobre este assunto.

Duncan olhou-o pensativo. — Mas Colin Murphy seria.

— Exatamente. Vamos dar-lhe tudo o que eu tenho de Pulaski, não apenas os nomes, mas a descrição do bar local onde se conheceram. Pulaski passou um bom tempo lá, então qualquer pessoa familiarizada com o local deve ser capaz de identificá-lo com o que eu tenho.

— E Cynthia?

— O que tem ela?

— Será que você também irá informá-la sobre essas novas descobertas?

Raphael tamborilou os dedos na parte de trás do sofá. — Eu não a quero nem perto disso, mas ela vai ficar bem verdadeiramente chateada se descobrir por outra pessoa. E ambos sabemos que ela vai. Então, envie-lhe a mesma informação, mas conte tudo para Robbie. Pelo menos ela não será capaz de enganá-lo e ir atrás disso ela mesma. E diga a Robbie que se alguma coisa acontecer a ela, que seria melhor estar morto antes de eu saber sobre isso.

# Capítulo 26

**Colin viu Sophia caminhar em direção a ele, o riso em guerra com o** desejo em seus profundos olhos castanhos. Seus quadris balançavam enquanto ela atravessava a sala, uma longa ondulação de cabelo caindo sobre o ombro dela para acariciar seus seios. Ela parecia incrível. Sexy como o inferno. Apenas olhar para ela fez o seu pau doer. Sempre foi assim. Nada tinha conseguido mudar a sua reação a ela, não os anos, e não as mentiras, nem mesmo o conhecimento de que ela bebia sangue para permanecer viva. Ele tentou imaginar como seria tê-la lambendo sua pele, sentir seus dentes afundando em seu pescoço, bebendo seu sangue. Sua ereção cresceu mais forte.

Foda-se! Forçou-se a lembrar dos meses que ele tinha sofrido por ela, a culpa e a dor que ele suportou, pensando que ela estava morta.

Ele desviou os olhos e tomou um bom, um longo gole de uísque, esperando que isso lavasse o gosto dela, ainda tão fresco, apesar dos anos.

Sophia deslizou graciosamente para o sofá para se sentar de frente para ele, com os pés debaixo de suas coxas. Ela pegou o copo e ele a deixou levá-lo, observando enquanto ela bebia, seus lábios macios fechando ao redor do aro, sua língua deslizando para fora para saborear antes que ela deixasse o uísque rolar

para a boca. *Cristo, o que estava errado com ele?* Ele olhou para longe, tentando desesperadamente pensar em alguma coisa, exceto o que seria a sensação de ter aquela língua lambendo outras coisas.

Ela ofereceu o copo de volta para ele e ele tomou-o, com cuidado para bebericar do lado oposto do vidro, não querendo sentir o resíduo quente de sua boca. Ele bebeu, olhando para cima para encontrar seus olhos, vendo a consciência de sua excitação nas profundidades de seus olhos chocolates. Não que ela precisasse de poderes especiais para isso. Seu pênis estava tão rígido que tinha medo de que iria quebrar se ele não se movesse em breve.

— Então. — disse ele, limpando a garganta quando sua voz saiu tão áspera como a de um garoto de 13 anos. — Vampiros bebem? Quero dizer, além de sangue.

— Nós podemos. — Sophia concordou. — Alguns fazem. Eu normalmente não, apesar de eu apreciar o sabor de um bom vinho.

— Sem vinho aqui, querida. — ele disse com voz arrastada, aliviado por ter algo para pensar além de seu efeito sobre a sua libido. — Só cerveja e uísque.

— O uísque está bem. Muito bem, na verdade. — ela murmurou. Ela se aproximou até que seus seios estavam roçando seu ombro, a mão pousada no alto de sua coxa, tão perto de seu pau latejante que ele teria jurado que podia sentir o calor de seus dedos acariciando a sua rigidez dolorida. Ela passou a sua outra mão do seu braço até o ombro os dedos tocando levemente em seu cabelo. Ela pegou o uísque novamente e ele entregou, pensando que ela queria outra bebida.

Em vez disso, ela colocou o copo sobre a mesa de café, o líquido restante derramando ligeiramente contra os lados do vidro. Colin observava as ondas âmbar suaves irem e virem, fechando os olhos quando seus dedos se fecharam sobre sua ereção. Ele agarrou a mão dela.

— Não. — disse ele.

— Não? — Sophia ronronou confiante, pressionando os seios com mais força contra seu ombro.

— Não. — Colin confirmou. Ele se levantou de repente, deslocando-se de modo que ela caiu contra as almofadas do encosto de couro do sofá.

Ela levantou-se lentamente, a raiva em cada movimento, com os olhos literalmente jogando faíscas de âmbar brilhante, lembrando-lhe ilogicamente do uísque que tinha bebido momentos antes. — Como você se atreve? — ela exigiu.

— Como eu me *atrevo*? — Colin repetiu acentuadamente, grato pela raiva que lavou os últimos vestígios de desejo. — Quem diabos é você? Esta é a América, querida. Os Estados Unidos da América. Vou ousar qualquer coisa que eu bem entender incluindo a escolha das mulheres que eu quero foder. E você sabe o quê, Sophia? Isso não inclui você, porque eu não fodo com mulheres mortas.

Ela ofegou, a mão se movendo com uma velocidade incrível. Ele agarrou seu pulso. — Ah, ah. Sem bater, lembra? Além disso, eu não quis dizer isso assim. — acrescentou, a contragosto. — Eu sei que vampiros não estão mortos. Mas você morreu para mim há dez anos, Soph, e você malditamente se certificou que eu soubesse disso. Não vejo razão para mudar isso agora.

Ela olhou para ele, toda a sua raiva desapareceu, substituída por um olhar tão perdido, tão cheio de tristeza... Merda. Ele sentia-se como um asno. E estava chateado que ela o fez se sentir assim.

Mas antes que ele pudesse descobrir o que queria dizer, sua expressão mudou novamente, como uma máscara cobrindo o rosto de repente, uma máscara de arrogância, pura e fria. Sem olhar para longe dele, ela esticou o braço em direção a suas botas que ela havia deixado embaixo do balcão. Elas vieram bater do outro lado da sala, passando tão perto de sua cabeça que ele sentiu o movimento do ar, tão perto que ele sabia que tinha sido de propósito. Ele estreitou os olhos para ela, e ela lançou um olhar de presunçosa satisfação em sua direção, antes de tomar as botas sob o braço e abrir a porta.

Antes que ele soubesse o que estava acontecendo, ela estava fora de casa e dentro do carro, que já estava indo para a rodovia. Colin xingou suavemente. Ele não tinha visto seu movimento, não tinha sequer visto a porta do maldito carro abrir e fechar. Ela foi tão rápida, que a porta da frente ainda estava balançando levemente na brisa.

— Filha da puta. — ele murmurou. Balançou a cabeça e virou-se para voltar para dentro, perguntando-se por que seu pau tinha ficado duro novamente.

# Capítulo 27

**Raphael esperou enquanto o elevador fez a sua suave descida, o seu** casaco de couro pendurado sobre um braço. Já era tarde. Quando ele tinha acabado de atualizar Duncan e seus vampiros de Seattle, suas equipes de busca já tinham começado a chegar de volta ao complexo. Duncan poderia ter lidado com esses relatórios, mas ele tinha escolhido fazê-lo, para mostrar a seu povo que esta questão era importante para ele, que sua necessidade de vingança queimava tão calorosamente como a de qualquer um deles. A verdade era que o seu desejo de retribuição era maior do que eles poderiam entender. Foram os seus vampiros que foram tomados, seus filhos. Sangue do seu sangue.

Mas a vingança teria que esperar mais algumas horas. O sol estava aparecendo logo abaixo do horizonte. Ele sentia isso no seu sangue e ossos. Isso enfureceu-o. Cansou-o.

As portas se abriram em um quarto quase escuro, com apenas uma pequena luz perto da cama iluminando a forma quase imóvel de sua amada Cyn. Ele fechou as portas do cofre e foi para a cama, observando-a respirar por alguns minutos e desejando ter a coragem de mandá-la de volta para Malibu, de enfrentar a raiva dela e seus protestos e mantê-la segura. Mas ele não lhe podia fazer isso. Não *faria* isso com ela. Não ia prendê-la em uma gaiola, uma gaiola da

qual ela nunca iria sair porque o amava demais. Mas uma gaiola que eventualmente não deixaria nada a não ser ódio entre eles.

Ele suspirou e tirou suas roupas, divagando sobre tais pensamentos sombrios. Devia estar mais cansado do que pensava. Ele levantou as cobertas com cuidado e deslizou para a cama ao lado de Cyn. Ela se agitou, virando-se para ele, instintivamente, envolvendo uma perna e um braço em torno de seu corpo, sem nunca acordar. Ele envolveu os seus braços ao redor dela, segurando-a com força, desejando poder protegê-la de... Seu coração apertou em seu peito quando um alarmante pressentimento de repente escureceu seus pensamentos e uma final pergunta terrível encheu sua mente antes que o sol o levasse.

Protegê-la de quê?

# Capítulo 28

**Colin estava no balcão entre a cozinha e a sala de estar, na manhã** seguinte, bebericando sua primeira xícara de café e tentando não pensar sobre Sophia ou a sua visita na noite anterior. Ele examinou a lista de e-mails que tinham vindo durante a noite, estudando-a como se esperasse que qualquer coisa estivesse lá, além de lixo. Segurando o copo na mão, ele apagou um após o outro até que chegou a uma mensagem de Loren. Seu dedo parou sobre o ipad e ele franziu a testa. Ele não achava que já tinha recebido um e-mail dos vampiros antes. Se perguntado, ele não teria certeza de que eles tinham seu endereço de e-mail. Não que isso fosse um segredo. Quase todo mundo na cidade tinha, e estava impresso em seus cartões de visita, também.

Com um encolher de ombros mental, ele clicou no arquivo aberto e começou a ler o e-mail de Loren, xingando sob sua respiração ao ler as primeiras linhas. Lorde Raphael fez uma visita a Hugh Pulaski na noite passada. Não que Hugh fosse um cidadão modelo ou mesmo um particularmente decente, mas, caramba, se sequer metade do que Sophia havia dito a ele sobre Raphael era verdade, Hugh deve ter tido um tempo ruim. Colin estava pensando que provavelmente deveria fazer uma viagem lá fora, para garantir que o lenhador velho presunçoso tinha

sobrevivido ao encontro, mas depois ele leu o resto do e-mail e decidiu que Hugh podia esperar. O bastardo havia escondido coisas dele. Filho da puta.

Olhou para o relógio. Passava apenas um pouco das nove horas, provavelmente cedo demais para Leighton. Ele chamou de qualquer maneira, esperando enquanto o número transferia para o correio de voz.

— Leighton, aqui é Colin Murphy. Verifique seu e-mail. Seu namorado aparentemente nos deixou alguma nova leva na noite passada. Eu conheço o bar que Hugh descreveu. É uma boa distância para fora da cidade, em uma estrada de duas pistas que se conecta à principal rodovia eventualmente. Nós provavelmente vamos encontrar Curtis Jenkins lá, também. Ele está incapacitado agora - o braço quebrado ou algo que não curou direito - e passa a maior parte de seu tempo lá. Enfim, eu estou supondo que ele é o "Curtis" que Hugh falou. Não conheço ninguém que passe por "Junior", no entanto. Eu vou verificar o bar mais tarde e achei que você poderia querer vir se juntar à diversão. Robbie é bem-vindo, também, mesmo ele sendo apenas um Ranger bichano. Não pode ferir ter algum músculo extra na mão. Então, chame-me quando ouvir este recado. Eu vou fazer algumas chamadas por mim mesmo, ver se eu consigo descobrir quem "Junior" é. Poderia ser um antigo apelido. Hugh tem estado ao redor há muito mais tempo do que eu. Vou tentar rastreá-lo antes de nos juntarmos.

Ele começou a desligar, em seguida, acrescentou: — E eu quis dizer 'juntar' de uma forma completamente não-sexual, por isso não fique toda irritada e informe o seu namorado sobre mim. Até mais tarde.

Ele se serviu de uma segunda xícara de café antes de fazer a próxima chamada. Ele e Garry McWaters tinham uma história juntos. Desde o BUD/S[8] quando Garry tinha sido um homem velho com vários anos de antiguidade e Colin tinha sido um recruta inexperiente. Tinha sido Garry que o havia tirado daquela cidade na América do Sul, quem o tinha arrastado de volta ao acampamento base e se certificou que eles partiam para fora do país na noite seguinte.

[8] Treinamento dos SEALS.

Cooper's Rest era a cidade natal de Garry. Ele havia sido criado aqui por seus avós, e eles estiveram entre os primeiros fundadores da comunidade independente. Sua avó tinha morrido enquanto sua equipe SEAL estava fora do país. Garry não tinha sequer sido capaz de assistir a seu funeral. Seu avô tinha durado mais tempo, morrendo menos de um ano depois que Garry e Colin tinham aparecido em Coop com pouco mais que suas mochilas e seus cortes de cabelo regulamentados pela Marinha.

A morte do velho tirou algo de Garry. Ele não queria ficar por perto depois disso, mesmo que Colin tenha decidido ficar. Garry voltou para a Califórnia e se inscreveu em uma empresa que fornecia exércitos privados ao governo dos EUA. Era um trabalho lucrativo, especialmente para alguém com formação e experiência SEAL. Ele tentou mais de uma vez desde então recrutar Colin, mas o dinheiro não era suficiente para compensar um trabalho que era muito parecido com o que ele tinha deixado para trás. Além disso, Colin tinha descoberto que ele meio que gostava do estilo de vida descontraído que ele havia encontrado em Cooper's Rest.

Ele discou o número de Garry em sua lista de contatos e esperava que seu amigo estivesse no país. Se não, Colin teria que...

— Ya, Colin! — A voz de Garry foi alta o suficiente para que Colin puxasse o telefone longe de sua orelha por alguns centímetros. — E aí, cara? Pronto para fazer algum dinheiro afinal?

— Desculpe, Mac, você terá que encontrar outra pessoa para socorrer o seu rabo.

Garry fez um som de desprezo. — Penso que você está um pouco confuso. Deve ser toda a chuva aí em cima. Falando nisso, como vai a velha Coop?

— O mesmo de sempre, lento e fácil, do jeito que eu gosto. — Um silêncio de morte saudou este anúncio e Colin franziu a testa, perguntando se eles tinham sido desligados. — Garry? Você está aí?

— O quê? Oh, yeah, Colin. Desculpe, eu cochilei.

— Foda-se. — Colin falou.

— Em seus sonhos, meu homem. Então, o que se passa?

— Nós tivemos alguns problemas aqui em cima e um nome surgiu. Um que eu nunca ouvi antes. Eu acho que já que você é tão velho quanto a terra... — Ele continuou falando sobre a reação profana de Garry. — E conhece quase todos por aqui, talvez você possa me ajudar.

— Que tipo de problemas?

— Problemas de vampiros.

— Vamps? Nunca tivemos quaisquer problemas com...

— Não são os vampiros causando o problema. Alguém os está matando...

— Foda-se. Quem?

— Eu não tenho certeza que você os conheceu. Marco e Preston? Não acho que eles tinham sobrenomes, não que eu soubesse de qualquer maneira.

— Marco é o cara com os cavalos, certo? Pequeno com cabelo escuro? Ele vivia lá quando eu era apenas um garoto. Homem, ele está morto? Como?

— Alguém entrou, explodiu a porta do seu... quarto, acho que se pode considerar isso. Mais como um cofre. Mas eles o mataram. Foi durante o dia, então nenhuma resistência. Aconteceu talvez uma semana atrás. Eu nem mesmo sabia sobre isso até que algum vampiro figurão apareceu para investigar. Eles mataram Preston no mesmo dia e acertaram Jeremy e Mariane dois dias depois. Não conseguiram encontrar Jeremy, então eles atacaram Mariane ao invés.

— Jesus. Eu tenho o mês que vem livre. Você precisa de mim para voltar e lhe dar uma mão?

— Eu agradeço a oferta, mas os vampiros trouxeram seu próprio exército para caçar os assassinos. Eu não sou grande fã de vigilantes, mas, neste caso, não estou inclinado a protestar muito.

— Eu vejo seu ponto. — Ele respirou fundo. — Então, qual é o nome que você tem?

— Junior.

— Junior? É isso?

— Isso é o que eu tenho. Supostamente um apelido, mas não um que a pessoa particularmente gostava de ser chamado. Eu não conheço nenhum Junior. Você?

— Junior. — Garry repetiu. — Eu estou pensando de volta na escola primária, talvez? Ensino médio?

— Esse é um *longo* caminho de volta. — disse Colin com seriedade simulada.

— Maldito seja, Murphy. Há apenas algo como seis anos entre nós.

— Yeah. Vamos ver, quando você estava fazendo BUD/S, eu estava na oitava série.

— Foda-se. E eu não me lembro de nenhum Junior fora de mão, mas vou pensar sobre isso. Mais alguma coisa?

— Nah. Eu vou sair mais tarde para o bar de Babe atrás de outra pista.

— Lugar áspero.

— Há um investigador particular humano na cidade, uma mulher que trabalha para os vampiros. Ex-policial. Ela não é militar, mas sabe lidar com as coisas. Ela vai estar comigo.

Garry riu. — Melhor do que nada.

— Eu sinto que ela é mais durona do que parece.

— Eu vou deixar você chegar até isso, então. E depois te dou uma resposta sobre esse nome, talvez arrastar para fora meus anuários antigos ou algo assim.

— Jesus, Chefe, você ainda tem seus anuários do ensino médio?

— Eu guardo as flores do Baile de calouro pressionadas nas páginas, as memórias da minha primeira transa.

— Não teve sorte antes disso, hein? Sinto muito.

O silêncio de Garry era completo. Seu amigo tinha desligado na cara dele. Colin riu brevemente, já a pensar na viagem até o bar de Babe, quando o telefone tocou.

— Leighton. — respondeu ele depois de verificar o identificador de chamadas. — Eu não tinha certeza de que você estava acordada.

— Acordada é um termo relativo. Eu estou na vertical, se é isso que você quer dizer, mas *acordada* levará mais um par de xícaras de café. Então, o que está acontecendo?

— Você verificou seu e-mail?

— Estou fazendo isso agora. Eu estou supondo que você quer dizer aquele de Loren. Vamos ver... Oh merda.

— Você não sabia que Raphael ia lá fora?

— Não. Robbie, o informante, disse a ele sobre a visita de Pulaski e todos os seus detalhes sangrentos. — Ela suspirou audivelmente. — O que posso dizer, Raphael é um cara muito protetor.

— Não estou reclamando. Ele conseguiu mais de Hugh do que nós. Como eu disse, eu conheço o bar e conheço Curtis. Vou lá fora hoje. Você quer vir?

— Claro, soa divertido.

— E Robbie?

Leighton fez um som de desprezo. — Como se eles me deixassem sair deste lugar sem ele. Nós vamos até sua casa. Dê-me uma hora.

— Traga todas as suas armas, Leighton. Você vai precisar delas.

Colin estava carregando a sua Benelli, quando ouviu o caminhão descendo para sua casa. Ele segurou a espingarda em sua tipóia de combate, colocou a coisa toda para baixo e abriu a porta da frente. Leighton estava de pé ao lado de um dos grandes SUVs, falando em seu telefone celular, enquanto Robbie andava para trás e enfiava a mão no compartimento de carga, emergindo com uma enorme bolsa de lona preta. Jogou-a sobre o ombro, caminhou até o Tahoe de Colin e jogou a bolsa no chão.

Colin acenou para Robbie e inclinou-se para o interior para pegar as chaves. Abrindo as trancas de seu caminhão, ele agarrou seu equipamento e saiu para a varanda, fechando a porta da casa atrás dele. Robbie já tinha jogado a bolsa preta no Tahoe. Colin olhou com curiosidade, enquanto ele largava o próprio equipamento ao lado dele, mas Robbie não ofereceu e Colin não perguntou.

Os dois homens encostaram-se ao caminhão, vendo Leighton no telefone. Colin não sabia com quem estava falando, mas ele tinha certeza que não era conversa de garota. Ela estava ouvindo com atenção e respondendo com frases curtas e concisas, que ele não podia ouvir.

Colin perguntou novamente sobre a dualidade que era Leighton, com sua beleza de modelo e suas armas escondidas. Ele se perguntou se ela tinha sido sempre assim, ou se Raphael, de alguma forma a moldou no que ele precisava.

— Como você acha que é? — ele perguntou a Robbie, pensativo.

— Como é o que?

Ele acenou com a cabeça na direção de Leighton. — Ter um amante vampiro.

Os olhos escuros de Robbie se apertaram com diversão. — Você nunca... Se *divertiu* com um vampiro?

Colin franziu a testa e balançou a cabeça. — Inferno, não. — *Não intencionalmente*, acrescentou para si mesmo. Afinal, ele não sabia que Sophia era uma vampira na época.

Robbie riu, mostrando os dentes. — Assim que ela tira sangue, o sexo é ótimo, cara. Mas é mais do que o sexo se você está realmente acasalado a alguém, como Cyn. — Ele deu uma olhada desafiadora a Colin. — Ou como eu. — acrescentou.

Colin saltou em surpresa. — Você? Merda. Eu não quis dizer nada. Eu estava apenas curioso.

— *De nada*. — Robbie disse casualmente. — Minha esposa Irina é uma vampira. Uma pequena coisa que administra a casa de Raphael com um punho de ferro.

— Ela dirige você praticamente da mesma maneira. — Cyn interveio, se juntando a eles sem que nenhum deles percebesse.

Robbie grunhiu de acordo, parecendo um homem muito satisfeito. — Você me ouviu reclamar? Então, o que você descobriu?

Colin ergueu as sobrancelhas em questão.

— Esse foi um contato antigo meu. Um vendedor de armas. Não totalmente legal, mas não é um cara ruim. Seu negócio dá-lhe uma certa quantidade de acesso às atividades do seu cliente. Às vezes ele tem um problema com essas atividades e está disposto a falar, incluindo os grupos de supremacia branca que operam a partir de Idaho e partes do oeste. Ele me diz que há um monte de pedidos sendo transportados para cá, juntamente com as pessoas para usá-los.

— Droga. Vamos esperar que eles ainda não tenham chegado. — Colin murmurou. — Eu espero que vocês tenham vindo preparados. O que está na bolsa?

Robbie sorriu e abriu o zíper da bolsa preta, puxando os dois lados abertos. Ele alcançou dentro e tirou uma metralhadora Uzi, jogando-a para Colin. Ele, então, cavou mais no saco e pegou um colete balístico Point Blank para Leighton, entregando a ela, com ordens de "Coloque".

Colin inspecionou a preta e fosca Uzi. Ele estava familiarizado com a arma, mas preferia sua Benelli. Ele devolveu a Robbie que estava assistindo Leighton resmungar enquanto colocava seu colete. Era um modelo de dissimulação, a mesma coisa usada pela maioria dos departamentos de polícia no país. Era também, provavelmente, o único tipo que ela estaria disposta a vestir. Qualquer coisa mais pesada iria pesar e restringir seus movimentos.

— Onde está o seu? — ela perguntou a Robbie, dando-lhe um olhar estreito.

— No saco. Eu vou colocá-lo se precisar dele.

— Por que eu não posso...

— Porque eu prometi a Raphael cuidar de você. Mas principalmente porque você tem um pobre senso de auto-preservação.

— Mentira. — Leighton se opôs, mas ela estava rindo quando disse isso.

Colin sacudiu a cabeça. Ele não ia sequer *tentar* entender isso. — Vamos. — disse ele em voz alta. — Temos um longo caminho à nossa frente.

— Colin aqui é virgem. — Robbie estava inclinado para frente de seu assento na parte de trás, a sua presença substancial inserida entre os dois bancos dianteiros.

— Eu não sou. — Colin protestou imediatamente.

— Não como isso. — Leighton esclareceu com um sorriso de lado. — Robbie está falando virgem com vampiro. Você nunca foi mordido?

— Não. — ele retrucou.

— Sério? Eu teria jurado que havia faíscas entre você e aquela garota Sophia. Tensão *sexual* definitivamente. — acrescentou ela, arrastando a palavra.

— Isso foi há muito tempo. — ele respondeu com firmeza. — E ela nunca me disse que era uma vampira.

Próxima a ele, Leighton ergueu as sobrancelhas, mas não fez qualquer comentário adicional sobre Sophia. — Então, qual é este lugar que estamos indo? — ela perguntou em vez disso.

— O bar de Babe. É o que chamaria de um bom bar para velhos homens na minha terra. Está logo fora da estrada, do outro lado da floresta. Está aberto cinco, às vezes seis dias por semana, mas sexta-feira e sábado são as grandes noites, assim como em qualquer outro lugar. Há pelo menos uma luta a cada fim de semana, e estou apenas contando aquelas em que alguém é preso ou outra pessoa acaba no hospital. É uma dor na bunda, mas está aqui há algum tempo, desde os anos sessenta. Estritamente falando, não é uma parte de Cooper's Rest, mas nós somos a vila mais próxima à ele.

Ele viu a quebra nas árvores sinalizando o estacionamento do bar. — Aqui vamos nós. — disse a ela.

O estacionamento estava cheio, ou quase isso, quando eles chegaram ao bar. Não era um grande lote, apenas duas linhas na frente, perpendiculares à rodovia. As linhas tinham apenas espaço suficiente entre elas para manobrar, com espaços de quatro ou cinco caminhões para estacionar lado a lado. E os caminhões eram apenas o único tipo de veículo que alguém já estacionou aqui. Colin analisou o estacionamento lotado e franziu a testa. Parecia mais uma noite de sexta-feira do que uma tarde de semana. Uma das equipes de corte de árvores deve ter encerrado mais cedo.

Ele dirigiu por ele e fez uma curva em U, em seguida, estacionou seu Tahoe no último espaço ao lado da estrada, condução direta para ele com a frente de seu caminhão voltado para fora, para que ele pudesse fazer uma saída rápida, se fosse necessário. Provavelmente não era necessário, mas não seria a primeira vez que ele queria uma partida rápida do bar de Babe também. As brigas eram tão comuns como a cerveja aqui, e os fregueses jogavam duro.

Seus pneus estavam quase fora do asfalto da estrada, abrindo a porta direto para o tráfego, se houvesse algum. Uma Dodge Ram dupla - um grande caminhão com quatro rodas no eixo traseiro — estava estacionada ao lado dele, com a parte da frente em sua cauda. Poucos centímetros escassos separavam os dois caminhões, com o lado do passageiro do outro cara espremido contra seu.

Ele verificou a estrada e deslizou para fora do caminhão. Ele foi fechar a porta, mas parou quando percebeu que Leighton estava subindo do banco de passageiro para o seu lado, ao invés de tentar o estreito espaço do lado dela. Sua mãe lhe tinha criado para ser um cavalheiro, portanto Colin segurou a porta aberta enquanto ela se alavancava para o console e por cima com uma quantidade surpreendente de facilidade, finalmente deslizando sobre seu assento e para fora na estrada poeirenta.

Ela sorriu para ele quando saiu, então ficou olhando para o sinal enferrujado e o furo de bala na placa que pendia no alto de um poste de pinheiro pousado na beira do estacionamento.

— Paul Bunyan?[9] — ela perguntou, olhando para o que havia sido uma imagem bastante decente do lenhador enorme na sua camisa vermelha xadrez, braço dobrado sobre os ombros largos de seu boi azul, Babe. Ela olhou para o bar e de volta, dando-lhe um olhar cético.

[9] Paul Bunyan é um lendário lenhador gigantesco que aparece em alguns relatos tradicionais do folclore dos Estados Unidos. Foi criado pelo jornalista americano James MacGillivray. Está relacionado aos estados de Michigan, Wisconsin e Minnesota, onde goza de grande popularidade. Ele é geralmente descrito como um gigante, bem como um lenhador de habilidade incomum, e é muitas vezes acompanhado de histórias de seu companheiro animal, Babe o Boi Azul.

Colin fez uma careta. — Sim, bem. O casal que abriu o lugar eram professores universitários do baixo sul em algum lugar. Eles se retiraram até aqui e abriram este lugar. Seria de pensar que eles fossem inteligentes, sendo professores e tudo. Mas enquanto eles estavam esperando o bar pacato de Cheers, o que conseguiram foi muito mais perto da violência de Coops. Quando o pai de Leon comprou o lugar - por uma ninharia, segundo me disseram - ele manteve a placa. Era mais barato do que comprar uma nova, e o nome estava bem. Este é um país de madeira, você sabe.

— Quem é Leon?

— Leon Pettijohn. Ele e sua esposa Ellen assumiram o bar de seu pai há alguns anos atrás. Isso foi antes de eu chegar aqui, mas a palavra é que o velho retirou-se para o México por causa do clima. Leon está aqui na maioria das noites, mas Ellen trabalha no supermercado na cidade. Até onde eu sei, ela nunca vem para o bar. A maioria das mulheres não vem.

Leighton deslocou sua atenção, seus olhos varrendo o estacionamento quase cheio antes de passar para o bar em si. Não que houvesse muito para ver. Babe's era um edifício pequeno com um andar, simples, uma construção de blocos de concreto, com uma antena parabólica no telhado. A coisa toda estava pintada de preto, e Colin sabia que se você chegasse perto o suficiente, parecia que a pintura tinha sido rolada em uma camada espessa por alguém mais interessado em terminar o trabalho do que em fazê-lo bem. A janela era apenas um pequeno triângulo de vidro sujo definida na porta da frente. O bar estava localizado bem dentro da floresta, com troncos de árvores grossas que se aglomeravam ao redor dos três lados que não davam para o estacionamento. Essas árvores bloqueavam a luz solar que havia, deixando todo o edifício cercado por sombras cinza-azuladas. Quando combinado com a pintura preta, dava à coisa toda uma sensação um tanto sinistra.

Colin deu um outro olhar para os caminhões aglomerados no estacionamento. — Foda-se. — disse e seguiu Robbie para a parte de trás do Tahoe. Arrancando a escotilha de carga, ele agarrou seu colete e colocou-o com

alguns movimentos rápidos. Robbie encontrou seu olhar e Colin encolheu os ombros. — Excesso de caminhões neste estacionamento. Poderia ser nada, uma das equipes de corte de árvores que fechou mais cedo. Mas poderia ser que os nossos rapazes estão tendo uma reunião improvisada lá dentro.

Robbie franziu a testa, depois se virou para olhar para Leighton e balançou a cabeça. Jurando sob sua respiração, ele puxou a mochila enorme, abriu-a e tirou o seu próprio colete. Leighton perambulou de volta, aguçando o olhar quando ela viu o que estavam fazendo.

— O que você está pensando? — ela perguntou para Colin. Sua mão direita estava descansando em sua cintura, apenas dentro de sua jaqueta. Não tocando em sua arma, mas perto o suficiente para que ela pudesse chegar a ela. Ela sentia isso também. Algo não batia certo.

— Eu acho que talvez você deveria esperar aqui. — disse ele. — Isso não é exatamente um lugar para senhoras.

Robbie tossiu e Leighton deu-lhe um olhar sujo antes de dizer: — Eu não vim até aqui para sentar no carro. Além disso, você é o único que disse para trazer minhas armas. Eu estou supondo que é porque você pensou que podiam vir a calhar.

Colin lançou um rápido olhar para Robbie, que encolheu os ombros. — Não olhe para mim, cara. Já vi ela atirar. — Ele enfiou a mão na mochila e entregou a Leighton uma das Uzis, juntamente com três carregadores de uma .32, pegando uma segunda arma e munição para si mesmo.

Leighton enfiou dois carregadores nos bolsos da coxa de sua calça de combate negra e bateu o outro na arma com uma facilidade praticada que Colin não esperava, apesar de suas reivindicações de experiência e aprovação de Robbie. Ela olhou para cima e viu-o olhando.

— Tenho certeza de que essa arma é ilegal. — Observou ele suavemente.

— Eu estou licenciada como uma guarda-costas particular para Lorde Raphael em todos os estados da União. — disse ela, sorrindo. — Posso mostrar-lhe as minhas licenças quando estivermos de volta ao complexo, se você quiser.

— Eu aposto. Vou em primeiro lugar. Vocês dois fiquem para trás alguns passos. Provavelmente eu vou conhecer todo mundo lá, ou eles vão me conhecer, de qualquer maneira. Espero que você não fique chocada com linguagem chula, Leighton.

Robbie riu alto disso e Leighton murmurou sombriamente: — Sim, foda-se, Robbie. Seu idiota.

Colin sacudiu a cabeça para os dois. Apesar de sua implicância um com o outro, ele obteve um claro sentido de amizade entre eles. Lembrava-o das relações que tivera com os caras em sua equipe SEAL. Caras como Garry McWaters. Ele teve um momento de pesar quando Garry havia escolhido deixar Cooper's Rest. Em momentos como este, ele poderia ter usado alguém em quem confiava. Não que ele não confiasse em Leighton e Robbie, mas ele realmente não os conhecia também, e simplesmente não era o mesmo que trabalhar com alguém que tinha caminhado para o inferno com você e saído do outro lado.

Ele puxou a alça de combate sobre a sua cabeça, assegurou sua Benelli e fechou porta-malas, fechando as trancas. Ele tinha dado três passos em direção ao bar quando algum instinto o fez parar e clicar no controle remoto novamente, abrindo as portas do Tahoe. Talvez fossem todos esses caminhões que o deixavam nervoso, pensou, ou talvez fossem apenas as Uzis e o nível de violência que traziam com elas. Mas qualquer que fosse, ele seguiu seus instintos.

Leighton tinha se movido na frente dele no estacionamento. Ela tinha seu telefone celular fora e estava tirando fotos de placas, enquanto passava pelos carros. Ela olhou para cima enquanto ele caminhava ao seu redor, dando-lhe um sorriso rápido antes de colocar o telefone celular de volta no bolso.

Colin se aproximou da porta, Leighton e Robbie alguns metros atrás dele, e foi para a direita. Robbie estava ligeiramente à frente de Leighton, seu corpo

muito maior bloqueando o dela, como se esperasse que algo terrível viesse fervendo, logo que a porta se abrisse. Colin esperava que não chegasse a isso, esperava que estivesse errado e não houvesse nada lá exceto alguns homens bebendo e aproveitando uma pausa em um trabalho perigoso.

De pé ligeiramente à esquerda da porta, Colin estendeu a mão e fechou os dedos sobre a maçaneta da porta, empurrando primeiro contra a porta, e então apertando para puxar. Ele pegou o movimento a partir do canto do olho, quando Leighton cruzou para fora da sombra de Robbie e deu dois passos laterais cuidadosos para a direita. Robbie virou-se para segui-la e Colin abriu a porta.

E o mundo desabou.

Robbie gritou um aviso — Murphy! — enquanto ele agarrava Leighton e empurrava entre os caminhões mais próximos à direita. Um raio de sol bateu na porta aberta e Colin viu o cano de uma arma preta por dentro.

— Arma! — ele gritou, quando o boom de espingardas pesadas rugiu das árvores ao redor do lado direito do bar.

Colin sentiu o choque das balas batendo na madeira grossa da porta antes que ele rolasse para um lado, protegido pelas paredes de blocos sólidos. A porta caiu aberta e uma saraivada de tiros vomitou do interior escuro. Leighton e Robbie tinham se escondido atrás de uma plataforma grande de duas toneladas, e apareceram agora, ambos com as Uzis disparando no automático, enquanto Colin se mexia para longe de sua posição, agora exposta ao lado da parede do edifício e abaixou-se entre dois caminhões no lado esquerdo do estacionamento.

Da porta aberta do bar veio o distinto rat-tat-tat de uma carabina M4 no automático, e todos os três abaixaram-se enquanto balas pulverizavam o estacionamento de caminhões, barulho de metal e vidro quebrando. O fedor oleoso de combustível diesel sorrateiramente no ar e, em seguida, o boom oco de um pneu grande esvaziando.

Colin viu Robbie girando em torno do caminhão longo de duas toneladas e disparar uma rajada rápida. Alguém gritou dentro do prédio e a porta se fechou novamente. Mas a enxurrada constante de fogo do lado direito do edifício continuou, os atiradores usando as árvores e o próprio bar para se cobrir. Eles estavam concentrando todo o seu fogo sobre a posição de Leighton e de Robbie, o que fez Colin suspeitar de que não sabiam que ele estava do outro lado do estacionamento sozinho.

Ele considerou manobrar tranquilamente pela esquerda do prédio e dar a volta por trás para chegar atrás dos atiradores, mas descartou essa possibilidade quase tão rapidamente quanto ele pensou nisso. Havia uma porta atrás do bar. Os caras que estavam esperando por ele no interior pareciam ter desistido da porta da frente, mas isso provavelmente significava que eles estavam saindo por trás para se juntar aos seus amigos, e os rapazes estavam atirando para matar.

Julgando puramente pela quantidade de fogo que eles estavam recebendo, os três estavam em número bem menor, e isso não era uma luta que poderiam ganhar. O que ele, Leighton e Robbie precisavam fazer era dar o fora do Dodge. Mas como fazer isso sem se tornarem ainda mais um alvo do que já eram?

Enquanto Leighton e Robbie estavam bem no meio de um tiroteio, Colin não estava tomando nenhum fogo e não tinha alvos na sua posição atual. Agachou-se mais, manobrando até o estreito espaço entre os caminhões e as árvores no lado esquerdo do estacionamento. Ele continuava olhando por cima do ombro. O estacionamento era mais amplo do que o bar, o que significava que ele estava exposto se alguém percebesse onde estava e contornasse por trás dele. Ele ficou tão perto dos caminhões quanto pôde, aproveitando o seu volume. Ele estava esperando obter um ângulo sobre os atiradores e dar cobertura para Leighton e Robbie se retirarem de volta para o Tahoe. Ele então teria que atravessar o estacionamento aberto para se juntar a eles, mas isso era para mais tarde.

Lançou um olhar fugaz enquanto corria ao longo da linha das árvores e viu Robbie indo para baixo. Seu estômago revirou e ele parou, deslizando ao lado de um surrado F-150, mas ele rapidamente percebeu que o Ranger não havia sido

baleado. Ele havia caído em um rastreamento de combate e estava usando os veículos e o solo para a proteção enquanto ele manobrava perto de Leighton, que não estava mais protegida atrás da plataforma de duas toneladas. Enquanto Colin tinha se posicionado para se juntar à luta, ela tinha conseguido se afastar das duas toneladas e agora estava agachada ao lado de um grande guindaste[10], que era provavelmente a coisa mais pesada no estacionamento e apenas a dois caminhões de distância do Tahoe de Colin. Se ela pudesse se manter lá até que Colin ficasse em posição, ele poderia fornecer fogo de cobertura enquanto ela se retirava com segurança para...

Ele xingou suavemente quando Leighton se levantou da parte traseira do guincho e começou a disparar, usando o corpo do braço do reboque para proteção.

Ouviu uma maldição de Robbie, o crack do vidro de segurança quebrando e o ricochete das balas acentuado à medida que atingia o metal pesado do corpo do guincho. Mas Leighton manteve sua posição como um carrapato em um cão, seu corpo esguio escondido atrás do braço grosso enquanto ela mantinha uma chuva constante de fogo.

Robbie chamou a atenção de Colin, segurando uma mão com cinco dedos. Colin assentiu, observando os dedos caindo um por um. Quando a contagem regressiva terminou, Robbie se levantou e começou a atirar, juntando seu poder de fogo com Leighton, prendendo seus atacantes sob uma onda de morte.

Colin correu por todo o estacionamento e mergulhou abaixo da caminhonete que estava colada contra seu Tahoe, sua barriga rastejando sob a caminhonete primeiro e depois sob seu próprio caminhão. Suas costas rasparam na chapa do Tahoe, mas ele apenas soltou um ofego e saiu do outro lado, bem ao lado da rodovia. Ele deu um passo para cima do estribo do seu caminhão.

— Leighton. — ele gritou. — Cai para trás.

[10] http://www.totemtowing.com/images/ourfleet/ourfleet_tandem.jpg

Ele achava que ela tinha gritado uma confirmação, mas não podia ter certeza, pois ela abaixou-se e a janela traseira do guincho estourou quando alguém cortou uma linha de fogo diretamente para onde a cabeça dela tinha estado. Colin prendeu a respiração quando ela pareceu cair do guincho grande, jurando em alívio quando ela apareceu ao lado de Robbie, que a arrastou para o chão e empurrou para debaixo do caminhão próximo na linha.

Colin puxou a Benelli e disparou de volta para as árvores. Ele não podia ver ninguém, mas alguém deu um grito de dor, longe o suficiente para que ele soubesse que não era do fogo da Benelli. Espingarda na mão, ele se agachou, arrastando ao longo do lado do seu caminhão e abriu a porta do passageiro traseiro.

— Robbie. — ele gritou. — Vamos! — Voltando para o capô, usando o bloco do motor para cobertura, ele balançou a Benelli longe e pegou sua 0,9 mm, disparando de forma constante. O som de uma segunda 0,9 mm juntou-se e ele olhou para ver que Leighton tinha rolado debaixo do Tahoe e tomado uma posição perto da extremidade traseira do Tahoe. Quando ele olhou, ela ejetou o carregador de sua Glock 17, bateu em um substituto e retomou um ritmo constante e metódico de fogo com uma velocidade que revelava um inferno de muito mais do que apenas prática de alvo.

Robbie caiu no chão do outro lado da caminhonete, mas ele era muito grande e a caminhonete estava muito próxima ao chão para ele rastejar debaixo, mesmo se ele soprasse cada grama de ar em seus pulmões. A extremidade dianteira da caminhonete estava apertada contra as árvores e totalmente na linha de fogo deste lado. Ele andou para a extremidade traseira em vez disso, uma pausa longa o suficiente para bater o carregador de reposição em sua Uzi.

Colin viu o que o grande homem tinha planejado e puxou sua Benelli novamente, disparando sobre o telhado. Não iria acertar alguém a esta distância, mas iria manter suas cabeças abaixadas. Robbie aproveitou a vantagem oferecida, correndo para fora da cobertura e para a estrada, sua Uzi cuspindo fogo todo o caminho. Ele chegou à relativa segurança do Tahoe, abaixou-se sob

as janelas e correu para Leighton, que ainda estava disparando sua Glock em um estável ritmo - bang bang, bang bang.

— Leighton! — Colin gritou. Ele olhou com preocupação a estrada aberta por trás deles. Era hora de sair. Leighton assentiu e continuou atirando.

O Tahoe inclinou enquanto Robbie pulava no estribo atrás do compartimento de passageiros, colocando Leighton entre os dois. Disparando sua metralhadora em semi-automático na direção geral dos atacantes, ele rugiu para Leighton: — No caminhão, Cyn. Agora!

Tiroteio fresco irrompeu de repente de uma nova direção, vindo do outro lado do estacionamento, onde Colin estava escondido anteriormente. Colin caiu no chão enquanto Leighton saía e começava a disparar, cobrindo suas costas enquanto ele abria a porta da frente de seu caminhão, e começava a retornar o fogo. Sentiu mais do que viu Robbie deixar o estribo e olhou para vê-lo chegar para Leighton, tentando puxá-la para fora de sua posição exposta e para a proteção do caminhão.

Colin ouviu um grunhido suave e um suspiro de ar, ouviu o grito horrorizado de Robbie de negação.

Ele girou, um protesto mudo sufocando-o enquanto água gelada enchia suas veias. — *Maldição!* — ele jurou. Leighton estava caída no chão, sangue já encharcando a frente de sua calça de combate e embebendo na sujeira.

— Coloque-a no caminhão, Robbie. Coloque-a no caminhão, porra!

— Último carregador. — Robbie gritou e jogou sua Uzi em Colin, que pegou com uma só mão. Ele enfiou a 0,9 mm no coldre e começou a disparar a Uzi em pleno auto, nem mesmo tentando acertar alguma coisa. Seu único pensamento era forçar os inimigos a procurar cobertura tempo suficiente para Robbie trazer Leighton dentro da caminhonete para que pudessem dar o fora daqui.

Ele disparou um outro olhar sobre o ombro e viu Robbie pegar Leighton como se ela não pesasse nada. Balas foram voando pelo ar, batendo no

estacionamento de terra e arrancando pedaços das árvores. Alguém teve sorte e atirou em todas as janelas do Tahoe, estilhaçando o vidro de segurança. Robbie curvou seu corpo em torno de Leighton e se manteve em movimento, arrastando-a para o banco traseiro e permanecendo baixo.

Colin esticou o braço e fechou a porta de trás. Deitado quase plano no banco da frente, ele empurrou as chaves na ignição e colocou o caminhão em marcha. Ele começou a sentar-se, atingindo o seu pé no acelerador, quando ouviu uma voz gritando ordens, uma voz quase tão familiar para ele como a sua própria. Seu estômago se apertou em negação. Isso era impossível. O tiroteio morreu abruptamente e ele ouviu seu nome ser chamado. Ele fechou os olhos contra a onda de traição doente.

Ele fechou a porta do caminhão e acelerou, os pneus cuspindo sujeira antes de pegar no asfalto com um grito de borracha queimada.

Colin não pensou em nada durante os primeiros quilômetros. O pára-brisa estava quebrado, mas ele ainda podia ver, então se concentrou em dirigir, em conseguir alguma ajuda para Leighton, em colocar distância entre eles e o maldito Babe's. A Benelli repousava no banco do passageiro, juntamente com a Uzi de Robbie, a 0.9 mm estava em sua mão. Sua atenção se desviou da estrada em frente até ao seu espelho retrovisor e de volta, mais e mais até que ele estava convencido de que ninguém estava seguindo.

— Quão ruim? — ele perguntou para Robbie, arriscando um olhar rápido sobre o ombro.

— Você tem um kit de primeiros socorros ou algo assim neste caminhão? — Robbie perguntou firmemente.

— Sim, está na parte de trás, mas poderia ser melhor se nós…

— Pare, *porra.* — Robbie exigiu. — Eu preciso de algo além das minhas mãos para parar este sangramento. — ele acrescentou mais silenciosamente, sua voz rouca de emoção.

— Foda-se. — Colin verificou o espelho de forma rápida e virou numa estrada velha, não parando até que a estrada principal tinha desaparecido nas árvores atrás dele. Ele se jogou para fora do caminhão, correu para trás, levantou o porta-malas e agarrou o kit de primeiros socorros, batendo a escotilha para baixo.

Apressando-se para trás, ele abriu a porta traseira e jurou violentamente com o que encontrou lá.

Sangue. Demasiado sangue para uma pessoa perder. Suas calças estavam pretas com ele, o carpete cinza manchado de vermelho brilhante. Robbie estava ninando Leighton em seus braços, uma mão grande alisando o cabelo para trás do rosto dela continuamente.

— Cyn, querida. — ele implorou suavemente. — Segure firme por mim, querida. Segure firme.

— Quão ruim é isso? — Colin perguntou severamente.

Robbie olhou para cima e encontrou o olhar de Colin. Ele não precisava dizer nada. A dor estava escrita por todo o seu rosto.

— Nós não vamos desistir. — disse Colin com uma voz dura. — O Hospital está a uns cem quilômetros, mas posso fazê-lo em…

— Não. — A voz de Leighton foi inesperada, aterrorizante em sua fragilidade. Seus olhos se abriram, embaçados com dor, e ela procurou o rosto de Robbie. Ela tateou procurando a mão dele com os dedos exangues. — Raphael. Robbie, você tem que me levar… — Ela gemeu, vomitou para um lado e, em seguida, gritou com a dor.

Colin automaticamente pegou um pano molhado do kit de primeiros socorros, olhando para ele na mão antes de jogá-lo no chão. Que merda de importância tinha se o seu rosto estava sujo?

O grito de Leighton diminuiu para gemidos suaves, e ela chorou, de repente, sua mão caindo onde ela estava agarrada ao braço de Robbie. — Isso machuca tanto, Robbie. — Lágrimas desciam das suas bochechas, sufocando suas palavras. — Prometa-me, Rob. — ela disse em um sussurro.

— Eu prometo, querida. Eu vou. Você sabe que eu vou. Basta tentar suportar agora.

Colin estava pegando pacotes quase aleatoriamente a partir do kit de primeiros socorros, rasgando-os abertos, empurrando o conteúdo na mão de Robbie e rasgando um pouco mais. Ataduras, bandagens, gazes, tudo que pudesse ajudar. O chão estava cheio de embalagens de papel em cima do sangue e vômito. Robbie estava segurando a compressa improvisada sobre o intestino sangrento de Leighton, mantendo-o no lugar, mesmo quando ela gritou, sussurrando desculpas a ela uma e outra vez.

Ele olhou para cima, de repente com intenção. — Vamos. — disse laconicamente. — Ela está certa. Temos que levá-la para o complexo antes do anoitecer.

— O complexo? — Colin disse. — Cara, que merda isso…

— Só o faça. — Robbie disse em uma voz dura. — Ou eu vou atirar em você e dirigir o caminhão maldito por mim mesmo.

— Merda. Eu vou dirigir, porra. Você cuide dela.

Colin voltou para o banco do motorista e deu a volta. Ele voltou para a rodovia, parando apenas para verificar o caminho com cuidado antes de ir para fora e começar a voltar para Cooper's Rest e o complexo vampiro. Ele esmagou o pedal do acelerador sob sua bota, exigindo cada pedaço de velocidade que o Tahoe tinha para lhe dar.

— Fique comigo, Cyn. — ele ouviu Robbie implorar suavemente. Colin olhou no espelho retrovisor. O rosto do homem grande estava riscado com lágrimas, os olhos fechados enquanto sua boca se movia em uma oração silenciosa.

— Dez minutos. — Colin chamou por cima do ombro o que parecia ser uma vida mais tarde. Ele fez uma curva acentuada na estrada estreita onde os vampiros tinham seu complexo. — Talvez menos.

— Você tem um celular? — Robbie pediu tensamente. — O meu foi frito lá atrás.

— Você levou um tiro? — Colin exigiu, arriscando um olhar para trás.

— Nada que não se sustentará. Telefone celular. — repetiu ele.

— Yeah, yeah. Aqui. — Colin tirou-o para fora do bolso e segurou-o por cima do ombro, mas Robbie não pegou.

— Ligue para este número. — disse ele em vez disso, dizendo um código de área e número de telefone de Los Angeles.

Colin discou e ouviu tocar. — Está tocando. E agora?

— Me dê.

A mão de Robbie estava coberta com sangue, quando ele pegou o telefone. — Dr. Saephan, é Cyn. Ela está... — Sua voz quebrou e Colin ouviu-o dar uma respiração profunda. — Sim. — ele continuou. — É ruim. Tiro no intestino. Ela está sangrando... Ela está sangrando muito, cara. Murphy diz que dez minutos no máximo. — Ele fez uma pausa, depois disse: — Merda, você acha que eu não sabia disso? Certo, desculpe. Ok. Nos vemos lá.

Colin viu em seu espelho retrovisor como Robbie limpou um antebraço sangrento na testa. O Ranger grande olhou para cima e encontrou o seu olhar.

— Você quer isso de volta? — ele perguntou, segurando o telefone.

Colin estendeu a mão para o telefone que estava pegajoso com sangue. Ele deixou cair no console central.

— Quem era?

— Doutor Saephan. Ele é um cirurgião de trauma, um dos melhores do país. Seu parceiro é um dos soldados de Raphael e ele viaja com a gente muito, especialmente se Cyn está junto. Quanto tempo até o pôr do sol?

Levou Colin um minuto para processar a mudança no assunto.

— Uh. — ele olhou ao redor das árvores escuras. — Eu não sei exatamente. Meia hora, talvez? A luz é enganosa por aqui.

— Isso é bom. — Robbie respirou. — Você ouviu isso, querida Cyn. É quase pôr do sol.

Colin tinha certeza que Leighton não estava ouvindo muita coisa. Mas ela ainda estava viva, o que era alguma coisa. E se este cirurgião fosse tão bom como Robbie alegou, talvez ele pudesse salvar sua vida. E, bem, era quase por do sol e Raphael e os outros vampiros estariam acordados em breve.

Mas além de Raphael segurando sua mão enquanto ela sofria, qual a diferença que isso faria, inferno?

Ele olhou para cima quando o complexo entrou em vista. Os guardas estavam prontos para eles e tinham o grande portão rolando para fora do caminho antes de chegar lá. Colin mal diminuiu quando fez a curva, batendo nos freios a toda a volta da curva da rodovia e até o grande edifício.

Ele nunca tinha estado aqui à luz do dia antes. Cada janela no lugar estava fechada do lado de dentro, apresentando uma fachada quase uniforme cinza com a frente de concreto. O obturador sobre uma das grandes portas de vidro estava rolando para cima enquanto ele deslizava até parar nas escadas largas. A porta se abriu e um homem magro, de cabelos escuros saiu correndo, carregando uma maca dobrável portátil. Ele desceu correndo as escadas e abriu a porta traseira antes do Tahoe ter parado de se mover.

Ele deu uma olhada na Leighton nos braços de Robbie, amaldiçoou fluentemente e entrou em 'modo médico', o que disse a Colin este era o Dr. Saephan com quem Robbie tinha falado. Dois dos guardas do portão haviam

seguido o caminhão até a casa e um deles já estava implantando a maca, encaixando-a rígida quando seu amigo pegou a outra extremidade.

— Você — Saephan ordenou a Colin — fique por aqui e lhes dê uma mão. Não quero isso mais perturbado do que o necessário agora. Robbie, temos talvez vinte minutos antes que a merda aconteça. Não posso fazer muito nesse tempo, mas posso fazê-la parecer melhor do que isso. Vocês estão prontos? — ele perguntou por cima do ombro.

Os dois guardas do portão acenaram com a cabeça.

— Pronto, Doc.

— Tudo bem, vamos embora.

Robbie deslizou através do assento, segurando Leighton ao peito, usando as pernas para controlar o deslizamento. Quando chegou à porta, virou-se ligeiramente e Colin estava lá com Saephan, pegando o seu peso e transferindo-a para a maca. Leighton gritou quando eles a moveram, mas não recuperou a consciência. Seu rosto estava pálido sob a sujeira e suor, as mãos deitadas molemente sobre o peito, onde Saephan as tinha colocado.

Os guardas já estavam subindo as escadas, a maca cuidadosamente entre eles, Saephan correndo ao lado. Uma mulher ficou no topo das escadas, segurando a porta aberta, os olhos arregalados com o choque.

— Quem diabos é essa? — Robbie exigiu.

Saephan olhou apressadamente. — Ela trabalha aqui. — Voltou-se, chamando a atenção de Robbie. — Você tem que sair daqui, Rob. Apenas durante a noite. Eu te ligo.

Robbie abriu a boca para protestar, mas Saephan levantou a mão, seu olhar seguindo a maca com Leighton através das portas.

— Eu não tenho tempo para argumentar e você sabe que eu estou certo. Eu não preciso de dois pacientes. Tenho certeza que este senhor vai deixá-lo dormir em seu sofá. Agora eu tenho que ajudar a Cyn.

Saephan girou, dando os últimos passos e correndo através da porta aberta, gritando ordens enquanto ele ia. A mulher apareceu novamente. Ela empurrou a porta fechada, os dedos descansando no punho por um momento enquanto estudava Colin e Robbie através do vidro. Então ela recuou e o obturador pesado rolou, para fechá-los completamente.

Colin virou para Robbie, sua raiva como um incêndio em seu intestino. Ele tinha sido obrigado a esperar mais vezes do que poderia contar enquanto seus companheiros lutavam por suas vidas, mas ele nunca tinha sido excluído assim. — Que porra é essa? Olha, eu entendo, Raphael vai ficar puto. Mas por que não podemos ir lá com ela? Que tipo de…

— Ele está certo. — disse Robbie estupidamente, seu olhar ainda grudado na porta, atualmente fechada. Ele abaixou a cabeça, suspirando profundamente. — Doc está tentando salvar a minha vida. A sua, também.

Colin olhou para ele. — Você sabe, é melhor alguém começar a falar e não vejo ninguém aqui, além de você. Você tem um cirurgião de trauma aqui, fantástico. Então porque não estamos voando com o doutor e Leighton a um hospital? E quem diabos se importa se Raphael já está acordado ou não? A mulher necessita de cuidados médicos, não segurar as mãos. E por que *diabos* estamos em pé aqui fora como lixo de ontem?

Robbie encontrou seu olhar cansado, apesar da raiva de Colin. — Você viu feridas como essa antes, Murphy. Você sabe das probabilidades. Mas você não sabe muito sobre vampiros, então vai ter que confiar em mim quando eu digo que sua melhor chance de sobreviver está dormindo naquele prédio. Isso é por que ela está aqui e é por isso que me importa a que horas o sol maldito vai para baixo, ok? Agora sobre o outro…

Suas palavras foram cortadas, os olhos aumentando de tamanho, com choque enquanto um rugido enorme trovejava pelo ar, agitando o solo a seus pés e enviando poeira voando por toda parte enquanto o edifício de concreto tremia em sua fundação.

— Que porra é essa? — Colin respirou.

— Raphael. — Robbie sussurrou.

# Capítulo 29

**Raphael acordou com um grito de raiva. A dor de Cyn era como uma** faca em sua barriga. Ele podia sentir o cheiro do sangue dela, podia sentir enfraquecendo a batida de seu coração, seus pulmões lutando para respirar. Pela primeira vez em séculos, verdadeiro terror o domou com a idéia de perdê-la.

Ele não se incomodou com as roupas, caminhando pelo quarto, xingando o tempo que levou para abrir a porta do cofre, então o porta do elevador, ter que esperar que as portas fechassem e que o elevador subisse a curta distância até onde ela estava morrendo sem ele.

As portas se abriram e ele saltou para o corredor e para a sala grande, rosnando para os dois guardas humanos que estavam amontoados perto das portas dianteiras.

— Eles trouxeram-na de carro, meu senhor. — a voz familiar de um homem disse. — Eles não podem sair até as janelas abrirem para a noite.

A cabeça de Raphael virou para o humano de joelhos junto à sua Cyn. Ele rosnou, mas o humano já se tinha virado de costas e estava inclinado sobre ela, fazendo algo que Raphael não podia ver. Raphael esticou o braço, com a intenção de pegar o homem e jogá-lo para o outro lado da sala por se atrever a tocá-la.

Mas o ser humano olhou para cima no último momento e Raphael ainda teve a presença de espírito suficiente para reconhecer Peter Saephan.

— Mova-se. — Raphael conseguiu dizer.

Saephan assim o fez, se afastando sem sequer se levantar.

Raphael caiu de joelhos na frente dela e rasgou seu pulso. Levou-o à sua boca, mas ela estava muito fraca para beber. Ele uivou e afundou uma presa sobre o lábio em vez disso, curvando-se para pressionar seus lábios à boca sem resposta, deslizando sua língua entre os dentes dela. Sua respiração acelerou e em seguida, diminuiu, como se ela estivesse esperando por ele, como se soubesse que ele estava finalmente aqui.

Raphael fechou os olhos e ergueu a boca para longe da dela, quase esmagado pela dor saindo dela em ondas. Ele fez punhos com suas mãos e rolou a cabeça para trás sobre seus ombros, deixando escapar um rugido angustiado que preencheu o edifício, quebrando o vidro por trás das persianas pesadas.

Reunindo Cyn em seus braços, ele se levantou e, segurando-a firmemente contra seu peito, ele se deslocou com a velocidade da luz de volta para o elevador.

Passos ecoaram atrás dele e ele podia ouvir Saephan falando rapidamente.

— Ela precisa de sangue, meu senhor. Sangue humano para substituir o que ela perdeu.

Raphael o ignorou. Ele sabia apenas uma coisa. Ele ia levá-la até seu covil onde ninguém poderia tocá-la, onde ela estava segura. Com ele.

Raphael encostou-se contra o espelho do elevador, com a cabeça ao lado da de Cyn, sussurrando palavras de segurança, de amor, de súplica, pedindo-lhe para permanecer viva. Ele mal percebeu as portas abrindo no térreo, mal registrou seu próprio movimento quando atravessou o quarto e a deitou na cama com cuidado primoroso. Ele afundou suas presas em seu pulso, rasgando até abrir a veia que já tinha começado a fechar. Sangue derramou para fora e ele segurou-o sobre a boca dela, pedindo-lhe para beber. Ele tentou alcançar sua

mente, mas ela estava muito fraca, muito longe. Ele sentiu uma onda de desespero e empurrou esse sentimento brutalmente para o lado.

Arrastando os dedos pelo seu próprio sangue, ele esfregou-o sobre os lábios dela, deslizando seus dedos em sua boca e massageando as gengivas. Sua língua tocou seus dedos instintivamente, pegando ainda mais de seu sangue. Ela finalmente engoliu em seco, debilmente, em seguida, tossiu e gritou de dor, lágrimas vazando por baixo das pálpebras fechadas.

Raphael sentiu seu rosto molhado de lágrimas.

— Um pouco mais, *lubimaya*. — ele sussurrou encorajador. Alargou o corte em seu pulso, deixando cair algumas gotas em sua boca e esfregando suavemente sua garganta. Ela engoliu em seco novamente, com mais facilidade, sua boca abrindo ansiosamente como se alguma parte sua entendesse, mesmo em seu estado inconsciente, que seu sangue iria salvá-la.

Ela engoliu mais uma vez, fortemente desta vez, e ele alimentou-a com mais algumas gotas, murmurando para ela o tempo todo, usando os ritmos fluídos de seu russo nativo. Seu peito subiu em uma respiração profunda e seu coração disparou... apenas para falhar novamente quando ele começou a retirar sua roupa e viu a verdadeira extensão de seus ferimentos.

Suas costelas estavam quebradas ao longo do seu lado direito, o peito preto e azul, onde o colete a havia protegido. Mas o colete não a podia proteger completamente, e sua proteção não se estendia abaixo da cintura. As balas do assassino tinham rasgado seu estômago e barriga, rasgando seus intestinos, prejudicando vários órgãos vitais. Saephan estava preocupado com a perda de sangue, mas Raphael sabia que isso era o de menos. A infecção já se estava espalhando por seu corpo danificado, o seu calor como um farol malicioso insultando-o.

Qualquer outra pessoa já estaria morta. Somente sua conexão com ele, fortalecida pelo sangue que ela tomava quase diariamente, havia lhe dado a força para sobreviver tanto tempo.

Mas a sua Cyn não era imortal. O sangue que compartilhavam a fazia parecer assim para aqueles que não entendiam. Mas, apesar de toda a proximidade entre eles, apesar dela ser a própria vida para ele, a realidade era que eles não estavam juntos há muito tempo - menos de um ano, o que não era tempo suficiente para ela ter mais do que uma capacidade de cura mínima. Cem anos a partir de agora, ela seria praticamente imortal, mas mesmo assim ela ainda precisaria de sua assistência para curar algo tão devastador.

Um pico de fúria primitiva esfaqueou o seu estômago. Ele queria derrubar as paredes da sua existência dita civilizada, destruir todos os seres humanos que ousaram prejudicá-la, derrubar a sua pequena cidade tola e deixar cada um deles sangrando e partidos para os urubus se banquetearem.

Cyn gemeu baixinho e Raphael se puxou de volta à consciência, xingando a si mesmo. Ela sentiu a força de sua raiva e reagiu a ele. Isso a tinha *magoado*. *Ele* a tinha magoado. Limpou as lágrimas de seus olhos e se deitou ao lado dela, puxando-a suavemente para dentro da curva do seu corpo, puxando as cobertas em torno deles. Ignorando tudo o mais, todo mundo, ele fundou nas profundezas do seu poder e puxou Cyn com ele.

Ele iria curá-la. Ela iria sobreviver. Ou eles morreriam juntos.

# Capítulo 30

**Sophia acordou com um sobressalto, um uivo de força bruta ainda a** trovejar em sua cabeça. Ela sentou-se, o coração batendo forte com a adrenalina, seu próprio poder agitando-se bem debaixo da pele. O sol ainda não saíra. Ela podia senti-lo agarrando-se ao horizonte, e ainda assim estava acordada. E não estava sozinha. Portas abriam-se violentamente no corredor e passos pesados se faziam ouvir. Vozes se erguiam em toda parte, gritando ordens, exigindo informações.

Sophia fechou os olhos e escutou. Não as vozes em pânico e confusão do lado de fora, mas além daquela coisa efêmera que era a aura de poder, o dom do Vampiro.

Ela usou seus sentidos, tanto quanto ousava neste lugar desconhecido. Era uma hóspede ali, não desejada, mas tolerada. Tinha que ter cuidado. Uma segunda onda de fúria sacudiu as paredes, silenciando os ruídos do lado de fora, sugando o ar de seus pulmões. Ela pressionou o peito com uma das mãos, baseando-se em seu próprio poder para se isolar da raiva e dor que só faltava escorrer pelas paredes. Algo acontecera. Algo terrível. Raphael estava enfurecido, sua ira desenfreada acordando cada vampiro no prédio, ameaçando fazer desabar

todas as paredes ao redor, e fazendo com que o próprio ar vibrasse para aqueles sensíveis o bastante para senti-lo. Ela jamais experimentara uma dor tão crua de alguém tão poderoso. E temia descobrir o que a havia causado.

Ela se vestiu rapidamente enfiando uma camiseta e um pulôver sobre a cabeça, vestindo jeans e calçando rapidamente botas de cano curto. Abriu a porta com força, trançando seus longos cabelos enquanto corria, juntando-se aos guardas e outras pessoas que se apressavam na mesma direção.

A grande sala no andar de cima era um caos controlado. Ela sentiu cheiro de sangue. Muito sangue. Virou a cabeça, seguindo o cheiro até um lugar no canto mais distante da sala, perto do corredor que levava ao esconderijo de Lorde Raphael. Dois de seus guardas vampiros removiam um sofá encharcado de sangue, um outro enrolava o tapete que uma vez repousara diante do sofá. Do outro lado, uma porta se abria para o amplo quarto onde ela encontrou Raphael naquela primeira noite e ela viu Duncan lá dentro, falando com alguém que estava fora de vista.

Ela se dirigiu para lá. O que quer que tivesse acontecido, Duncan saberia. Sem dúvida sua presença não seria bem vinda, mas, na pior das hipóteses, ele lhe pediria para sair. Na melhor, ela descobriria quem estava morto. Sophia se apressou, determinada a descobrir o que havia acontecido antes que o pessoal de Raphael tivesse uma chance de impedi-la. Isto tinha que estar ligado de algum modo aos recentes assassinatos e ao desaparecimento de Lucien. E ela queria saber de quem era o sangue que manchara o sofá de vermelho. Não conseguia pensar em ninguém, além da companheira de Raphael, que pudesse desencadear tal ira do poderoso lorde vampiro. Mas se Cynthia estivesse ferida ou, deus o livre, se estivesse morrendo, como isso acontecera? Teria Colin estado com ela?

Ela desacelerou quando alcançou as altas portas duplas e deslizou silenciosamente para dentro do quarto. Duncan estava de costas para ela, com o enorme Juro a seu lado. Pela primeira vez desde que ela chegara, eles estavam vestidos com algo menos que a perfeição da alfaiataria. Duncan havia claramente se enfiado na primeira coisa que encontrou, calças de moletom e uma camiseta,

os pés ainda descalços. Juro havia conseguido sapatos e calças escuras, mas sua camisa estava para fora do cós e apenas parcialmente abotoada.

Nenhum deles reconheceu sua presença, concentrando-se na terceira pessoa no quarto - um humano que falava rapidamente.

— Foi muito ruim, Duncan, como nunca vi. Não sei se mesmo Raphael pode curar algo assim.

— Você sabe o que aconteceu? — perguntou Duncan atentamente.

O humano sacudiu a cabeça, claramente frustrado.

— Não perguntei. Robbie me chamou, avisando que eles estavam vindo com ela. Quando eles chegaram...

— Eles quem?

— Ah, acho que era um policial local...

— Colin? — O nome escapou antes que Sophie pudesse se conter. Ela congelou quando todos se voltaram para encará-la.

— Sophia. — disse Duncan com voz fria. Fez uma pausa, e então inclinou ligeiramente a cabeça. — Junte-se a nós. Este é o Dr. Peter Saephan, um valioso membro da equipe de Lorde Raphael. — Gesticulou em direção a ela. — Sophia, representante de Lucien.

Sophia avançou, acenando um reconhecimento. — E quanto a Colin? — exigiu — Ele foi ferido?

— Não. — Saephan disse, sacudindo a cabeça — Bem, não que eu tenha visto. — emendou. — Quero dizer, ele e Robbie estavam arranhados e ensanguentados, mas acho que a maior parte do sangue era de Cyn. Murphy estava dirigindo. Robbie estava no banco de trás com Cyn e... Ah, deus, Duncan, quando abri aquela porta e os vi...

Quando ele ergueu o olhar, seus olhos estavam cheios de angústia. — Não havia nada que eu pudesse fazer por ela. Mesmo com uma UTI completa, não sei se eu...

— Você fez o que pôde, Peter. — Assegurou Duncan. — E Robbie também, ao trazê-la diretamente para cá. Onde está ele agora?

— Mandei-o embora. Estava com medo do que Raphael poderia fazer quando a visse. Não sei...

— Eles ainda estão no portão. — Interrompeu Juro. — Murphy recusa-se a partir enquanto não souber qual é o estado dela.

— Falarei com ele. — Sophia disse, mantendo sua voz tão destituída de emoção quanto a de Duncan.

Duncan voltou aquele olhar impessoal para ela outra vez, seu rosto completamente sem expressão. — Muito bem. — disse ele — Juro a acompanhará até o portão.

Sophia quis protestar, dizer que não precisava de ninguém acompanhando-a ao longo dos cem metros até o maldito portão, mas decidiu que não valia a pena discutir. O complexo pertencia a eles e ela só perderia com isso.

— Como quiser. — Respondeu impassível.

***

Colin forçou-se a se manter imóvel, consciente dos olhares hostis dos guardas vampiros que haviam aparecido aos montes depois que Raphael se enfurecera e que agora pareciam ter dobrado em número nos últimos minutos.

Robbie estava agachado a poucos metros de distância, perto do muro, a cabeça entre as mãos. Ele lavara a maior parte do sangue, usando uma mangueira de jardim perto da garagem. Ele fizera quase tudo para forçar Colin a fazer o mesmo, virando a mangueira em sua direção quase sem aviso. Colin pensou que era um desperdício de tempo e esforço. Até que os guardas vampiros apareceram para substituir seus sósias humanos. Até que cada um olhasse duramente para Robbie, suas narinas fremindo. Eles prestaram menos atenção a Colin, mas ele tinha menos sangue para limpar. Robbie estava praticamente banhado em sangue.

Colin avançou para seu Tahoe apenas para ter algo para fazer. O carro estava bastante destruído - não havia mais janelas, exceto o parabrisas, que estava rachado, a lataria estava crivada de buracos de bala e o interior estava encharcado pela água usada para lavar o sangue de Leighton. Não que isso importasse. Ele não ligava para o maldito veículo. A única coisa que importava era se ela estava viva ou morta.

E ninguém parecia capaz, ou talvez disposto, a dizer-lhe isso.

Ele fechou as mãos em punhos impotentes. Era difícil ficar ali parado quando o que ele queria era começar a procurar a pessoa que fez isso. Aquela voz persistia em voltar, assombrando-o. Ele tinha que estar errado. Não poderia ter sido...

Os guardas vampiros subitamente se enrijeceram em sinal de atenção. Colin voltou-se quando o enorme chefe de segurança japonês de Raphael surgiu da escuridão seguido por...

— Olá, Colin. — Sophia disse. Seu rosto estava profundamente calmo, sua voz destituída de qualquer emoção.

Colin apenas a encarou. Esta não era a Sophie da vila. Nem mesmo a sedutora Sophia que aparecera em sua casa na outra noite. Esta era Sophia em seu verdadeiro semblante de vampira. Seus usualmente calorosos olhos castanhos eram negras piscinas geladas à pouca luz, seu corpo altivamente ereto.

Ele desviou o olhar, imaginando qual seria sua verdadeira face, se é que alguma delas era verdadeira.

Robbie se erguera de sua posição de sofrimento assim que eles apareceram. Ele estava em frente ao lutador de sumô, as mãos fortemente fechadas em punhos apoiadas nos quadris, como se para impedi-las de agarrar o vampiro e espremer a verdade dele. — Como ela está, Juro? Ela está viva?

— Ela está com Raphael. — Respondeu Juro. — É tudo o que sabemos.

— Ela está viva. — disse Sophia com convicção — Nenhum de nós estaria aqui se ela tivesse morrido.

Aquilo não fazia sentido para Colin, mas pareceu satisfazer Robbie. Ele assentiu e olhou ansiosamente para a casa.

— Não há necessidade de você partir, Rob. — A voz profunda de Juro retumbou com surpreendente compaixão. — Sabemos que você fez tudo o que pôde. Lorde Raphael saberá também.

Robbie ergueu o olhar, seu rosto tomado de gratidão, mas sacudiu a cabeça. — Ela não deveria estar lá, Juro. Não era...

— Nós dois a conhecemos bem — insistiu Juro. E, pela primeira vez, Colin viu emoção cruzar o rosto do enorme vampiro. Era a mesma expressão que ele viu no rosto de Robbie naquele carro ensanguentado. A mesma coisa que ele via nos rostos de seus companheiros quando cruzavam os corredores estéreis dos hospitais militares, esperando pelo aviso de que deveriam comparecer a mais um funeral ou se tinham enganado a morte mais uma vez. Era um olhar que ele já vira em seu próprio rosto no espelho. Eles amavam Leighton. Não como a uma amante, mas uma camarada de armas.

— Colin. — A voz de Sophia arrancou-o da contemplação dessa nova ideia.

— Sim?

O lábio dela se torceu levemente, reconhecendo sua rudeza. — Posso ter uma palavra com você?

Ele a estudou por um momento, então deu de ombros. — Claro, por que não?

Sophia olhou nos olhos dele. Pareciam quase cinza, com a pouca luminosidade, mas eram azuis - um lindo, cristalino azul que contrastava com o cabelo preto pendendo molhado sobre sua testa. Preto irlandês, ele dissera, e ela havia rido dele, pois nunca ouvira tal coisa antes. Ele sorrira então, mas não sorria agora.

Ela deu um pequeno suspiro, tentando descobrir a maneira certa de falar com este homem, esse humano que, apesar de seu passado compartilhado, era um estranho neste lugar e neste momento. Ele não parecia perceber o perigo em que se encontrava, e ela suspeitava que era porque ele sabia tão pouco sobre vampiros. O que ela dissera um momento antes era absolutamente verdadeiro. Se a companheira de Raphael morresse, nada salvaria qualquer um deles. Todo aquele poder liberado em uma tempestade de tristeza poderia acabar com tudo num raio de quilômetros antes que o lorde vampiro percebesse o que estava fazendo. Ele mataria amigos e inimigos indiscriminadamente, em sua necessidade cega de vingança.

Mas mesmo se Cynthia não morresse, haveria consequências. Colin e esse outro humano, Robbie, estavam com ela quando foi atacada. De acordo com o raciocínio de Raphael, isso os tornaria culpados por falharem em protegê-la. Robbie, certamente - ele era um tipo de guarda costas, afinal de contas. Mas Colin seria considerado igualmente culpado por associação.

Raphael permaneceria com sua companheira pelo menos durante esta noite. Mas quando finalmente emergisse de seu esconderijo, ele estaria procurando por alguém para punir. Ele caçaria os verdadeiros responsáveis, mas sua ira começaria com a primeira pessoa à mão. E se ela tivesse alguma coisa a dizer sobre isso, essa pessoa não seria Colin.

Mas como convencer Colin disso?

Consciente de sua audiência vampira, particularmente Juro, ela voltou suas costas para eles e tocou o braço de Colin, instando-o a afastar-se do grupo para o outro lado da entrada de carros. Isso não impediria que Juro ouvisse cada palavra que ela dissesse, mas ele não seria capaz de ver sua expressão enquanto o fizesse.

Colin surpreendeu-a ao não se afastar de seu toque. Ele caminhou com ela alguns metros para longe da entrada de carros e em direção à grama. Não havia muito luar, mas havia luzes de segurança acima do portão. E Colin não parecia perturbado pela escuridão, seus passos firmes no gramado irregular.

Cuidando para manter-se de costas para o portão e seus vampiros, ela sorriu para ele, um sorriso genuíno de afeição e carinho. Ele teve um pequeno sobressalto de surpresa com a mudança de comportamento dela. Ele o controlou rapidamente, mas ela percebeu. — Você tem uma visão noturna muito boa. — comentou ela.

Os olhos dele se estreitaram, como se tentasse descobrir o jogo dela. Mas ela não estava jogando. Por fim deu de ombros. — Anos de operações noturnas. Ficou arraigado em mim.

— Colin. — Começou ela, sua mão ainda repousando no antebraço musculoso dele — Há algo que você precisa entender sobre os vampiros, especialmente os poderosos como Raphael. Sua... — ela lutou para encontrar a palavra, —... hostilidade é muito próxima da superfície. É parte do que os torna quem são, o que são. Sua disposição para lutar pelo que querem, defender o que lhes pertence. E nada, Colin, *nada* é mais sagrado para um vampiro que seu companheiro. Ouvi o relatório do médico humano.

A expressão de Colin iluminou-se imediatamente. — Você falou com ele? O que ele disse?

Sophia sorriu, maravilhada com a complexidade de seu humano. Seu humano? Era isso o que ele era? Ela suspirou internamente. — Ele nos disse que ela está gravemente ferida, que se ela sobreviver, será Raphael quem a salvará.

Colin balançou a cabeça em negação, um olhar sofrido em seu rosto. — Não entendo, Sophie. Todos dizem que Raphael pode salvá-la, mas como?

Uma parte de Sophia ficou agradavelmente surpresa com o uso do apelido, mas, ao mesmo tempo, ela percebeu o quanto ele sabia *pouco* sobre vampiros. Não se tratava apenas do poder e agressividade de um lorde vampiro; era a própria essência do Vampiro. E quanto ela poderia compartilhar com ele? A comunidade vampira mantinha certas verdades em segredo e por uma razão muito boa. Um dos mais bem guardados segredos, e mais perigosos, era o poder curativo do sangue de vampiro.

Ela estudou o rosto familiar do homem em frente a ela, tão claro para sua visão de vampira. Ele era um homem bonito, seu Colin, com um maxilar forte e queixo quadrado. Os leves vincos ao redor de seus olhos testemunhavam sua risada fácil, vincos que não estavam lá dez anos atrás. Ela imaginava se alguma mulher pusera aquelas linhas de riso ali e sentiu uma pontada de ciúme.

A verdade atingiu-a como um choque elétrico. Ela o queria. Não por uma hora ou por uma noite. Queria que ele fosse dela e de mais ninguém. O desespero veio logo em seguida, o conhecimento de que ela podia ter destruído qualquer afeição que ele uma vez sentira por ela quando tomou a decisão de enganá-lo tanto tempo atrás.

Sua mandíbula apertou-se com determinação. Ela não podia mudar o passado. Mas se esperava ter um futuro com ele, apenas a verdade serviria agora. Ele ainda olhava para ela, esperando por uma resposta para sua pergunta.

— O sangue vampiro é muito forte, Colin, especialmente o de um vampiro antigo e forte como Raphael. O cruzamento entre vampiros é baseado na troca de sangue. O sangue humano de Cynthia o alimenta, mas o sangue *dele* a mantém

saudável e jovem pelo tempo em que eles permanecerem juntos. É por isso que a maioria dos acasalamentos é entre vampiros e humanos. Um sustenta o outro.

Colin estava totalmente concentrado no que ela dizia. Ele ouvia cada palavra, visivelmente absorvendo e registrando tudo, e ela se lembrou de que Colin Murphy era mais do que um corpo forte, mais que um guerreiro altamente qualificado. Ele possuía também uma mente privilegiada.

Mas Sophia não queria dizer nada mais sobre as propriedades curativas do sangue de vampiro, não na frente de Juro e dos outros. Ela responderia a todas as suas perguntas, porém mais tarde, quando estivessem a sós.

Algo em sua expressão deve ter alertado Colin, porque ele inclinou a cabeça apenas um pouquinho e sorriu ligeiramente. — Então ele *pode* salvar a vida dela? — perguntou.

— Se alguém pode, é ele. — disse ela com cuidado. — Não saberemos por algumas horas, e provavelmente não até o pôr do sol de amanhã. Ele não desejará sair do lado dela até que ela esteja completamente estável, e talvez nem mesmo então. Não os conheço bem, mas mesmo eu posso ver o quanto ele a ama, e ela é importante para os outros também. — acrescentou, indicando os vampiros ao redor do portão e especialmente Juro e Robbie. — A lealdade deles fala, pelo menos em parte, do amor de seu mestre por ela.

— Então o que você está dizendo, Sophie? O que quer que eu faça?

Ela sorriu gentilmente. — Estou pedindo que você vá para casa. Não é seguro para você aqui. Se... se o pior acontecer, Raphael ficará um pouco louco, pelo menos por um tempo. É por isso que o doutor mandou você e Robbie embora em primeiro lugar. Não é seguro, especialmente para humanos.

— Mas Juro disse a Robbie que ele podia ficar, que era...

— E Juro está certo. É provavelmente seguro esta noite. Mas Robbie tem amigos poderosos por aqui, que irão argumentar em seu favor, talvez mesmo protegê-lo tanto quanto possível. Você só tem a mim.

Colin a encarou.

— Avisarei você imediatamente quando tivermos notícias, boas ou más. — Ela acrescentou rapidamente. — Confie em mim.

Ele ainda a estudava. Por fim deixou escapar um suspiro e desviou o olhar, balançando a cabeça. — Tudo bem. Vou para casa. Mas estou confiando em você, Sophie. — Encontrou seu olhar impassível. — Estou confiando em você. — repetiu.

— Eu sei. — disse ela, suavemente — Obrigada.

Ele balançou a cabeça e girou nos calcanhares, caminhando para onde Robbie ainda esperava. Pousando uma das mãos no ombro do outro homem, ele disse, calmamente: — Vou para casa tomar um banho e trocar de roupas. Você é mais que bem vindo para vir comigo. Tenho bastante espaço.

Robbie olhou de Colin para Sophia. — Obrigado, mas acho que vou dormir por aqui. Eu ligo para você.

— Estarei esperando. — Colin virou a cabeça, prendendo Sophia com aqueles perfeitos olhos azuis. — Você sabe onde me encontrar.

# Capítulo 31

**Colin se afastou de seu computador e verificou as horas, assim como** tinha feito a cada dez segundos desde que tinha voltado para casa. Era quase duas horas da manhã, mas tinham passado horas desde que ele deixou o complexo vampiro e estava ficando um pouco louco.

Ele tinha lavado o interior de seu Tahoe novamente, sabendo que se o deixasse como estava, iria atrair cada animal carnívoro na floresta. Ele lavou o sangue restante, pegou o papel molhado e ataduras para jogá-los no lixo atrás de sua casa. Tinha demorado uma hora, uma hora que ele não tinha passado sentado à espera de ouvir de Sophia.

Ele usou um pouco mais de tempo no chuveiro quente, mas banhos simplesmente não demoravam tanto tempo desde que ele tinha passado doze anos na Marinha. A menos que ele estivesse tomando banho com alguém.

O que o trazia de volta para Sophia. E, caramba, se ele não a queria ainda. Teria sido mais fácil se ela tivesse sustentado a persona de vampira fria que tinha jogado com ele esta noite. Ou mesmo se ela se tornasse alguém completamente diferente nos anos desde que eles passaram um tempo juntos. Mas hoje à noite, ali no escuro, com a mão em seu braço, os anos tinham caído e ele tinha estado

de volta naquela aldeia da América Central, com o calor e a umidade, o cheiro da selva à sua volta, e o fluxo e refluxo de espanhol provocando seus ouvidos.

Talvez ele apenas devesse transar com ela. Um rolo rápido pelo bem dos velhos tempos para tirá-la do seu sistema. Mas não seria tão fácil com Sophie. Nunca tinha sido. Ele a amava. Inferno, ele tinha planejado um futuro com ela. E agora aqui estava ela de volta em sua vida.

Ele ouviu um carro na garagem e se virou, seus pés descalços batendo no chão de madeira quando foi até a janela da frente. Bufou baixinho. Sim, lá estava ela. De volta em sua vida.

Colin abriu a porta quando as luzes desligaram no Sedan Lexus que ela estava dirigindo. Ele estava um pouco surpreso por Sophie saber dirigir. Ela não sabia quando ele a tinha conhecido antes. Não que ele a conhecesse, de qualquer maneira. Ele fez uma careta, lembrando que não sabia tanto sobre ela como pensava.

A luz da porta destacou-a quando ela fechou a porta do carro e se dirigiu para ele. Seus olhos apanharam a luz em um ângulo estranho, fazendo-os brilhar um ouro âmbar rico por um momento. Ele piscou e isso foi embora.

Observou seu rosto enquanto ela se aproximava, em busca de algum sinal de más notícias. Não viu nenhum, mas... — Leighton? — Perguntou rapidamente.

— Sem notícias. Mas, em sua própria maneira, isso é bom. Duncan, você o conheceu, certo? O vampiro loiro que é tenente de Raphael? — Ela esperou até que ele concordou com a cabeça. — Bem, Raphael é o Sire de Duncan, quem o fez vampiro. Eles estão juntos há mais de dois séculos, e têm uma relação próxima. Duncan também é bastante poderoso em seu próprio direito, o que significa que ele é muito mais sensível ao estado de espírito de Raphael do que qualquer outra pessoa, exceto, talvez, Cynthia.

Colin assentiu impaciente. Ele apreciou a lição de história vampírica, mas o que realmente queria saber era como estava Leighton.

Como se ela soubesse seus pensamentos, Sophia explicou. — Estou dizendo isso para que você entenda a confiabilidade da avaliação de Duncan. Ele contou que Raphael se afundou nas profundezas de seu poder. — Ela levantou a mão, impedindo a sua próxima pergunta. — É uma espécie de transe, um estado profundo quase meditativo. Ele lhe permite bloquear todas as distrações, para se concentrar apenas na única coisa que ele procura, ou neste caso, a única coisa que ele se preocupa, que é sua companheira. Ele está concentrando todo o seu considerável poder na cura dela, não apenas o seu sangue, mas a... Mágica, você chamaria isso, que faz dele um lorde vampiro.

— Como é que funciona?

Ela deu um sorriso triste. — É impossível explicar, Colin. Sinto muito, simplesmente é.

Intrigado, ele perguntou: — Você tem essa magia?

Ela pareceu surpresa com a pergunta. — Sim, é claro.

— Então, não é apenas de lordes vampiros.

— Não, mas é diretamente proporcional ao poder individual do vampiro. Diga-me, você tem algo mais para dirigir?

Perdido na contemplação da magia de vampiro, Colin franziu a testa pela sua pergunta, em seguida, percebeu que ela estava falando de seu caminhão. — Certo. — ele disse, enquanto seu cérebro apanhava o que ele estava vendo. Ele saltou da varanda, caminhou até o Tahoe, e começou a fechar portas. — Este bebê é uma perda total. Vou rebocá-lo amanhã e depois ir para a cidade e alugar algo. Por quê?

Sophia fungou discretamente e fez uma careta. — Tem o cheiro do sangue dela. Seria melhor você não levá-lo, nem mesmo movê-lo.

Colin esfregou a mão no seu cabelo. — O cheiro de sangue é realmente tão ruim? Talvez eu deva rebocá-lo esta noite, então.

— Não é ruim. — assegurou ela. — Só estou mencionando porque é o sangue de Leighton. As coisas estão mais instáveis do que de costume.

— Instáveis como?

— Mesmo que Raphael consiga curá-la, ela vai ficar fraca por algum tempo. Ele vai se tornar mais protetor com ela do que de costume, e muito mais sensível ao cheiro de seu sangue, especialmente em outro homem ou seus bens.

— Entendo. Isso é meio louco, você sabe. Toda essa coisa de cheiro de sangue. — Assim que as palavras saíram de sua boca, ele lamentou-as. — Oh, hey, eu não tive intenção de ser ofensivo.

— Não estou ofendida, Colin. Não estou tão completamente esquecida das minhas origens humanas que não consiga mais me lembrar como era.

Eles ficaram em um silêncio constrangedor por um momento muito longo até Colin desabar como o covarde que ele era. — Então, você quer entrar?

Seu sorriso era grande e cheio de gratidão. — Eu gostaria, obrigado.

Sophia passou por Colin e para o centro de sua sala de estar. Ela podia sentir a tensão em seu corpo poderoso e sabia que, apesar de todas as suas brincadeiras, seus sentimentos em relação a ela ainda eram ambivalentes. Ainda assim, ela considerou uma vitória que ele poderia ter uma conversa informal com ela apesar de tudo.

— Não vou ficar muito tempo. — assegurou ela. — Eu só precisava ficar fora por um tempo. Tudo está tão tenso por lá, todo mundo em suspense à espera de uma palavra, e eu sou uma estranha para eles. Todos os vampiros que viajam com Raphael são suas crianças, incluindo seus seguranças pessoais e todos os adicionais que ele chamou uma vez que os assassinatos foram descobertos. Eles são fanaticamente leais e têm as fileiras completamente cerradas em torno dele durante esta tragédia.

— Isso é normal? — Colin perguntou. — Quero dizer, um lorde vampiro ser cercado por seus próprios... Você sabe, os vampiros que ele fez?

Sophia deu de ombros. — Lordes vampiros não confiam em estranhos, então, sim, o círculo mais íntimo é frequentemente composto por crianças do próprio Lorde. Mas é incomum para um Lorde Vampiro ter tantos de seus próprios filhos vivendo tão intimamente com ele, especialmente porque muitas das pessoas de Raphael são bastante poderosoas. Eu diria que pelo menos metade dos vampiros que vivem na sede do meu Sire Lucien, em Vancouver, foram transformados por outra pessoa, embora ele tenha um círculo interno de sua própria descendência.

— E quanto aos outros? Os vampiros normais, os que não são lordes vampiros. E sobre as suas... — Ele tropeçou sobre a palavra. — Crianças?

Ela inclinou a cabeça, sorrindo com diversão. — Não é como no cinema ou televisão, Colin. Apenas alguns poucos vampiros são fortes o suficiente para transformar alguém, e os lordes vampiros reservam esse poder para si, em qualquer caso. — Sua expressão ficou séria quando ela continuou. — Qualquer vampiro que crie uma criança sem permissão será severamente punido, talvez destruído, dependendo dos desejos do seu mestre. É uma forma de controle da população, você entende. Os vampiros são virtualmente imortais. Sem restrições, a população em breve ficaria muito numerosa.

Desde que ela não tinha intenção de lhe dizer *porque* muitos vampiros seriam um problema - porque eles superariam rapidamente sua fonte de alimento, ou seja, os seres humanos, - ela se virou, andando para se sentar em um dos bancos de bar colocados junto ao balcão entre a sala de estar e a cozinha. — De qualquer forma, — ela continuou, — eu não sou um dos filhos de Raphael, e com todos ansiosos, os ânimos estão queimando. A última coisa que eu preciso é entrar em algum tipo de disputa de poder com um de seus vampiros.

Colin atravessou a sala, chegando perto o suficiente pra ela sentir o calor de seu corpo, podia sentir o forte perfume masculino de sua pele. Ele tinha uma camisa, mas estava desabotoada e seu jeans desbotado pairava baixo nos quadris estreitos. Seus dedos coçaram para acariciar seu peito e descer sobre seu abdômen, sentindo os cumes duros de músculos ali e arrastando as unhas ao longo da flecha de cabelo escuro que desaparecia abaixo do cós da calça jeans.

Por sua parte, Colin parecia desconhecer quão atraente ele era para ela naquele momento, atingindo para lá dela para pegar um abridor de garrafa de cerveja no bar antes de se sentar no banco ao lado dela. — Ignorando a analogia[11] por agora, — disse ele — você poderia derrotá-los? — Ele começou a tomar uma bebida, depois parou e disse: — Quero dizer, se um dos vampiros começasse algo, você poderia, sabe, ganhar?

— Provavelmente. — disse Sophia, franzindo a testa para seu desconhecimento total do desejo dela.

Colin sorriu. — Sério?

Sua carranca aprofundou. — Sim, é verdade. E eu sei o que você está pensando. É o que todos pensam. Mulher, tão bonita, tão frágil. Seria de esperar que as pessoas de Raphael fossem espertos, pelo menos. Eles aceitam Cynthia pelo que ela é, depois de tudo. — Ela jogou uma mão no ar em desgosto. — Mas os vampiros são como algum tipo de retrocesso primitivo. Com certeza, alguns nasceram há muito tempo atrás, quando as mulheres eram pouco mais do que bens móveis, mas muitos deles não, e ainda são todos testosterona e luta.

— Eu pessoalmente sou bastante afeiçoado à minha testosterona. — Colin comentou casualmente.

Sophia riu, os olhos arregalando de surpresa ao mesmo tempo em que sua mão voou para cobrir sua boca. Ela sentiu o rosto ruborizar, que era algo que já raramente acontecia. Baixou o olhar, as mãos roçando desnecessariamente em suas coxas.

— De qualquer forma. — disse ela, ainda não olhando para ele. — Eu *poderia* derrotar a maioria deles. Embora, provavelmente não Duncan. E não se me encurralassem, mas um-a-um, eu conseguiria. Sou a criança mais poderosa de Lucien, você sabe. Eu duvido que é o que ele pretendia quando me transformou, mas aqui estou.

[11] Referente à parte em que ela fala da disputa de poder, a tradução literal seria 'concurso de mijo', para marcar território, daí o que ele diz sobre ignorar a analogia.

Ela ficou em silêncio, pensando no Lucien desaparecido e na possibilidade muito real de que ela poderia estar em batalha pelo controle do seu território em breve.

— Sophie?

Ela olhou para cima e percebeu que tinha ficado quieta por muito tempo. — Desculpe. Eu estava pensando sobre uma coisa. A questão é: — ela disse, voltando para a conversa. — Mesmo que eu pudesse ganhar, não quero lutar. Não é por isso que eu estou aqui.

Colin tomou outro gole de cerveja, depois riu. — Pequena Sophie, vampira fodona, — ele brincou e então congelou, olhando para ela.

Sophia não precisava ouvir seus pensamentos para saber que ele estava lembrando por que não devia falar com ela, ou Deus me livre, rir com ela. Ela viu em seus impressionantes olhos azuis. Mas ela também viu o cabo-de-guerra em curso atrás deles. Ele *queria* fazer essas coisas. Ele *a* queria.

Ele se levantou de repente, batendo sua garrafa de cerveja no bar com força. — Sinto muito. Estou sendo rude. Você quer uma bebida ou alguma coisa?

— Colin. — disse ela calmamente.

— Eu tenho praticamente tudo. — continuou ele, andando ao redor do bar e na cozinha. — Ou posso fazer...

— Colin. — disse ela novamente.

Ele ficou de costas para ela, suas mãos espalmadas contra a porta do frigorífico. Ficou em silêncio um longo tempo e então virou-se e olhou para ela. — O quê?

— Nós temos que conversar.

— Não. Não acho que temos, Soph.

— Eu gostaria. Por favor.

Sua boca torceu em uma careta. — Dê-me uma razão, Sophie. Diga-me algo que pode lavar as mentiras e me fazer acreditar em você de novo, algo que me faça acreditar que você é a mulher por quem eu estava apaixonado há dez anos atrás.

O coração de Sophia trovejou em seu peito. Ela podia ouvi-lo mesmo que ele não pudesse. Ele nunca disse que a amava, não no passado. Embora ela soubesse de qualquer maneira. Era difícil não ler a mente de um homem quando você estava fazendo amor com ele, quando ele estava enterrado dentro de seu corpo, dando-lhe mais prazer, mais alegria, do que você alguma vez sentiu.

E ela já tinha prometido a si mesma que diria a ele a verdade.

— Eu estava com medo. — disse ela simplesmente.

Colin ficou sobressaltado. — Mentira. Nunca fiz nada...

— Não de você, Colin. Nunca de você. Isso foi parte do problema. Você era... — Ela balançou a cabeça com espanto. — Perfeito. Muito bom para ser verdade. Você era bom, generoso, engraçado. Um amante maravilhoso e tão vicioso em me proteger da menor ameaça. — Ela sorriu, seus pensamentos voltando para o tempo que passaram juntos.

Colin bufou um suspiro de desprezo. — Provavelmente parece estúpido agora. — ele disse. — Quero dizer, você dificilmente precisava de mim para protegê-la, mas eu não sabia...

Sophia olhou para cima. — Não. — ela disse rapidamente. — Não, Colin. Nunca foi estúpido. Era adorável. — O sorriso dela caiu. — E eu sabia que não poderia durar. Eu era uma vampira. Pior ainda, eu era uma vampira que vivia sozinha. Lucien tinha me mandado embora. Não duramente, e não sem afeto, mas eu não poderia voltar para Vancouver. Não nesse momento. Então eu me movia de país para país. Eu ainda estava jurada a Lucien, e nenhum outro vampiro ia deixar-me viver em seu território por muito tempo quando eu estava prometida para outro.

— Então por que não fazer o que vocês fazem? Encontrar um novo lorde ou algo assim?

— Eu amava Lucien. Ainda amo...

Sophia viu os olhos de Colin estreitarem infelizes para isso e sentiu um pouco de esperança.

— Eu não entendo. — Colin estalou. — Esse cara te joga fora e você ainda o ama?

— Não é assim. Lucien é o meu Sire. Fomos amantes uma vez, séculos atrás, quando ele me transformou, mas não desde então. Seria quase antinatural se nós nos tornássemos amantes agora. — Ela balançou a cabeça. — Não sei se eu posso explicar isso. Não sei se tenho as palavras para algo que está enraizado em cada célula do que eu sou, o que ele me fez, o que ele *deu* para mim.

— E o que é isso, Soph?

Sophia olhou para Colin e se perguntou se poderia voltar para aquele lugar horrível, mesmo por ele. Seu peito doía pensando em reviver aqueles tempos terríveis. Quase tanto quanto fez com o pensamento de perder Colin para sempre.

Ela fechou os olhos por alguns instantes. — Meu pai era um homem muito rico. — Começou. — Meus irmãos mais velhos tinham morrido devido à doença ou guerra antes que eu tivesse dez anos. Eu era sua única filha viva, sua herdeira. Minha única virtude, a única razão para a minha existência aos olhos do meu pai, era a minha capacidade de produzir um neto para substituir seus filhos mortos. Quando eu tinha treze anos e estava começando a desenvolver seios, nós começámos a entreter pretendentes a cada noite da semana. Eu digo *nós,* mas ninguém se importava com o que eu pensava. Eu trotava para fora como um dos cavalos de seu show e então era enviada de volta aos meus aposentos. Não me permitiam sequer comer na mesa.

Sophia se levantou e começou a andar. Nenhuma destas eram boas memórias, mas a parte seguinte... A parte seguinte era tão dolorosa, tão

poderosa, que ainda podia deixá-la de joelhos. Ela fez uma pausa e olhou para onde Colin estava olhando para ela, esperando. Ela virou-se e começou a falar.

— Eu era casada aos 16 com um homem que detestava.

***1755 — Sul da Espanha***

**— Estou com calor, mamãe.**

Sophia virou-se da porta onde ela estava apreciando os aromas frescos do jardim, esperando uma brisa fresca. Fazia horas que o sol se pôs em mais um dia escaldante, e ainda o ar estava quente, a brisa quase inexistente. Ela entrou com cuidado na quase escuridão, fazendo seu caminho até a cama improvisada onde seus dois filhos estavam um ao lado do outro.

— Eu sei, Teo. Sinto muito. — Ela sentou-se, ouvindo o rangido da madeira debaixo de seu peso. Teo, o mais velho por menos de um ano, olhou para ela, seus olhos escuros brilhando à fraca luz da única lanterna.

— Deve refrescar em breve. — Ela alisou o cabelo encharcado de suor para longe de sua testa, alta e elegante como a de seu pai. Tanto de seus filhos se assemelhava a seu pai, o que era natural, supôs. Embora ela gostaria de ver algo de si neles, talvez em torno dos olhos ou na forma de seus queixos? Mas não, eles eram, cada um, a própria imagem do pai. E ele era um homem bonito o suficiente, mesmo sendo um porco.

— Onde está o papai? — O rosto de seu filho mais novo aparecera no ombro do irmão.

Ela sorriu com carinho. — Ele vai estar em casa logo, Miguelito.

— Você vai ficar aqui conosco?

— É claro, *bebê*. Eu nunca te deixarei. Agora durmam. Vou cantar uma canção.

Ela cantou baixinho, sentando com eles até que adormeceram, tão cansados de seu movimentado dia de meninos pequenos que nem mesmo o calor poderia mantê-los acordados por muito tempo. Ela só queria ter tido tanta sorte. As pesadas camadas de roupa que ela era obrigada a usar, até mesmo aqui na privacidade de seus jardins, eram sufocantes. Os cordões eram tão apertados que ela às vezes pensava que ia sufocar antes que o calor pudesse levá-la. Em uma noite normal, ela teria se retirado para seu quarto e removeria as roupas confinantes. Mas seus pequenos estavam tão desconfortáveis com a temperatura na casa, apesar de suas paredes espessas, e os jardins eram verdes e acolhedores.

Ela se levantou com um longo suspiro, caminhando até a porta e sua brisa fraca. Uma luz acendeu no segundo andar da casa principal e os seus lábios se apertaram em irritação. Seu marido tinha chegado em casa enfim, finalmente deixara a cama da francêsa prostituta com quem Alberto Alejandro havia se casado no último inverno. Infelizmente, Alberto caiu morto logo depois, deixando sua jovem esposa viúva pobre em um país estranho, sem sequer dinheiro para voltar para casa em desgraça, que era tudo o que ela merecia.

Alguém podia ter sentido pena da mulher se ela possuísse algum pedaço de virtude. Mas tendo perdido o marido, ela voltou sua atenção para o marido de Sophia Teodosio, que era longe de ser pobre. Ou assim pensava a prostituta. Ela era demasiado estúpida para entender que Teodosio nunca deixaria Sophia, nem mesmo por uma prostituta francesa bonita. Não porque ele amava Sophia, mas porque amava o dinheiro e as terras que ela tinha herdado de seu pai. Uma propriedade que estava investida em seus filhos, e não em seu marido. Se Teodosio abandonasse Sophia, ele estaria tão sem dinheiro como sua prostituta.

Ela viu quando as portas da varanda abriram e seu marido saiu, claramente procurando a mesma brisa inexistente como ela tinha antes. Ele olhou para a casa de verão onde seus filhos dormiam e fez uma pausa. Possivelmente seus olhos se encontraram. Estava escuro demais para saber, mas ele sabia que ela

estava olhando para ele. Ele se virou sem uma palavra ou gesto, e voltou para dentro.

Uma onda de ódio puro e brilhante varreu Sophia, deixando-a tremendo. Ódio por seu pai, que a casou com um homem que ela desprezava. Ódio por seu marido, que não tinha tocado-a desde o nascimento de seu segundo filho. Não que ela se preocupase em partilhar a cama com ele. Muitos maridos e esposas viviam vidas separadas, especialmente aqueles com propriedades a considerar. Mas a maioria, pelo menos, jogava o jogo da cortesia, mantendo seus assuntos discretamente. Não Teodosio. A prostituta francesa foi apenas a última de suas indiscrições e não seria a última. Ele se cansaria dela como tinha acontecido com as outras, enquanto Sophia suportava a vergonha em silêncio.

Ela se virou de volta para a casa de jardim, uma estrutura frágil com paredes semi-abertas e um telhado de colmo, destinada a piqueniques e jogos para crianças. Seus filhos tinham pensado que seria uma grande aventura dormir aqui fora essas últimas noites. Ela sorriu, lembrando. Eles eram a alegria da sua vida, os seus tesouros. Nem mesmo o seu pai porco poderia destruir isso.

Ela andou para o jarro de água que tinha pedido para um servo trazer para fora antes de se retirar. A água tinha estado fresca, tirada diretamente do poço. Ela inclinou-o, derramando as últimas gotas e lembrou que tinha usado muito para banhar seus rostinhos antes de dormir. Fez um barulho impaciente, pensando que era muito provável que eles acordassem novamente durante a noite, pedindo água e ela não teria.

Ela poderia acordar um dos servos para ir buscar, mas o poço era apenas no pátio, do outro lado das cozinhas. Parecia inútil acordá-los para uma coisa tão pequena, especialmente quando ela era forte o suficiente para fazê-lo sozinha.

Sophia verificou cada um de seus filhos mais uma vez, sorrindo ao ver Teo expreguiçar durante o sono, enquanto Miguelito ficava quieto e instalado contra as costas de seu irmão como um rato. Ela pegou o jarro e entrou no jardim, indo para o pátio.

Ela não encontrou ninguém quando passou pelas cozinhas e foi para o grande poço no centro do pátio. A tampa de madeira estava meio aberta, o balde pousado na borda. Fez um barulho ao bater sobre a água no fundo quando o largou lá dentro, e ela se inclinou, olhando para as profundezas escuras até que a corda ficou apertada, dizendo-lhe que o balde estava cheio. Endireitando-se, ela pegou a manivela e começou a girá-la para trazer o balde de volta novamente.

Ela ouviu os gritos primeiro. Inclinando-se para agarrar o balde por cima da borda do poço, franziu a testa. Com o calor, Cook deve ter acordardo mais cedo do que o habitual e estava quase na hora dos servos da cozinha acenderem o fogo sobre os grandes fornos. Será que tinham descoberto ratos na farinha de novo?

Ela pegou o seu cântaro e voltou através do pátio, apenas para ser quase atropelada por homens correndo passando por ela com baldes pendurados em cada mão. Então ela sentiu o cheiro de fumaça. Ela deixou cair o jarro, saltando sobre seus cacos molhados e correu para os jardins, visíveis agora pelas portas abertas da cozinha. Uma luz amarela brilhava entre as sombras verdes, como se um milhão de velas dançassem de uma só vez. Sophia estava gritando antes de chegar à porta, arranhando seu caminho através dos servos aterrorizados, empurrando de lado qualquer um que tentasse detê-la.

O chalé estava em chamas, sua palha parecia uma tocha na noite. Ela registrou a imagem enquanto percorria através do caos, seu coração trovejando no peito, seu cérebro gritando para ela se apressar, mesmo enquanto seu coração lhe dizia que Deus não seria tão cruel, que ela era uma boa católica que honrava sua Igreja, que doava generosamente e nunca perdia uma missa. Deus não iria tirar seus lindos bebês, não seus meninos.

Ela correu em direção ao incêndio, analisando os servos reunidos, procurando por seus filhos, tentando ouvir suas vozes. Alguém gritou e ela virou-se, alívio como uma rajada de vento soprando através de sua alma. Ela examinou os rostos e encontrou seu marido, Teodósio, seu rosto uma máscara aflita de tristeza que roubou suas belas feições e transformou-as em algo grotesco.

— Sophia. — ele disse, sua voz quebrando quando ele estendeu a mão para ela.

Ela se afastou dele, balançando a cabeça, de alguma forma acreditando que se nunca ouvisse as palavras, ela nunca teria que saber a terrível verdade.

— Sophia. — ele repetiu, segurando seus braços, puxando-a contra seu peito em uma tentativa de conforto.

— Não! — Ela bateu em seu peito, afastando-o.

Um som alto a fez virar a tempo de ver as chamas de repente ficarem mais altas, enviando uma chuva de faíscas para as árvores. Sophia gritou e correu em direção ao fogo. Seus filhos estavam lá, por que ninguém os salvava? Por que seu pai inútil estava chorando em vez de desafiar as chamas em busca de seus filhos?

O calor atingiu-a como uma parede, encolhendo os pequenos pêlos em sua pele, queimando as suas mãos e o rosto antes de ela dar dez passos na direção dele. Ela teria ido mais longe, teria corrido para o fogo em si, mas braços fortes agarraram-na, segurando-a com força, puxando-a para longe das chamas intensas.

Sophia lutou, gritando, chutando, arranhando as mãos que a seguravam. — *Cherie*, Sophia, não. É muito tarde. — Sua voz era um murmúrio suave de palavras estrangeiras, suas mãos nunca diminuindo seu controle, não importa o quanto ela lutou.

O telhado desabou sem aviso prévio. Cinzas voavam e servos gritavam, correndo para acabar com os incêndios menores, para a casa e vendo toda a propriedade queimar. Não que Sophia se importasse. Ela observou, em desespero, os olhos nublados de lágrimas e cinzas, sua respiração vindo em soluços enquanto ela lutava para respirar em um mundo que tinha perdido todo o sentido.

Os braços que a seguravam relaxaram um pouco, baixando-a até seus pés tocarem o chão. Ela virou, olhando para cima para ver o rosto de um estranho, enegrecido pela fuligem das chamas, lágrimas escorrendo pela pálida face.

Dor esmagadora deixou Sophia de joelhos. Seu coração apertou em seu peito e ela saudou a agonia. Pegou fôlego para gritar, mas seus pulmões não

conseguiam encontrar o ar, e isso a agradou. Por que devia o seu coração bater, os pulmões berrar, quando seus filhos, seus lindos bebês, foram embora? Ela passou as unhas pelo rosto e sentiu o sangue quente, substituindo as lágrimas que não poderia derramar. Ela encontrou sua voz finalmente, mas foi só um grunhido afiado como um animal, balançando para frente e para trás, segurando-se contra uma dor para além de qualquer outra.

Ela não ouviu nada dos servos ou dos moradores da vila que tinham vindo para ajudar a combater o fogo que ameaçava todos. Seus gritos e choros, os distantes gritos apavorados dos cavalos, os passos apressados quando balde após balde de água foram jogados no foco insaciável de chamas - tudo era um barulho sem sentido. Sua mente estava cheia com as vozes doces de seus filhos, com seus risos e canções. Ela não viu nenhuma razão para ouvir qualquer coisa outra coisa... Até que a voz de uma mulher atravessou a noite gritando maldições.

Sophia congelou, sua cabeça girando de lado para ouvir. Vozes de homens gritavam furiosamente, a mulher indignada gritando acima deles.

— Don Teodosio. — Um dos homens gritou. — Nós encontramos esta fugindo!

Sophia ouviu os arfares ao redor. Ela se levantou e viu o marido encarando sua puta amante. A mulher estava enegrecida com a fumaça, seu cabelo queimado em alguns lugares, mas foram suas mãos que chamaram a atenção de todos. Elas estavam avermelhadas e queimadas, cobertas de bolhas.

Sophia levantou os olhos para ver o olhar horrorizado de compreensão de Teodosio. Ela gritou, sem palavras, correndo a curta distância para pegar a prostituta pelos cabelos, puxando-o em punhados grandes até que os homens as separaram. Teodosio abraçou Sophia, sussurrando o nome dela uma e outra vez como uma oração para o perdão.

Sophia gritou e girou sobre ele, atingindo-o com um tapa no rosto. Ela não tinha perdão para dar. — Você fez isso. — ela rosnou furiosamente, com o rosto amassado de tristeza. — Você assassinou seus próprios filhos. — Sua voz quebrou no final, soluços substituindo suas palavras quando ela se afastou dele.

— Não. Não, Sophia, por favor, eu não tive...

Sophia não ouviu o resto de suas negativas. Ela voltou para o fogo e caiu de joelhos, não para rezar, mas para testemunhar a morte de seus filhos.

Eles enterraram seus bebês no dia seguinte. Seus corpos pequenos haviam sido retirados dos restos carbonizados da casa e envoltos em linho branco, enquanto Sophia estava deitada na cama, drogada em inconsciência por um médico bem-intencionado que pensava poupar-lhe a visão de tudo o que restava de seus filhos. Ela estava no precipício, ouvindo os sacerdotes murmurarem suas palavras vazias em vozes fervorosas de como seus filhos tinham sido chamados para Deus, como seus grandes destinos tinham apenas começado. Mas Sophia não acreditava num Deus que iria fazer isso, que permitiria uma prostituta francesa inútil assassinar crianças inocentes. Ela afastou-se deles e de suas orações, afastou-se de seu marido infiel e foi para as montanhas, esperando que a morte a encontrasse.

A morte não havia chegado. Mas Lucien tinha.

Três dias depois, o calor quebrou por fim. Sophia ficou uma vez mais sobre os túmulos de seus filhos e sentiu a brisa fria da noite soprando através das colinas áridas. Ela pensou em como Teo e Miguelito teriam rido ao senti-la e sorriu tristemente. Não haveria mais risos de menino em sua vida.

Gritos surgiram a partir da propriedade atrás dela. Ela viu as luzes de lanterna por cima do ombro, viu-as saindo dos portões, em direção à encosta onde ela estava sozinha com as almas de seus filhos. Seu marido nojento tinha descoberto sua ausência novamente e estava sem dúvida gritando para os funcionários a encontrarem.

As luzes estavam se aproximando. Ela virou as costas para elas, sussurrou um último adeus a seus filhos, e caminhou na escuridão.

Ele estava esperando por ela lá - Lucien, o estranho que a segurou enquanto a casa queimava, que tinha salvado a vida que ela não queria mais viver. Ele estava esperando por ela na primeira noite, quando ela escapou para esta encosta, com a intenção de sangrar a própria vida sobre os túmulos de seus

filhos. Ele manteve a faca longe de seu pulso e segurou-a enquanto ela chorava, soluçando a sua dor a um estranho de uma maneira que não tinha até então. Não tinha existido ninguém mais em quem ela confiasse o suficiente para fazê-lo.

E então ele disse que poderia fazer isso ir embora, a dor, a perda, terrível e dolorosa, o vazio que nunca seria preenchido. Eles teriam que partir, ele avisou, viajar para longe, mais longe do que ela já tinha ido antes, do que ela alguma vez sonhou em ir. Sophia pediu-lhe para fazê-lo. Ela estava pronta para ir imediatamente, naquele momento, se necessário. Afinal, que razão é que ela tinha para ficar? Mas Lucien tinha insistido em esperar. Ela tinha que ter certeza, disse ele. Porque, uma vez aceite, o que ele estava oferecendo não poderia ser desfeito.

Sophia tinha estado determinada desde o momento em que ele falou pela primeira vez, mas ele não mudou de ideia. Até esta noite. Este seria o seu terceiro encontro e ele tinha prometido que partiriam esta noite.

— Sophia. — Sua voz era quente e rica, como rum aquecido em uma noite de inverno.

— Lucien. — disse ela suavemente, sua voz cheia de alívio. — Hoje à noite? —perguntou ela.

— Hoje à noite, *cherie*. Se você tem certeza.

— Tenho. Lucien, por favor.

Ele sorriu, e ele era lindo. Estendeu a mão.

— Sophie?

Sophia piscou surpresa. Ela estava tão perdida no passado que tinha esquecido de onde estava. Olhou ao redor, como se tivesse acabado de acordar. Ela ainda estava de pé, suas pernas doloridas de tensão, com os braços cruzados e se abraçando fortemente. Colin estava perto do bar, sentado em um dos altos bancos.

Sophia fechou os olhos de novo, o peito doendo e oco. Mesmo agora, depois que séculos se passaram, sua perda estava tão fresca como se tivesse acontecido ontem.

Colin ficou de pé, chegando mais perto. — Sophie? — ele repetiu.

Ela abriu os olhos e olhou para ele.

— Você disse que Lucien tirou as memórias. — disse ele, franzindo a testa.

Ela encontrou seu olhar por um momento, vendo a mesma compaixão quente lá que ela tinha visto nos olhos de Lucien há tanto tempo atrás. E ela achava que nenhum dos homens ficaria satisfeito com a comparação.

— Ele fez. — disse ela, finalmente.

— Então, como...

— Ele deu-as de volta para mim depois de algum tempo. Me contou a história, como se tivesse acontecido com outra pessoa e perguntou-me o que eu faria. Eu lhe disse que não podia imaginar uma mãe não querendo lembrar seus próprios filhos, e assim ele deu-as de volta para mim. Não só a memória de suas mortes, mas de suas vidas, também. Todos esses momentos maravilhosos.

— Você deixou a Espanha logo depois disso?

— Eventualmente. Apesar de toda a sua libertinagem, Lucien é muito prático sobre certas coisas. A maioria dos vampiros mais velhos são, especialmente quando se trata de reter a riqueza. Quando meus filhos morreram, a propriedade voltou para mim, para os meus futuros filhos. Meu pai era muito determinado em que apenas o seu sangue herdaria. E Lucien tinha agentes no local para lidar com essas coisas. Toda a propriedade de meu pai - agora minha - foi vendida, os investimentos liquidados. Com uma perda considerável, tenho certeza, mas nós não nos importamos com isso. Ou Lucien não se importou. Eu não me importava com nada nesse ponto. Levou vários meses, e eu tive de fazer algumas aparições perante as autoridades, mas eventualmente, terminou.

— E sobre a francesa? Como eles puniam assassinato nessa altura?

— Eu não sei o que eles teriam feito. — disse Sophia com desdém. — Eu não deixei. A matei. Ela foi o meu primeiro. — Olhou para Colin, desafiando-o a contestar seu direito de se vingar do assassino de seus filhos.

As sobrancelhas de Colin arquearam em surpresa. — Você quer dizer que foi o seu primeiro assasinato como vampira?

— Foi há muito tempo atrás, Colin. As coisas eram muito diferentes do que são agora, especialmente para os vampiros.

Ele deu-lhe um sorriso conhecedor. — Eu estou supondo que nem todos os que você morde, são para tornar um vampiro, então. Não posso imaginar você dando imortalidade a essa cadela.

Sophia reconheceu seu sorriso com um sorriso dela própria. — Você está certo. Eu matei a prostituta definitivamente, e garanti que ela soubesse que era eu que estava fazendo isso também.

Colin inclinou sua cabeça para o lado. — Parece bom para mim. E o seu marido? O que aconteceu com ele?

— Não tenho idéia. Eu queria matá-lo, também, mas Lucien não deixou. Teodosio não teve parte na morte além de luxúria e estupidez. E poucos homens estariam vivos se *isso* fosse uma ofensa de morte.

— Eu acho que estou ofendido. — disse ele, pensativo.

Sophie sorriu cansada. As memórias não tinham mais o poder de fazê-la chorar, mas as emoções ainda eram poderosas, a perda ainda persistia, e era desgastante falar sobre isso.

Colin se aproximou mais, seu corpo irradiando calor como um forno, o baque do seu coração alto no silêncio repentino.

— Me desculpe, eu fiz você falar sobre isso. — disse ele. Suas mãos pendiam frouxamente ao seu lado, flexionando os dedos mais e mais como se ele não soubesse o que fazer com eles.

Sophia encontrou seus olhos. — Eu queria que você entendesse. — ela insistiu. — Você perguntou a razão para eu partir, o motivo de eu deixar você achar que estava morta naquela noite. — Ela estendeu a mão e cedeu à tentação, tocando seu rosto, deixando seus dedos prolongarem-se sobre seus lábios quando ele a surpreendeu por não se afastar.

— Sabe, eu ainda ouço aquele café explodindo em meus sonhos. Eu estava a quarteirões de distância ainda, quando a rua cedeu tanto que eu quase caí. Todo mundo estava gritando e eu olhei para cima e vi as chamas e eu *sabia.* Havia os boatos - nós até tinhamos falado sobre eles, você e eu, - que certas pessoas estavam descontentes com o governo, descontentes com os estrangeiros aparecendo de repente por todo o país, e eu sabia que tinham atacado o maldito café e que você estava nele.

Ela balançou a cabeça, lembrando-se. — Eu corri tão rápido quanto podia, sem me preocupar em ser discreta ou esconder as minhas qualidades vampíricas da maneira que Lucien tinha me ensinado. Quando cheguei ao café e vi as chamas... Eu estava de volta no jardim mais uma vez, observando o fogo levar alguém que eu amava. Eu quase fui atrás de você. Não sabia se eu poderia sobreviver ou não, mas não me importava. Eu só sabia que não podia viver isso de novo. Mas então eu vi você em pé do outro lado da praça. Vi seu amigo pendurado em você, te arrastando para longe enquanto você lutava, e eu sabia que as Parcas[12] tinham me dado uma segunda chance.

— Eu tinha perdido meus filhos preciosos. Não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso. Mas você estava vivo, Colin. Sua vida tinha sido poupada, e eu não ia estragar a chance que me tinha sido dada, que *te* havia sido dada, ao arrastar você para o drama da minha vida. Eu era uma vagabunda, viajando de um lugar para outro. Eu não podia voltar para os Estados Unidos com você. Os lordes vampiros dos EUA nunca teriam tolerado minha presença. E nós nunca iríamos ter o futuro de que tínhamos falado. Não haveria crianças, nem piqueniques na praia, no sol. Eu não tinha nada para lhe oferecer, só sangue e

[12] Também chamadas de Moiras na mitologia grega. Três deusas que determinavam o curso da vida humana, decidindo questões como vida e morte, de maneira que nem Júpiter (Zeus) podia contestar suas decisões. Nona tecia o fio da vida, Décima cuidava de sua extensão e caminho, Morta cortava o fio.

escuridão. Então deixei você ir embora, e eu disse a mim mesma que era o que as Parcas queriam, que eu tinha feito a coisa certa.

Colin a alcançou por fim, os braços apertando ao redor dela, sua respiração roçando seu cabelo quando ele perguntou: — E o que você acha agora, Soph?

Ela suspirou e falou sem levantar a cabeça, com medo do que veria em seu rosto. — Eu acho que posso ter errado sobre o que as Parcas estavam me dizendo nessa altura. Ou talvez eu só não me importe mais. Você é o único homem que eu alguma vez amei, Colin Murphy, e estou cansada de viver sem você.

# Capítulo 32

**Colin jurou baixinho, amaldiçoando-se por como seu corpo reagiu às** palavras de Sophie. Se o que Leighton tinha dito a ele sobre os sentidos vampíricos era verdade, Sophie provavelmente já sabia que seu coração estava batendo e sua respiração estava tão rápida que ele estava quase hiperventilando. E ela com certeza não poderia perder a ereção tentando enterrar-se em sua barriga macia.

— Sophie. — ele murmurou.

Ela levantou a cabeça para olhar para ele, seus belos olhos castanhos cheios de perguntas.

— Eu provavelmente deveria ter dito isso antes... — ele começou. Seus olhos ficaram mais amplos e com um pouco de medo, e ele rapidamente acrescentou: — Eu te amo, querida. — Ele acariciou com os dedos seu rosto suave. — Eu amei você naquele momento, e nunca parei.

Ele abaixou a cabeça, com a intenção de beijá-la suavemente, com sua alma. Algo apropriado para este momento especial. Mas seu corpo tinha suas próprias idéias. Sua boca tocou os lábios dela e desejo cru varreu-o, apertando a sua

barriga e endurecendo o seu pau como uma barra de aço. Ele tinha sentido falta disso por quase dez anos, sentido falta de Sophie, com suas curvas exuberantes e boca suave, os seios lindos...

Ela gemeu suavemente, seus dedos puxando seu cabelo para forçá-lo mais perto. Ele sorriu contra seus lábios. E, sim, ele tinha sentido falta disso, também.

Sua boca nunca deixando a dela, ele levantou-a em seus braços, levou-a para o quarto e abaixou-a na cama. Seus dedos estavam arranhando irregularmente em sua camisa e ele encolheu os ombros para fora dela. Ela mudou para seus jeans, desfazendo o botão e puxando o zíper. Ele estendeu a mão para tirá-lo ele mesmo, mas fez uma pausa para apreciar a sua Sophie, quando ela deslizou para fora da sua calça jeans apertada e puxou o suéter sobre sua cabeça.

Ele sabia que a moda nos dias de hoje era mulheres magras com quadris estreitos e bundas minúsculas. Mas isso não era para ele. Ele adorava a sensação de quadris suaves e uma barriga arredondada sob a ponta dos dedos, de seios suculentos esmagados contra seu peito enquanto ele afundava-se no calor de uma mulher. Em suma, o que ele gostava de uma mulher era Sophie.

Ela se estendeu sobre a cama, vaidosa embaixo do calor dos seus olhos, orgulhosa de suas curvas e vestindo nada além de rendas, um conjunto combinado de calcinha e sutiã na cor rosa quente que fez sua pele parecer rosada com saúde à luz da única lâmpada da sua cabeceira.

— Tire-os. — Colin grunhiu, com as mãos sobre o zíper da calça jeans.

Sophie deu-lhe um sorriso perverso. — Eu tiro se você tirar. — ela ronronou, ficando de quatro e rastejando na cama para ele.

Colin assistiu-a vir, os seios grandes ameaçando derramar de seu confinamento frágil, deslocando seus quadris sedutoramente com cada movimento. Quando ela pegou o zíper, ele agarrou seus dedos, os olhos piscando para encontrar os dela.

Ela riu, um som baixo, abafado, que tirou o seu fôlego. — Serei cuidadosa. — ela prometeu e se inclinou para beijar seu pau através do jeans, dando-lhe uma visão tentadora de sua bunda perfeita.

Colin segurou com os dedos em punho nos fios grossos de seu cabelo enquanto ela abaixava o zíper. Ele gemeu em voz alta quando seu pênis ficou livre enfim, quando as mãos delicadas de Sophie roçaram seus quadris enquanto ela empurrava suas calças para baixo por suas coxas.

Ele torceu-lhe o cabelo com as mãos, tirando-o de sua face para que ele pudesse ver seu rosto quando ela começou a lambê-lo lentamente, entrelaçando sua língua ao redor de seu pênis, os dedos alcançando para acariciar suas bolas. Ele respirou fundo, rápido, quando ela levou-o em sua boca e se inclinou para olhar para cima e ver a reação dele quando ela começou a subir e descer, seu pau deslizando para dentro e para fora entre os lábios rechonchudos. Ele começou a mover os quadris lentamente, indo mais fundo em sua boca e garganta com cada impulso.

Seu pau tocou o fundo da garganta e Sophie gemeu com fome, o som vibrando ao longo de seu eixo como um diapasão. Colin fechou os olhos e começou a empurrar mais, seu saco apertando sob a carícia de seus dedos, a língua acariciando-o enquanto sua boca sugava mais e mais rápido.

Colin gemeu. Ele queria transar com ela, queria estar dentro dela e ele nunca…

*Jesus Cristo!*

Sophie correu uma unha ao longo da pele esticada do seu saco, uma dor aguda e intensa, que enviou cada um de seus sentidos em órbita. Ele deu um grito rouco, enquanto todo pensamento desapareceu, e todas as suas terminações nervosas de repente estavam centradas no seu pau e na necessidade de vir *agora*. Seu orgasmo rugiu através de seu corpo, fervendo fora de suas bolas e no seu pênis em uma onda de prazer, puro, aquecido. Sophie bebeu tudo isso, as unhas

cavando em sua bunda enquanto ela o segurava, enquanto ela o impedia de se despedaçar.

Sophie girou a língua ao redor do seu pau amolecido, sorrindo, enquanto ele estremecia mais uma vez. Seus dedos estavam ainda envoltos em seus cabelos, mas eles estavam massageando suavemente agora, enquanto seu grande corpo relaxava um músculo de cada vez.

Ela se afastou com uma lambida final, levantando-se sobre os joelhos. Ele passou os braços em volta dela, enterrando o rosto contra o seu pescoço, beijando suavemente, movendo da mandíbula para a boca. Suas mãos caíram para seu traseiro, apertando suavemente.

— Você tem a bunda mais perfeita. — ele murmurou.

Ela riu. — Você também. — Ela beijou-o levemente, mordendo, brincando em seus lábios. — Se você me mostrar a sua, eu vou mostrar a minha.

Ele levantou a cabeça bruscamente, os olhos azuis quentes e intensos. — Você primeiro.

Sophie arrastou os dedos por seus largos e musculosos ombros e braços, amando a sensação dura dele. Ela se moveu para trás alguns centímetros e afundou nos calcanhares, acariciando-se, suas mãos movendo-se lentamente sobre os seios cobertos de renda, depois para sua cintura estreita e após para a plenitude de seus quadris, ao longo do exterior das coxas. O olhar de Colin seguiu cada movimento, estreitando quando ela mergulhou os dedos para o interior de suas coxas e seus joelhos se espalharam amplamente, alisando com as mãos sensualmente ao longo de sua pele macia e sobre o triângulo bonito de renda cobrindo seu sexo.

Seus olhos se demoraram entre as suas pernas, de repente levantando para encontrar os dela. — Eu quero você nua, Sophie.

Ela sorriu preguiçosamente, deslizando a língua ao longo de seu lábio superior enquanto baixava uma primeira alça do sutiã e depois a outra, sentindo

o calor da atenção extasiada de Colin enquanto observava seus seios lentamente começando a transbordar das taças do sutiã. Ela alcançou por trás e soltou a fivela, deixando-o cair para frente, sentindo a sensação habitual de prazer por seus seios terem sido libertados, olhando para cima e ofegando quando a fome nos olhos de Colin apertou seus mamilos e a deixou dolorida com necessidade.

Suas mãos tremiam ligeiramente quando ela jogou o sutiã para um lado, abalada com o que viu quando Colin olhou para ela. Ele a queria. Ela sabia disso. Mas a força de seu desejo, a pura intensidade do mesmo... A sacudiu. Ela havia se acostumado a seus jovens no Rio, os brinquedos humanos com quem ela brincava por um tempo e depois deixava de lado, amantes que eram completamente dominados pelas necessidades e desejos dela. E percebeu bruscamente que Colin não era esse tipo de homem. Ele era um alfa em seu núcleo, e ele estava olhando para ela da forma que um leão olha para uma gazela particularmente saborosa.

— Colin. — ela começou, mas ele a interrompeu.

— O resto, Sophie. — ele rosnou. — Tire tudo.

Ela engoliu em seco e enganchou os dedos em sua calcinha, puxando-as para baixo dos quadris. Mas Colin não esperou. Ele empurrou a calça jeans e cuecas pelas pernas, saindo delas e indo para a cama em um único movimento. Ela caiu para trás enquanto ele tirava a calcinha para baixo sobre as suas pernas e os pés, as mãos grandes acariciando suas pernas e entre as coxas, espalhando ela amplamente. Mas ele não parou por aí. Ele correu os dedos sobre a pele sedosa nua de seu monte, cantarolando para si mesmo com um sorriso satisfeito quando deslizou dois dedos entre suas dobras inchadas e, atormentando-a com seu próprio calor liso, descobriu-a completamente sob seu olhar. Ele olhou para cima, em seguida, com um brilho perverso nos olhos.

— Minha vez. — ele disse.

Sophia arqueou quando sua boca prendeu em seu clitóris, chupando até que ele latejava avidamente, cada golpe de sua língua enviando um choque de desejo

incrível através de seu corpo - um choque de eletricidade que a deixou tremendo eternamente à beira do clímax. Tinha algum homem lhe dado tanto prazer? Tinha ela deixado? Ela gritou em voz alta quando ele dirigiu os mesmos dois dedos com que a estava acariciando profundamente dentro dela no momento exato em que seus dentes roçaram o clitóris formigante. Seus dedos começaram a empurrar para dentro e para fora lentamente e ela empurrou contra eles, desesperada pelo orgasmo que podia sentir se construindo em cada centímetro de seu corpo, em seus seios, que estavam cheios e doloridos, em seu ventre que parecia pulsar com a necessidade do orgasmo. Ela agarrou o cabelo de Colin, pressionando sua boca contra ela mais forte, com medo que ela morresse a verdadeira morte se ele não a liberasse em breve.

— Colin. — ela engasgou, então gemeu silenciosamente.

Sua língua preguiçosamente varreu ao longo de sua fenda, brincando com ela com escovadas rápidas contra seu clitóris pulsante. Ele deslizou os dedos de dentro dela e sugou-os ruidosamente, bebendo em sua umidade e olhando para ela o tempo todo. — Você tem um gosto bom, Soph.

— Colin! — ela praticamente gritou para ele.

Ele riu! Mas então ficou sério quase imediatamente, enquanto se levantava sobre seu corpo, seus quadris abrindo as pernas dela ainda mais, seu pau grande e duro deslizando para trás e para frente na umidade dolorida entre suas coxas.

— É isso que você quer, querida?

— Sim. — Sophia assentiu com a cabeça, quase chorando de alívio. — Sim.

Ela enrolou as pernas firmemente em torno de seus quadris, seus dedos cavando em seus braços, segurando-o perto para que ele não pensasse em atormentá-la ainda mais.

Colin recuou um pouco e estendeu a mão, posicionando o pau em sua entrada. Ele olhou para cima e encontrou os olhos dela, segurando seu olhar enquanto bateu com o total comprimento, duro e maravilhoso dentro dela.

Sophia gritou quando veio forte, suas paredes vaginais convulsionando em torno de seu eixo, o orgasmo ondulando até seu ventre e seios, apertando seus mamilos e enviando ondas de erotismo requintado por todo seu corpo. Ela empurrou contra ele quase violentamente, incapaz de controlar sua necessidade de sentir mais - a sensação áspera de seu cabelo no peito contra os seios sensíveis, a espessura de seu pênis enquanto ele a esticava mais amplamente a cada estocada, o retesamento de seus braços enquanto se segurava sobre ela, suas coxas poderosas e bunda bombeando seu eixo rígido dentro dela como um pistão.

Sophia colocou os braços ao redor dele, apertando as unhas nas suas costas, sentindo o sangue quente sob seus dedos. Colin jogou a cabeça para trás, gemendo quando ele enfiou mais forte. Ela puxou-o para mais perto, querendo o toque de sua boca, seu beijo.

Seus lábios se encontraram em um duro, esfomeado beijo, dentes chocando, as línguas lutando entre si em um frenesi de acasalamento. Ela mordeu seus lábios, conseguindo seu primeiro gosto do sangue dele. Calor correu através de suas veias, esse gole minúsculo como lava derretida, correndo para o seu coração e selando seu destino. Colin Murphy era dela e ela iria matar qualquer um que tentasse levá-lo dela.

— Venha para mim, Sophie. — ele murmurou contra sua boca, seu sangue ainda fresco nos lábios. — Deixe-me sentir você vindo por todo o meu pau.

Como se suas palavras fossem um gatilho psíquico, o corpo inteiro de Sophia tremeu com o orgasmo, cada músculo, cada nervo respondendo à sua demanda. Ela gemeu, sobrecarregada com a sensação, clamando enquanto ondulações de prazer rolavam dela como uma onda, sacudindo-a para frente e para trás enquanto ela se pendurava nele por sua vida. Suas coxas apertaram seus quadris enquanto ela rebolava debaixo dele, suas paredes internas acariciando seu pau, prendendo-o dentro dela até que ele se entregou, jogando a cabeça para trás e rugindo enquanto se juntava a ela em êxtase, o clímax uma corrida contra o seu ventre aquecido tremendo.

Colin desmoronou contra Sophie, seus macios e fartos seios uma doce almofada contra o peito dele. A imagem dos seios com seus grandes mamilos inchados, rechonchudos e esticando para a sua boca, enviou um pulso de desejo fresco direto para sua virilha, provocando seu drenado pênis com ideias impossíveis. Ele gemeu e mudou de lado, tirando o seu peso de Sophie e puxando-a contra o seu lado. Ela respondeu molemente, um braço caindo sobre o seu peito como se ela não tivesse força para levantá-lo.

Ele sorriu no que reconheceu como pura satisfação masculina e deixou cair o braço pelas costas dela e para essa bunda espetacular. Outro choque de desejo esfaqueou sua virilha, este fazendo com que seu pênis se contraísse de forma fraca. O cara poderia estar drenado, mas ele estava se recuperando.

— Eu posso ouvir você se regozijando. — Sophie murmurou em torno de um bocejo.

— Não estou regozijando. — Colin respondeu. — Estou planejando para o futuro.

— Oh meu Deus. — Sophie protestou de forma dramática. — Você alguma vez fica satisfeito?

Ele riu. — Eventualmente.

Sophie levantou a cabeça para sorrir para ele, beijando um caminho em seu peito. Ele rolou ligeiramente, enrolando-a em ambos os braços. As mãos dela deslizaram por suas costas e ela engasgou. — Você está sangrando. — disse ela com firmeza.

— Arranhões, eu acho. — disse ele, de repente, consciente da dor distante. — Eles vão se curar.

Sophie sentou-se, olhando fixamente para o sangue em sua mão. Ela desviou o olhar para encontrar o seu. — Eu posso fazê-los se curarem mais rapidamente.

Colin engoliu em seco. Seus olhos tinham assumido aquele brilho âmbar estranho de novo, e seu cérebro entorpecido pelo sexo finalmente clicou o que isso significava. Ela era uma vampira. E ele estava sangrando. — Você quer dizer…

— Meu sangue pode curá-lo. — disse ela, completamente calma. — Não apenas os arranhões, mas tudo isso também. — Ela tocou os entalhes e cortes que ele havia adquirido no tiroteio que quase tirou a vida de Leighton. Ela encontrou seu olhar novamente. — E qualquer outra coisa, Colin. Se você pegar o meu sangue, vai se sentir dez anos mais jovem.

Colin piscou. — Era sobre isso que você estava falando no complexo? Sobre Raphael curando Leighton? Você quis dizer que ele pode literalmente *curar* ela?

— Sim.

— Mas... Você não viu o quão ruim ela estava, Soph. Ela levou um tiro no intestino. Havia sangue por toda a parte. Eu realmente não esperava que ela pudesse voltar para o complexo viva. Vampiros podem curar algo tão ruim assim?

— Se o vampiro é poderoso o suficiente, sim.

— Mas se isso é verdade, por que o sangue de vampiro não é a nova droga maravilha? Todo o investigador no país poderia usar algo como isso.

— E o que aconteceria com a gente? Com os vampiros? — Sophie perguntou gentilmente. — Eu vi o que os seres humanos são capazes. O que você acha que seus líderes fariam se aprendessem sobre o nosso sangue? Eles nos trancariam num piscar de olhos. Ou então tentariam. — Ela escovou os cabelos umedecidos de suor para trás. — Não, Colin. Este é um segredo que cada vampiro vivo respeita. Ou eles morrem. Simples como isso.

— Então por que você está me dizendo?

— Há exceções, *meu querido*. Pessoas em quem confiamos. — Ela moveu-se, empurrando-o de costas e indo para cima dele de quatro enquanto se curvava para lamber o suor em seu peito, mordendo seus mamilos planos suavemente.

Ele passou os dedos por seus cabelos longos e puxou a cabeça dela para trás, encontrando os seus olhos. — Você quer ter o meu sangue, Sophie?

Ela congelou, estudando-o dessa forma intensa que um predador olha a sua presa. Sua língua varreu para fora e lambeu seu lábio superior e ele viu o primeiro sinal de suas presas, pontas brancas mal visíveis abaixo das gengivas. Seus olhos mudaram, a sua cor mais uma vez um âmbar brilhante que deixou a humanidade para trás. Ela respirou longa e lentamente, as narinas queimando enquanto absorviam o cheiro dele.

— Eu posso cheirá-lo. — disse ela em um ronronar baixo e sensual. — O cheiro de seu sangue é inebriante. Pense no aroma mais delicioso que você já encontrou, pão, chocolate, um borbulhante guisado - tudo isso e muito mais. Não é apenas sangue, Colin, é *seu* sangue. E, oh, sim, eu quero.

Colin puxou uma respiração profunda e dura. Adrenalina surgiu, mas não era medo. Ou não apenas medo. Ele teria que ser louco para não estar um pouco intimidado com a idéia de alguém morder-lhe e beber seu sangue. Mas era mais do que isso. Era luxúria, pura e simples. Porra, se ele não estava excitado com a idéia. E se isso fazia dele um fodido doente, então que assim seja.

— Tudo bem. — disse ele. — Vamos fazê-lo.

O brilho de âmbar nos olhos de Sophie aumentou, como se tivesse acendido uma lâmpada. Ela abriu sua boca e suas presas deslizaram em plena vista, brancas e reluzentes. — Você tem certeza? — perguntou ela.

Colin assentiu. — Faça isso.

Ela sorriu lentamente e se estendeu em cima dele, deslizando seu monte acetinado suave sobre e em torno de seu pênis, seduzindo-o, como se ele precisasse de mais sedução. Seus mamilos rasparam contra o seu peito quando

ela escondeu o rosto contra seu pescoço. Sua respiração era quente, sua língua um golpe de umidade ao longo do lado do pescoço dele. Seu coração estava correndo mais rápido do que nos piores combates que ele já tinha sofrido. Ele se rebelou contra o medo, lembrando-se que esta era Sophie. Ele começou a empurrar suavemente por baixo dela e ela gemeu contra o seu pescoço. Sentiu algo duro raspar sem cortar sobre a pele abaixo da sua mandíbula, ouviu sua respiração.

Êxtase. Seu pênis endureceu instantaneamente, inacreditavelmente. Sophie estava escarranchada sobre ele, as pernas de ambos os lados de seus quadris, os cabelos sedosos caindo sobre o seu peito. Ele podia sentir o puxão de sua boca, o deslizamento liso de suas presas, enquanto tomava o seu sangue. E sentiu um pontapé do desejo como nada que ele já experimentou. Ele queria jogá-la de costas, abrir suas pernas e fodê-la duro e longo. Agarrou sua bunda, deslizando as mãos sobre os montes firmes e mergulhando os dedos entre as pernas dela. Ela estava encharcada e ainda quente de seu clímax anterior. Ela gemeu quando ele começou a bombear os dedos dentro e fora dela, esfregando-se suavemente para trás e para frente sobre sua ereção onde estava presa deliciosamente embaixo dela. Ele guiou os dedos da outra mão ao longo do vinco de suas nádegas, provocando sua estrela bem enrugada, e Sophie estremeceu em seus braços, as paredes apertadas de seu sexo apertando em torno de seus dedos.

Houve uma picada, uma dor leve, quando as presas se retiraram de seu pescoço, mas foi rapidamente substituída pela carícia quente de sua língua. Empurrando os seus ombros, ela se sentou, os belos seios balançando tentadoramente perto. Seus olhos estavam quase completamente âmbar enquanto ela olhava para ele, brilhando como jóias no quarto escuro. Sem uma palavra, ela levantou os quadris, os dedos suaves envolvendo em torno de seu pênis enquanto ela o embainhava dentro dela mais uma vez e começava a balançar lentamente para trás e para frente.

Ela segurou seus seios, apertando e soltando, raspando as unhas ao redor e em torno de seus mamilos, até que imploravam para serem chupados, até que o sangue marcou a perfeição redonda dos seios e gotas pendiam prontas em suas

pontinhas. Ela se inclinou para frente, as mãos indo para os lados da cabeça dele enquanto ela se movia, deslizando-se para cima e para baixo de seu pênis dolorido. Colin rosnou, agarrando seus quadris e segurando-a no lugar quando ele começou a empurrar para cima, aprofundando dentro dela com cada pontada de seu pau em seu corpo acolhedor. Ela se aproximou e ele fechou a boca sobre um dos seios, sugando forte, provando o seu sangue em sua língua, sentindo-o quente e escorregadio enquanto ele engoliu. Sophie gritou, suas paredes internas estremecendo ao seu redor em alerta. Colin sorriu, apertou mais nos quadris dela, e voltou sua atenção para o outro seio, levando-o na boca e sugando até que estava rosa brilhante e inchado.

Sophie tinha fechado os olhos, seu corpo balançando acima dele como se estivesse em transe. Colin podia sentir seu orgasmo se construindo em torno de seu eixo, podia sentir os tremores em sua barriga, o aperto de suas paredes internas enquanto elas começavam a ondular ao longo de seu pênis, acariciando-o, pedindo-lhe para ceder a sua semente. Ele resmungou baixinho, tentando segurar um pouco mais, querendo sentir o seu clímax, sua umidade absorvendo seu pau e gotejando para fora de seu sexo inchado.

— Colin. — ela ofegou. — Eu não posso... Eu não posso durar muito mais tempo.

— Então, não o faça, Sophie. Venha para mim.

Como se esperando por seu convite, Sophie jogou a cabeça para trás, gritando enquanto o clímax rugia sobre ela. Ela desabou em cima dele, gemendo enquanto todo o seu corpo tremia na liberação sexual. Colin rangeu os dentes, saboreando a sensação de seu corpo macio tremendo sobre ele, seu canal em convulsão, tremendo com a força de seu orgasmo. Gemendo, ele aumentou o aperto sobre seus quadris e girou, erguendo os joelhos dela e colocando as pernas sobre seus ombros enquanto ele empurrava a si mesmo nela de novo e de novo em um frenesi de necessidade. Os olhos de Sophie abriram subitamente. Ela rosnou sem palavras e começou a mover-se, encontrando o seu impulso para

baixo com um impulso para cima de seus quadris, flexionando seus músculos internos para segurar seu pau ainda mais apertado.

Colin sentiu o orgasmo chegar. Não havia como pará-lo neste momento. Ele gritou descontroladamente enquanto rolava sobre ele como um terremoto, sacudindo-o até os ossos, cada músculo do seu corpo apertando enquanto seu pau pulsava uma e outra vez, enterrando-se profundamente no corpo de Sophie até que estava gasto.

Ele aliviou as pernas dela para fora de seus ombros e rolou, reunindo-a contra seu lado.

— Jesus, Soph. — ele conseguiu dizer.

Ela respondeu com um ininteligível "mmph", sua voz abafada pelo seu peito.

Colin não tinha certeza quanto tempo eles ficaram assim. Ele nem mesmo tinha certeza de quando eles começaram a fazer amor ou durante quanto tempo o tinham feito. Ele sabia que ambos dormiram em algum ponto. Ele acordou quando Sophia se espreguiçou inquieta e sentou-se ao lado dele.

— Eu caí no sono. — ela disse aflita. — É quase o amanhecer. Eu não sei se...

— Está tudo bem, querida. — ele acalmou, puxando-a de volta para a cama quente. — Estas são cortinas blackout e eu vou ficar de guarda. Está tudo bem.

Ela sorriu sonolenta, chegando a acariciar seu rosto. — Colin. — ela sussurrou. — Eu não posso acreditar que te encontrei.

— Nós encontramos um ao outro, Soph. Agora, dorme. Eu estarei aqui quando você acordar.

O toque do telefone arrastou Colin para fora do sono. Uma rápida olhada para o relógio lhe disse que passava pouco das duas. Ele verificou-o novamente. Duas da tarde, ele esclareceu. Sophie estava ao seu lado, enrolada debaixo das

cobertas. Se ele não soubesse, pensaria que ela estava dormindo, mas um olhar mais atento lhe disse que era mais do que isso. Não era como os vampiros dos filmes que eram pálidos e cinza, as suas mãos ossudas com o tempo, unhas curvas. Sua Sophie não estava morta. Mas isso era algo mais do que sono também.

Pensou nos outros, os vampiros que tinham sido assassinados, e ele entendeu, pela primeira vez, como estavam completamente vulneráveis quando seus atacantes caíram sobre eles. Não teria havido nenhuma resistência. Suas mortes foram carnificina brutal, nada menos.

O telefone tocou novamente, e ele sacudiu, pensando que poderia ser Robbie com notícias sobre Leighton. Mas bem em cima desse pensamento veio a constatação de que era seu toque de telefone da casa. Não o celular dele, mas a linha fixa. Recepção de celular tinha sido irregular aqui durante anos, até que os vampiros se mudaram e pagaram para ter uma nova torre instalada. Sua banda larga chegava pela linha de terra, por isso manteve o serviço, mas quase ninguém ligava para o número mais.

Ele deixou tocar. Iria para o atendedor de chamadas rapidamente, e ele podia ouvir para ver se era alguém com quem queria falar.

Puxou as cobertas por cima de Sophie e saiu da cama, cuidadoso para fechar a porta do quarto atrás dele. Como ele disse a ela, as cortinas de seu quarto eram pesadas, com persianas por baixo. Depois de anos de sono em todos os tipos de lugares e condições, ele gostava de uma sala escura e uma cama confortável quando dormia.

A chamada rolou para a máquina enquanto ele entrava na sala, sua pele arrepiando com o frio. Ele quase virou para voltar ao quarto e pegar um par de moletom quando a voz familiar de Garry McWaters rolou para fora da máquina.

— Yo, Murphy. Você está por aí?

Colin olhou para a máquina em descrença. Com a mandíbula apertada, ele caminhou até o telefone e puxou-o do carregador.

— Filho da puta. — disse ele rosnando.

— Você não me disse que a mulher tinha um guarda-costas, Murph. — Garry repreendeu. — Você não foi legal.

Tinha sido a voz de Garry que ouviu em Babe após o tiroteio de ontem. Ele não queria acreditar, mas agora...

— E você não me disse que agora levava amigos para uma emboscada, seu desgraçado.

— Ei, nós não estávamos apontando para você, amigo. Você não teria sido ferido se aquela vadia não tivesse visto um casal de rapazes que se deslocaram do lado de fora. Eu odeio trabalhar com amadores, você sabe o que estou dizendo? Enfim, *ela* era o alvo. Você era apenas suposto abrir a porta, como sempre faz para as senhoras. Você é um cavalheiro, Murph. Eu sempre admirei isso sobre você.

— Sim, foda-se, Garry.

McWaters apenas riu. — Sim, bem, *você* fudeu o plano. E os meninos não estão felizes. Seus caminhões ficaram todos disparados e você sabe como eles se sentem sobre seus caminhões por aqui. Além disso, você parecia bem para mim quando foi embora. O guarda-costas, também, se importar. O que ele é, Delta? Rangers? Aquele rapaz definitivamente teve formação em algum lugar. Hey. — disse ele, de repente, como se tivesse acabado de lhe ocorrer. — Como é que a mulher está indo?

— Vá para o inferno.

— Vamos lá, ela não era impotente lá fora. Mulher gostosa, e ela sabe as coisas. Pena que ela está do lado errado.

— O lado errado? Qual é esse?

Todo o riso fugiu e a voz de Garry ficou sombria. — O lado humano porra, Murphy. Você é do sul. Eu pensei que você reconhecesse uma causa justa quando vê uma.

— Feliz em decepcionar, imbecil.

— Oh, eu não estou desapontado. Nós estávamos esperando matá-la, mas ela ficou bem machucada. Ouvi que aqueles vamps são muito apegados às suas mulheres, meio que se desfazem quando algo ruim acontece com elas, como com Mariane. Mas este, o grande homem quase ter perdido a sua namorada assim? Isso vai colocar um friso em sua *caçada*, não é?

Colin franziu a testa. Onde Garry estava obtendo a sua informação? Como ele sabia o quanto Leighton ficou ferida, ou mesmo que ela ainda estava viva? Aliás, como é que ele sabia qual a reação que Raphael teria por Leighton levar um tiro assim? Mesmo ele não saberia antes de ter visto a reação de Jeremy às lesões de Mariane. Claro, todos na cidade, provavelmente sabiam sobre o ataque a Mariane por agora, mas ninguém fora do complexo vamp deveria saber o quanto isso afetou Jeremy.

Todo esse tempo, eles estavam procurando uma toupeira entre os seres humanos na cidade, mas talvez a toupeira estivesse dentro do complexo.

Garry havia permanecido em silêncio, à espera da reação de Colin. Ele estava procurando a confirmação da morte de Leighton, ou pelo menos uma atualização sobre o seu estado? O lábio de Colin enrolou. O filho da puta teria que esperar um maldito longo tempo antes de conseguir qualquer informação de Colin. Ele também cometeu um erro enorme se achava que a reação de Raphael ia ser qualquer coisa como a de Jeremy. Jeremy era um maldito contabilista. Raphael era...

Merda. Raphael ia rasgar essa cidade.

— Você tem *alguma* idéia do que fez, Garry? — ele perguntou em vez disso. — Raphael vai pintar a cidade com o seu sangue por isso.

— Puxa, eu espero que sim. — Garry disse com falso entusiasmo. — Bem, não com o *meu* sangue. Mas o de qualquer outra pessoa vai servir. — Sua voz endureceu. — Por que diabos você acha que nós colocamos um alvo *nela* em vez de outra pessoa? Se esses vampiros começarem a matar pessoas, talvez o resto de vocês vá abrir os olhos e perceber que temos um monte de monstros que vivem entre nós e nosso governo não está fazendo porra nenhuma sobre isso.

— Então, você está fazendo algum tipo de declaração política com isso? — Colin perguntou, incrédulo. — Não vai ter qualquer confronto final aqui, Mac. Nenhum Waco[13], nenhum Ruby Ridge[14], nenhuma mídia estará perto para cobrir o seu sacrifício glorioso. Você está morto, pura e simplesmente. Você e todos os seus amigos burros e loucos. Os vampiros vão caçá-lo e rasgá-lo em pedaços tão pequenos que não haverá o suficiente de você para enterrar.

Colin não esperou por uma resposta. Ele desligou, tremendo de raiva. Esse filho da puta estúpido. Ele não podia acreditar que Garry seguiria esse tipo de besteira ignorante. Inferno, ele não podia acreditar que Garry ia virar as costas para *ele* assim, depois de tudo o que tinham passado juntos, depois de terem salvo a vida um do outro mais de uma vez. Mas Colin não poderia salvá-lo desta vez. Ele teria sorte se conseguisse se salvar a si mesmo. Uma vez que o lorde vampiro descobrisse que Leighton tinha sido um alvo específico... Colin sacudiu a cabeça. Ele podia não saber muito sobre vampiros, mas ele estava lá quando Raphael acordou ao pôr do sol na noite passada. Ele tinha visto aquele grande prédio maldito chacoalhar como se fosse feito de papelão.

---

[13] O Cerco de Waco foi um cerco realizado pelo governo dos Estados Unidos, que começou em 28 de fevereiro de 1993, quando este tentou cumprir um mandado de busca na sede liderada por David Koresh. Um tiroteio resultou nas mortes de quatro agentes e seis seguidores de David Koresh. Seguiu-se um cerco de 51 dias, que terminou quando um incêndio destruiu o conjunto. Setenta e seis pessoas faleceram no incêndio, assim como mais de 20 crianças, duas grávidas e o próprio Koresh.

[14] Ruby Ridge foi o local de um confronto mortal e cerco no norte de Idaho em 1992 entre Randy Weaver, sua família, um amigo de Randy, Kevin Harris, e os agentes do serviço Marshal e do FBI. O clamor público subsequente sobre Ruby Ridge e o cerco de Waco alimentou a ampliação do movimento de milícia e levou o Senado a instaurar reformas de modo a impedir um novo acontecimento desses e a restaurar a confiança pública na aplicação federal da lei.

Inferno. Esqueça Garry McWaters e seus amigos idiotas. Colin teria as mãos cheias tentando convencer os vampiros a não aniquilar todo o ser humano daqui até Seattle.

Ele passou uma mão pelos cabelos, esfregando-a para trás e para frente. Ele não iria conseguir dormir mais hoje, não com este zumbido na parte de trás de seu cérebro. Mas enquanto estava acordado, poderia muito bem fazer algo útil, e ele poderia começar com Leon e Pettijohn Ellen, os donos do bar Babe. Ele ficaria surpreso se qualquer um deles estivesse diretamente envolvido nisso. Eles não iam ganhar nenhum prêmio de cidadania, mas ele não os taxaria como assassinos também.

Começou a voltar para o quarto, com a intenção de tomar uma ducha rápida, vestir-se e dirijir para a cidade. Ellen trabalhava no turno do dia no mercado, mas Leon provavelmente estaria em casa, ainda dormindo. Colin decidiu dirigir para lá primeiro. Ele poderia ligar, mas essas coisas funcionavam melhor em pessoa, e se ele tivesse que tirar Leon da cama, um tanto melhor...

Ele atingiu a porta do quarto e derrapou até parar.

Bem, inferno. Ele não podia ir para Leon hoje. Ele não podia ir a lugar nenhum. Sophia estava dormindo em sua cama, completamente indefesa. As chances eram que ninguém sabia que ela estava aqui, exceto ele, mas ele estava disposto a correr esse risco? Claro que não.

Girou sobre os calcanhares, passando pelo corredor até seu escritório e sentou em seu computador. Havia mais uma coisa que poderia fazer, e ele não teria que sair de casa para fazê-lo. Garry e seus amigos teriam que estar escondidos em algum lugar próximo, e esta era uma cidade pequena. Se Garry estivesse ficando com as pessoas do costume, isso teria vazado por agora. Mas se ele estava escondido, talvez com os forasteiros que Hugh Pulaski havia reclamado... Bem, a família de Garry tinha estado em Cooper's Rest por um longo tempo. Eles provavelmente tinham uma propriedade em algum lugar que Colin nem sequer conhecia.

Mas se ele pudesse encontrá-la antes de o sol se pôr hoje à noite, ele poderia dar aos vampiros algum lugar para começar a olhar, um foco para sua caça. E talvez, se ele tivesse muita sorte, ele poderia parar Raphael de gerar um banho de sangue em Cooper's Rest.

# Capítulo 33

**Sophia se espreguiçou languidamente, sentindo-se mais saciada e** relaxada do que ela tinha se sentido em um tempo muito longo. Talvez nunca. Seus olhos estavam fechados, mas ela sabia que Colin estava por perto. Podia senti-lo olhando para ela e ela arqueou as costas, se mostrando para ele, deslizando as mãos sobre os seios e para baixo para as coxas antes de estendê-las sobre a cabeça dela em um alongamento final.

Colin jurou baixinho e ela abriu os olhos com um sorriso. Ele estava semi-nu, o peito nu, um par de calças pretas de combate penduradas baixo em seus quadris estreitos, e ele estava olhando para seu corpo como um homem morrendo de fome.

— Por que você está tão longe? — ela ronronou, batendo na cama.

— Se eu for para a cama, nunca vamos sair daqui e temos que sair. Deus sabe que eu sinto muito, mas temos que voltar para o complexo.

Sophia sentou-se, sua mente já produzindo uma lista de possibilidades.

— Aconteceu alguma coisa?

— Recebi um telefonema hoje de um velho amigo. Ele queria saber se Leighton estava morta.

Sophia ficou muito quieta.

— Por que ele se importa? — ela perguntou com cuidado.

— Porque ele é provavelmente a pessoa que atirou nela. Ele e seus amigos mataram Marco e Preston e atacaram Mariane, também.

Seu poder cresceu espontaneamente, enchendo-a com fogo. Ela viu os olhos de Colin ampliarem e sabia que tinha começado a brilhar.

— Quem é ele? — ela exigiu.

— Garry McWaters. Servimos juntos. — Sua mandíbula se apertou, e seus olhos se estreitaram com algo mais do que raiva. Ela provou suas emoções e reconheceu-as. Traição. E isso era algo que Sophia entendia muito bem.

— Então nós o mataremos. — ela disse sem rodeios.

Colin encontrou seu olhar diretamente.

— Nós o mataremos. — ele concordou. — E eu acho que sei onde começar a procurar. Vista-se e eu vou informar você no caminho. Temos que conversar com ele antes de Raphael começar a matar as pessoas erradas.

Colin deslizou o caminhão até parar, estacionando e empurrando a porta aberta sem se preocupar em tirar a chave da ignição. Tinha havido ainda mais vampiros hoje à noite no portão, e eles todos estavam ansiosos com adrenalina, ou seja, o que fosse que fazia os vampiros ansiosos. Eles não tinham medo e não estavam nervosos, eles estavam... Animados, como se algo grande estivesse para acontecer e dificilmente poderiam esperar. Mas isso não os impediu de investigá-lo e ao seu caminhão completamente, como se nunca o tivessem visto antes. Como se Sophia não estivesse sentada ao lado dele.

E eles ignoraram completamente as suas perguntas sobre Leighton. Ou eles não sabiam de nada ou não estavam dizendo.

O edifício principal estava iluminado como um maldito palácio em festa, luzes brilhando através das grandes portas de vidro. Ele viu pessoas em pé lá dentro - vampiros. Montes e montes de vampiros, todos vestidos para a guerra. Era como estar de volta em uma operação - todos vestindo preto da cabeça aos pés, calça preta de combate e botas, com T-shirts de manga comprida - exceto que alguns desses soldados tinham presas à mostra.

Sophie veio por trás dele e apertou-lhe a mão com força, forçando-o a parar e virar para encará-la.

— Sophie. — protestou ele. — Nós não temos tempo para isso.

— Ouça-me. — ela insistiu. — Leighton deve ter sobrevivido à noite ou os guardas não estariam tão relaxados.

— Isso foi relaxado?

— Acredite em mim, Colin. Se ela tivesse morrido, você não teria entrado através da porta, pelo menos não em um pedaço.

— Ok, ótimo, vamos lá, e...

— Ouça-me. — ela repetiu com urgência. — Você teve um gosto do que Raphael pode fazer. Apenas um gosto, Colin. Se ele dá uma bronca em você...

— Eu sou um menino grande, Sophie. Posso cuidar de mim.

Ela puxou seu braço com raiva. — Não disto. Mas eu posso. Você entende o que estou dizendo? Você tem que me deixar proteger-nos, se for preciso. Não interfira e não tente ajudar.

Colin olhou para ela. Ele não era um homem inseguro e ele não sentia a necessidade de constantemente provar a si mesmo. Doze anos com as equipes haviam lhe ensinado o valor de recuar e deixar alguém assumir a liderança quando podiam fazer o trabalho melhor. Mas havia uma diferença enorme, uma diferença cósmica, entre seus amigos e Sophia. Ela queria que ele se escondesse atrás dela, enquanto ela lutava com Raphael? O cara que podia causar pequenos terremotos quando ele ficava puto?

— Colin. — disse ela. — Por favor. Eu sei o que estou pedindo, mas é o único caminho.

Ele desviou o olhar.

— Foda-se. — ele rosnou. — Tudo bem, tudo bem. Mas Deus me ajude, Sophie, se alguma coisa acontecer com você, eu vou levá-la sobre o meu joelho e...

Ela colocou seus lábios nos dele, silenciando-o. — Promessas, promessas. — ela sussurrou. Ela congelou por um momento e depois virou a cabeça em direção ao edifício. — Raphael. — ela disse.

Colin olhou sobre a cabeça dela e viu Robbie de joelhos. — Vamos. — disse ele.

# Capítulo 34

**Raphael abriu os olhos e imediatamente estendeu a mão para Cyn. Ele** esteve ciente de que ela estava deitada perto dele durante o dia, tinha escutado seu coração cada vez mais forte a cada batimento. Ela sobreviveria. Ele sabia disso agora. E ela iria se curar. Mas seria um processo longo, demorado, e provavelmente levaria vários meses antes dela estar de volta com sua força total. Tão poderoso que ele era, mas só havia pouco que ele poderia fazer. Seu sangue poderia começar o processo, mantê-la viva e acelerar a recuperação. Mas com esses ferimentos, seu corpo teria que fazer uma parte disso no seu próprio ritmo.

Ele a envolveu suavemente em seus braços e se inclinou para beijá-la na testa. Ela se mexeu, mas não acordou. Ela sabia que ele estava lá, embora, e isso era suficiente para ele. Ele preferiria que ela guardasse sua energia para se curar ao invés de desperdiçá-la com palavras desnecessárias.

Levantando seu braço, ele usou suas presas para abrir uma veia e abaixou o pulso na boca de Cyn. Ela agarrou avidamente, outro sinal de que sua força estava crescendo. Uma de suas mãos subiu para segurar seu pulso enquanto ela sugava e Raphael percebeu o quão frágil ela parecia, quanto ela parecia ter perdido peso só nas últimas horas. Seu corpo estava se consumindo. Ele se lembrou das palavras do Dr. Saephan ontem. Sua Cyn ainda era humana. Ela

precisava de sangue humano para suprir o que ela perdeu, e ela precisava de nutrição, muito além da que Raphael poderia dar.

O aperto em seu pulso afrouxou conforme a sucção cessou e ela pareceu ter caído mais profundamente no sono. Raphael colocou seus lábios nos dela, sussurrando palavras de amor contra seus lábios. Ele levantou a cabeça, acariciando os cabelos dela para trás de sua cabeça.

— Eu preciso te deixar por um tempo curto, *lubimaya* — ele disse calmamente. — Doutor Saephan estará aqui com você e Elke estará lá em cima. Eu preciso saber como isso aconteceu, por que Robbie foi…

Os olhos dela abriram e ela agarrou seu pulso novamente. — Não os machuque. — ela disse numa voz tensa que parecia tomar toda sua força.

Raphael a silenciou, torcendo seu pulso com cuidado para pegar a mão dela. Ele a beijou nas costas da mão. — Quem você pensa que eu irei machucar, *lubimaya*? Suavemente agora, eu te ouvirei.

— Robbie. — ela respirou. — Murphy. Não foi culpa deles.

A boca de Raphael se comprimiu e ele beijou suas pálpebras, forçando seus olhos a fecharem para que ela não pudesse ver a raiva em seu rosto. Ele não iria fazer promessas que não podia cumprir. Não à Cyn. — Durma. — ele pediu e gentilmente empurrou sua mente para baixo, garantindo que ela dormiria até o seu retorno.

Ele esperou até ela respirar de maneira uniforme, então a cobriu com o cobertor e cruzou o quarto até a mesa, pegando seu celular.

— Meu lorde. — Duncan respondeu imediatamente. — Como ela está?

— Ela vai sobreviver. — Raphael disse severamente. — Diga ao Doutor Saephan para recolher qualquer material que ele precisar. Eu mandarei o elevador para cima. Ninguém além do doutor deve descer, Duncan.

— É claro, meu lorde. Tudo já está preparado, Saephan só precisa pegar o sangue da unidade de armazenamento.

— Quando ele estiver aqui com Cyn, eu irei para cima. Onde está Robbie?

— Ele está aqui, senhor, e pronto para aceitar seu julgamento.

— Ele está? Veremos. — Raphael desligou, jogando o telefone de volta na mesa. Ele foi para a primeira porta, destrancando-a e mandando o elevador para cima para Dr. Saephan. Enquanto ele esperava, vestiu um robe, e então sentou na cama próximo à Cyn, segurando sua mão, sabendo que ela sentiria sua presença e ficaria confortável com isso.

Ele ouviu vozes pelo poço do elevador, ouviu Saephan dando diretrizes para os outros enquanto eles o carregavam com os suprimentos médicos do doutor. E então a porta fechou e ele ouviu o ronco do motor enquanto o elevador descia. As portas se abriram e Peter Saephan deu um passo para fora, caindo imediatamente sobre os joelhos.

— Meu lorde.

O doutor era um homem muito esperto. Ele esteve andando ao redor de vampiros o suficiente para saber que Raphael estaria andando no limite de seu temperamento com sua companheira deitada tão gravemente machucada ao seu lado. Raphael encarou a cabeça curvada de Saephan, lutando contra o instinto de saltar através da sala e destruir essa presença masculina intrusa.

— Doutor. — Raphael disse por fim. — Você disse que ela precisava de sangue. Você o trouxe?

— Sim, meu lorde. — Saephan olhou para cima rapidamente, seu olhar dividido entre Raphael e Cyn, a expressão de um médico que não via nada além de um paciente que precisava de seus cuidados desesperadamente.

E assim, facilmente, Raphael relaxou. Saephan não estava aqui para machucar Cyn ou roubá-la dele. Ele estava aqui para ajudá-la. Ele se levantou e, sabendo que o doutor ficaria relutante em se aproximar com ele parado tão perto, andou até o banheiro, então virou para dizer: — Eu preciso de um banho. A deixarei sob seus cuidados por agora.

Saephan encontrou seus olhos pela primeira vez. — Eu *tomarei* conta dela, senhor. Pela minha honra.

Raphael acenou, seu olhar se afastando para pousar em Cyn e depois voltando para Saephan. — Obrigado, Peter. — Ele deu um passo para trás, para o banheiro e fechou a porta.

Raphael tirou o robe e tomou um banho rápido. Normalmente, ele não se incomodaria já que sua intenção era se banhar no sangue de seu inimigo antes que a noite terminasse. Mas ele estava coberto com o sangue de Cyn e ela era dele. O *sangue* dela era dele, de ninguém mais. Então ele deixou o sabão e a água escorrerem sobre seu corpo, e jurou para si mesmo que o sangue daqueles que machucaram sua Cyn correria como água essa noite.

Ele não se preocupou em se secar, só enrolou uma toalha ao redor de sua cintura e abriu a porta, de repente, necessitando ver com seus próprios olhos que ela estava bem.

Saephan mal registrou a intrusão. Ele ergueu os olhos distraidamente, mas grande parte de sua atenção ainda estava em sua paciente. Ele já tinha pendurado uma bolsa de sangue e estava checando a IV[15] de Cyn, sua cabeça escura inclinada sobre o braço muito-fino dela.

— Você salvou a vida dela, meu lorde. — Saephan disse calmamente. — Se alguém... — Ele respirou fundo. — Ela é sua companheira, senhor, mas também é minha amiga e eu temi por ela.

Raphael ficou lá pingando, vendo outro homem tocar sua companheira, e percebendo que confiava nesse humano mais do que em qualquer outro. — Minha Cyn inspira lealdade nos outros. — ele observou.

Saephan olhou para ele. — Como faz o senhor, meu lorde. Nunca duvide disso. — Ele voltou à Cyn e quando ele falou foi com a entrega direta e seca de um médico reportando a condição de seu paciente. — A maior necessidade dela nesse momento é sangue humano. Ela perdeu... — Seu comportamento

[15] Intravenosa.

profissional escorregou por um momento e ele engoliu em seco. — Ela perdeu uma grande quantidade. — ele continuou, sua voz levemente rouca. — Mas eu posso repor isso. Nós temos em abundância à mão, é claro, e seu tipo é comum. Testar a compatibilidade não será necessário, por que ela tem o seu sangue para anular qualquer incompatibilidade. Ela também está desidratada, então eu vou administrar uma segunda IV e acrescentar alguns nutrientes críticos ao mesmo tempo. Dada a severidade e o tipo de seus ferimentos, ainda vou adicionar alguns antibióticos à mistura. Mais uma vez, com seu sangue trabalhando nela, isso é mais uma precaução mesmo. Na melhor hipótese, vai ser desnecessário, na pior, vai acelerar a recuperação dela. Mas, meu lorde — Saephan virou e dirigiu-se diretamente a Raphael pela primeira vez. — Mesmo com o seu sangue, os ferimentos dela... — Ele respirou. — Ela vai levar muito tempo para se curar completamente.

Raphael assentiu. — Eu compreendo. — Ele andou para o closet, jogando a toalha brevemente sobre seus ombros antes de terminar de vestir a roupa para a noite. Jeans, suéter, botas. Preto para se mover entre as sombras; preto para caçar seus inimigos.

Saephan se debruçou sobre Cyn de novo. Ele falou por cima dos ombros, sem se virar. — Com sua permissão, meu lorde, eu vou dar-lhe banho mais completamente enquanto o senhor estiver fora. Ela descansará mais facilmente quando estiver limpa.

Raphael congelou no ato de puxar suas botas, mais uma vez combatendo o instinto de proteger sua companheira. Ele o afastou com esforço, engolindo seu rosnar de frustração, para evitar alarmar o doutor. — Faça o que sentir que é necessário. — ele falou, batendo na bota em seus pés e ficando em pé, em sua altura total. — Mas, — ele adicionou, — ninguém além de você a verá assim, Doutor.

— É claro, meu lorde. Eu não faria isso de outro jeito.

— Elke ficará de guarda lá em cima. Você ficará aqui até eu retornar.

— Entendido, senhor.

— Muito bem. Eu o deixarei com ela, então.

Raphael cruzou o quarto até a cama, abaixando a mão para acariciar a bochecha de Cyn. Ele abaixou perto o suficiente para beijar seus lábios novamente, sussurrando contra seus lábios. — Eles pagarão, *lubimaya*. Os responsáveis morrerão hoje.

Elke olhou para cima rapidamente quando Raphael emergiu do elevador.

— Meu lorde?

— Ela sobreviverá, Elke. Outros não serão tão afortunados. Doutor Saephan ficará com ela até eu voltar. Você ficará de guarda nessa entrada. Ninguém deverá ir ou vir do meu quarto, você entende?

— Sim, senhor.

Ele abaixou sua voz, falando só com ela. — Eu sei que você gostaria de se juntar à caçada, Elke, mas não tem ninguém que eu confiaria mais do que você para protegê-la.

Os olhos pálidos de Elke ficaram rosa com lágrimas não derramadas e Raphael piscou em surpresa. Ele nunca a tinha visto exibir um pingo de emoção antes, exceto por raiva. — Eu a protegerei com minha vida, Sire. Meu lugar é aqui.

Raphael inclinou a cabeça, sorrindo ligeiramente. Ele sabia que Cyn e Elke eram amigas. Elas lutavam na academia, e pelo fato de Elke ser a única guarda feminina em seu círculo íntimo, ela era frequentemente designada para Cyn. Mas ele não tinha percebido até agora a profundidade dessa amizade.

— Boa caça, meu lorde. — Elke disse.

Raphael mostrou os dentes. — O chão ficará preto de sangue hoje, Elke. Eu juro. —Ele bateu a mão em seu ombro e virou um olhar sóbrio por toda a grande sala. Duncan já estava lá, andando em direção a ele. Eles se encontraram na metade do caminho.

— Meu lorde. — Duncan começou, mas Raphael interrompeu.

— Onde está ele?

Robbie saiu do grande hall. — Eu estou aqui, meu lorde. — Ele deu alguns passos em direção à Raphael e caiu de joelhos, a cabeça baixa.

Raphael encarou o pescoço nu do guarda-costas. — Me diga porque você merece viver. — ele rosnou.

— Por que ele não fez nada de errado. — outra voz interrompeu.

Raphael girou a cabeça devagar, olhando por sobre os ombros para onde Colin Murphy estava, na porta aberta com a filha de Lucien, Sophia. Ar frio e úmido soprava em torno deles, batendo contra suas pernas.

— Você. — Raphael zombou. — Outro que sobreviveu intacto enquanto minha Cyn estava sendo dilacerada.

— Meu lorde! — Robbie protestou, mas Raphael o silenciou com um olhar afiado, exercendo somente poder suficiente para pregar o humano no lugar sem machucá-lo. — Seja bem cuidadoso, Robert. — ele avisou. — O único motivo para você ainda estar vivo é que minha Cyn implorou por sua vida, embora ela mal tivesse ar para fazê-lo. Não faça o sacrifício dela ser em vão.

Raphael virou o rosto para Murphy, dando ao humano sua total atenção. Ele reuniu seu poder casualmente, deixando uma pequena fração deslizar pela sala, o suficiente para bagunçar papéis e bater portas.

Para sua surpresa, Sophia deu um passo à frente, as próprias defesas dela aumentando rapidamente, expandindo para abranger o macho humano. Os olhos dela começaram a brilhar levemente conforme seu poder subia, e ela ficou diretamente na frente do humano muito maior que ela, punhos fechados ao seu lado, seu queixo erguido em desafio.

Raphael piscou preguiçosamente e a olhou. — Seu Sire pode ter te escolhido como sua sucessora, Sophia, mas nunca cometa o erro de pensar que você é igual a *mim*.

Sua mandíbula enrijeceu com raiva. Mas ela deu um aceno curto, reconhecendo a verdade nas palavras dele. E então o queixo dela se ergueu de novo e ela disse: — Você morreria para proteger sua companheira, Lorde Raphael. Eu não faria nada menos que isso.

Raphael a estudou mais cuidadosamente, notando pela primeira vez a conexão entre ela e Murphy. Era muito nova e muito tênue, mas estava lá. Ele franziu a testa, olhando para Duncan que estava olhando o casal recém-formado com curiosidade aberta. Aparentemente, ninguém mais sabia sobre isso. Não o impediria de matá-la se ele precisasse, mas iria fazê-lo mais favorável a ouvir.

— Robbie. — Raphael estalou por cima do ombro. — Diga-me o que aconteceu.

Durante os minutos seguintes, Robbie contou a ele em detalhes os acontecimentos do dia anterior. — Estávamos quase fora, meu lorde. — Robbie disse, chegando ao final de sua história. Ele ainda estava de joelhos, mas seus olhos encontraram o olhar severo de Raphael com total honestidade. — Eu tinha Cyn se movendo em direção à porta do caminhão, dando cobertura às suas costas, quando eles se abriram para nós de uma nova direção. Você conhece Cyn, senhor. Ela poderia ter mergulhado no caminhão, ido por sua própria segurança, mas ao invés disso, ela começou a atirar, cobrindo as costas de Murphy. Eu deveria ter segurado ela, nunca deveria ter deixado ela ir. Foi quando… — Sua voz falhou pela primeira vez e ele olhou para baixo. — Eu sinto muito, meu lorde. Eu falhei com Cyn e falhei com o senhor.

— Não foi culpa dele. — Colin Murphy insistiu novamente. — Merda, Raphael, você tem que me ouvir!

Os vampiros de Raphael já nervosos e prontos para a caçada, se irritaram com o tom do humano, e até Sophia teve o bom senso de colocar uma mão no braço do companheiro, advertindo-o. Murphy respirou fundo e continuou com mais calma.

— Minhas desculpas, senhor. Mas alguém que eu conheço me ligou hoje com informações que você realmente precisa ouvir.

Raphael rangeu os dentes com impaciência. Isso estava levando muito tempo. — Fale. — exigiu.

— Leigthon foi especificamente marcada como alvo. — Murphy disse atentamente. — Eles sabiam, ou pensavam que sabiam, que a tirando da equação enfraqueceria o senhor pessoalmente. Eles pensavam que seus vampiros ficariam sem líder e enlouqueceriam, ou que o senhor se juntaria a eles e começariam a massacrar os humanos indiscriminadamente. Eles *querem* um banho de sangue. Eles querem manchetes gritando em todas as televisões e na internet sobre vampiros rondando a noite e matando humanos inocentes.

Raphael comprimiu seus lábios, pensativo. — Fique de pé, Robbie. — ele disse sem se virar. Ele ouviu o humano levantar atrás dele.

— Meu lorde. — Robbie disse.

Raphael se virou. — As únicas palavras que minha Cyn falou essa manhã foram para te defender... E a ele. — ele adicionou, com um aceno de cabeça para Murphy. — E a sua história sobre os eventos foi verdadeira. — Ele considerou o guarda-costas em silêncio. Robbie esteve com ele por um longo tempo, e ele era companheiro de uma vampira de Raphael. Foi por isso que ele teve a proteção de Cyn confiada a ele. — Nós não iremos diminuir a velocidade por você. — disse a ele. — Mas você é bem-vindo a se juntar a nós na caça desses assassinos.

— Obrigado, meu lorde.

— Senhor. — Colin Murphy falou de novo e Raphael virou para olhá-lo sombriamente.

— Eles sabiam sobre Mariane. — o humano disse com urgência. — Eles sabiam o que o ataque a ela fez com Jeremy, como *o* enfraqueceu. Eles sabiam onde encontrar Marco e Preston... — Ele olhou rapidamente para Sophia antes de continuar numa voz calma — E eles sabiam que Leighton ainda estava viva quando nós a trouxemos para cá ontem.

Raphael o encarou, deslizando facilmente para a mente do humano apesar da ligação recém-estabelecida com Sophia. O homem estava contando a verdade

que ele sabia. E isso significava que Raphael tinha um vazamento dentro de seu grupo. Seu próprio povo, aqueles que ele trouxe de Malibu, eram leais até o núcleo. Ele apostaria sua vida nisso. Ele *apostava* sua vida nisso todo o dia. Ele olhou em volta, reparando em quem estava lá... E quem não estava.

— Coloque Loren no telefone. — ele ordenou a Wei Chen, observando os olhos do líder do ninho aumentarem enquanto ele procurava as faces ao redor e percebia que Loren não estava entre eles. Ele puxou um telefone do bolso e olhou rapidamente pela lista telefônica.

— Loren. — ele disse, surpresa evidente em sua voz. — Onde você está?

Raphael pegou o telefone dele a tempo de ouvir a resposta de Loren. — Estou na casa de Marco. — ele disse. — Fiquei sabendo de uma possível invasão.

Mesmo no telefone, Raphael pôde ouvir a mentira em suas palavras, e só confirmou o que ele já tinha começado a suspeitar.

— Você gostaria de tentar de novo? — Raphael disse friamente.

— Sire! — Loren engasgou. — Meu lorde, eu...

— Volte para cá agora. E traga a mulher com você. — Ele desligou enquanto Loren ainda estava balbuciando, tentando justificar sua duplicidade. Filho da puta estúpido. Ele trocou um rápido olhar com Juro que acenou e deu alguns passos para trás, levando dois de seus seguranças com ele.

Quando eles começaram a conversar em voz baixa, Raphael virou-se para Murphy. — Você sabe quem são esses assassinos? — ele perguntou.

— Alguns deles. — o humano respondeu. — E eu acho que sei onde pelo menos alguns deles estão se escondendo. Mas eu não sei todos os nomes. Se pudermos pegar aqueles que eu conheço vivos, nós poderemos...

De trás de Raphael, Robbie falou: — Espere um minuto. — Ele andou em volta de Raphael para encarar Murphy. — Cyn tirou fotos de placas de carro naquele estacionamento.

— É verdade. — Murphy concordou, estalando os dedos. Ele transferiu seu olhar para Raphael. — Nós precisamos do celular dela.

Raphael puxou seu telefone de um bolso interno e discou para Peter Saephan, que atendeu no primeiro toque.

— Sim, meu lorde? — ele disse em voz baixa.

— Cyn?

— Ela está descansando bem, senhor. Os fluidos já estão a ajudando.

— Excelente. Eu preciso do telefone de Cyn. Suas roupas de ontem à noite estão numa bolsa no armário. Você poderia checar e ver se seu telefone está lá?

Houve uma breve pausa e então Raphael ouviu a porta do armário deslizar e o estalo agudo de uma bolsa de plástico. — Um momento, meu lorde. — Saephan disse, seguido de um baque suave enquanto ele pousava o telefone no chão. Mais farfalhar de plástico e então pegou o telefone de volta.

— Eu achei, senhor. Deixe-me... Estou limpando o sangue com um pouco de álcool.

O sangue de Cyn, Raphael sabia e estava grato pelos bons impulsos higiênicos do doutor.

Saephan continuou, dizendo: — Ele parece okay, mas a bateria está baixa. Você quer que eu...

— Não será necessário, Doutor, obrigado. Coloque-o, por favor, no elevador e o mande para cima.

— É claro, meu lorde. Mais alguma coisa?

— Não, obrigado.

Raphael desligou e virou para os outros. — O telefone está subindo no elevador agora.

Murphy deu alguns passos à frente como se fosse pegar o telefone, mas Raphael rosnou e Duncan ficou na frente do humano, bloqueando seu caminho.

— Elke o pegará. — Duncan disse. Seu tom era suficientemente calmo, mas sua linguagem corporal não abriu nenhum espaço para disputa.

Murphy abriu a boca para protestar de qualquer maneira, mas o protesto morreu sem ser dito quando ele se virou para Raphael e viu o olhar em sua cara. Duncan podia estar calmo, mas Raphael definitivamente não estava.

Murphy voltou para trás para ficar próximo à Sophia que se posicionou um pouco à frente dele e lançou um olhar hostil na direção de Raphael. Duncan, por sua vez, esperou até que eles ouviram a porta do elevador se fechar mais uma vez, e então mandou um dos guardas vampiros para pegar o telefone com Elke, que estava esperando em seu posto.

O guarda trouxe o telefone para Duncan. Ele olhou para Raphael, procurando por sua permissão, e então acessou a memória do telefone. — Elas estão aqui. — ele confirmou, passando as páginas vendo várias fotos. — Tem uma foto do estacionamento inteiro e então as placas individuais. Parece como se... É, ela pegou todas. — ele disse com uma nota de admiração.

— Eu posso procurar esses... — Murphy começou.

— Isso não será necessário. — Duncan interrompeu.

Duncan acenou para Maxime, próxima ao escritório principal onde estava parada com Wei Chen e alguns outros, observando os eventos se desenrolarem. Nenhum desses assistindo eram caçadores - os soldados de Raphael eram especificamente escolhidos e treinados. Mas mesmo entre os vampiros que não participariam ativamente essa noite, mesmo para aqueles que gastavam a maior parte de suas horas acordadas na frente de um computador, o nível de excitação era alto e contagioso.

Duncan virou o telefone para Maxime, e ela passou entre as imagens, movendo muito mais rápido do que ele tinha. Ela deu um olhar presunçoso. — Dê-me cinco minutos. — ela disse e se dirigiu para o escritório mais próximo.

— A maioria dessas placas são locais. — Murphy comentou, vendo Maxime se afastar. Ele se virou de volta para Raphael. — Então, estou adivinhando que os donos são, também. E eu tenho algumas localizações possíveis do cara que ligou para me insultar essa tarde - Garry McWaters. Ele foi criado aqui perto, mas até ontem eu pensei que ele estava morando em San Diego.

— Claramente não. — Raphael observou com desdém.

— Você está certo. — Murphy admitiu. — Mas isso era o que ele queria que eu pensasse. Eu saberia se ele estivesse ficando na cidade. Não dá para guardar segredo nesse lugar. Mas a sua família tem algumas velhas propriedades no meio do nada. Eu nem sabia que elas estavam lá até que fui procurar alguma coisa parecida.

— Como você o conhece?

Murphy franziu a testa, relutante em falar. — Ele era um amigo. — ele admitiu de má vontade. — Eu pensei que tinha reconhecido sua voz no bar ontem, depois que Leighton se machucou, mas agora eu tenho certeza.

— Então hoje ele morre. — Raphael disse sombriamente.

Murphy balançou a cabeça, mas não argumentou, o que foi uma boa coisa, por que Raphael não estava no humor para ser contrariado por ninguém, muito menos por um humano.

— Olha. — Murphy disse impacientemente. — Você não precisa de nós aqui. Enquanto você espera Loren aparecer, Sophia e eu podemos ir para a casa de Leon Pettijohn.

— O dono do bar onde Cynthia foi atacada, meu lorde. — Sophia acrescentou. — Ele e a sua esposa o têm em conjunto, mas só o homem trabalha lá. Ela trabalha no mercado local.

— Eu não acho que eles sejam parte disso. — Murphy adicionou ao assunto. — Eu já tentei ligar para Leon no bar, mas não obtive resposta. Ele provavelmente fugiu assustado depois do tiroteio de ontem, mas se conseguirmos

que ele fale, ele saberá quem mais esteve lá. Não era só McWaters disparando na gente.

Raphael estudou o humano silenciosamente. Ele não estava inclinado a confiar nele, mas Cyn o tinha feito.

— Nossa caça começará no bar, então. — Raphael disse. — Pela conta de Robbie, é provável que um ou mais atacantes foram atingidos, o que significa que eles sangraram. Nós pegaremos os cheiros e os rastrearemos, se mais nada funcionar. Sophia, você e Murphy vão para a casa do tal dono do bar, e se vocês descobrirem alguma coisa dessas pessoas que valha alguma coisa, nos avise. Se não, vocês podem nos alcançar depois.

— Loren está no portão, meu lorde. — Duncan murmurou.

Raphael sorriu lentamente, cruelmente. — Excelente.

# Capítulo 35

**— Bem, isso foi intenso. — comentou Colin enquanto segurava a porta** aberta para que Sophia pudesse subir na Suburban que eles tinham pegado emprestado da garagem do complexo.

Sophie tinha sugerido que eles pegassem o Lexus que ela estava dirigindo antes, mas de jeito nenhum Colin ia para uma operação - mesmo uma civil - conduzindo um maldito sedan de luxo. Seria muito embaraçoso.

Como a Tahoe dele estava completamente arruinada e, de acordo com Sophia, fedia a sangue, ele tinha pegado um dos SUV's da frota de Wei Chen.

Ele fechou a porta de Sophia, correu ao redor do capô e acomodou-se atrás do volante, ligando o carro com uma torção rápida da chave. Ele saiu da garagem e começou a descer a curva da rodovia, diminuindo a velocidade quando o portão abriu e entrou uma BMW cinza com Loren ao volante. Colin teve um vislumbre da expressão abalada do vampiro enquanto ele passava. Havia uma mulher sentada próxima a ele e ela também não parecia feliz. Colin sacudiu a cabeça. Ele não invejava Loren. Nem um pouco.

Foi uma curta viagem de carro até à casa de Pettijohn. A casa deles era no lado mais próximo da cidade, descendo uma estreita faixa de terra que mal se

qualificava como uma estrada. Como muitas das outras casas em Cooper's Rest, a deles era velha e em um estado de degradação suave. A madeira precisava de uma boa lubrificação e os beirais estavam obstruídos com agulhas de pinheiro, mas o teto era resistente e havia uma garagem de alumínio nova no lado de fora. As portas duplas estavam abertas e Colin podia ver o Honda de Ellen lá dentro, mas não havia nenhum sinal do caminhão de Leon.

— Vamos fazer isso rápido. Parece que Leon já partiu e eu gostaria de chegar até ele antes de Raphael.

Sophie bufou delicadamente.

— Só se você quer que ele continue respirando. — Ela abriu a porta do carro e deslizou para o chão, fechando a porta silenciosamente atrás dela. — Talvez devêssemos ir diretamente para o bar do companheiro Leon. Você disse que a mulher nunca está lá de qualquer maneira. Ela não saberá de nada.

— Sim, mas Leon provavelmente conta-lhe as coisas. Enquanto estamos aqui, vale a pena uma conversa de cinco minutos.

Sophie encolheu os ombros.

— É a sua decisão. Eu não conheço estas pessoas. — Ela olhou ao redor do pátio e, em seguida, para Colin, como se dizendo, *e eu realmente prefiro não os conhecer*.

Colin sorriu, indo para a varanda da frente em dois passos largos. Antes que ele pudesse tocar a campainha, a porta abriu e Ellen estava ali, de rifle na mão e apontando direto em seu rosto.

# Capítulo 36

**Raphael sentiu o medo de Loren muito antes de o vampiro entrar no** prédio com a mulher humana ao seu lado. Ele parecia horrível, seu rosto pálido e olhos arregalados enquanto ele examinava os vampiros reunidos ao redor da entrada. Ele abriu seu caminho por eles, deu uma olhada a Raphael e caiu de joelhos.

— Me perdoe, Sire. — ele soluçou.

Raphael olhou para baixo para ele com desdém. Como um dia ele pensou que esse seria digno de responsabilidade?

— Na outra sala. — ele disse friamente.

Dois de seus vampiros agarraram Loren pelos cotovelos, levantando-o a seus pés. A mulher chorou ruidosamente e Duncan se aproximou, cortando o choro dela com um pensamento. Ao seu sinal, outro dos guardas de Raphael escoltou-a, agora uma plácida fêmea, atrás de Loren.

— Duncan, você vem comigo. — Ele se virou para encarar Juro. — Isso não vai demorar muito. — ele disse. — Nós vamos diretamente para o bar e caminharemos de lá. Tenha certeza que todos entendam as regras da situação. Eu quero ter certeza absoluta que pegamos cada um desses animais em nossa

rede. Informação primeiro... — Ele abaixou a cabeça e deixou uma fração de seu poder escorrer para fora, girando em torno dele. —... e então caçamos. — Ele terminou.

Seus vampiros rugiram. Ele deu a eles um sorriso feroz, e em seguida virou-se e caminhou através das portas duplas e dentro da sala quase vazia. Com apenas poucos deles lá, as luzes estavam baixas, à noite nada além de um espaço negro pela janela. Loren estava de joelhos, curvado, braços em torno de si mesmo miseravelmente. A mulher humana estava sentada em uma cadeira próxima, embora ela não parecesse consciente de ninguém, muito menos de seu amado vampiro.

Raphael andou até Loren e olhou para ele, as mãos nos quadris. Raphael tinha dado vida à Loren. Ele o possuía por corpo e alma. Era impossível para ele mentir a seu Sire, mesmo se ele pensasse em tentar.

— Há quanto tempo você está fodendo ela, Loren? — Raphael perguntou sem rodeios.

Ele engoliu em seco antes de falar. — Quase um mês, meu lorde.

— Quem é ela?

— Deb Jenkis. Mas eu não disse nada a ela, meu lorde. Eu juro...

— Silêncio.

A boca de Loren fechou e ele abaixou a cabeça em seu peito, seus ombros se curvaram e tremeram de medo. Raphael ainda não tinha decidido o que fazer com ele. Apesar dos protestos contrários de Loren, Raphael sabia que o vampiro *tinha* espalhado segredos para a mulher. A questão era, com que intenção? Era uma coisa se ele fosse simplesmente um tolo que deixasse escapar informação enquanto ele estava na cama com ela. Mas se ele deixou intencionalmente sair segredos para persuadi-la de sua importância ou para obter favores, era algo diferente. Os minutos seguintes da vida de Loren dependiam do que ele tinha dito à mulher... E o que ela tinha feito com isso.

— Deb. — Quando Raphael disse o nome da mulher, um fio de energia passou em torno dela, garantindo sua cooperação. Se necessário, ele rasgaria a verdade de sua mente, mas quando ele tocou os seus pensamentos, soube que não era necessário. Ela estava aberta para ele.

Ela olhou para cima, encontrando os olhos dele com um sorriso. — Sim? — ela disse agradavelmente.

— Há quanto tempo você conhece Loren?

— Somente desde que eu voltei para L.A. Nos conhecemos no correio da cidade. Eu estava lá me certificando que a velha morcega Mavis não cometia nenhum erro com minha correspondência. Eu não sei por que a mantêm lá. De qualquer jeito, Loren estava lá. Pegando a correspondência dele também, eu acho.

— Você sabia quem ele era?

— Oh, claro. Meu irmão Curtis me contou sobre vocês logo que cheguei aqui.

O olhar de Raphael afiou. Quando ele vasculhou a mente de Hugh Pulaski - depois de ensiná-lo a loucura que era ameaçar Cyn - o humano tinha identificado alguém chamado Curtis como um daqueles que ele tinha ouvido conspirando contra os vampiros.

— Curtis disse que se eu tivesse a chance — Deb continuou. — deveria me ligar com um de vocês. Loren era bonito o suficiente...

Loren virou olhando para ela com horror, e ela piscou para ele quando disse isso, inconsciente da sua reação.

—... e eu ouvi que o sexo era alucinante. — ela adicionou. — Então eu pensei, porque não? Vou tentar. Não é como se Coop estivesse cheio de caras elegíveis, sabe?

— Sire, eu juro...

Raphael apenas olhou para Loren. O vampiro fechou a boca com um gemido.

— Você estava dizendo, Deb?

— Certo, bem, Curtis, ele e seus amigos, queriam saber tudo sobre isso. Não tanto o sexo - isso seria muito repugnante, ele sendo meu irmão - mas todo o resto. Ele costumava me interrogar depois de eu passar a noite com Loren. Me deixava puta, às vezes, porque tudo o que eu queria fazer era dormir. Você sabe o que eu quero dizer. — ela disse com um olhar significativo.

Raphael deu um suspiro. — De que coisas vocês falavam?

— Bem, merda, não havia muito para contar. Eu quero dizer que sexo era praticamente tudo o que fazíamos. Ao menos até você aparecer. Loren estava muito estressado sobre isso, porque você queria que todo mundo vivesse nesse lugar. — Ela disse, acenando com a mão ao redor. — Isso significaria não ter mais sexo, e nenhum de nós estava muito entusiasmado com isso, tenho que te dizer.

— Mas então aquela pobre garota foi atacada. — Continuou ela, balançando a cabeça. — Eu não a conhecia, mas aquilo não deveria acontecer a ninguém. Eu perguntei a Curtis se foi ele ou algum de seus companheiros - porque eles podiam ter um rancor contra vampiros, mas aquela garota era tão humana quanto eu ou... — ela riu forçada. — Bem, não quanto você, mas você entendeu o que eu quero dizer.

— O que Curtis disse sobre isso? — Raphael perguntou curiosamente.

— Ele disse que *não*. Honestamente, eu não tinha certeza se acreditava nele. Digo, eu acredito *nele,* mas alguns daqueles garotos com quem ele está saindo... Bem, eu não queria me encontrar com eles num beco escuro.

— E sobre Loren?

— Oh, Loren é um doce. Nunca machucaria uma mosca.

— Não. — Raphael disse pacientemente. — Eu quero dizer, o que Loren disse a você sobre o ataque de Mariane?

— Oh, bem, ele me disse tudo sobre o marido dela, Jeremy, e o quão chateado ele estava. Como foi uma coisa boa você ter aparecido ou ela teria morrido e Jeremy teria também.

— E você disse a seu irmão isso?

— Bem, claro. Essa era a primeira coisa de verdade que eu já tinha dito a ele.

— A primeira? Houve mais?

— Bem, na noite passada Loren estava muito chateado. Eu acho que alguma mulher levou um tiro, então ele não pôde passar a noite. Ela está bem?

Raphael ignorou a pergunta. Ele não ia dizer a essa mulher *nada* sobre Cyn. Ao contrário de Loren, aparentemente. — Você falou com Curtis sobre isso também?

— Inferno, sim. Ele me acordou nessa manhã com aquele maldito telefone.

Raphael se virou, caminhando até a janela e olhando para fora, vendo em sua mente a confusão sangrenta que eles fizeram com sua Cyn, ouvindo seus gritos de dor. E por quê? Porque eles queriam enfraquecê-lo. Porque Loren estava tão faminto para foder essa mulher ignorante que ele abriu sua boca como uma criança ansiosa para agradar. Ele esperava que a mulher tivesse valido a pena, porque Loren não estaria fodendo ninguém por um longo tempo.

Ele se lembrou do outro conspirador que Pulaski ouvira no bar, e ele falou sem se virar para ela. — Diga-me, Deb, algum dos amigos de Curtis se chama *Junior*? Talvez um apelido?

— Oh, claro. Seria Garry McWaters, mas ele odeia esse nome. Assim como odeia seu velho, ou odiava. Acho que ele está morto.

Raphael girou para longe das janelas, caminhando pela sala, sinalizando para seus guardas quando ele passou.

Dois deles agarraram Loren, que gritou: — Sire, por favor!

Raphael ignorou seus gritos. Se ele parasse agora, ele mataria Loren sem um pensamento. Quanto à mulher, sua mente seria apagada. Ela não se lembraria nada do último mês - nem de Loren, nem do correio, nada. Certamente nem de Mariane ou Jeremy, e especialmente não de Cyn.

Quanto ao irmão dela, Curtis. Ele não seria um problema depois dessa noite.

# Capítulo 37

**— Que diabos você quer, Murphy? — Ellen balançou o rifle para** enfatizar a questão. Era uma ação de amador, mas à distância, não faria muita diferença.

— Ellen. — disse Colin em baixo tom, ciente de que Sophia estava perfeitamente parada atrás de si. Ele levantou as mãos para que a mulher pudesse vê-las. — Não quero problemas. Soube que houve confusão no Babe ontem à tarde e estou tentando descobrir o que aconteceu.

Ao longo do cano de sua Remington, Ellen o considerou de forma suspeita. Era uma boa arma, e amadora ou não, naquela distância até um cego poderia atingi-lo.

— Leon não voltou para casa ontem à noite. — Sua voz era vacilante ao falar, mas seu rifle não. — Isto não é do seu feitio.

Colin acenou. — Soube que houve problemas. — ele repetiu.

Ellen o encarou tentando decidir o que dizer ou se confiaria nele. Ela abaixou o rifle alguns milímetros.

— Disseram que houve tiros, Ellen. Se algo tiver acontecido...

Ela estalou o rifle em guarda novamente, encarando-o com suspeita. — Onde ouviu isso? O que você...

Foi tudo o que conseguiu dizer antes de Sophia mover-se com destreza em torno de Colin, envolver o cano do rifle e arrancá-lo das mãos de Ellen, muito antes que Colin pudesse perceber o que se passava. Segurando o rifle com a mão direita e o entregando a Colin, imobilizou Ellen com a mão esquerda e disse: — Vamos resolver lá dentro?

— Droga, Sophie. — disse Colin. — Estava indo tudo tão bem.

— Eu posso devolver a arma para ela, se você preferir. — ela disse sorrindo docemente.

— Talvez não. Tudo bem, vamos ver o que Ellen tem para nos dizer.

Sophie queria ter usado seu poder vampiro para foçar Ellen a falar, mas Colin a havia persuadido a deixá-lo tentar fazê-la falar primeiro. Uma vez que Ellen parou de esfregar seu pescoço e encarar Sophie, não demorou muito para convencê-la que ele não teve nada a ver com o homem que realizou os disparos no estacionamento ontem. Ele estava certo sobre Leon ter contado a ela o que ocorrera no bar, mas ele nunca tinha mencionado o nome de Colin. Além do mais Ellen estava genuinamente preocupada com seu marido e não tinha mais ninguém a quem recorrer.

— Leon não teve nada a ver com eles. — insistiu Ellen pela terceira vez. — Eles se conheceram no bar, mas foi só isso. Ele não pode recusar clientes porque não gosta da política deles. Ele não teria nenhum cliente se fizesse isso. Além do mais, mesmo que ele soubesse que eles estavam planejando algo, o que poderia ter feito a respeito?

— Se ele soubesse de algo poderia ter me contado, Ellen.

Ela tossiu alto. — O seu amiguinho McWaters estava bem no meio deles, Murphy. Como iríamos saber que poderíamos confiar em você?

— Justo. — ele concedeu, ainda sentindo a traição de Garry como um soco no estômago.

Ellen encolheu os ombros. — Uma coisa eu lhe digo: Esses caras não são flor que se cheire. Se planeja enfrentá-los, espero que estejam em maior número do que só vocês dois. — Lançando um olhar descrente a Sophia completou. — Mesmo que um de vocês seja vampiro.

— Ellen. — disse Murphy, atraindo sua atenção que estava voltada para Sophia. — Alguma vez Leon mencionou alguém além do Garry?

— Curtis Jenkins, quem mais? Ele é problema desde o primeiro dia.

Colin acenou. — Onde está Leon agora, Ellen? Gostaria de falar com ele.

Ela lançou-lhe um olhar gélido. — Eu te disse, ele não voltou para casa ontem à noite. — ela sussurrou. — Imaginei que fosse achá-lo em casa hoje à noite, dormindo agarrado à uma garrafa de bebida. — De repente seus olhos encheram-se de lágrimas. — Ele teria me chamado se pudesse, Murphy. Ele sabia que iria me preocupar.

Colin xingou sobre a respiração. — Okay. Estou indo para o bar...

Ellen pausou. — Irei com você. Eu posso...

— Não. — disse Colin imediatamente, pensando em Raphael e seus vampiros que logo estariam invadindo Babe e a floresta ao seu redor. — Eu vou checar e então te ligo.

— Você não pode me forçar a ficar aqui esperando, Murphy. Sou livre...

Sophia de repente apareceu, sua mão no pescoço de Ellen, e então colocou-a no sofá, claramente após tê-la deixado inconsciente ou seja lá o que vampiros fazem.

— Jesus, Soph, você poderia me avisar antes de fazer mais alguma coisa dessa droga de poder vampiro?

— Você é demasiado educado e não temos tempo para discutir com ela. Raphael deve estar a caminho e nós não queremos perder a caçada.

Colin cobriu Ellen com uma manta de crochê que estava jogada atrás do sofá. Tinha algo na voz de Sophia quando ela mencionou a caçada que o fez virar e olhar para ela. Ela estava ansiosa e agitada para partir, indo em direção à porta. Ela o olhou de volta impaciente, e ele vislumbrou seus olhos, não de todo âmbar como ficavam às vezes, mas com uma coroa dourada em volta da íris.

Frente a um olhar examinador, ela o encarou em desafio. — O que? — exigiu.

— Você está empolgada. — ele disse, se dando conta do fato enquanto pronunciava as palavras. — Você está esperando avidamente por isto.

— Com certeza. — ela concordou. — Você não tem idéia do que é passar a sua vida fingindo ser comum. Diminuir o seu poder, esconder suas diferenças para que os humanos não se apavorem. Raphael deixará seu pessoal à solta esta noite. Não haverá hesitação. Você pode ter certeza de que estou aguardando ansiosa por isto.

— Sou humano. — ele a lembrou.

Ela se moveu mais rápido do que ele pôde perceber. Em um segundo estava na porta e no outro em frente a ele, seus braços envolta do pescoço dele, seu corpo embriagante pressionado contra ele.

— Você pode até ser um humano, Colin Murphy. — Ela lambeu uma linha por seu pescoço, passando pelo queixo até sua boca tocar a dele. — Mas definitivamente não é um humano comum.

Ela pressionou seus lábios contra os dele em um rápido e conciso beijo.

— Vamos cair na noite, Colin. É hora da caça.

# Capítulo 38

**Colin e Sophie entraram no estacionamento de Babe quase ao mesmo** tempo em que Raphael e seus vampiros. O bar estava escuro, o estacionamento vazio. Ou estava antes deles chegarem e o encherem com SUVs. E mesmo assim permaneceu escuro. Os vampiros tinham viajado sem faróis, aparentemente vendo tão bem ou melhor no escuro do que à luz do dia. Mesmo Sophie tinha colocado um par de óculos de visão noturna para preservar sua visão noturna enquanto eles dirigiam para lá.

Colin desligou o motor e colocou a luz interna na posição desligada, então não acenderia quando eles abrissem as portas. Então ele esperou, embora ele não soubesse pelo que estava esperando. As SUVs na frente dele ficaram lá, provavelmente cheias de vampiros. Ele estava prestes a perguntar à Sophie o que estava acontecendo quando, como se algum sinal tivesse sido dado, todas as portas abriram de uma vez e o pessoal de Raphael se empilhou do lado de fora.

Colin fez o mesmo, indo para a traseira do caminhão e preparando-se, o tempo todo observando os vampiros com cautela enquanto eles acotovelavam-se, praticamente pulando de excitação. Ele não estava certo sobre como se sentir com relação a isso. Por um lado, a adrenalina de entrar numa batalha corria tão familiar, quase doía sentir isso de novo. Ele não tinha constatado até esse

momento como tinha sentido falta disso. Mas tinha alguma coisa meio horripilante em ser cercado de vampiros que estavam todos convencidos da idéia de matar um bando de humanos.

— Não deixe isso pegar você. — uma voz grave disse próxima a ele.

— Ei, Rob. — Colin disse, olhando para cima para achar o Ranger parado na frente dele, blindado e pronto para rodar.

— E não deixe o comportamento hiperativo e idiota deles te enganar também. Esses caras são muito bem treinados. Quando se resume a isso, eles são disciplinados como o inferno.

— Bom saber. — A atenção de Colin foi trocada enquanto Raphael andava na direção deles dois.

— Conte-me, Murphy, você acha que conseguiu atirar em algum desses animais? Ou minha Cyn foi a única ferida?

Colin trancou os dentes, lembrando a si mesmo que o vampiro estava preocupado com Leighton. — Nós atingimos alguns. Eu não sei quão seriamente.

— Nós podemos começar com isso, então. Duncan. — Seu tenente virou na direção dos vampiros reunidos e acenou.

Como cavalos liberados das baias, alguns vampiros saíram, correndo entre árvores tão rápido que eles eram pouco mais do que um borrão em movimento. E eles não faziam um maldito barulho, nem mesmo um sibilo de movimento apesar das árvores estarem apertadíssimas e dos anos de corte de madeira.

Sophia se juntou a Raphael e Duncan em um tipo de confabulação. Presumivelmente discutindo os planos deles para a noite, mas quem sabia? Não Colin.

Quando ela se juntou à ele novamente, ele deu-lhe um olhar sombrio que ela respondeu com um sorriso. — Paciência, Colin.

— Que diabos estamos fazendo aqui?

— O pessoal de Raphael está procurando pelo rastro de sangue. Você e Robbie disseram que alguns dos atacantes foram feridos o que significa que eles sangraram. O rastro vai ajudá-los a identificar os culpados. Também tem um... Benefício psicológico, eu suponho que você diria. Isso motiva os soldados, os deixa preparados para a batalha.

— Como se esses caras precisassem de mais motivação. — ele murmurou.

— Raphael conhece o seu pessoal. — ela disse calmamente, colocando uma mão em seu ombro.

Um barulho enorme quebrou o silêncio. Colin olhou para cima, esperando ver uma árvore caindo próximo à cabeça deles, mas ao mesmo tempo, seu cérebro tocou o som novamente na sua cabeça e ele percebeu que não era uma árvore. Um dos vampiros tinha chutado a porta de trás de Babe.

Todos os vampiros ao redor de Raphael ficaram atentos imediatamente, encarando o bar fechado como cães de caça.

— Estou adivinhando que eles encontraram o que estavam procurando. — Colin disse secamente.

Sophia ficou quieta, sua cabeça inclinou para o lado, ouvindo. — Um corpo. — ela disse. — No freezer.

— Ah, merda. — Colin suspirou profundamente. — Eu devia dar uma olhada.

Sophia andou com ele até o bar. Eles foram para a porta da frente, que estava mantida aberta por um dos vampiros de Raphael que os direcionou para os fundos. Não que Colin precisasse de assistência. Só havia um lugar onde um freezer grande o suficiente para conter um corpo poderia estar.

Era um grande modelo baú, talvez sete ou oito metros cúbicos. Um monte de pessoas por aqui tinham um assim. A pequena mercearia de Coop era ótima para as coisas do dia-a-dia, mas a maioria dos moradores faziam uma viagem de descida da montanha mensal e estocavam coisas como carnes e qualquer outra coisa que pudesse ser congelada.

A tampa estava aberta, mas Colin realmente não queria ver o que estava dentro. Ele olhou de qualquer jeito.

— Yeah, merda, esse é Leon. — Ele olhou para longe. Isso era além do completamente desnecessário. Não era culpa de Leon que aqueles imbecis resolveram se encontrar no seu bar. Mas mesmo assim, o dono do bar não tinha contado a ninguém o que ele tinha ouvido. E eles o mataram de qualquer jeito.

Ele alcançou o freezer aberto e o chutou para fechar, cuidadosamente segurando pelas beiradas e limpando suas impressões digitais. — Os policiais terão quer ser chamados nisso. — ele disse categoricamente. — Tenham certeza de que não há nada que diga que vocês estiveram aqui.

Ele girou nos calcanhares e caminhou através do bar em direção ao estacionamento.

Sophia andou com ele. Ela colocou a mão em seu braço enquanto eles cruzavam o estacionamento sujo. — Eu sinto muito, Colin.

— Yeah, bem, não foi nenhum de vocês que fez isso.

O aperto de Sophie em seu braço aumentou, fazendo-o parar. Ele esperou enquanto ela ouvia alguma coisa que só ela podia ouvir. — Raphael quer falar conosco. — ela disse.

Colin nem perguntou como ela sabia disso. Ele já tinha imaginado que deveria haver algum tipo de telepatia rolando entre os vampiros. Ele só se perguntava quão ampla era.

— Você estava certo em seu palpite. — Raphael disse a ele, uma vez que eles entraram num perímetro audível por humanos. — Não havia nada menos que quatro trilhas de sangue. Elas começaram entre as árvores, onde os assaltantes se esconderam, e acabaram aqui. — ele disse, indicando o estacionamento. — No ponto onde os humanos entraram em seus veículos. O macho humano no freezer…

A cabeça de Colin disparou para cima e ele encarou Raphael. — Leon. — ele disse bruscamente. — Leon Pettijohn.

Raphael deu um aceno lateral de cabeça, reconhecendo o ponto. — Ainda assim outra vítima desses assassinos. Ele morreu dentro do bar, seu pescoço estava quebrado. Sem nenhum sangue e com o corpo congelado, o rastro estava quase completamente apagado pelo ar no recipiente apertado.

Colin assentiu. — Então o que acontece a seguir?

— Nós vamos atrás deles, começando com McWaters. — Raphael disse. — Ele parece ser um tipo de líder, talvez até o cérebro por trás desse esquema.

— Eu acho que nós devíamos nos separar. — Colin sugeriu. — Ellen Pettijohn, a esposa de Leon, sua viúva agora, nos deu um nome que apareceu na lista de veículos, também. Curtis Jenkins…

— O irmão de Deb. — Raphael disse, surpreendendo-o.

— Yeah. — Colin concordou, intrigado. — Mas como você sabe isso? Ela acabou de voltar para a cidade há um mês ou algo do tipo. Você está dizendo que ela está envolvida nisso?

— Não diretamente, não.

Colin esperou por algum tipo de explicação, mas ela não estava vindo. Próximo a ele Sophie parecia tão intrigada quanto ele, pelo menos a princípio.

Mas então ela exalou um sonoro “ahhh” e disse lentamente: — Mas ela está envolvida. Talvez com um de seus vampiros?

Raphael deu a ela um olhar hostil, que foi resposta suficiente.

— É mais provável que ela seja quem contou para eles quão devastado Jeremy ficou depois que Mariane foi atacada. — Duncan acrescentou. — O que é sem dúvida porque eles acreditaram que pegando Cynthia iria incapacitar o Lorde Raphael.

— Sem dúvida. — Colin disse friamente. — Okay, certo. Então um de nós vai atrás de McWaters e o outro, Curtis Jenkins.

— McWaters é meu. — Raphael disse, sem rodeios.

Colin assentiu, tentando não pensar sobre o que Raphael tinha planejado para seu velho amigo.

— Então, Sophie e eu vamos checar Jenkins e alguns outros naquela lista. — ele disse. — Talvez nós tenhamos sorte e todos eles estejam juntos em algum lugar.

Raphael olhou para seu tenente. — Duncan?

— Isso faz sentido, meu lorde. Sophia e o senhor Murphy podem reconhecer Jenkins e os cidadãos locais. Alguns de seus caçadores podem acompanhá-los, enquanto o resto de nós pega McWaters e seus aliados. Você tem o número do meu celular, senhor Murphy. Se por acaso precisar de assistência, nós podemos mandar imediatamente pessoas extras para encontrar vocês. Se a necessidade for urgente — ele acrescentou, antecipando as próximas palavras de Colin — nós podemos abandonar os veículos e chegar em segundos.

As sobrancelhas de Colin se levantaram em surpresa. Ele já tinha visto que os vampiros se moviam rápido mais cedo, mas aparentemente eles poderiam fazer isso na distância, também. Bom saber.

— Tudo certo, então. Sophie?

— Isso é aceitável. Boa caça para você, meu lorde.

— Para todos nós. — Raphael rosnou, e seus vampiros responderam com um uivo lúgebre, um aviso para todas as criaturas que um predador muito mais perigoso estava na floresta hoje à noite.

# Capítulo 39

**Raphael entrou no quintal, na frente do esconderijo de Garry McWaters,** seus vampiros manobrando silenciosamente entre as árvores para cercar a casa. Este era o primeiro dos dois locais que Murphy tinha sugerido, mas não havia dúvida de que era o correto. Havia vários caminhões estacionados ao lado e em torno da parte traseira, vários deles mostrando sinais da luta com armas, e pelo menos um carregava um cheiro familiar e forte de sangue. Estes eram os homens que eles procuravam, os homens que tinham tentado para matar sua Cyn.

Próximo a ele, Duncan estava se comunicando em silêncio com os outros, enquanto Juro caminhava alguns passos à frente dele. Eles estavam todos conscientes de que os humanos que caçavam estavam armados e dispostos a matar. Cyn havia ensinado a Raphael e seus vampiros que mesmo o mais poderoso entre eles poderia ser destruído por um ser humano com a arma certa e a coragem para usá-la.

O irmão gêmeo de Juro estava no complexo hoje à noite, supervisionando a segurança e protegendo Cyn, tarefa que havia assumido uma nova urgência à luz das informações de Murphy sobre ela ser um alvo específico. Essa mesma urgência alimentava a fome de Raphael por sangue esta noite. A melhor maneira de garantir a sua segurança era eliminar aqueles que procuravam prejudicá-la.

Duncan se aproximou.

— Dois sentinelas, meu senhor. — disse ele em um sussurrar que só outro vampiro podia ouvir. — Ambos eliminados.

Raphael assentiu. Em torno deles, a noite tinha ficado totalmente silenciosa. Todos os animais que poderiam ter estado cá fora anteriormente tinham tomado refúgio em suas tocas ou ninhos, ou qualquer outra segurança que poderiam encontrar. O derradeiro predador estava caçando hoje, o topo da cadeia alimentar do planeta, e os animais, mesmo os humanos, sabiam disso.

Ele se concentrou na casa em frente à ele. Era uma estrutura rústica, bastante antiga, mas bem conservada e maior do que ele tinha antecipado. Em vez de uma cabina lamentável parecida com a de Hugh Pulaski, esta era mais parecida com os alojamentos de caça da antiga Europa - estruturas com poucos quartos privados destinados a acomodar o senhor e sua comitiva no que era considerado conforto naquela época. O prédio na frente dele tinha sido expandido não muito tempo atrás, provavelmente em antecipação à sua temporada de matança. A ala adicional era óbvia e o cheiro acentuado de madeira fresca ainda picou seu nariz. As janelas estavam cobertas com cortinas espessas, mas havia luz visível nas bordas e havia definitivamente pessoas lá dentro.

Não havia música nem televisão para ser ouvida, e apenas conversas sem som, o que só fez a sua tarefa mais fácil. Ele ouviu atentamente e isolou os corações batendo e - inclinou sua cabeça, contando - treze humanos, um dos quais estava perto da morte. Com os dois sentinelas cujo coração nunca bateria de novo, isso dava um total de quinze humanos. Raphael tinha a si mesmo e sete vampiros, incluindo Duncan e Juro. Não era uma luta justa. Para os seres humanos.

— Duncan?

— Pronto, meu senhor.

Raphael afastou a fachada de humanidade que usava como uma capa, libertou as cordas que mantinham seu poder escondido e o deixou fluir para fora dele como um rio de prata fundida. Ele aqueceu suas veias e acelerou o ritmo do

seu coração, fazendo seus pulmões se expandirem de forma mais completa a cada respiração. Era uma sensação emocionante que fez seus lábios recuarem em um sorriso vicioso de alegria pura, suas presas saindo de suas gengivas enquanto ele se tornava a forma mais pura do que era... Vampiro.

Abaixou a cabeça e centrou-se na estrutura frágil em frente dele. Ele poderia derrubá-la com uma passagem única de seu poder, poderia extinguir toda a criatura viva encolhida dentro de suas paredes. Mas isso seria demasiado fácil, demasiado bom para aqueles que ousaram machucar o que era mais precioso para ele. E seus vampiros mereciam aderir a esta caça.

Ele deixou o poder inchar para fora para tocar os humanos, ouviu seus gritos de medo quando as paredes balançaram ao seu redor, provou seu terror quando ele encheu suas mentes covardes.

— Garry McWaters. — ele sussurrou, enviando suas palavras em um fio de poder, para que todo o ser no interior da habitação pudesse ouvi-lo como se estivesse falado diretamente em sua orelha. — Venha para fora e me encare, se você ousar.

Raphael esperou, despreocupado. Havia pouca possibilidade de sua presa escapar. Mesmo que os humanos de alguma forma conseguissem esgueirar-se para fora da casa, seus vampiros iriam pegá-los antes que eles tivessem dado mais do que alguns passos. E se por algum acaso totalmente improvável de sorte conseguissem eliminar um de seus vampiros, talvez merecessem viver.

Ou talvez Raphael esperasse até eles acreditarem que estavam seguros, e então iria caçá-los e matá-los.

Depois de alguns momentos, ouviu vozes baixas do lado de dentro, palavras urgentes rapidamente silenciadas. As fechaduras estalaram e a porta se abriu. As luzes de dentro tinham sido desligadas, mas isso era mais uma desvantagem para os humanos do que para ele. Eles claramente tinham pouco conhecimento sobre quem tinham escolhido para lutar quando desafiaram Raphael e seus vampiros.

Vários homens surgiram finalmente das sombras no interior da casa, entrando lentamente na varanda estreita de madeira onde se espalharam, espingardas e outras armas em riste. Juro ficou tenso, mas Raphael assistiu impassível quando um dos homens se separou do resto, descendo os degraus para o quintal.

O humano era um homem grande, quase tão grande quanto Raphael. Sua cabeça estava raspada até ficar careca e usava roupas semelhantes aos caçadores de Raphael, equipamento de combate preto com botas de combate. Havia duas armas visíveis, e mais escondidas nele.

Juro começou a dar um passo adiante, sem dúvida com a intenção de desarmar o homem, mas Raphael deteve-o com um pensamento. Este era dele, não de outra pessoa.

Raphael franziu o cenho. Havia algo envolto em torno do pescoço e ombros do homem, atravessando sobre o peito.

Ele olhou para isso, então, levantou o olhar para o humano em descrença.

— Isso mesmo, vampiro. — o humano provocou. — Prata pura. Chupe isso!

Raphael trocou um sinal em silêncio com Duncan e depois se moveu. Mais rápido do que os sentidos primitivos de McWaters podiam detectar, Raphael arrancou as armas do homem e jogou-as de lado, enquanto Duncan bateu nos outros com uma explosão mental que os fez cambalear, deixando cair suas armas, enquanto caíam de joelhos, um deles vomitou sobre o lado da varanda.

Raphael deu um único passo para trás e fez uma pausa intencionalmente, sorrindo para o olhar de choque nos olhos do homem ao encontrar-se sozinho, cara a cara com o grande e mau vampiro, e desarmado. Recuperou-se com uma velocidade admirável, no entanto, enchendo o peito, confiante na proteção de seu talismã de prata.

O sorriso de Raphael tomou um tom de zombaria quando ele esticou a mão, pegou um dos medalhões de prata que servia de proteção ao peito do humano, e

quebrou a cadeia que o segurava no lugar. Brincando com o pedaço de prata nos dedos, ele segurou-o na frente do rosto de McWaters.

— Ssssst. — ele assobiou e riu quando o homem recuou em surpresa, os olhos arregalados de medo.

Raphael sorriu, revelando toda a extensão de suas presas. Todos os vampiros em torno da clareira rugiram em reação ao aumento de satisfação viciosa que emanava de seu Senhor.

— Garry McWaters, eu assumo. — Raphael confirmou desnecessariamente.

McWaters apenas olhou para ele, claramente aterrorizado. E ele tinha razão de estar, porque para ele o terror estava apenas começando.

— Ajoelhe-se. — Raphael disse calmamente.

McWaters começou a sacudir a cabeça, mas Raphael enviou o comando em linha reta para seu cérebro.

— Agora. — acrescentou.

O homem caiu no chão com um suave grunhido de dor.

Raphael olhou para baixo e viu o brilho prateado de seus próprios olhos banhando o rosto do homem de luz. Ele afastou seu casaco e começou a virar o medalhão de prata sobre os nós dos dedos da mão direita.

— Você deve saber humano, que eu sou Raphael. Foi a minha companheira que você alvejou. Minha companheira de que você se gabou de capturar em sua covarde emboscada. Meus vampiros que você matou a sangue frio.

Pensando na dor de Cyn, no terror de Marco e Preston, a visão de Raphael foi percorrida por uma névoa de vermelho por um momento.

Tudo nele gritava por vingança, exortando-o a esmagar esse humano como um inseto. Mas ele queria que ele sofresse em primeiro lugar.

A visão de Raphael limpou e ele contentou-se com uma pequena lasca de poder, sorrindo de satisfação quando uma série de estalos afiados irradiaram a

partir do braço direito de McWaters. O homem grunhiu em choque no início e então gritou quando todos os ossos do seu braço racharam em sequência, um de cada vez.

Raphael se aproximou e sussurrou.

— O que você acha, humano? Eu sou fraco? Estou encolhido em um canto aterrorizado por sua descarada demonstração de coragem ao enviar uma dúzia de homens para matar uma única mulher?

McWaters apenas olhou para ele, os olhos arregalados e sem foco com dor, lágrimas perdidas no suor que encharcava seu pálido rosto.

Não o suficiente. De forma alguma o suficiente.

Raphael estudou o homem, fingindo uma curiosidade que não sentia.

— Gostaria de implorar por sua vida? Provavelmente não vai ajudar, mas nunca se sabe, e tenho a certeza de que os meus vampiros iriam achar divertido.

Apesar do medo, a mandíbula do humano se apertou e ele balançou sua cabeça.

— Só não me faça um de vocês. — respondeu asperamente. — Eu prefiro morrer.

Raphael estendeu a mão e agarrou o homem pela sua grande garganta, levantando-o sem esforço até que seus pés pendiam vários centímetros acima do solo.

— Isso não será um problema.

***

Raphael agachou-se perto do que restava de Garry McWaters. Os intestinos do ser humano tinham sido furados e estavam jorrando veneno em seu sistema. Raphael tinha especialmente querido que ele experimentasse a precisa agonia que tinha infligido a Cyn. Cada osso em seu corpo havia sido quebrado, também, mas o humano ainda estava vivo, sua coluna continuava intacta para garantir que ele sentisse cada pingo de dor. Raphael se assegurou disso. Ele também se certificou de recuperar todos os pedaços de informação que o humano possuía sobre essa conspiração contra seus vampiros.

— Uma última lição antes de eu mandar você para o inferno. — disse Raphael, empurrando o casaco para tirá-lo do caminho. — Nunca, nunca, toque o que é meu.

Ele bateu com o punho no peito de McWaters, agarrou seu coração e espremeu. O homem gritou fracamente, o único som que ele teve força para fazer. Raphael olhou para cima e capturou o olhar do homem, e, em seguida, arrancou o coração de seu peito e levantou, olhando-o desapaixonadamente.

— Você acha que minha Cyn gostaria de um souvenir? — ele perguntou a Duncan.

Duncan inclinou-se de lado para estudar o órgão que gotejava.

— Provavelmente não, meu senhor.

— Não. — Raphael concordou. Ele exerceu uma pequena quantidade de energia e o coração pegou fogo, transformando-se em cinzas em segundos, logo se juntou o resto do corpo do McWaters.

Raphael limpou as mãos rapidamente e olhou na direção da casa. Os humanos restantes estavam amontoados contra as paredes, neutralizados pelo terror. Eles ainda tinham armas, mas eram incapazes de reunir a vontade de usá-las enquanto Duncan e os outros vampiros enchiam as suas cabeças com visões do pesadelo que os esperava.

— Vamos lidar com esses outros agora? — Raphael perguntou, piscando a Duncan um sorriso rápido. — Eu não trouxe meus caçadores até aqui apenas para assistir.

Ele deu um aceno de cabeça a Duncan e ficou para trás, sorrindo de satisfação quando seus vampiros uivaram sua libertação, quando os grilhões da civilização caíram e lhes foi dada rédea solta para caçar, para rasgar, para beber o sangue fluindo quente e doce da veia, enquanto o coração de suas presas palpitava sob as palmas das suas mãos. Doadores voluntários eram muito bons, muito melhor do que sangue ensacado, mas nada batia o viscoso jorro de calor quando um vampiro rasgava a garganta de sua vítima e colhia a recompensa de uma caça bem-sucedida.

Raphael encostou-se ao SUV e esperou, enquanto os humanos assassinos eram libertados de seus pesadelos e o terror verdadeiro começava.

Algum tempo depois, Duncan apareceu embaixo das árvores, passeando até onde Raphael estava sentado na porta aberta de um SUV.

— A julgar pelas fotografias no telefone celular de Cynthia, meu Senhor, eu estimaria que a maior parte de seus atacantes estava aqui. Os caçadores com Sophia e o Sr. Murphy podem ficar desapontados.

— Talvez. — Raphael disse distraidamente. Sua atenção estava no complexo distante onde Cyn estava começando a acordar do transe de cura profundo que ele tinha tecido ao seu redor. Ele voltou a concentrar-se em Duncan. — Acabou o pessoal?

— Sim. Juro está limpando o último deles agora. Pela manhã, não haverá nenhum vestígio de que alguém esteve aqui, além de seus veículos.

— Algum vestígio de sangue?

Duncan assentiu.

— Tanto no interior da cabine como em dois dos caminhões. Todos humanos, nenhum nosso.

Era uma maneira delicada de dizer que não havia cheiro de Cyn nas instalações ou nos veículos. Raphael debateu sobre o que fazer a seguir. Ele poderia deixar as coisas do jeito que estavam, ou queimar tanto a cabine como os veículos, deixando apenas uma enegrecida pilha para quem viesse à procura. Mas, não haveria corpos de qualquer maneira.

Alguns dos humanos tinham convidado a morte, encolhidos dentro da cabine, acreditando que estariam seguros lá, que os vampiros não podiam entrar na habitação. Infelizmente para eles, assim que McWaters morreu, a cabine deixou de ser a casa de alguém, o que a tornava semelhante a um prédio de escritórios onde qualquer pessoa poderia ir e vir, inclusive vampiros.

O resto, aqueles que tinham vindo para fora com McWaters em primeiro lugar, haviam, pelo menos, lutado e dado a seus vampiros uma boa caçada. Não que algum tenha escapado. Isso nem sequer era uma possibilidade. E uma vez que a caçada terminou, Duncan e Juro haviam incinerado os corpos, assim como Raphael havia eliminado McWaters. Nem todos os vampiros tinham o poder para fazê-lo, mas Raphael cercava-se de poder, não de fraqueza.

— Deixe a cabana como está. — disse ele finalmente. — Leve um dos veículos para o parque de estacionamento do bar. Isso dará aos investigadores algo para pensar quando descobrirem o corpo do proprietário lá. Deixe o resto dos veículos aqui. Mas assegure-se de que todos os corpos se foram tal como quaisquer outras provas, Duncan. As autoridades humanas podem ter as suas suspeitas, mas eles não terão nenhuma prova de que estivemos aqui.

— Claro, meu senhor.

Raphael virou na direção do complexo mais uma vez, puxado quase contra sua vontade. Cyn não estava fazendo isso conscientemente, mas a sua necessidade chamava por ele e isso era suficiente.

— Eu preciso voltar. — ele disse abruptamente. Começou a dar a volta ao SUV com intenção de dirigir, mas Duncan deu um comando afiado e dois vampiros apareceram fora da escuridão, suas botas de combate pretas fedendo a

sangue e violência. Raphael olhou para suas próprias roupas. Ele teria de tomar banho antes de ver Cyn.

Raphael pulou do SUV enquanto ele ainda estava andando, seu celular no ouvido.

— Meu senhor. — a voz de Saephan atendeu imediatamente.

— Eu estou no prédio. — disse Raphael ao mesmo tempo em que o gêmeo de Juro abria a porta para ele. — Vou tomar banho na casa dos guardas e estarei aí imediatamente.

Ele não se preocupou em perguntar aos seus guardas se alguma coisa tinha acontecido enquanto ele esteve fora. Se tivesse acontecido, eles teriam entrado em contato com ele. Em vez disso, ele tomou o corredor do lado esquerdo da sala grande, indo para a ala oposta àquela onde ele tinha seus aposentos particulares, alcançando a porta para as escadas do porão quase em uma corrida.

Abriu a porta do primeiro quarto que encontrou, notando distraidamente que estava a ser usado atualmente por um de seus homens vampiros. As probabilidades tinham-no favorecido, mas teve sorte à mesma, porque ele pretendia pegar algumas roupas emprestadas.

Igualmente feliz foi o fato desta seção estar reservada para a segurança pessoal de Raphael e os vampiros tenderem a ser maiores do que o normal.

Ele rasgou suas roupas ensanguentadas e sujas, soltando-as numa pilha. Alguém poderia recuperá-las mais tarde. O que pudesse ser salvo iria ser limpo e voltaria para ele. Qualquer outra coisa seria queimada. Entrou no chuveiro enquanto ele ainda estava aquecendo, ensaboando o corpo e lavando o cabelo com rápidos movimentos econômicos. Ele podia sentir a inquietação de Cyn. Em algum nível, ela sabia que ele estava perto e queria-o mais perto. E, embora ele tivesse saído a apenas algumas horas, precisava vê-la novamente, precisava ver com seus próprios olhos que ela estava bem, antes do sol nascer e o privar de seus sentidos.

Esfregando uma toalha sobre o cabelo molhado, ele vasculhou através da roupa disponível. Um par de calças de corrida e uma T-shirt vieram à mão, que era tudo o que precisava.

Dois minutos mais tarde e ele estava de volta no andar de cima - com os pés descalços, o seu cabelo ainda molhado, toalha na mão, atravessando a sala grande na direção de seus aposentos privados na ala oposta. Chen Wei saiu do escritório quando Raphael caminhou por lá. O líder do ninho de Seattle abriu a boca para dizer alguma coisa, provavelmente para perguntar sobre a caçada, mas Raphael falou primeiro.

— A mulher humana que trabalha para você. — disse ele. — Vai estar aqui amanhã? — Ele não desacelerou, obrigando Chen Wei a apressar-se ao lado dele.

— Sim, meu senhor.

— Encontre uma desculpa para mantê-la aqui amanhã até depois do por do sol. Alguém vai segui-la quando ela sair. E eu vou querer encontrar-me com você em particular rapidamente. Traga os registros dela. Você entendeu?

— Claro, meu senhor. Existe alguma coisa...

— Nada. — Ele afastou sua atenção do líder de Seattle, assentindo para Elke, que parecia não ter se movido o tempo todo que ele esteve ausente. Ele passou por ela e digitou o código para chamar seu elevador privado, esperando impacientemente por ele. A viagem para baixo foi interminável e ele voou pelas portas, logo que houve espaço suficiente para acomodar os seus ombros.

O Dr. Saephan estava calmo, apesar da precipitada chegada de Raphael. Sem dúvida ele tinha ouvido a partida do elevador e sabia o que isso significava.

— Senhor Raphael. — disse ele, curvando-se ligeiramente.

— Ela está bem?

— Muito bem, meu senhor. Eu removi a IV[16], por enquanto. O saco precisaria ser mudado durante o dia, e ela vai ficar bem sem ele durante essas horas. O que mais precisa ela terá, e isso é você, meu senhor. Falando nisso…

Saephan fez uma pausa como se medindo o humor de Raphael antes de continuar. Raphael afastou o seu olhar de Cyn dando-lhe um olhar indagador.

— Há sangue na geladeira, meu senhor, se você tiver necessidade dele.

Raphael não se mexeu. Em circunstâncias normais, ele tomava sangue de sua companheira e não outro. Mas isso era, obviamente, impossível em sua condição atual. Assim, ou Saephan temia que a fome de Raphael fosse levá-lo a retirar o sangue dela de qualquer maneira, e assim pôr em perigo sua vida. Ou ele estava honestamente preocupado que Raphael poderia estar negligenciando sua própria saúde por causa de sua preocupação com a cura de Cyn.

Raphael escolheu acreditar no último. — Obrigado, Doutor. — disse ele, seu olhar encontrando o de Saephan sem pestanejar. — A gente se vê amanhã à noite.

— Sim, meu senhor.

Raphael esperou até que ele ouviu as portas abrirem no andar de cima e fecharem novamente, confirmando com uma sondagem rápida que o elevador estava vazio. Ele então chamou-o de volta e trancou-o para a noite, fechando a porta do cofre através do pequeno vestíbulo e assegurando que estava segura.

Tirando a roupa emprestada, ele escorregou na cama ao lado de Cyn. Ela estava usando uma t-shirt de Raphael, obviamente selecionada pelo Dr. Saephan após o banho. Cyn raramente usava roupas para dormir de qualquer tipo e quase certamente não tinha trazido nenhuma com ela nesta viagem. Raphael sentiu um surpreendente prazer visceral ao vê-la em suas roupas e zombou-se em silêncio. Talvez ele não estivesse tão acima do homem primitivo como gostava de acreditar.

Ele deslizou mais perto, envolvendo seu corpo em torno do dela com cuidado.

[16] Sigla para Intra Venosa.

— Eu estou aqui, *lubimaya*. — disse ele desnecessariamente.

O corpo inteiro de Cyn relaxou quando ela se virou para ele, sua respiração se esgotando em uma expiração longa e lenta que aqueceu a pele nua de seu peito. Raphael fechou os olhos em alívio e colocou uma suave mão debaixo da camisa que ela usava, apoiando-a contra a pele nua da parte inferior das suas costas. Ambos precisavam do contato. Mas, neste caso, a necessidade dele poderia ter sido maior do que a dela.

— Eu te amo, minha Cyn. — ele murmurou. Adormeceu ouvindo a batida forte do coração dela contra suas costelas, nem mesmo percebendo quando o sol começou a sua ascensão diária.

# Capítulo 40

**Colin sentou-se no assento do passageiro na frente, dando à Robbie as** direções para o endereço seguinte na lista que os técnicos de Raphael tinham fornecido. Sophie sentou atrás dele. Ela não disse nada, mas ele estava extremamente ciente da sua presença, quase como se ela o estivesse tocando mesmo sabendo que não estava. Ele se perguntou se tinha alguma coisa a ver com o sangue que ela tinha tomado dele. Será que isso os tinha ligado de alguma maneira?

Robbie fez uma curva e Colin olhou para cima. Eles estavam indo em direção à casa de Curtis Jenkins, mas algumas pessoas na lista ficavam a caminho, então eles iam parar nesses endereços enquanto se dirigiam para lá. Eles já haviam checado dois deles e não levou tempo algum, já que nenhum deles estava em casa.

Eles ainda não tinham ouvido nenhuma palavra de Raphael e o seu pessoal, mas ainda era muito cedo para esperar qualquer coisa. Depois de tudo, ambas as velhas casas da família McWater eram bastante longe. Talvez ele tivesse esperado mais devido à afirmativa de Duncan que disse que os vampiros poderiam vir em sua assistência em alguns minutos, não importa onde eles estivessem. Ou talvez porque ele estava certo em algum aspecto que Garry estava em uma daquelas

cabanas escondidas, e que seu velho amigo não sobreviveria a essa noite se Raphael tivesse alguma coisa a dizer sobre isso. E Colin estava bastante certo que Raphael tinha muito a dizer sobre aquele assunto em particular.

Não que Colin o culpasse. Garry e seus novos amigos tinham tentando assassinar Leighton. Eles mataram Leon, Marco e Preston. E Garry se gabava do que tinha feito à Mariane. Mas após tantos anos cobrindo a sua retaguarda... Inferno, talvez tenha sido essa a real razão para que ele tivesse sugerido separar em dois grupos. Para que ele não tivesse que encarar a execução de seu amigo. Ou, melhor dizendo, seu ex-amigo. Ele podia ter sentimentos contraditórios com relação à morte de Garry, mas não tinha nenhum mesmo sobre a forma pretérita da existência da amizade deles.

— Pensamentos profundos, cara. — Robbie disse, sem olhar para longe da estrada.

Colin grunhiu e passou a mão pelos cabelos, ciente de que Sophia estava ouvindo cada palavra. Ela sabia que ele era ambivalente sobre os planos de Raphael para McWaters e os outros humanos. E ela o estava observando, provavelmente imaginando se ele a iria julgar, também, antes que a noite acabasse.

Colin virou ao contrário no assento. — Estou surpreso que você não tenha ido com Raphael, Jeremy. — ele disse ao vampiro sentado ao lado de Sophia.

Jeremy deixou de encarar a janela. Ele havia ficado mais tenso com cada milha que eles se afastavam do bar, e Colin reconheceu isso pelo que era. Medo, simples assim. O vampiro podia estar determinado a buscar vingança por sua parceira, mas ele nunca tinha estado em nenhum tipo de batalha antes. Ele estava muito assustado.

Jeremy lançou um olhar rápido para Sophia antes de responder a Colin. — Sou apenas um contador. Lorde Raphael e o seu povo estão acostumados a um tipo de violência que me é completamente estranha. Alguns deles têm estado com ele por décadas e lutaram desafio após desafio. Eu só ficaria no caminho.

Colin deu de ombros. — Estamos propensos a encarar alguma merda aqui, também, você sabe. Se nós encontrarmos esses caras, eles não vão se render fácil.

Jeremy assentiu firmemente. — Sim. E eu não vou te prejudicar. Posso ser um contador, mas eu também sou um Vampiro. E além disso, espero pelo menos que um desses que vamos encontrar esteja entre aqueles que atacaram minha Mariane. Eu devo isso a ela.

— Eu não tenho *nenhum* problema com isso. — Colin assegurou, ciente da diversão mórbida nos olhos escuros de Sophia. Ele suspeitou que era sobre o fato de seu amado humano estar menos nervoso que um maldito vampiro sobre ir à uma briga.

E falando nisso, que infernos ela quis dizer no complexo quando o chamou de companheiro? Isso com certeza fez Raphael o olhar com outros olhos. Alguém não devia ter perguntado a *ele* se ele queria ser seu companheiro? Inferno, não tinha até mesmo uma cerimônia envolvida? Ele revirou os olhos, percebendo que estava parecendo uma noiva relutante. O que ia vir a seguir, pelo amor de Deus? Ele ia começar a se preocupar em ganhar um belo anel? Merda.

Ele ficou aliviado quando Robbie fez a última curva, trazendo a casa seguinte à vista. Dê a ele uma luta limpa qualquer dia da semana. Era muito mais fácil do que tentar adivinhar vampiros.

Robbie diminuiu a velocidade, parando antes que eles deixassem a proteção das árvores. Atrás deles, a segunda SUV, com meia dúzia dos caçadores de Raphael dentro, acompanharam a manobra. Havia luzes dentro da casa, mas nenhum veículo parado na frente.

— O que você acha? — Robbie perguntou, olhando através do pára-brisas.

— Eu acho que a esposa está em casa. Eles não têm filhos. — Colin soltou o cinto de segurança. — Fique aqui. Eu vou bater na porta. — Sophia acariciou seu ombro enquanto ele saía e deu uma piscadela reconfortante enquanto ele fechava a porta da caminhonete silenciosamente e se dirigia à casa.

Ele o fez lentamente, seus dedos acariciando a coronha de sua arma. Ele checou ambos os lados da casa, procurando por um veículo ou até mesmo algum tipo de galpão onde alguém poderia estar escondido. Mas não tinha nada. Ainda assim, ele deu passos cautelosamente e ouviu a porta por um momento antes de bater.

O som da televisão imediatamente ficou mudo. Ele bateu de novo. Alguém praguejou, e ele ouviu o que pareceu uma cadeira reclinável sendo abaixada e os passos se aproximando da porta. Quem quer que fosse, usava pantufas. Ele podia ouvi-las com cada passo. A porta abriu.

— Colin. — A mulher parada na frente dele não pareceu ou soou feliz em vê-lo.

— Jan. — ele disse educadamente. — Gordon está em casa?

— Parece que ele está em casa? Você vê uma caminhonete grande e preta aí fora em algum lugar?

— Não senhora, eu não vejo, mas é sempre possível que esteja na loja.

— Bem, não está. Você quer Gordon, então é melhor ir em direção à Curtis. Todos eles estão cozinhando alguma coisa lá. E antes que você pergunte, eu não sei e não quero saber que diabos é.

Quando Colin não reagiu imediatamente, ela fez um som enojado. — Mais alguma coisa? Estou assistindo aos meus programas.

Colin balançou a cabeça. — Não, senhora. Isso é tudo. Eu checarei no Curtis, como você disse.

— Bem, vá então. Jesus Cristo. — ela murmurou, já fechando a porta na cara dele.

Colin sorriu, apesar de tudo. Antes de ele ter dado dois passos na escada, ouviu um clique da cadeira reclinando de volta, seguido de uma onda de risadas enlatadas enquanto Jan voltava a assistir seus programas.

Ele ainda estava sorrindo quando voltou à SUV.

— Ela realmente parecia feliz de te ver parado em sua porta, Murph. — Robbie observou.

— Você adivinhou. — Colin concordou. — Ela nos salvou um grande tempo, entretanto. Disse que o marido dela e todos os amigos estão na casa de Curtis Jenkins. Parece que esses caras estão se escondendo no quarto do pânico de alguém, afinal.

— Nos salvou algum tempo e munição.

— Se você os encontrar, nós não precisaremos de muita munição. — Sophia entrou na conversa, sua voz sexy e baixa, um nítido contraste com a sede de sangue em suas palavras. — Nós vampiros preferimos uma solução mais direta para resolver nossos problemas.

— Sim, senhora. — Robbie concordou. — Eu vi Lorde Raphael em ação e direta é definitivamente a palavra que eu usaria.

— Eu quero sangue. — Jeremy disse em um murmúrio selvagem no banco de trás. Ele levantou o olhar e encarou Colin. — Sangue humano. Eu quero que a própria noite grite com o terror deles.

Colin encontrou o olhar intenso dos vampiros, notando o brilho vermelho piscando em seus olhos. — Eu espero que você consiga o que quer, Jeremy — ele disse, — pelo bem de Mariane.

Colin virou o rosto para frente mais uma vez, observando a estrada escura desaparecer embaixo deles enquanto eles corriam para a casa de Curtis Jenkins. Ele só esperava que o sangue humano que Jeremy estava tão faminto não fosse o dele e nem o de Robbie.

# Capítulo 41

**Sophia passeava no centro da estrada de cascalho, ou talvez fosse um** caminho. Tudo parecia a mesma coisa e realmente, que diferença fazia saber qual dos dois era? A única coisa com a qual ela se importava eram os rastros de cada lado onde o cascalho tinha desaparecido na sujeira, deixando uma bagunça irregular, desigual. Ela tinha usado suas robustas botas de salto plano, antecipando que poderia ter algum esterco na lama, mas isso não significa que ela *queria* que tivesse algum esterco.

Ela sorriu, divertindo-se a si mesma, apesar da gravidade da situação. Ela teria que dividir esse pensamento com Colin uma vez que tudo isso tivesse terminado e eles estivessem novamente em segurança em Vancouver. Porque era para lá que ela estava indo. Chega de se esconder na América do Sul. Se Lucien estava morto - e ainda a afligia pensar nisso - mas se isso fosse verdade, então ela pretendia ser a próxima Lorde Vampira dos Territórios Canadenses. E se Lucien não estivesse morto? Se de alguma forma ele conseguiu esconder-se completamente enquanto os outros limparam sua bagunça? Ela franziu a testa.

Talvez fosse melhor para ele se estivesse morto.

Um pequeno som a trouxe de volta ao presente e à casa no final da estrada. Ela olhou curiosamente. Talvez todos os humanos desaparecidos não estivessem

se escondendo lá, mas muitos deles estavam. Ela contou cinco caminhonetes paradas na frente, como cavalos no pasto. E tinha um brilho de metal ao redor da casa que poderia facilmente ser mais uma ou duas.

Mesmo dentro da cobertura da floresta, e a camuflagem por suas roupas escuras, ela fez uma pausa, avaliando a situação. Ela podia não ser tão experiente em combate como Raphael e seu povo, ou mesmo Colin e seu amigo Robbie, mas ela lutou sua cota de desafios ao longo dos anos. E desde que os duelos entre vampiros eram frequentemente até a morte, especialmente entre estranhos, ela não estaria aqui em frente a esta habitação triste se não tivesse aprendido a lutar... E vencer.

A casa em frente a ela estava escura em sua maioria. Talvez eles estivessem esperando ocultar sua presença da estrada. Ou talvez Colin estivesse certo e eles estivessem todos reunidos no porão. De qualquer forma, eles não se preocuparam com sentinelas. Os vampiros que Raphael enviou com ela e Colin já tinham sondado a casa e reportaram que não encontraram ninguém.

Ela identificou Colin e Robbie enquanto eles vinham atrás dela, seus batimentos cardíacos humanos os delatando, apesar do fato de que eles andavam tão silenciosamente quanto um vampiro. Eles moveram para suas posições em cada lado dela, desaparecendo entre as árvores. Em resposta, ela deixou a cobertura das árvores para trás e deu um único passo dentro do pátio da propriedade. Um clique soou alto e ela estremeceu, baixando os olhos contra um fluxo de luz amarela de cima. Tarde demais ela reconheceu o espalhamento de buracos irregulares ao redor da casa pelo que eram. Luzes de segurança ligadas a algum tipo de sensor de movimento que ela tinha acabado de ativar.

Não que isso importasse. Ela queria ser vista. O plano era tirar os humanos da casa e isso seria feito de qualquer jeito.

Certa o bastante, outra luz acendeu sobre a porta da frente pouco antes dela se abrir para revelar um humano magro parado atrás da tela e observando o quintal. Era tolice dele fornecer um alvo tão fácil. Felizmente para ele, atacá-lo na porta não era parte do plano.

— Animais provavelmente ativam essas luzes o tempo todo. — Colin sussurrou de algum lugar à sua esquerda.

Sophia acenou e deu mais dois passos à frente, tendo certeza que o humano conseguiria vê-la.

O humano estremeceu levemente quando ela apareceu, congelando por um instante longo demais. Testamento futuro por seus instintos de sobrevivência pobres. Como se tardiamente consciente de que estava destacando-se, o humano voltou para dentro e apagou a luz falando alguma coisa para alguém atrás dele antes de abrir a porta de tela e pisar na varanda. Ele carregava um rifle de algum tipo, e ele o tinha apoiado em seu ombro. Mas ao mesmo tempo em que ele o tinha mais ou menos apontado na direção dela, mesmo ela poderia dizer que não estava exatamente apontado para ela. Ela era, afinal de contas, apenas uma mulher, completamente sozinha. Que ameaça poderia representar para um homem armado?

Essa era a parte do plano que Colin tinha sido contra. Ele tinha odiado a idéia de tê-la parada lá no espaço aberto, só esperando para ser atingida. Sophia tinha assegurado a ele que poderia sobreviver a provavelmente qualquer ferida por arma de fogo, mesmo que na cabeça, enquanto a maior parte de seu cérebro permanecesse intacto. Colin tinha respondido enumerando a lista de balas prontamente disponíveis que poderiam explodir seu cérebro para fora de sua cabeça bem facilmente. E, além disso, ele salientou que esses eram os mesmos homens que tentaram assassinar Cynthia Leighton, mesmo que ele tivesse admitido, quando pressionado, que a maioria dos homens hesitariam em atirar em uma mulher sozinha e desarmada.

E só para adoçar a discussão, Sophia havia lembrado a ele que mesmo quando eles estavam *tentando* matar Cynthia Leighton, eles atiraram em seu corpo, não em sua cabeça. É claro, sempre havia a possibilidade de que eles estivessem *mirando* sua cabeça e tivessem simplesmente errado, mas ela não tinha mencionado isso para Colin. Ele já tinha o suficiente para se preocupar.

O homem magro da casa deu mais um passo a frente, chegando na extremidade da varanda, a ponta de uma das botas pendendo sobre o primeiro

degrau. Ele baixou o rifle levemente e fez uma lenta volta de 180 graus enquanto procurava pelo quintal sujo, virando de volta para ela quando não encontrou nada lá.

Ele sorriu, revelando uma boca cheia de dentes iguais e brancos.

— Ei caras. — ele virou para trás, chamando por cima de seu ombro. — Vocês tem que ver isso.

Deixando cair a arma ao seu lado, ele pulou os quatro degraus para o chão, aterrissando com os dois pés em uma nuvem de sujeira. Mais homens se amontoaram para fora da varanda atrás dele, todos armados, alguns pulando a escada para cair diretamente fora da varanda e se posicionando nos lados. Sophia contou rapidamente. Sete humanos. Ela se perguntou quantos Raphael tinha achado.

— Foi isso que os vampiros inventaram agora? — O primeiro homem perguntou zombeteiramente. — Mandar uma mulher humana para fazer o trabalho sujo? Você tem uma mensagem para nós, docinho?

Sophia deu de ombros. — Pelo que eu sei, as mulheres sempre fizeram o trabalho sujo.

— Não é mal o suficiente que ela seja uma maldita fodedora de presas. — alguém murmurou. — Ela é uma maldita femi-nazista fodedora de presas.

— Apenas mais uma razão para apagá-la, pelo que vejo. — o homem magro disse, seu olhar afiado descansando brevemente em seu rosto antes de continuar a procurar nas árvores.

— Porém é bonita o suficiente. — outro disse, andando os quatro degraus da varanda em duas longas passadas. — Talvez nós devêssemos ter alguma diversão antes de nos livrarmos dela. O que você acha disso, linda? — Ele perguntou. — Você quer foder com alguns do seu tipo antes de morrer?

Sophia inclinou a cabeça curiosamente. Interessante que eles tivessem assumido que ela era humana. Eles nunca tinham visto uma vampira?

— Eu não transo com animais. — ela disse calmamente.

Vários dos homens praguejaram porcamente, o último deles pulando da varanda para o quintal, onde eles a confrontaram em um semi-círculo tenso, embora eles ainda estivessem há vários metros de distância. Mesmo com toda sua bravura, nenhum deles estava planejando deixar a proteção de seu rebanho.

O homem magro deu um passo agressivo para frente. — Olhe a boca, cadela, ou vou enchê-la com algo útil.

— E o que isso seria? — ela perguntou curiosamente.

— Ei, Curtis. — um dos outros homens chamou de repente, — Algo não está certo sobre isso. — Evidentemente o cérebro do bando, ele voltou em direção à varanda, olhando ao redor, inquieto. — O que ela está fazendo aqui sozinha?

Atrás de Sophia, a voz de Colin soou: — Quem disse que ela está sozinha?

Ela sorriu, deixando-os ver suas presas, enquanto todos os vampiros saíram detrás da cobertura das árvores.

Os humanos viraram quase como um, correndo para a segurança da casa. Sophia liberou o seu poder, batendo a porta e impedindo a sua retirada, dispersando-os para os braços dos caçadores de Raphael.

Todos exceto o homem magro, Curtis Jenkins. Jenkins era dela.

Ignorando os sons da batalha ao redor dela, confiando completamente na capacidade de seus colegas vampiros de lidarem com meia dúzia de humanos e sabendo que Colin cobriria suas costas, ela prendeu Jenkins nas teias de seu poder e o puxou lentamente, inexoravelmente, através do quintal até que ele estivesse parado a dois passos dela, jogando maldições enquanto ele lutava para se libertar.

— Fique quieto. — ela murmurou, irritada.

A boca do humano começou a mover-se, abrindo e fechando como um peixe lutando por oxigênio. Quando nenhuma palavra saiu, seus olhos se arregalaram e ele encarou Sophia em choque.

— Curtis Jenkins. — ela disse, sorrindo agradavelmente. — Eu decidi que quero foder com você depois de tudo. — Ela franziu a testa. — Oh, espere, isso não está certo. Meu vocabulário... — ela acrescentou, balançando a cabeça em consternação. — Deixe-me pensar. Ah. Não. Eu não quero foder *com* você. Isso é bastante repulsivo. O que eu quero é *te* foder.

O sorriso dela desapareceu e ela fez o humano ficar de joelhos. Ruídos estrangulados encheram a sua garganta enquanto ele se debatia por isso, lutando para quebrar as teias invisíveis do poder dela. Sophia o circulou lentamente, se divertindo com o jeito que a cabeça dele se torcia enquanto ele tentava mantê-la à vista.

— Diga-me, Jenkins, você sabe onde está Lucien?

O humano congelou, claramente assustado com a pergunta dela. Ele olhou para ela, confuso.

Intrigada com sua reação, Sophia inclinou a cabeça, curiosa. — Você sabe quem é Lucien?

Ele balançou a cabeça freneticamente, os olhos arregalados.

Sophia suspirou. Ela não sabia por que tinha pensado que seria tão fácil. Jogando fora toda pretensão de humanidade, ela mergulhou diretamente na mente do homem, rasgando em pedaços, em busca da verdade. Seus pensamentos eram uma fossa de ódio e ressentimentos e ela se sentia manchada pelo toque delas. A maior parte de sua mente era sobre o triunfo do recente ataque de sua gangue na parceira de Raphael e Colin, também. Ele se ressentia por Colin ter sido contratado para o trabalho local de aplicação da lei, acreditando que ele era muito mais qualificado, embora o que o fizesse pensar assim não fosse claro.

Mas o ataque brutal à jovem companheira de Jeremy também estava lá, rodeado por um desejo selvagem que enojou sua alma. Ela destruiu aquela memória sem hesitar, não se importando com o dano que causaria. Cambaleando com nojo, ela estava debatendo se precisava perder mais tempo neste pedaço de lixo quando um rosto familiar brilhou levemente - estava lá e sumiu.

Sophia cavou mais, tentando chamá-lo de volta, mas estava perdido num turbilhão de memórias recentes, a maioria que não valia a pena lembrar.

A frustração a fez descuidada e ela separou a mente do humano da dela muito rapidamente. Os músculos do corpo dele convulsionaram todos de uma vez e então foram liberados com um estalo audível como o lançamento de uma mola. Isso o fez se alastrar pelo chão onde ele ficou tremendo enquanto o cérebro dele se recuperava de sua indelicada sondagem.

Sophia o olhou friamente. Ela levantou uma mão para acabar com tudo, fazendo uma pausa quando ouviu passos familiares. Ela virou a tempo de ver Colin emergir das sombras sob as árvores. Ele estava carregando algum tipo de arma em uma mão e enquanto ele se aproximava ela detectou o distinto cheiro de pólvora em suas roupas. Ela piscou, de repente registrando o fato de que ela tinha ouvido um tiro há algum tempo atrás.

— Você está bem? — ela perguntou, o escaneando rapidamente.

Colin deu a ela um meio sorriso. — Bem. — Ele inclinou-se ao seu redor, olhando Jenkins com desinteresse entediado. — E este?

Algum resquício do cérebro de Jenkins reconheceu a voz de Colin, e ele grunhiu, chamando sua atenção. Ele estava de costas no chão, imóvel, a não ser pelos olhos que estavam bem abertos e fixos em Colin. Sophia o observou com curiosidade, se perguntando se talvez ele tenha retido apenas o suficiente do cérebro animal para pensar que o seu amigo humano o salvaria.

— Você precisa de alguma ajuda aqui, querida? — Colin perguntou a ela.

— Não, eu peguei esse.

— Se você tem certeza, então eu vou rastrear o Jeremy. Ele estava parecendo bastante verde há um tempo atrás.

Sophia ficou na ponta dos pés e puxou a cabeça de Colin para baixo para um beijo rápido. Ele piscou, claramente sobressaltado, mas seus olhos acenderam com prazer. — Isso não vai durar muito. — ela garantiu a ele.

Colin assentiu e passou por ela, indo para a parte de trás da casa. Ela observou-o ir, admirando a forma como ele se movia, aquela graça suave dos quadris de um homem poderoso. Ela suspirou com prazer. E então se virou de volta para Jenkins.

— Agora, onde estávamos?

Colin estava surpreso com si mesmo. Ele não tinha escrúpulos sobre deixar Jenkins lá com Sophie, mesmo que ele soubesse que só havia um resultado possível. Não era uma questão de saber se o velho ia morrer, mas como. E se Sophie queria fazer as honras, isso estava ótimo para ele. Em algum momento entre o dia em que ele descobriu Mariane devastada à beira da morte e a tarde em que ele levou correndo o corpo ensanguentado de Leighton de volta para seu vampiro apaixonado numa aposta desesperada de salvar a vida dela, ele decidiu que essas pessoas não mereciam viver. E ele não confiava nos tribunais para servir a justiça quando se tratava de vampiros e das mulheres humanas que os amavam.

Ele ouviu um grunhido suave e trouxe sua arma para cima, seus olhos procurando as sombras atrás da casa enquanto ele avançava lentamente. Ele tinha visto Jeremy desaparecer aqui atrás há algum tempo. O vampiro não era um soldado e era inteiramente possível... Ele congelou em um meio passo, deixando o pé cair lentamente no chão.

— Ei, Jeremy. — ele disse cuidadosamente.

O vampiro levantou a boca do pescoço de alguém que Colin não reconheceu, cuspindo uma gota de sangue e carne antes de se virar para Colin com um sorriso macabro. — Oi, Colin. — disse ele alegremente.

Colin chegou mais perto. O humano estava claramente morto, embora seu sangue ainda pingasse, então não tinha acontecido há muito tempo.

— Você conhece esse cara? — ele perguntou, encarando Jeremy.

— Bem o suficiente. — o vampiro disse sombriamente. — Ele era um daqueles que machucou minha Mariane. Eu só vi relances do que aconteceu naquele dia, mas a voz dele foi uma que eu reconheci. Não sei seu nome. Você sabe?

Colin estudou a bagunça que era o rosto do homem. Ele balançou a cabeça. — Não.

— Não importa. — Jeremy disse. — Sophia vai destruir todos os corpos antes de sairmos daqui essa noite de qualquer forma. Até eu sei disso sobre como as coisas são feitas.

Colin assentiu. Ele ouviu Sophie dizendo algo sobre isso para os outros, embora ainda não tivesse uma imagem clara de *como* isso seria.

— Nós provavelmente devemos arrastar este para frente. — disse ele. — Você precisa de alguma ajuda com isso?

Jeremy se levantou com a surpreendente velocidade e graça que todos os vampiros pareciam possuir. Ele agarrou o braço do humano morto e ergueu-o facilmente, lançando-o sobre um ombro em um transporte de bombeiro, como se ele não pesasse nada. Ele sorriu para o olhar surpreso de Colin.

— Vampiro, lembra? Melhor se acostumar com isso, se não quer que Sophia transforme você em farrapos.

Colin observou o vampiro partir com o seu fardo como o oitavo anão em um conto de fadas particularmente horrível. E ele tinha a sensação de que Sophia o ia esfarrapar não importa o que ele fizesse.

Demorou um pouco para que eles limpassem tudo, mas eventualmente Sophia estava andando ao lado dele de volta para onde eles deixaram os SUVs parados em um caminho estreito que saía na estrada principal. Os corpos estavam reduzidos a cinzas e espalhados por toda a floresta, então não haveria nenhuma pilha de cinzas suspeita para alguma diligente tecnologia de crime peneirar. Não que fosse provável eles encontrarem alguma coisa mesmo que procurassem. O poder de Sophie produziu um incêndio que desintegrou carne e

osso mais profundamente do que qualquer chama normal poderia ter feito. O resultado era algo que mais se assemelhava a restos de uma fogueira do que qualquer cremação humana. Isso deu a Colin uma pausa para perceber que Sophie tinha todo esse poder dentro dela, mas também o fez um pouco orgulhoso.

Ele ficou em silêncio enquanto se aproximavam dos SUVs, mas precisava saber uma coisa e Sophie era a única a quem ele poderia perguntar.

— Você viu o que Jeremy fez para esse cara. Eu nem mesmo poderia identificar quem era quando ele terminou.

— Sim.

— Foi isso que... Quero dizer, você acha que foi isso que Raphael fez para Garry?

Ela pegou a mão dele, fazendo-o parar para que pudesse olhar em seu rosto. — Seu amigo…

— Não meu amigo. — insistiu ele, encontrando o seu olhar de forma uniforme. — Não mais.

Sophia assentiu lentamente, reconhecendo a distinção. — McWaters, então, ele tentou assassinar a companheira de Raphael. Você viu o que Jeremy fez, o que a sua necessidade de vingança o levou a fazer. E Jeremy é… — Ela balançou a cabeça, como se procurasse uma comparação. — Jeremy é uma respiração de criança em relação à tempestade mais destrutiva que o mundo jamais viu, que destrói tudo em seu caminho sem ter nada em consideração. E essa tempestade é o Lorde Raphael.

Ela pegou a outra mão dele, apertando suavemente. — McWaters muito provavelmente está morto a esta altura, e não há nenhum benefício a ser encontrado na tentativa de imaginar coisas que são muito além da imaginação da maioria das pessoas.

— Porra. — Colin desviou o olhar. — Mac não era quem eu pensava que era. Ele acabou por descer tão baixo quanto um homem pode descer. Mas ele era um

bom soldado, também. E uma vez foi um homem honrado. É duro. Sentimentos não podem mudar tão facilmente, você entende?

— Sim. Às vezes as pessoas nos decepcionam, mas isso não muda as nossas memórias delas.

— Sim. — Ele apertou os dedos em sua mão e começou a andar de novo, olhando para cima quando chegaram à estrada e Robbie chamou o nome de Sophie.

Veio em direção a eles, no escuro, segurando um celular. — Duncan — disse ele e ofereceu-lhe o seu celular.

Sophie assentiu como forma de agradecimento e aceitou o telefone. — Aqui é a Sophia.

Sua boca apertou em irritação, enquanto ouvia, mas a sua voz manteve-se toda negócios. — Sim, claro. — disse ela. — Os corpos foram queimados até virarem cinzas e elas foram espalhadas ao acaso, todo o rastro de sangue eliminado. Nenhum dos nossos foi ferido.

Ela escutou um pouco mais e depois levantou a cabeça e perguntou a Colin. — Quanto tempo demoramos a chegar ao complexo?

— A esta hora da noite, podemos fazer o tempo. Meia hora, provavelmente, quarenta minutos no máximo.

Ela repetiu a informação e assentiu com a cabeça de forma automática tal como toda pessoa faz ao telefone. — Amanhã à noite, então. Eu estarei lá. — Ela desligou o telefone e entregou-o a Robbie com um murmurado: — Obrigado.

Ela olhou para Colin e disse calmamente: — Vamos conversar mais tarde.

Ele assentiu, tomando-lhe a mão novamente e continuando a ir em direção aos SUVs. Ele imaginava que o que quer que fosse que eles tinham planejado para amanhã à noite envolvia o Lucien ainda desaparecido. Os humanos responsáveis pelos assassinatos podiam ter sido eliminados, mas Lucien tinha algo a ver com isso, também, e ele ainda estava desaparecido. Estaria morto? Ou

estaria organizando tudo de algum lugar escondido? Colin não sabia. E parecia que ninguém mais sabia.

Mas Colin sabia de uma coisa. Ele não ia sair do lado de Sophia até Lucien ser encontrado e neutralizado. O Lorde vampiro era o criador dela e isso dava-lhe algum tipo de poder sobre ela. O bastardo também tinha chamado Sophie de volta para Vancouver, tinha deixado que ela e outros arriscassem suas vidas, pagando o preço por *sua* estupidez e covardia pura. Mas agora que a bagunça foi limpa, agora que Lucien não *precisava* mais de Sophie, ele podia vê-la como uma ameaça. Ele podia estar procurando se livrar dela.

Mas Colin precisava dela. Agora e para sempre. Ele tinha-a perdido uma vez e não tinha intenção de perdê-la novamente. Jenkins e seus amigos não tiveram a clarividência de se armar com balas capazes de matar vampiros, mas Colin não cometeria esse erro. Não quando a vida de Sophia podia estar em jogo.

# Capítulo 42

**A primeira coisa que Raphael ouviu quando acordou, a primeira coisa** que procurou escutar, foi o batimento cardíaco de Cyn, ainda pulsando contra seu peito. Ele sentiu-o em seus sonhos, mas isso não impediu que o alívio apertasse seu coração ao encontrá-la lá de verdade quando a noite caiu em torno deles.

Ele tocou sua testa com os lábios, apertando os braços ao seu redor um pouco mais.

— Raphael? — ela disse, parecendo sonolenta, confusa e demasiado fraca.

— E quem mais poderia estar deitado nu em sua cama, minha Cyn?

Ele sentiu o sorriso contra a sua pele, e no momento seguinte sentiu-a ficar tensa drasticamente.

— Você está bem? Você...

— Eles estão mortos, *lubimaya*. Aqueles que te feriram, que assassinaram Marco e Preston e atacaram Mariane. Todos mortos.

Ela se afastou um pouco, procurando o rosto dele com olhos que estavam cansados com dor. A visão enfureceu-o e por um momento ele desejou ter mais uma centena de humanos para abater por sua vingança.

Algo deve ter sido mostrado em seu rosto, porque ela tocou seu rosto com dedos frios.

— Você tem certeza que está bem? — perguntou ela.

— Eu estou bem, minha Cyn. Como todo mundo, incluindo o seu Robbie.

— E Murphy, também?

Raphael sentiu uma onda de ciúme por ela até mesmo perguntar sobre o humano. Ela viu isso, também, e sua boca amoleceu num sorriso gentil.

— Eu amo você, Raphael.

Ele inclinou a cabeça para tocar seus lábios nos dela e ela respondeu pela primeira vez desde sua lesão, abrindo os lábios e deixando sua língua escovar levemente contra a sua.

Algo quebrou dentro dele naquele toque frágil, tão diferente de sua vida amorosa normal. Ele lutou para controlar a emoção, não querendo que ela ficasse perturbada com isso.

— O Senhor Murphy está ileso, também. — ele disse a ela. — E eu acredito que ele e Sophia são, como você diria, um item.

— Eles têm uma história. — Cyn murmurou, parecendo cansada, como se mesmo este curto diálogo a tivesse esgotado. Raphael beijou sua boca mais uma vez, brevemente. Em seguida, beijou a sua bochecha e testa, escovando o cabelo para trás com seus dedos.

— Eu preciso de um banho. — ela se afligiu.

— Você está perfeita, minha Cyn. — *Viva*, pensou em privado, que era tudo o que importava. Ela iria recuperar a sua força com o tempo. Pensando nisso, ele levantou o braço e cortou seu pulso com as presas.

— Você precisa beber, *lubimaya*.

Seus olhos abriram rapidamente. — E você? Se eu continuar a beber, você…

— Eu me alimentei a noite passada. — ele assegurou. Ela não perguntou, e ele não se ofereceu para lhe dizer de quem tinha sido o sangue que ele jantou. Mas ele e seus vampiros tinham se alimentado muito bem com o sangue de seus inimigos.

— Tudo bem. — disse ela. — Isso é bom, mas estou me sentindo muito melhor hoje à noite. Não preciso…

— Beba. — ele ordenou, interrompendo-a. — Vamos discutir o resto mais tarde.

Ela suspirou, mas rendeu-se ao inevitável. Estava muito fraca para lhe resistir, em qualquer caso. A boca dela fechou-se sobre seu pulso e ela começou a chupar. Raphael segurou a parte de trás de sua cabeça com a outra mão, seus pensamentos vagueando para a noite pela frente. Os seres humanos tinham sido cuidados, mas Lucien ainda era um problema. Ele precisava ser encontrado logo e tratado permanentemente. Raphael não podia mais tolerar a influência de um lorde vampiro estrangeiro dentro de seu território, particularmente um que trouxe tanto sofrimento para as pessoas de Raphael.

Lucien teria que ir, e Sophia teria que seguir.

# Capítulo 43

**Raphael estava puxando um suéter sobre sua cabeça quando Elke ligou** para dizer que o Dr. Saephan havia chegado. Cyn estava a dormir, mas acordou quando o telefone tocou, virando a cabeça para ver quando ele abriu a porta e mandou o elevador para cima para ir buscar o médico.

Enquanto esperava, Raphael ligou a Duncan, deixando-o saber que ele estaria lá em cima em breve e iria verificar os arranjos em relação à mulher humana que Wei Chen tinha empregado. Raphael não tinha certeza de que ela estava envolvida nos acontecimentos recentes, mas ele sentia que sim. Ele não tinha nenhuma prova tangível. Era instinto, nada mais, mas ele confiava em seus instintos. Eles o tinham guiado por um longo caminho desde a fazenda do seu pai na Rússia.

As portas do elevador se abriram e Peter Saephan surgiu, murmurando uma breve saudação a Raphael, enquanto ia diretamente para a cama e Cyn. Ele estava carregando uma geladeira portátil sob um braço e sua maleta preta na outra mão.

— Minha Cyn parece muito melhor esta noite, doutor. Ela dormiu durante o dia e só acordou há pouco tempo.

— Sua Cyn está bem aqui. — ela murmurou.

Saephan riu. — Você *está* se sentindo melhor. Eu nunca pensei que diria isso, mas senti sua falta.

— Boas maneiras, Doc.

— Guardei-as só para você, querida. — Saephan sentou-se e abriu a sua maleta. — Vamos dar uma olhada.

Raphael assistiu em silêncio quando o médico verificou seus sinais vitais, em seguida, ouviu-a no peito e rolou para cima a t-shirt para examinar seu abdômen. Cyn recuou mais de uma vez sob o seu cuidadoso toque e Raphael franziu a testa, mas o Dr. Saephan acenou satisfeito com a cabeça.

— Você está certo, meu senhor. — disse a Raphael e depois para Cyn — Você está definitivamente melhor. Mas, considerando que você estava quase morta, dois dias atrás, melhor é um termo relativo.

— Droga. — sussurrou ela, com apenas uma sombra do seu normal.

Saephan riu. — Você é uma paciente terrível, mas eu te amo. Então vamos lá, dê-me o braço.

Cyn olhou para Raphael enquanto estendia o braço com um suspiro. — Vá em frente. — disse a ele. — Eu vou ficar bem. E se não ficar, você pode chutar o traseiro do Doc aqui por mim.

Raphael atravessou o quarto, inclinando-se para dar-lhe um beijo cuidadoso. — Não é provável uma vez que ele ajudou a salvar sua vida, *lubimaya*. Mas porte-se bem e eu vou contar-lhe todas as notícias quando voltar.

— Notícias de quê? — ela perguntou, sua voz já sumindo como um bocejo cansado.

— O novo Lorde dos Territórios Canadenses.

Raphael acenou para Elke sempre vigilante quando saiu do elevador. Ela deu-lhe um olhar indagador e ele parou tempo suficiente para dizer: — Ela melhora a cada dia, Elke. Quando eu a deixei ela estava discutindo com Saephan.

Elke conhecia Cyn bem o suficiente para rir dessa, sabendo que era uma boa notícia. — Obrigado, meu senhor. — disse ela.

— Obrigado, Elke, por guardá-la tão bem.

Elke ainda estava enrubescida com prazer quando Raphael partiu para se juntar a Duncan, que o encontrou no meio da sala grande, entregando-lhe o casaco de couro que ele tinha deixado na sala dos guardas que ele tinha usado para tomar banho na noite passada. Tinha sido limpo e ele vestiu-o enquanto andava. Raphael gostava do casaco. Era confortável e funcional. Mas ele o usava em grande parte para benefício de Cyn. Ela adorava o casaco, dizendo que o fazia parecer todo *vampírico e dramático*. Ele o tinha substituído mais do que uma vez a seu pedido e agora tinha vários casacos idênticos de reserva.

— A mulher deixou o complexo logo após o pôr do sol, meu senhor. — Duncan disse enquanto andavam. — Justin e Aaron a estão seguindo e Wei Chen está na sala de conferências.

Raphael acenou com a cabeça. — Sophia?

— Ela passou o dia na casa do Sr. Murphy. — Duncan relatou secamente. — Eles estão a caminho daqui agora.

— Excelente. Wei Chen em primeiro lugar.

Raphael saiu da sala, se dirigindo não para a grande sala de reuniões onde ele cumprimentou Sophia no início de tudo isso, mas para a pequena sala de conferências mais privada abaixo, no corredor do escritório de Wei Chen.

O líder do ninho estava esperando por ele. Uma pasta de papel estava na mesa na sua frente e ele estava trabalhando ativamente em seu PDA quando Duncan abriu a porta. Ele colocou de lado o dispositivo imediatamente e se levantou, dando uma curta vénia.

— Boa noite, senhor. — disse ele. — Eu entendo que a caçada da última noite foi bem sucedida.

Raphael acenou com a cabeça. — Eliminamos a ameaça humana. — Ele se sentou, se recostando na cadeira, gesticulando para Wei Chen retomar o seu assento. — Mas Lucien continua foragido. — continuou ele. — E nem Sophia nem eu achamos qualquer conhecimento dele entre os seres humanos.

Wei Chen levantou a cabeça, pensativo, e depois bateu na pasta na frente dele. — Mas você acredita que Sandra Koepke pode ter conhecimento disso? — Ele assentiu e abriu a pasta, virando algumas páginas antes de voltar a pasta para Raphael poder ver. — Antes de vir para nós, ela trabalhou em Vancouver, meu senhor.

Raphael passou a pasta para Duncan, que se curvou sobre a mesa para lê-la. Levantando as sobrancelhas para o que ele encontrou, ele tirou o celular e fez uma chamada.

— Justin. — disse ele calmamente. — Qual é a sua localização? — Ele ouviu durante uns segundos, então disse: — Custe o que custar, continue seguindo-a.

Raphael olhou para o tenente, e Duncan disse: — Para onde ela está indo definitivamente não é o endereço que ela lista como sua casa.

Wei Chen olhou de Duncan para Raphael com surpresa. — Meu Senhor, eu...

— Ela tinha uma conexão com algum vampiro em Vancouver, ou em qualquer outro lugar antes de vir trabalhar aqui? — Raphael interrompeu.

Chen Wei parecia mal surpreendido pelas notícias de Duncan e levou um momento para processar a questão de Raphael. — Não, meu senhor. — insistiu ele. — Eu nunca a teria contratado se esse fosse o caso.

Raphael se levantou sem aviso, fazendo Wei Chen levantar em um salto. — Meu senhor?

— Eu vou fazer uma visita à Sra. Koepke. Você não lhe vai ligar ou comunicar com ela de qualquer maneira.

— Claro que não, meu senhor!

Raphael atravessou a porta que Duncan mantinha aberta para ele e entrou no corredor. Sophia e Murphy estavam vindo através das portas quando atingiu a sala grande.

— Sophia. — disse ele sem parar. — Você e Murphy querem se juntar a mim para isso. Você tem um veículo, Murphy?

— Sim, senhor. — disse Murphy, franzindo a testa.

— Ótimo. Pegue Sophia e siga-nos.

— Duncan, você e Juro. Ninguém mais.

— Juro já está esperando, meu senhor.

Raphael sorriu tristemente enquanto abria a porta e descia as escadas para o ar frio e úmido. Seus instintos gritavam mais alto com cada passo que dava. Ele ainda não estava certo do que esta noite revelaria, mas ele sabia que estava no caminho certo.

E Lucien estava esperando no final do mesmo.

# Capítulo 44

**— Você sabe para onde estamos indo?**

Sophia afastou seu olhar e seus pensamentos do SUV na frente deles. Era pouco mais do que um quadrado preto, com as luzes traseiras vermelhas brilhando como os olhos de um demônio na estradas escuras. Colin tinha as duas mãos fechadas sobre o volante e estava tão tenso quanto ela.

— Eu não tenho certeza. — ela admitiu. — Você ouviu o mesmo que eu. Mas deve ter algo a ver com Lucien. Ele é a única ponta solta agora.

Colin deu-lhe um rápido olhar.

— Este é o mesmo Lucien que é seu criador, certo?

— Existe apenas *um* Lucien, acredite em mim.

— Então, vamos supor que o encontramos. O que acontece depois?

Os lábios de Sophia se apertaram mostrando infelicidade e ela se virou de costas para Colin, olhando para a mancha escura de árvores enquanto eles passavam à toda velocidade. Ela nunca teria dito isso para Raphael - a envergonhava até admitir para si mesma - mas ela estava bastante certa de que Lucien tinha intencionalmente levado os assassinos para longe de seu próprio

território e para o de Raphael. Ela não sabia como ele tinha feito, mas ela entendia Lucien o suficiente para saber por que, especialmente agora que ela tinha visto o tipo de homens que estavam por trás dos assassinatos. Para Lucien, isso teria sido muito simples. Ele não era um lutador, mas Raphael era. Então, por que não deixar Raphael lidar com esses cruéis bandidos humanos?

— Sophie? — Colin disse, quando ela permaneceu quieta. — Você está bem?

Ela engoliu em seco e assentiu. — Aqueles homens estavam aqui por causa de Lucien. Eu não sei como, mas acredito nisso. E penso que Raphael acredita, também. Ele vai querer matar Lucien se o encontrar, e será justificado.

Colin deu-lhe um longo olhar.

— E você? — ele perguntou calmamente.

— Se ele fez isso, *merece* morrer.

— Isso não é uma boa resposta, Soph.

— Eu sei, mas não tenho outra agora.

Colin freou bruscamente e Sophia olhou para cima para ver o SUV à frente deles fazer uma curva acentuada à direita. Eles dirigiram ao longo de mais alguns minutos antes de Colin murmurar: — Onde diabos estamos indo?

Ele começou a brincar com o dispositivo GPS embutido no painel, socando botões e xingando baixinho pelo que encontrou.

— Olhe para o GPS. — disse ele firmemente.

Sophia olhou e depois encolheu os ombros. — Tudo bem. Eu olhei. Agora diga o que eu estou vendo.

Colin bufou impaciente. — Mais algumas milhas e nós estamos na fronteira canadense. Os territórios dos vampiros seguem as linhas internacionais?

— Normalmente. É mais fácil dessa maneira. Mas não há nenhum ponto de verificação aqui.

— Isso não quer dizer que não há fronteira. Há lugares em torno daqui onde você pode andar para trás e para frente com muita facilidade. Esta é a maior fronteira do mundo, não dá para vigiar tudo.

Sophia teve uma sensação de mal estar no estômago. Se eles estavam assim tão perto... Seus pensamentos foram interrompidos quando o SUV de Raphael freou bruscamente, virando novamente, mas em uma estrada particular dessa vez. O cascalho aqui era grosso, passando suavemente por baixo dos pneus quando eles percorreram uma curta distância e depois estacionaram em frente de uma cabana bem arrumada. Luzes brilhavam calorosamente por trás das brancas cortinas de renda e vasos cheios de flores lotavam um alpendre com uma largura maior do que a própria cabana.

Colin desligou o motor. — E agora?

Sophia olhou para a cabana.

— Sophie?

Ela sacudiu-se impaciente. Fosse o que fosse, ou quem fosse que esperasse por eles aqui, ela iria lidar com isso, porque ela tinha que fazê-lo. Porque não importando o que fosse, ela tinha lidado com pior e sobrevivera.

— Vemos quem responde quando batemos. — disse ela decidida e abriu a porta do caminhão.

Ela foi atingida imediatamente pelo cheiro de todas as flores. Era lindo, a primeira coisa realmente bonita que ela tinha visto desde que chegou neste lugar chuvoso. Quem vivia nesta casa tinha um apreço pela beleza.

Algo sussurrou em sua mente, um toque lá e que tinha desaparecido antes dela sequer ter consciência disso. Ela prendeu a respiração e olhou fixamente para a pequena cabana aconchegante. Impossível.

Sua atenção se desviou quando um par de formas escuras se separaram das sombras e se dirigiram diretamente para Raphael e seu grupo. Vampiros. Eles eram claramente de Raphael e tinham sido designados para vigiar este lugar até que ele chegasse.

Uma luz se acendeu em cima da porta. Seria preciso ser surdo e cego para não perceber a sua chegada. A porta foi puxada para trás e uma fêmea humana vagamente familiar apareceu na abertura. Sophia deu alguns passos para o lado para escapar do brilho da luz da varanda e dar uma olhada melhor. Ficou perplexa ao descobrir que era a mulher que trabalhava para Wei Chen durante o dia.

Ainda mais intrigante, a mulher deu uma olhada no que estava esperando por ela e em vez de sensivelmente fechar a porta, ela abriu a tela e ficou para trás, acolhendo-os em sua casa.

Sophie franziu a testa. Este não era o comportamento de uma pessoa culpada. Então por que eles estavam aqui?

Fossem quais fossem os escrúpulos que Sophia tinha, Raphael não tinha nenhum. Ele começou a ir em direção à escada, e Sophia sorriu quando tanto Juro como os dois guardas vampiros pularam para chegar lá na frente dele. As pessoas de Raphael eram fanaticamente devotadas à sua segurança. Ela só podia esperar que as suas - Sophia congelou de repente. *As suas*?

— Sophie?

Ela pegou a mão oferecida de Colin, recebendo conforto de seu sólido calor. — Vamos ver o que o Senhor Raphael tem em mente, Colin.

A mulher era normal, Sophia pensou. Embora atraente. Ela poderia ter sido bonita se tivesse tomado algumas medidas. Seu cabelo castanho era de um tom lindo, mas ela o tinha puxado para trás em um rabo de cavalo arrumado que não fez nada para melhorar suas características, e seus olhos estavam escondidos atrás de óculos de aro de arame resistente.

Ela estava nervosa, mas quem não estaria quando confrontada no meio da noite por tantos vampiros pesadões? Tinha de ser aterrorizante responder à sua porta e encontrá-los à espera do outro lado.

E além disso, mesmo sabendo quem Raphael era - e trabalhando no complexo, ela tinha que saber o que ele era - ela sorriu e convidou-os para dentro, como se estivesse esperando a sua chegada.

— Senhorita Koepke. — disse Duncan, com sua calma habitual. — Você não tem nada a temer de nós. Wei Chen tem falado muito de você e de seu trabalho para ele.

A mulher acenou com a cabeça, seu olhar piscando ao redor mais uma vez, parecendo hesitar quando tocou em Sophia antes de avançar.

— Como posso ajudá-lo, Senhor Raphael? — perguntou ela.

— Você sabe por que o Senhor Raphael está aqui em Seattle. — Duncan disse. — Você sabe sobre os assassinatos.

— Claro. Mas eu ouvi dizer... — Seus lábios fecharam em uma linha apertada.

— O que você ouviu? — Duncan perguntou gentilmente.

Sophia observou a mulher atentamente, se perguntando por que Raphael estava se incomodando com essas indagações gentis se ele realmente acreditava que ela tinha algo a ver com os assassinatos. E se não, então a questão de Sophia era a mesma da mulher. Por que estavam aqui?

— Eu ouvi que você encontrou os homens horríveis que fizeram isso. — disse a mulher em voz baixa. — Os que mataram Marco e Preston e depois atacaram a pobre Mariane. E ouvi dizer que Lorde Raphael e... Aquela — acrescentou, dando um olhar malévolo à Sophia — mataram todos eles.

Sophia recuou, surpresa. Até onde ela sabia, nunca tinha conhecido essa humana antes, e a mulher parecia não ter nenhum problema com os outros. Então, por quê a hostilidade em relação a ela?

Raphael estava encostado à lareira fria, um braço repousando negligentemente ao longo do manto, como se estivesse tentando parecer menos do que ele. Particularmente, Sophia pensava que iria ser preciso muito mais do

que uma ocasional pose para fazer Raphael parecer inofensivo, e, aparentemente, ele concordava com ela. Endireitou-se impaciente, desistindo da pose.

— Estou cansado disso. — ele disse abruptamente. — O que você sabe sobre os homens que cometeram esses crimes? Sobre suas conexões em Vancouver? — perguntou ele.

— Ela não sabe nada sobre isso.

*Lucien*! A consciência abrupta de seu criador atraiu o olhar chocado de Sophia para o corredor escuro. Ela assistiu enquanto ele caminhava lentamente para a luz, a raiva em guerra com o alívio por ele estar aqui e vivo. Ela arriscou um rápido olhar para Raphael. *Ele* não estava surpreso. É evidente que esta era a razão pela qual eles estavam aqui. Aquele grande desgraçado sabia o tempo todo que eles encontrariam Lucien com esta mulher.

— Sophie? — Colin disse suavemente quando Sophia ficou tensa, de frente para o seu criador.

Mas ela estava muito atordoada para responder, olhando com horror quando Lucien surgiu plenamente na suave luz da lâmpada da sala de estar da mulher. Se Sophia não tivesse ouvido a sua voz em primeiro lugar, não o teria reconhecido. Ele estava curvado e fraco, seus dedos ossudos com articulações nodosas e unhas amareladas. Seu cabelo preto ondulado, uma vez uma fonte de vaidade sem vergonha, era agora um maçante cinza que bebia na luz e a engolia, pendurando tão duro e reto como galhos secos. E seu rosto - seu belo rosto - estava seco e enrugado, papos pendurados até seu queixo, seus olhos uma vez brilhantes estavam escondidos sob as pálpebras pesadas e grossas sobrancelhas.

Sophia sentia vontade de chorar. Preocupação irradiava de Colin como uma lâmpada de calor quando ele se aproximou, e ela sabia que ele estava preparado para defendê-la mesmo não tendo ideia do que lhe estava causando angústia.

Seus dedos roçaram os dele. Ele era muito guerreiro para pegar a mão dela em uma situação desconhecida e possivelmente hostil, mas sua mão tocou a parte inferior das suas costas brevemente como conforto.

— Raphael. — Lucien disse asperamente. Sua cabeça girou lentamente em sua direção. — E Sophia, meu tesouro. Eu sabia que podia contar com você.

Seus olhos nublados estudaram os outros vampiros na sala lotada. — Duncan, é claro. Mas eu não sei quem são estes outros.

E então, seu olhar caiu sobre Colin, tão perto de Sophia, e por um momento seus olhos tiveram a sua antiga nitidez. Mas logo ele se foi, e sorriu, expondo dentes escurecidos.

— Seu, Sophia? Eu te dei meu bom gosto, se nada mais, heh? — Ele riu secamente e depois tossiu, uma mão batendo na parede quando ele cambaleou para ela.

— Sandra, amor. — disse Lucien, chamando a mulher Koepke a seu lado. Ela correu, com o rosto envolto em alegria quando olhou para o rosto arruinado do lorde vampiro.

— Ele é lindo, não é? — ela sussurrou, seus dedos levantando para acariciar seu rosto, parando a centímetros de distância, como se não se atrevesse a estragar tamanha perfeição.

Lucien sorriu e pousou a mão em seu braço quando ela o guiou à uma grande cadeira estofada no canto como se ele fosse um príncipe de visita.

— Ela não o vê. — Sophia murmurou, olhando. As palavras eram para os ouvidos de Colin, mas sabia que todos os vampiros na sala as pegaram, também. — Ele lançou um glamour em sua mente. Ela o vê em sua glória, como ele costumava ser.

Sophia afastou seu olhar do espetáculo de Koepke bajulando Lucien, e estudou Raphael, se perguntando o que aconteceria em seguida. Ela podia sentir a fome crescente de todos os vampiros na sala. Foi só o fato de Lucien ser seu criador, que impediu sua própria fome de juntar-se à deles. Os vampiros eram predadores, todos eles. Mas entre lordes vampiros, esse instinto alcançava as alturas. Raphael era o epítome do vampiro, predador do predador. E Lucien acabou de mostrar ser presa.

— Por quê? — ela perguntou de repente, precisando de respostas antes de Lucien morrer. Ela olhou para ele, exigindo que ele lidasse com ela. — Por quê todo esse subterfúgio? Por quê... — Ela lutou para encontrar palavras para um conceito que realmente não entendia. — Por quê *diminuir* a si mesmo desse jeito? — Ela apontou para o seu modesto ambiente, embora suas palavras abrangessem muito mais.

Koepke virou para encarar Sophia, mais uma vez, mas Lucien tocou a face da mulher humana, acariciando-a suavemente para atrair a sua atenção de volta para ele.

— Falei-lhe de você, Sophia. — disse ele, sem desviar o olhar de Koepke. — Receio que ela seja um pouco ciumenta. Gentilmente, *cherie*. — ele murmurou para a humana, e o carinho familiar nos lábios deste *homem velho* encheu Sophia de medo e nojo em igual medida.

Isso foi tudo o que ele disse por alguns minutos, mas depois ele levantou a cabeça e encontrou o olhar de Raphael, como se pedisse permissão para contar sua história. Ele tinha que saber que a sua situação era precária, Sophia pensou preocupada. Mas ele compreendia a extensão do perigo? Ele sabia que suas ações tinham quase custado a vida da companheira de Raphael? Era um milagre, um ato supremo de contenção por parte de Raphael, que Lucien ainda respirasse.

Lucien ainda estava olhando para o seu companheiro lorde vampiro, esperando. A mandíbula de Raphael apertou sensivelmente, mas ele assentiu, um curto empurrão forte do queixo.

Lucien pareceu relaxar, sua respiração se esgotando em um suspiro. Ele se inclinou para trás na cadeira, com uma mão nodosa acariciando a cabeça da Koepke, onde ela se sentava espremida entre as suas pernas como um cão.

— Foi uma mulher, é claro. — Lucien começou. — Eu sempre tive uma fraqueza pela beleza, embora nunca importasse se era homem ou mulher, não, Sophia? Lembra-se daquele jovem - ah, as minhas desculpas. Não devemos falar de tais coisas na frente do seu humano.

Um grunhido suave, pouco mais do que uma vibração sonora, emanou de Raphael onde ele estava perto da lareira vazia.

— Muito bem, velho amigo. — disse Lucien rapidamente. — Eu sinto muito pela morte de seu povo. Eu nunca pretendi... Bem, isso é não é totalmente verdade. Mas a mulher era bonita, e eu era vaidoso. Há pouco sobre o que ser vaidoso agora, suponho, — acrescentou com tristeza. — Embora *ma belle* Sandra me veja como eu era, não é, *cherie*? — ele disse, acariciando a cabeça dela mais uma vez.

— Minha história remonta antes de me tornar o que você vê. E a mulher - tão bela, tão humana - ficou encantadoramente chocada ao descobrir que eu era um vampiro, que tal coisa realmente existisse. Sei agora que era tudo uma pose, mas eu estava muito cego pela sua bajulação para reconhecê-lo. Ela ficou intrigada com tudo - o que eu era, o que eu poderia fazer. E, finalmente, por todos os outros que eu tinha em minhas mãos. Eu me ostentei como um tolo. Disse a ela sobre os vampiros viverem entre os humanos, enquanto os vizinhos, amigos, colegas de trabalho nem faziam ideia. Falei-lhe das nossas casas, da nossa riqueza.

Uma lágrima rosa deslizou de seu olho, perdendo-se nos profundos vincos de seu rosto.

— E então eu mostrei à ela. Mostrei-lhe Giselle. — disse ele em uma voz quase inaudível.

Sophia se endireitou ao ouvir o nome. Giselle. Tinha sido o rosto que Sophia tinha vislumbrado nas lembranças de Curtis Jenkins enquanto morria. Ele tinha estado lá quando a vampira de Vancouver e seus colegas de casa foram assassinados.

— Você os levou a ela. — disse, horrorizada. — Eles assassinaram-na, Lucien. Eles mataram os três, enquanto estavam impotentes no sono!

Lucien olhou para o lado, recusando-se a encontrar o seu olhar. — Para minha grande vergonha. — ele disse suavemente.

— O que aconteceu com a mulher humana? — Raphael exigiu duramente.

— Quando descobri o que ela tinha feito, eu despi sua mente e então a matei. — Lucien disse calmamente. — Era tarde demais para a minha Giselle e seus amantes, Damon e Benjamin. Tal beleza desaparecida para sempre — disse ele com tristeza, — e tudo por causa de mim.

Sua voz doía com pesar, mas isso só enfureceu Sophie.

De que servia o seu pesar aos vampiros que tinham morrido, aqui e em Vancouver?

— Mas matar a mulher que me seduziu não foi suficiente. — Lucien continuou. — Eu sabia que ela havia dito a outras pessoas tudo o que eu compartilhei com ela. Eu posso ser um tolo, mas não sou tolo o suficiente para achar que ela tinha o estômago para fazer a matança ela mesma. Peguei a identidade dos assassinos de sua mente. Procurei-os e encantei-os. E descobri o quão pouco sabiam do que somos e do que podemos fazer. Eles eram assassinos, certamente. Mas não havia sutileza no que faziam. Eles odiavam e matavam.

— Então eu os convenci a mudar a sua carnificina de Vancouver para os EUA. Para o seu território, Raphael, embora eles não soubessem disso. Deixei-os acreditar que era simplesmente uma questão de conveniência, por que matar no Canadá, quando eles poderiam matar aqui em casa?

Raphael tornou-se assustadoramente quieto, seus olhos com brilho prateado olhando sem piscar para Lucien, que parecia inconsciente de seu perigo.

— Mas por quê? — Sophia interrompeu, esperando que ele se redimisse de alguma forma, que dissesse que havia feito mais do que simplesmente empurrar os seus problemas assassinos para que outros - incluindo ela - cuidassem. — Por que enviá-los aqui para matar ainda mais, meu senhor? Por que não impedi-los?

Lucien olhou para ela, seus olhos encovados e sombreados, e ainda havia uma luz de compaixão lá, como se soubesse que ela estava esperando por uma resposta que ele não poderia dar-lhe.

— Porque eu sabia que não poderia derrotá-los. — disse ele suavemente. — Eles trouxeram alguém novo - este McWaters. E onde os outros eram desorganizados e sem sentido em suas mortes, ele não era. Ele era um estrategista e mais do que apenas um assassino - ele era um assassino altamente treinado, inteligente, que odiava tudo o que somos. Eu tinha sido duramente pressionado para lidar com eles antes, mas eu não tinha a menor chance, uma vez que McWaters se tornou o líder. Pior ainda, ele trouxe mais humanos com ele. Demasiados para eu enfrentar sozinho.

— Mas foi dolorosamente fácil moldar o ódio de McWaters sobre o que ele mais desprezava. Levou tão pouco incentivo da minha parte, apenas algumas dicas sobre onde procurar e o que procurar. Era a razão pela qual ele tinha vindo para Vancouver em primeiro lugar, para aprender a encontrar e matar os vampiros que tinham deturpado a sua cidade natal.

Ele desviou o olhar para Raphael e continuou: — Meus vampiros eram muito mais fáceis de matar do que os seus. Você me conhece bem, Raphael. Você costumava criticar-me pela minha falta de rigidez antigamente quando nós dois éramos novos neste continente, por não ter sequer uma pretensão de segurança.

Seus olhos se estreitaram enquanto estudava o seu companheiro lorde vampiro, tornando-se astuto e calculista. — Mas eu conheço você, também, velho amigo. E eu sabia que *você* poderia derrotá-los. Ainda mais, eu sabia que nada iria impedi-lo, uma vez que eles tivessem matado um dos seus.

Raphael moveu-se mais rapidamente do que até mesmo os olhos de Sophia poderiam seguir, a prata em seus olhos atirando faíscas enquanto agarrava Lucien pela garganta e o arrancava da cadeira. A mulher humana gritou, achando-se jogada de lado, onde ficou amontoada choramingando contra a parede.

A raiva de Raphael encheu a sala em uma rajada, esmagando o peito de Sophia e ferindo seus ouvidos quando ameaçou deslocar todas as partículas de ar na casa pequena. Ela ergueu um pequeno cone de poder, para protecção de Colin ainda mais do que sua.

— Eles quase mataram minha companheira. — Raphael rosnou, sua voz tão profunda que sacudiu os pratos na cozinha. — Eles *massacraram* dois dos meus e quase *estupraram* outra até a morte.

Seu poder cresceu junto com sua fúria, tornando-se uma tempestade de energia que enviou os móveis raspando no chão para quebrar contra paredes, fotos batendo no chão com o som de vidros quebrando.

— Espere. — Sophia chorou. — Espere. Por favor, Lorde Raphael.

Ele se virou para olhá-la e ela não estava certa de que ele a podia ver mais. Seus olhos tinham ido para a prata maciça, e até mesmo Duncan e os outros tinham se afastado.

Sophia estava primorosamente ciente de Colin ao seu lado, de sua vulnerabilidade terrível se Raphael desencadeasse até mesmo uma fração do poder girando em torno deles. Ela apertou seu próprio poder impiedosamente. Era como se facas de aço ardessem e agarrassem o seu interior, exigindo ser postas em liberdade, para responder a ameaça avassaladora de Raphael e defender o que era dela. Ela queria gritar em agonia, rasgar a própria pele em uma tentativa de liberar a pressão insuportável. Mas a vida de Colin, e provavelmente a dela também, dependia de sua habilidade para parecer inofensiva, para não oferecer nenhum desafio à execução de Raphael do vampiro que tinha causado tanta dor e perda ao povo de Raphael, e Deus os salve a todos, a sua companheira.

— Uma questão, meu senhor. — ela implorou. — Por favor.

Raphael olhou para ela, imóvel. E então ele piscou. — Faça isso rápido. — ele grunhiu e largou Lucien de volta para a cadeira.

O suor escorria da pele de Sophia, embebendo as suas roupas quando ela se virou para encarar o seu criador. — Por quê eu, Lucien? Por que me chamou aqui?

Lucien deu um sorriso macabro. — Você sempre foi minha favorita, criança. Eu te mandei embora, porque te amava, não pelo contrário.

Ela assentiu com a cabeça, impaciente. — Eu sei disso, mas por que...

Lucien levantou abruptamente, forçando-se a levantar da cadeira, se equilibrando com uma mão e segurando uma estante próxima para permanecer na posição vertical. Ele sacudiu-se um pouco e depois se endireitou para ficar direito e olhar Sophia no olho. — Eu me rendo a você, Sophia. Tudo o que eu sou, tudo que eu tenho... É seu.

Sophia franziu o cenho. — O que você está dizendo?

Ele fechou os olhos.

Sophia recuou quando ele tocou sua mente. Ela abriu a boca para protestar.

Lucien estremeceu uma vez.

E Sophia caiu de joelhos, gritando.

# Capítulo 45

**A cabeça de Sophia estava cheia de vozes, chorando, gritando, exigindo.** Querendo respostas, conforto... Amor. Ela lutou para encontrar sentido, para entender o que estava acontecendo. E de repente Lucien estava ali, mostrando-lhe como acalmar o tumulto, embaralhar as súplicas e silenciar os gritos. A contrariar as exigências com uma de suas próprias. *Sou seu Lorde. Você vai ficar calado.*

— *Cuide deles, cherie* — Lucien sussurrou. — S*eja melhor do que eu fui.*

E com uma onda final de amor, ele se foi, a única constante na vida dela por quase trezentos anos desapareceu, deixando um buraco em sua alma.

Ela abriu os olhos, os soluços sufocando sua garganta enquanto ela olhava para a pilha de finas cinzas que era tudo o que restara de Lucien. Ele soubera que Raphael o mataria. Nem mesmo tentara se defender, sabendo que seria infrutífero tentar. Ao invés disso, tomou a saída mais fácil. Ele já estava diminuído por seus esforços para se esconder de Raphael, e se sua aparência era uma indicação, ele não se nutria de sangue há algum tempo. Ao invés de morrer em agonia pela mão de Raphael, ele simplesmente entregou sua vida juntamente com seu poder.

Lucien fora seu pai por muito mais tempo que os humanos que lhe deram a vida, demonstrara mais amor e compreensão, lhe ensinara mais sobre o mundo do que aqueles dois estranhos jamais poderiam sonhar em fazer. Mas no final ele fora fiel à sua natureza egoísta, deixando Sophia para lidar com a carnificina que deixara para trás, para enfrentar o furioso Raphael sozinha.

— Sophie. — Era a voz de Colin, áspera com o estresse e o medo. Por ela. Ele estava de pé acima dela, de arma em punho, suas pernas fortes a protegendo. E enfrentava Raphael e seus vampiros. Por ela.

Ela não estava sozinha, afinal de contas.

— Colin. — disse ela, roucamente. — Não faça isso.

Ele se abaixou perto dela, sua voz profunda e calorosa em seu ouvido, um braço segurando-a com força contra o peito. — Estou aqui, querida.

— Ele se foi. — sussurrou ela com voz entrecortada contra seu peito, — Lucien se foi.

— Eu sei. Eu sei, e sinto muito.

— Cuide da humana, Duncan.

A voz de Raphael fez com que ela se enrijecesse em alerta, dolorosamente consciente do alvo que oferecia naquele momento. Uma recém criada Senhora vampira, enfraquecida pela transferência, apesar dos esforços de Lucien para facilitar-lhe a transição. Ela amassou o tecido da camisa de Colin com os dedos, lutando por compostura, pela força de que precisava. Soltou o aperto e levantou-se lentamente, dando bastante tempo a Colin para ajustar-se a seus movimentos.

Raphael ainda estava parado no lado mais distante da sala. Ele a observava atentamente, seu poder não mais evidente a não ser pelo ocasional brilho prateado em seus olhos negros.

— Lorde Raphael. — disse ela, a voz ainda rouca de emoção.

— Lady Sophia. — Reconheceu ele significativamente. — Proponho uma aliança.

O coração de Sophia batia forte, mas ela encontrou o olhar dele impassivelmente. Ela não podia se dar ao luxo de mostrar fraqueza e ainda assim faria praticamente qualquer coisa para tirar a si mesma e a Colin dali vivos. Mas uma aliança? Jamais ouvira falar de tal coisa. Não entre lordes vampiros.

Seus pensamentos se aceleraram, tentando compreender os motivos de Raphael, calcular seus próprios benefícios com o arranjo. E imaginando por que ele faria tal proposta e o que esperaria em retorno. Em tudo isso, entretanto, uma coisa era certa. Ela estaria vulnerável por algum tempo enquanto construía a base de seu poder essencialmente a partir do nada. Os vampiros mais fracos no território simplesmente a aceitariam, gratos por terem sobrevivido ao trauma da morte de Lucien e porque alguém tivera a coragem de defendê-los. Mas os filhos mais fortes de Lucien, poucos que fossem, deveriam ser trazidos à rédea curta, teriam de jurar pessoalmente lealdade a ela, um por um, e alguns a desafiariam. Muitos deles não a conheciam, e mesmo aqueles que a conheciam, não a viam havia décadas e assumiriam que ela era fraca por ser mulher e, francamente, por ser a escolha de Lucien. Sua preferência pela beleza em detrimento da praticidade era bem conhecida, mesmo entre seus filhos.

Mas se Raphael a apoiasse, se fosse sabido que ele pelo menos não lhe faria oposição e não faria nenhum movimento dentro de seu território enquanto ela o governasse... Seria meio caminho andado para remover obstáculos em sua ascensão ao governo, acalmar dúvidas e egos danificados.

— O que você tem em mente, Lorde Raphael? — perguntou ela, tornando sua voz tão fria e controlada como jamais o fizera.

Raphael sorriu, como se soubesse o esforço que custava a ela, o bastardo arrogante.

— Você governa seu território e eu governo o meu. Mas quando certos assuntos vierem ao Conselho, assuntos que sejam para nosso mútuo benefício...

— Seus olhos negros tornaram-se vazios e frios. — Você concordará em ser guiada por minha maior experiência.

Sophia não se deixou enganar pela linguagem polida. Nem seria tola em pensar que ele a deixaria viver se ela não concordasse... Ou se ela tentasse renegar o acordo mais tarde. Mas em uma análise final, ainda seria um bom acordo para ela.

— Aceito sua oferta. — disse ela com uma pequena inclinação formal de cabeça.

— Excelente. — ele fez uma pausa de alguns segundos. Quando falou, sua voz e maneiras foram inflexíveis. — Dado o avançado da hora, e *nossa recém-descoberta aliança...* — disse, deliberadamente — Você tem vinte e quatro horas para deixar meu território. Presumo que o Senhor Murphy a acompanhará de volta à Vancouver. Serão feitos arranjos por meu pessoal para que sejam tratados os assuntos dele dentro de meu território.

Ele não esperou por sua concordância, mas avançou para a porta, fazendo uma pausa logo antes de sair para a noite. — Parabéns, Lady Sophia.

E subitamente estava tudo acabado.

Lucien era um monte de cinzas no carpete.

Raphael se fora.

E Sophia era Lorde dos Territórios Canadenses. Ela estremeceu, um puxão forte de corpo inteiro que fez com que Colin a envolvesse em seus braços com preocupação. Ela se permitiu um momento para saborear o calor e o conforto de seu corpo grande, então endireitou-se e disse: — Vamos dar o fora daqui.

Colin assentiu enquanto os dois guardas vampiros o seguiam para a varanda e trancavam a porta da casa atrás deles.

Raphael e Duncan haviam ido embora, assim como Juro. Eles haviam partido logo após a briga, levando consigo a mulher Koepke.

Justin e Aaron, os dois vampiros que seguiram Koepke do trabalho até sua casa, haviam ficado para limpar a casa. Eles também se desfizeram do que restou das cinzas de Lucien depois que ele se desintegrou - e aquilo era algo que Colin podia alegremente passar sem ver outra vez.

Os dois vampiros deram à Sophie um amplo espaço enquanto eles circulavam pelo quintal e subiam no veículo. Ela estava sentada no banco do passageiro do Suburban, posicionada de modo a poder ver de frente a porta aberta. Que era bem onde Colin a deixara após apressá-la a sair da casa.

Ele esperou no pátio, observando os vampiros partirem, e pensando no que dizer à Sophie. Lucien havia aparentemente passado suas habilidades - Colin se recusava a chamar aquilo de mágica – para Sophie e então desaparecera. Ou talvez tenha sido a transferência de habilidade que o matou. Quem diabos saberia? Se o velho não tivesse apagado a si mesmo, Raphael o teria feito por ele.

Por um momento ali, ele pensou que teria que defender Sophie daquele bando de vampiros valentões. Ele calculou que poderia levar alguns com ele antes de ser derrotado, e esperou que fosse suficiente para dar tempo para que Sophie escapasse.

Mas não foi necessário porque sua Sophie provou ser ela mesma uma garota durona. Ele sorriu, apreciando a ideia, e de repente soube o que dizer à ela.

Ele esperou até que o SUV dos vampiros descesse pela saída de carros e virasse à esquerda na rodovia, retornando ao complexo, antes de aproximar-se e ver o que estava acontecendo. Porque definitivamente havia algo acontecendo.

— O que há, querida?

Colin deu uma boa olhada no rosto de Sophie quando ela ergueu o olhar para ele e notou que havia alguma coisa errada. Definitivamente errada.

Ele chegou mais perto, descansando suas mãos na parte externa das coxas dela, esfregando-as levemente. — Fale comigo, Sophie.

Ela não disse nada por alguns minutos, que pareceram tão longos que Colin estava prestes a cutucá-la de leve, até que ela finalmente pressionou as mãos contra as dele e suspirou.

— Quando cheguei a Vancouver, — ela disse, baixinho, — e descobri que Lucien estava desaparecido, meu primeiro pensamento desesperado foi o de que precisávamos encontrá-lo. Mas o segundo foi que, se ele estivesse morto, eu faria tudo o que fosse necessário, lutar e matar qualquer um que se pusesse em meu caminho, para tomar este território para mim mesma.

— Não há nada errado em ser ambiciosa. — Colin disse, confiante.

— Não, não há. Mas agora que Lucien *está* morto e o território é realmente meu, não consigo evitar imaginar em que diabos eu estava pensando. — Ela sacudiu a cabeça, rindo suavemente.

— Mas você o conseguiu sem precisar lutar. Isso tem que ser bom, não é?

— Se ao menos isso fosse verdade. Mas a luta está apenas começando.

Os dedos dela se fecharam em punhos contra os dele, e ele mudou de posição, tomando as mãos dela e afagando-as gentilmente.

— A maior parte do povo de Lucien não se importará se eu for sua sucessora, desde que eu não exija deles nada mais do que ele exigia. Mas há outros que apenas fingirão oferecer apoio enquanto esperam que eu falhe. Eles estarão atentos a qualquer erro, a qualquer sinal de fraqueza. E até que eu tenha a chance de criar meus próprios vampiros, pessoas em quem possa confiar, terei que estar em guarda a todo momento, imaginando em quem posso confiar e de onde a estaca virá. E também haverá aqueles que apontarão qualquer sinal de ira, cada mudança de humor, cada sinal de indecisão como prova de que uma mulher não possui o que é preciso para liderar. Só em falar disso, já estou exausta.

— Bem. — Colin disse, erguendo uma das mãos dela por vez e beijando cada um de seus dedos. — Vou lhe dizer o seguinte, Sophie. Até que você possa criar seus vampiros, serei aquele que estará de guarda, de olho naquela estaca para que você não tenha que fazê-lo. E se ficar zangada, pode gritar comigo. Se estiver triste ou apenas precisando de um salva-vidas, estarei lá. E no fim da noite, quando tivermos trancado a porta e formos só você e eu novamente, vou tirar suas roupas e faremos amor até o sol raiar, porque acontece que eu amo cada centímetro de feminilidade em você.

Rindo, Sophie deslizou do assento para ficar de pé diante dele. Ela pôs os braços ao redor do pescoço dele e abraçou-o apertado. — Vou segurar você com essa promessa.

Colin puxou-a para mais perto, enquanto descansava uma das mãos na curva do delicioso traseiro dela. — Pode me segurar do jeito que quiser, querida. Eu sou fácil.

— Colin... — disse ela, afastando-se para poder ver o rosto dele — Você compreende que se for comigo para Vancouver, se continuar a tomar meu sangue... — Ela fez uma pausa, buscando o olhar dele. — Viveremos um longo tempo juntos. Você precisa ter certeza...

Ele riu com alívio, apertando-a com força. — É só isso?

— Falo sério.

— Eu também, amor. E *tenho* certeza. — Ele curvou a cabeça e beijou-a, bebendo o doce calor que era sua Sophie, sentindo-a suavizar-se em seus braços.

— Eu te amo, Sophie. — Murmurou ele contra os lábios dela.

— Colin. — disse ela, sem fôlego, os olhos bem abertos encarando os dele a apenas alguns centímetros de distância. — Você deixaria mesmo sua casa aqui e iria comigo para o Canadá?

— Nem pense em manter-me afastado. Mas tenho uma pergunta.

— Só uma? — disse ela, sorrindo.

— Só uma. Quem disse que temos que sair no prazo que sua alteza deu? Há muitas horas antes do nascer do sol e Vancouver não é tão longe. Digo que devemos dar o fora deste lugar hoje à noite e para o inferno com Raphael.

Sophia entrelaçou os dedos nos cabelos dele e puxou-o para um beijo forte e rápido. — Gosto do jeito como você pensa, *meu querido*. Você dirige.

— Pode ter certeza que dirijo. Não deixe esse negócio de lorde vampira subir à sua cabeça, mulher.

Sophie ainda ria quando eles se dirigiram para a rodovia, e viraram à direita, rumo ao Canadá.

# Capítulo 46

**— Você não destruiu Sophia. — Duncan observou calmamente,** enquanto eles aceleravam de volta para o complexo.

Não era uma pergunta; Duncan nunca o teria questionado. Mas Raphael ouviu a curiosidade na voz de seu tenente. Ele considerou a declaração por alguns instantes, depois disse: — No final, ela não era realmente uma parte disto. Lucien brincou com ela tal como fez conosco. Mas, principalmente, eu quero o território canadense estável, e ela é forte o suficiente para segurá-lo. Ela também está em dívida comigo agora. Isso vai ser muito mais útil nos próximos tempos.

Duncan assentiu com a cabeça, pensativo. — A mulher Koepke não sabia que Lucien a estava usando.

— Não. — Raphael concordou.

— Lucien conheceu-a em Vancouver. Ele nunca se tinha ligado a ela, mas tinha-a usado. Foi fácil para ele encontrá-la e usá-la novamente.

Raphael balançou a cabeça, irritado. — Lucien pode ter direcionado os assassinos para Marco e Preston, mas eles não precisavam dele para os endereços. Eles estavam aqui há tempo suficiente para as pessoas saberem onde

eles moravam. Eles podiam não se expor muito, mas saíam de vez em quando, e os cavalos de Marco tornaram mais fácil identificar a sua propriedade.

— Mesmo assim, meu senhor, se eles apenas tivessem atualizado o local de descanso diurno, isso não teria acontecido.

Raphael acenou com a cabeça. — Quando o novo complexo foi encomendado, eu autorizei qualquer despesa que fosse necessária para assegurar a segurança de todos pelos padrões modernos. Loren devia ter tratado disso.

Mais algumas milhas se passaram enquanto Raphael pensava em tudo o que tinha acontecido desde que chegara, todos os detalhes que tinham escorregado de sua mente devido à sua preocupação com Cyn. Sua mão se apertou em um punho quando ele lutou contra o impulso de socar alguma coisa. Ou alguém. Mas Loren não estava aqui, e Lucien não existia mais.

— Eu quero que seja trazido alguém novo. — ele disse abruptamente. — Alguém de fora do ninho de Seattle. Wei Chen pode permanecer o líder nominal, mas eu quero um responsável pela segurança mais forte, mais poderoso do que Wei Chen.

— Eu vou compilar uma lista, meu lorde. Você quer isso antes de irmos embora?

— Não. Vamos partir amanhã ao início da noite. Cyn será capaz de viajar nessa altura e eu quero levá-la para casa.

Eles entraram pelo portão do complexo, Juro parou o SUV suavemente abaixo das escadas do edifício principal.

Um vampiro do contingente da segurança de Raphael estava esperando. Ele abriu a porta e Raphael saiu, dando ao vampiro um aceno de saudação.

Quando começou a subir as escadas, Duncan se juntou a ele. — Como está Cynthia, meu senhor?

Raphael deu a seu tenente um pequeno sorriso. — Bem o suficiente para lutar com o Doutor Saephan sobre suas restrições.

Duncan riu. — Eu não esperaria outra coisa. Vejo vocês dois amanhã à noite, então, meu senhor. Vou fazer os arranjos.

A noite seguinte não veio demasiado cedo para Raphael, nem para Cyn, embora, apesar de toda a sua professada avidez para retornar ao conforto e segurança de sua casa, havia algo a incomodando.

Ele não pressionou, embora, sabendo que ela, eventualmente, lhe diria o que era.

Ele olhou para onde ela estava sentada na cama, descansando após o esforço de seu banho pela primeira vez desde o tiroteio. Ela havia conseguido vestir a calcinha e uma blusa, mas suas longas pernas estavam nuas, e demasiado magras.

O Doutor Saephan tinha finalmente permitido que ela comesse alguma coisa esta noite. Ou melhor, bebesse alguma coisa. Ele tinha chegado com um batido líquido de proteína em vez dos habituais sacos de sangue. Ele próprio o tinha feito para ela, acrescentando muita calda de chocolate, o que mostrava como ele conhecia bem a sua paciente. Cyn não tinha sequer sussurrado um protesto.

— Raphael.

Ele afastou seus pensamentos e sorriu para ela, pegando as calças de yoga que ela tinha escolhido para vestir. — Fique aí, *lubimaya*. Vou colocar estes em você.

— Eu posso me levantar.

— Claro que você pode. — ele concordou, em pé na frente dela. — Agora, deslize para aqui.

— Mandão. — ela murmurou, mas fez o que ele pediu, sentando-se na borda da cama, enquanto ele deslizava as calças sobre seus pés e até às pernas. Ele estendeu a mão e ela aceitou, deixando-o ajudá-la a ficar em pé e então apoiando-a, enquanto ela ajeitava as calças sobre seus quadris.

— Eu estou horrível. — ela disse miseravelmente, entrando em seus sapatos.

— Não. Você está linda, como sempre.

Mas quando os olhos dela encontraram os dele, estavam brilhando com lágrimas.

— Eu não quero todo mundo olhando para mim. — ela sussurrou.

*Ah*, ele pensou consigo mesmo. *Então era disso que se tratava.*

— Então ninguém vai. — ele disse e tirou o celular. — Eu quero a grande sala limpa, Duncan. — Ele olhou em volta, avaliando o seu tempo da partida. Tudo estava embalado e pronto, exceto Cyn. — Em cinco minutos. Você, Juro e Elke. O resto da nossa segurança pode esperar nos veículos do lado de fora.

— Obrigado, Raphael. — disse ela, em seguida, deu-lhe um fraco sorriso. — É bom ser o rei, hein?

— Só se você for a minha rainha, *lubimaya*. — Ele se curvou e tocou seus lábios nos dela. — Venha. Eu vou levar você.

— Não!

Ele pegou-a facilmente. Ela estava muito fraca para lutar com ele, mas ela não se esforçou muito, envolvendo os braços em torno de seu pescoço e descansando a cabeça em seu ombro. Ele tocou seu cabelo recém-lavado com o rosto e sorriu lembrando-se do suspiro quase orgásmico dela quando ele o lavou.

— Você está pensando sobre o chuveiro. — ela murmurou, acariciando um dedo ao longo da parte de trás de seu pescoço.

— Comporte-se. — ele repreendeu, levando-a para o elevador.

— Dê-me alguns dias... — disse ela suavemente, passando o dedo pela curva da sua orelha. — E eu vou me comportar muito bem.

— E agora você está apenas brincando comigo.

Cyn se aninhou na curva de seu ombro, dando um beijo suave e úmido contra a parte inferior de sua mandíbula. — Eu já disse que você é o meu vampiro favorito? — ela murmurou, cansada.

— Não o suficiente. — disse Raphael suavemente, lutando contra uma maré de emoção devido à leveza dela em seus braços, à sua fragilidade.

Ele sentiu a curva de seus lábios quando ela sorriu contra sua pele. — Vou ter que me lembrar disso. Eu te amo, garoto presa.

Seu corpo amoleceu e Raphael sabia que ela estava perto de adormecer. Ele aumentou seu aperto nela, o terror de quase perdê-la ainda muito fresco e horrível demais para ser lembrado.

Ele não sabia o que teria feito se ela tivesse morrido. Mas ele sabia de uma coisa... Ela não teria morrido sozinha.

# Epílogo

***Malibu, Califórnia***

**Raphael pousou o telefone de volta em seu lugar, e partilhou um olhar** sério com Duncan, que estava sentado do outro lado da mesa em uma das duas cadeiras para visitantes.

— É hora, meu amigo.

— Eu sei.

— Vou sentir saudades. Cyn vai... — Ele levantou a cabeça e quase gemeu. — Cyn se juntará a nós em breve.

Duncan se levantou imediatamente. — Eu vou te dar um pouco de privacidade, meu lorde. — disse ele e se dirigiu para as portas.

Raphael riu sombriamente. — Covarde.

Duncan sorriu, curvou-se ligeiramente onde estava, abriu a porta e desapareceu no corredor.

Raphael sentou-se sozinho, rastreando os movimentos de Cyn enquanto ela se aproximava de seu escritório, automaticamente medindo seu humor e seu bem-estar físico. Ela tinha feito progressos consideráveis desde que chegaram de Seattle, mas ela estava longe de sua forma de lutadora habitual, e ainda se cansava muito facilmente. Ele odiava estar prestes a perturbá-la. Odiava a notícia que estava prestes a entregar quase tanto quanto odiava dizer a ela sobre isso. Mas agora que a decisão foi tomada, a palavra iria viajar como fogo através da família, e ela iria ficar com raiva e, pior, magoada se ouvisse de outra pessoa em primeiro lugar.

As portas abriram e Cyn entrou na sala. Ela vinha de seu treino diário e cuidadosamente monitorado no ginásio e seu belo rosto estava corado com vida, seus olhos verdes brilhando enquanto ela sorria para ele.

Raphael deu um suspiro e levantou-se para encontrá-la, caminhando para pegá-la em seus braços.

Ela podia ficar com raiva se ele escondesse a notícia de sua decisão dela, mas ela nunca o perdoaria se ele tivesse acabado de mandar Duncan para a sua morte.

*Continua...*

*A série Vampires in America continua em...*

**DUNCAN**

# Tradução

**Fran**

**RedB.**

**Valdir**

**Serena**

**Larissa**

**Erika**

**Bianca**

**Carol**

**Raquel**

**Fernanda**

**Gisele**

# Revisão

**Erica**

**Isa**

**RedB.**

**Leidy**

# Formatação

**RedB.**

Esta obra foi traduzida pelo grupo de **Tradução After Dark** (TAD), de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição da obra literária física ou em formato e-book. O grupo é ausente de qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto. O Grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto. No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, a Traduções After Dark, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download do livro cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor fica ciente de que o download da presente obra destina-se tão somente ao **uso pessoal e privado**, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, blog, sites e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo. O leitor, ao acessar a obra disponibilizada, também responderá individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo-se o grupo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

*All Creatures of the night get together After dark*